

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MASCULINO E FEMININO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA:**  
**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**  
**EM FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR**

**Célia Regina Rangel Nascimento**

**Vitória, 2006**

**Célia Regina Rangel Nascimento**

**MASCULINO E FEMININO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS  
EM FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zeidi Araujo Trindade.

Vitória  
Universidade Federal do Espírito Santo  
2006

**CÉLIA REGINA RANGEL NASCIMENTO**

**MASCULINO E FEMININO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS  
EM FAMÍLIAS DE CLASSE POPULAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor.

Aprovada em 31 de agosto de 2006.

Profa. Dra. Zeidi Araujo Trindade  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

Profa. Dra. Cleonice Camino  
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Gláucia Diniz  
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria Margarida Pereira Rodrigues  
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro  
Universidade Federal do Espírito Santo

## AGRADECIMENTOS

- Às famílias do bairro Jesus de Nazareth, que gentilmente abriram as portas de suas casas e se tornaram participantes dessa pesquisa, obrigada por compartilharem parte de suas vidas e rotinas e possibilitarem a realização desse estudo;
- Ao apoio imprescindível da Unidade de Saúde de Jesus de Nazareth. Obrigada às agentes comunitárias, Vânia, Rosana, Verônica, Joseane, Leninha, Marinete e Renata, que contribuíram na seleção dos participantes e facilitaram o acesso às famílias; à coordenação e à equipe de saúde por terem valorizado e apoiado essa pesquisa;
- À assistente social Janety Mara Martins por ter me apresentado ao bairro e a equipe da Unidade de Saúde de Jesus de Nazareth;
- À Professora Doutora Zeidi Araujo Trindade, pela sua orientação em todas as fases desse trabalho. Pelo suporte profissional e afetivo inestimáveis.
- À Professora Doutora Madalena Alarcão pela carinhosa receptividade profissional e pessoal na Universidade de Coimbra e pela valiosa contribuição ao desenvolvimento dessa pesquisa;
- À Professora Doutora Maria de Fátima de Souza Santos pela co-orientação durante a vigência do PROCAD/CAPEPS-Psicologia:UFES/ UFPE/ UnB.
- Aos Professores Doutores Maria Margarida Pereira Rodrigues e Paulo Rogério Meira Menandro, pelas contribuições na qualificação e participação na banca de defesa;
- Às Professoras Doutoras Cleonice Camino e Gláucia Diniz pela participação na banca de defesa;
- À Professora e amiga Suemi Tokumaro e ao Professor José Siqueira pela colaboração na análise quantitativa dos dados.
- A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho;
- À CAPES pela concessão da bolsa de estudos para o estágio de doutorado no exterior realizado em Coimbra – Portugal; e da bolsa do PROCAD.
- Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, particularmente à Lúcia e à Creuza;
- À todos os colegas e amigos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia com quem tive o prazer de conviver desde 2002 e que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa;
- Aos alunos da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social: Gênero, Cultura e Saúde (antes NUPESES) que colaboraram com este trabalho, particularmente ao Rodrigo, à Beatriz, à Mônica, à Suzana e à Daiana.
- À todos os amigos que me incentivaram. A Renata Guizzardi, Luiz Gustavo de Souza, Rosemeire Martins e Alessandra Araújo pela gentileza de aceitarem dar suas contribuições na última hora e auxiliarem na finalização deste trabalho.
- À todos da família Nascimento e da família Sefione, especialmente meus pais, pela torcida e pelas energias positivas;
- Ao André Sefione, meu amigo e amor, além de assistente para assuntos técnicos, por me apoiar sempre e me auxiliar em todos os momentos desta jornada.

## **Gente Humilde**

(Garoto, Chico Buarque e Vinicius de Moraes)

Tem certos dias  
Em que eu penso em minha gente  
E sinto assim  
Todo o meu peito se apertar  
Porque parece  
Que acontece de repente  
Como um desejo de eu viver  
Sem me notar  
Igual a como  
Quando eu passo no subúrbio  
Eu muito bem  
Vindo de trem de algum lugar  
E aí me dá  
Como uma inveja dessa gente  
Que vai em frente  
Sem nem ter com quem contar

São casas simples  
Com cadeiras na calçada  
E na fachada  
Escrito em cima que é um lar  
Pela varanda  
Flores tristes e baldias  
Como a alegria  
Que não tem onde encostar  
E aí me dá uma tristeza  
No meu peito  
Feito um despeito  
De eu não ter como lutar  
E eu que não creio  
Peço a Deus por minha gente  
É gente humilde  
Que vontade de chorar

## RESUMO

A convivência de diferentes gerações e a distribuição de papéis que acontecem no espaço da família permitem reconhecer permanências e transformações nas representações tradicionais de masculinidade e feminilidade. É importante considerar, no entanto, os vários fatores que influenciam a cultura familiar e, conseqüentemente, seus valores e práticas. O objetivo deste trabalho é conhecer a representação social de gênero de famílias de um bairro de classe popular de Vitória/ES, analisar de que forma essas representações norteiam as interações familiares e as práticas de socialização de filhos e filhas, e identificar as diferenças e semelhanças entre as representações sociais de gênero intergerações. A investigação foi feita em duas etapas. Na primeira foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 44 famílias. Em 30 famílias foram entrevistados, o pai, a mãe, ou pessoas que representavam esses papéis, e pelo menos um filho ou filha adolescente, e em 14 famílias foram entrevistados a mãe e um filho ou filha adolescente. Na segunda etapa de coleta de dados foram feitas entrevistas semi-abertas, para o aprofundamento e a complementação dos dados, com três famílias que participaram da primeira fase. Foram entrevistados um adolescente do sexo feminino e um do sexo masculino, o pai e a mãe. Os resultados obtidos a partir das questões abertas do roteiro da entrevista da primeira fase de coleta de dados foram organizados a partir do método de análise de conteúdo; e os obtidos através das questões fechadas do roteiro foram organizados através do programa SPSS versão 8, com o objetivo de levantar uma caracterização descritiva das famílias e dos grupos de participantes, mães, pais e adolescentes. As entrevistas com as três famílias, que compreenderam a segunda etapa de coleta de dados, foram organizadas com procedimento do método fenomenológico. As entrevistas de todos os participantes de uma mesma família foram agrupadas e transformadas em uma única narrativa, considerando-se as unidades de significado: relacionamento na família; representações de gênero; expectativas em relação ao futuro. Embora os participantes tenham apresentado resultados que mostram identificação de mudanças sociais envolvendo os papéis de gênero, a maior parte das

representações sociais, e das práticas identificadas nos seus relatos, assinalam que prevalecem nas famílias estudadas representações conservadoras sobre o que é ser homem e mulher e sobre os papéis que estes devem desempenhar na família. Na comparação entre as representações de gênero dos adolescentes e dos pais e mães, percebemos mais semelhanças do que diferenças, ou seja, mais permanências que transformações. Consideramos que, entre outros fatores, a falta de alternativas de superação das dificuldades econômicas, e as poucas perspectivas de mudança desse quadro para os jovens aumentam as diferenças de gênero nas relações das famílias de classe popular e tornam mais lentas as transformações.

## **ABSTRACT**

The co-inhabitation of different generations and the distribution of roles that take place in the context of the family lead to the recognition of permanencies and transformations in the traditional gender representations. It is important to consider, however, the factors that influence familiar culture and consequently, its practices and values. The objective of this study is to identify the social representation of gender in families of an economically underprivileged district of Vitória (State of Espírito Santo, Brazil), considering how these representations are present in the family interaction and in the socialization practices among teenagers of both sexes. We also aim at identifying the differences and similarities between the social representations of gender from one generation to another. The investigation has been structured in two stages. In the first stage, we made semi-structured interviews with 44 families. In 30 of these families, a mother and a father (or persons who represented these roles) was interviewed, besides at least one teenage child. In the remaining 14 families, the mother and a teenage child were interviewed. In the second stage, we interviewed three families who had participated of the first phase for deepening and complementing the data collected in the earlier interviews. In this case, a teenage female, a teenage male, the father and the mother were interviewed. Concerning the interviews of the first stage, we applied content analysis to organize the results of the open questions, while the SPSS program (version 8) was used to systematize the closed questions. In particular, applying the latter had the objective of raising a descriptive characterization of the families and the groups of participants, mothers, fathers and teenagers. Finally, we used a procedure of the phenomenological method to organize the interviews with the three families of the second stage. The interviews of all the participants of the same family were grouped and transformed into a single narrative, considering the following units of meaning: relationship in the family; representations of gender; and expectations for the future. Although the results lead to the recognition of some social changes involving gender roles, most of the identified social representations and family practices disclose traditional social representations of gender and of the roles that men and women must



play in the family. Comparing the social representations of teenagers with those of the parents, we perceive more similarities than differences, that is, more permanencies than transformations. Among others factors, we consider that the lack of alternatives for overcoming economical difficulties and limited perspectives of changing their poor situation for the young increase the differences of gender in the relations of poor families and delay these transformations.

## RÉSUMÉ

La coexistence de différentes générations et la distribution de rôles qui se produisent dans l'espace de la famille permettent la reconnaissance de traits permanents et de transformations des représentations traditionnelles de masculinité et féminité. Néanmoins, c'est important tenir compte des divers facteurs qui influent la culture familiale et, par conséquent, ses valeurs et pratiques. L'objectif de ce travail est de connaître la représentation sociale de genre dans des familles d'un quartier ouvrier de Vitória/ES; d'analyser la façon dont ces représentations orientent les interactions familiales et les pratiques de socialisation de garçons et de filles et d'identifier les différences et les traits communs entre les représentations de genre des différentes générations. La recherche a été menée en deux étapes. Pour la première étape, des entretiens semi-structurés ont été réalisés avec 44 familles. En 30 familles, le père, la mère, ou des personnes qui avaient ces rôles et, au moins, un fils ou fille adolescent(e) ont été interviewés. En 14 familles, la mère et un fils ou fille adolescent(e) ont été interviewés. Pour la deuxième étape, des entretiens semi-ouverts ont été effectués avec trois familles qui avaient déjà participé de la première étape. Cette étape a eu le but d'approfondir et d'enrichir les données. En chacune de ces trois familles, un fils adolescent, une fille adolescente, le père et la mère ont été interviewés. Les résultats obtenus à partir des questions ouvertes des entretiens de la première étape ont été organisés avec la méthode de l'analyse de contenu. Les résultats obtenus à partir des questions fermées de ces mêmes entretiens ont été organisés avec le logiciel SPSS version 8, pour produire une caractérisation descriptive des familles et des groupes des participants, mères, pères et adolescents. Les entretiens avec les trois familles, inclus dans la deuxième étape, ont été organisés avec des démarches de la méthode phénoménologique. Par cette méthode, les données des entretiens de tous les participants appartenants à une même famille ont été réunies et transformées en une narration unique, tenant compte des unités de signification suivantes : relations dans la famille ; représentation de genre ; expectatives d'avenir. Malgré l'obtention de résultats qui montrent des changements sociaux de rôles de genre, la plupart des représentations sociales et des pratiques, identifiées à partir des entretiens, indiquent la conservation des représentations traditionnelles sur l'homme, sur la femme et sur les rôles qu'ils

doivent jouer dans la famille. Si l'on compare les représentations propres aux adolescents avec celles propres aux pères et mères, on aperçoit plus de ressemblances que de différences, c'est à dire, plus de continuités que de transformations. Nous pensons que, parmi d'autres facteurs, le manque d'opportunités de surmonter les difficultés économiques et les faibles expectatives de changement de cette situation pour les jeunes font augmenter les différences de genre dans les relations des familles ouvrières et rendent plus lentes les transformations.

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>TABELA 1</b> - Características dos participantes.....	63
<b>TABELA 2</b> - Características das famílias.....	66
<b>TABELA 3</b> - Características do relacionamento na família.....	68
<b>TABELA 4</b> - Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: Na sua opinião ser mulher é.....	73
<b>TABELA 5</b> - Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: Na sua opinião ser homem é.....	79
<b>TABELA 6</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para as questões: Quais são as principais responsabilidades da mulher na família? E na sua família quais são as responsabilidades da mulher?.....	85
<b>TABELA 7</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para as questões: Quais são as principais responsabilidades do homem na família? E na sua família quais são as responsabilidades do homem?.....	91
<b>TABELA 8</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: Você acha que existem diferenças na educação/criação de meninos e meninas?.....	97
<b>TABELA 9</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: Como as pessoas na sua família demonstram carinho e afeto?.....	101
<b>TABELA 10</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: O que a família faz nas horas de descanso e final de semana?.....	104
<b>TABELA 11</b> – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: O que você gostaria que fosse diferente na relação com o companheiro(a)?.....	106
<b>TABELA 12</b> – Categorias de respostas dos pais e mães para a questão: O que você gostaria que fosse diferente na relação com os filhos?.....	107
<b>TABELA 13</b> – Categorias de respostas dos adolescentes para a questão: O que gostaria que fosse diferente na relação com a família?.....	110
<b>QUADRO 1</b> – Tipo de trabalho exercido pelos pais e mães.....	65
<b>QUADRO 2</b> – Participação dos membros da família nas atividades domésticas e educativas para os grupos de participantes.....	71
<b>QUADRO 3</b> – Caracterização das famílias entrevistadas na segunda fase de coleta de dados.....	113

## SUMARIO

<b>I. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Apresentação.....	14
1.2 Objetivo.....	17
 <b>II. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	 <b>18</b>
2.1 Conceito de gênero.....	18
2.2 Gênero e família.....	19
2.3 Família, conceito e evolução histórica.....	28
2.4 A família como agente de socialização.....	30
2.5 Práticas educativas de gênero.....	34
2.6 Família, gênero e o estudo das classes populares.....	41
2.7 A contribuição da Teoria das Representações Sociais.....	45
 <b>III. MÉTODO.....</b>	 <b>51</b>
3.1 Apresentação do bairro Jesus de Nazareth.....	52
3.2 Participantes e Instrumentos.....	54
3.3 Procedimento de coleta e análise de dados.....	56
3.3.1 O primeiro contato com o bairro.....	56
3.3.2 O trabalho de campo.....	56
3.3.3 Tratamento e análise dos dados da primeira etapa.....	59
3.3.4 Tratamento e análise dos dados da segunda etapa.....	60
 <b>IV. RESULTADOS.....</b>	 <b>63</b>
4.1 Apresentação dos resultados relativos ao tratamento quantitativo dos dados.....	63
4.1.1 Características dos participantes e de suas famílias.....	63
4.2 Apresentação dos resultados das questões abertas da primeira fase de coleta de dados.....	72
4.2.1 Questões que se referem à representação social de gênero.....	73

4.2.2 Questões que se referem ao relacionamento e ao cotidiano das famílias...	110
4.3 Apresentação dos resultados da segunda fase de coleta de dados.....	113
4.3.1 Narrativa da Família A.....	113
4.3.2 Narrativa da Família B.....	130
4.3.3 Narrativa da Família C.....	145

<b>V. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>165</b>
---	------------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>225</b>
--	------------

APÊNDICE 1 – Roteiro da entrevista para os genitores (1ª Fase).....	234
APÊNDICE 2 - Roteiro da entrevista para os adolescentes (1ª Fase).....	238
APÊNDICE 3 - Roteiro da entrevista para o pai (2ª Fase).....	242
APÊNDICE 4 - Roteiro da entrevista para a mãe (2ª Fase).....	243
APÊNDICE 5 - Roteiro da entrevista para o menino (2ª Fase).....	244
APÊNDICE 6 - Roteiro da entrevista para a menina (2ª Fase).....	245
APÊNDICE 7 – Termo de consentimento.....	246
APÊNDICE 8 – Gráficos referentes ao Quadro 2 – Atividades Domésticas.....	247
APÊNDICE 9 – Gráficos referentes ao Quadro 2 – Atividades Educativas.....	248

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação

A saída das mulheres do espaço privado para o público, decorrente das duas guerras mundiais, da industrialização e do avanço dos movimentos feministas, com a busca por igualdade e independência, provocou a rediscussão acerca dos novos papéis sociais tanto para homens como para mulheres.

Ao entrar no mercado de trabalho, ocupar outros espaços públicos e exercer com maior liberdade sua sexualidade, as mulheres impuseram modificações nas relações familiares e de gênero. Essas conquistas favoreceram uma maior participação masculina em casa e no cuidado dos filhos, possibilitando outras formas de relação entre homens e mulheres e entre adultos e crianças (RIDENTI, 1998). No entanto, verificamos que, ao mesmo tempo em que há um grande número de transformações, como resultado de novas crenças, em especial em relação ao papel da mulher, valores tradicionais permanecem estruturando a relação de homens e mulheres na sociedade e na família, e continuam sendo transmitidos de pais para filhos (BIASOLI-ALVES, 2000; MACEDO E SOUZA, 1996; RIDENTI, 1998; TRINDADE, 1999).

Na família, por exemplo, embora os modelos mais atuais de paternidade preconizem uma relação mais próxima e participativa com os filhos, concepções e comportamentos tradicionais do papel de pai e do papel de mãe permanecem presentes no cotidiano familiar: o pai tem como principal responsabilidade ser o provedor da família, e a mãe, cuidar das tarefas domésticas e dos filhos. Ridenti (1998) considera que, mesmo com as novas dinâmicas familiares, os homens ainda são coadjuvantes nas atividades que envolvem esses cuidados.

As mudanças e os questionamentos em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade são recentes. Dessa forma, é compreensível

que, em relação às questões de gênero, práticas e valores tradicionais convivam com práticas e valores novos.

A forma como as sociedades associam papéis e características ao que é ser homem ou mulher tem implicações para a organização familiar e para a socialização dos sujeitos. Podemos dizer que é na família que os papéis masculinos e femininos têm sido mais demarcados, e é nesse espaço que a formação da identidade social tem início. É provável, portanto, que um dos fatores que contribuem para a manutenção ou transformação desses papéis seja a forma como esses são construídos na família durante o processo de socialização.

Segundo Benincá e Gomes (1998, p. 179), de uma geração a outra o que faz com que mudanças ocorram é a necessidade de novas habilidades ou de novos valores e estilos de vida. A descontinuidade implica a substituição de antigos padrões de comportamento no decorrer do tempo. A continuidade, por outro lado, envolve a “[...] reedição de comportamentos através do processo de combinação de expectativas e atribuições, implícitas ou explícitas, que se transformam em padrões de conduta”.

Considerando a família como agente de socialização e um dos contextos no qual se dá a construção dos papéis que as crianças e os adolescentes deverão desempenhar no futuro, a forma como o feminino e o masculino são representados e os papéis de gênero construídos dentro da família favorecem a reedição e a transformação desses valores e práticas. Uma das explicações para resultados de pesquisas que mostram que os jovens atualmente têm representações conservadoras do que é ser homem e mulher e dos papéis que estes devem desempenhar na família é o fato de que valores tradicionais permanecem norteando a socialização de gênero.

Pesquisas com adolescentes mostram que, entre os valores novos estão a consideração de que é importante que homens e mulheres trabalhem, que ambos são iguais e têm as mesmas potencialidades, que o pai deve ser afetivo e presente na vida dos filhos. No entanto, também é possível verificar que as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos ainda são considerados atribuição da mulher, que a mãe é caracterizada como a principal cuidadora do



filho, e o pai, como sendo principalmente aquele que sustenta (NÓBREGA, 1997; TRINDADE e MENANDRO, 2002).

As pesquisas com os adolescentes parecem reiterar os resultados do estudo de Trindade, Andrade e Souza (1997) com adultos. Os resultados indicam que as transformações em relação às práticas parentais estão relacionadas à qualidade da relação pai-filho, mas não à divisão de papéis e responsabilidades entre pais e mães.

Considerando que é na família que esses papéis são vivenciados, é possível que as representações que os adolescentes têm desses papéis tenham alguma relação com a forma como são desempenhados nas suas próprias famílias.

Neste estudo, pretendemos investigar como as representações sobre gênero de pais e mães, ou de familiares que desempenham esses papéis, norteiam as práticas de socialização de gênero dos filhos, e identificar transformações e continuidades nessas representações para filhos adolescentes.

Consideramos que vários fatores estão envolvidos na cultura da família e, conseqüentemente, na construção dessas representações. Uma questão levantada por estudos sobre as transformações sociais que favorecem mudanças na família refere-se à sua inserção em um estrato socioeconômico. Considera-se que a classe média assimila mais prontamente as mudanças da sociedade e se transforma com mais intensidade. Portanto, é importante conhecer também como as mudanças sociais em relação ao gênero se apresentam para as classes populares e que valores, atitudes e desejos de mudança tem a nova geração nessa população, em relação a esse tema. É o que pretendemos nesta pesquisa.

## 1.2 Objetivo

Os objetivos deste trabalho são:

- conhecer a representação para pais e mães de masculinidade e feminilidade, de papéis que devem desempenhar homens e mulheres em famílias de classe popular;
- identificar a articulação dessas representações na interação familiar e nas práticas de socialização de filhos e filhas;
- investigar as continuidades e rupturas nas representações de filhos e filhas acerca de masculinidade e feminilidade, de papéis que devem desempenhar homens e mulheres;

A seguir apresentaremos uma revisão da literatura que introduz alguns dos aspectos que deverão ser abordados neste trabalho, como gênero, família, e a contribuição da Teoria das Representações Sociais para esse estudo. Logo após, apresentaremos a metodologia da pesquisa, os resultados obtidos na coleta de dados e sua análise e discussão.

## II. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Conceito de gênero

O uso do conceito de gênero como uma categoria de análise das Ciências Sociais é algo recente. O termo gênero ganhou maior espaço entre os anos de 1970 e 1980 com a emergência de novas abordagens, como a da História Social, do estudo das mentalidades e do cotidiano, entre outras (GONÇALVES, 1998; MOREIRA NETO, 2000).

A emergência do gênero enquanto categoria de análise é recente e surge como uma tentativa de estabelecer compreensões teóricas acerca dos questionamentos que emergem na esteira das práticas políticas que marcam o percurso de alguns movimentos sociais, sobretudo, o feminista. Estes movimentos trazem à cena um amplo espectro de interrogações e debates sobre posturas e comportamentos que, tradicionalmente, vinham sendo adotados como explicações “naturais” para atitudes discricionárias, procedimentos discriminadores e políticas e práticas de dominação e submissão (MOREIRA NETO, 2000, p. 139).

O conceito de gênero refere-se de forma geral à construção social da identidade e dos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade. Moreira Neto (2000) adverte que o uso do conceito nos estudos das relações sociais entre os sexos não é feito de forma unânime e consensual. Podem ser encontradas críticas sobre o uso do termo gênero num campo específico de estudos que enfoquem apenas a mulher, ou apenas a masculinidade, ou sobre sua limitação na compreensão da relação de dominação homem/mulher. De acordo com a autora, a superação das críticas se dá na consideração de gênero como uma categoria de análise histórica.

Seja como representação das relações sociais, políticas, econômicas e culturais que definem, historicamente, o ser homem e o ser mulher, seja como elemento necessário e primeiro da constituição e significação das relações de poder, o gênero somente pode adquirir a postulação de uma “categoria útil de análise histórica” quando investido do movimento de tensão, de contradição, de multiplicidade e heteronomia presente no seio das relações humanas (MOREIRA NETO, 2000, p. 143).

Dessa forma, podemos considerar o gênero como uma categoria que nos ajuda a compreender as relações entre os sexos ao longo da história, as razões pelas quais em certos momentos históricos homens e mulheres se relacionaram e se relacionam de determinadas formas e como e por que essas relações permanecem ou se transformam.

## **2.2 Gênero e família**

Um dos contextos em que as relações entre homens e mulheres são claramente marcadas pelas concepções de gênero é o da família. Além de ser um espaço de relações que envolve afeto, sexualidade, relações de força e poder, é o ambiente no qual se formam as primeiras expectativas em relação aos futuros homens e mulheres. Pode-se dizer, portanto, que a construção sócio-histórica dos papéis de homens e mulheres e da divisão sexual do trabalho sempre esteve fortemente marcada pela configuração desses papéis no contexto familiar.

[...] a família é também o lugar associal e simbólico em que a diferença, especialmente a diferença sexual, é assumida como fundamento e ao mesmo tempo construída como tal. É o lugar em que o facto de se pertencer a um sexo se torna e é experienciado como colocação social: como gênero [...] (SARACENO e NALDINI, 2003, p. 21).

Segundo Durham (1983), os estudos antropológicos permitem analisar diferenças e generalidades na organização das sociedades e da divisão sexual do trabalho e na diferenciação dos papéis masculinos e femininos. A autora afirma que parece haver, em diferentes grupos sociais, uma tendência a considerar a vida pública como sendo de domínio masculino e a esfera doméstica e privada como sendo de domínio feminino. Em todos os lugares, a guerra e a política parecem ser atividades masculinas, com participações secundárias ou complementares das mulheres. Enquanto o cuidado com as crianças e sua socialização nos primeiros anos de vida são de responsabilidade das mulheres, os homens são em geral auxiliares. Durham considera que a universalidade desse aspecto e sua possibilidade de

transformação é compreendida quando admitimos que a construção cultural dessas diferenças se estrutura sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Alguns aspectos da reprodução e do desenvolvimento humanos favorecem essas diferenças.

Na espécie humana, a dependência da criança é prolongada, mesmo quando se sobrepõe ao nascimento de outros filhos. O aleitamento estende-se às vezes por mais de um ano e, mesmo após esse período, a criança depende do adulto para se alimentar. O domínio da técnica de locomoção também é um processo demorado, além da necessidade de treinamento cultural sistemático para que o bebê se transforme num adulto humano, que só pode ser um trabalhador produtivo quando alcança a maturidade sexual. Essa capacidade e necessidade de aprendizagem por meio da experiência com outros deve-se a particularidades no desenvolvimento do cérebro humano e é nossa vantagem em relação a outros animais. A infância prolongada possibilitaria o aperfeiçoamento dessa aprendizagem, uma vez que a criança precisa dos laços sociais e familiares para sobreviver e se desenvolver (GOULD, 1987).

Bussab e Ribeiro (1998) lembram que foi a própria evolução biológica da espécie humana que a tornou apta à cultura. No entanto, esse modo de vida impõe ao homem uma série de exigências, pois a cultura, ao aumentar as chances de sobrevivência do grupo, também aumenta sua dependência da cultura. A transmissão de informações pela linguagem, pela experiência e por outras formas de comunicação que caracterizam a vida humana aumenta a importância das relações sociais e da inteligência. Dessa forma ao longo da hominização, características favoráveis ao desenvolvimento e à transmissão da cultura foram selecionadas, identificando-se alterações na organização social, nas relações afetivas e nas estratégias de desenvolvimento. A dependência infantil, o apego, os cuidados parentais e o fortalecimento e durabilidade da união afetiva entre homens e mulheres são, portanto, resultado dessa seleção favorecida pelo contexto cultural os quais, ao mesmo tempo, propiciam a evolução cultural. Segundo Durham:

Essas peculiaridades biológicas e culturais do processo reprodutivo dos seres humanos e o peso que elas representam para as mulheres certamente estabelecem condicionantes para a elaboração da divisão sexual do trabalho. E o fato de esta

tarefa ser atribuída basicamente às mães não pode ser visto como simples imposição masculina, mas constitui uma elaboração cultural que se constrói sobre tendências e características que a espécie humana compartilha com outros mamíferos e que são bem pronunciadas nos antropóides, nossos parentes mais próximos - a dependência prolongada das crias em relação à mãe (DURHAM, 1983, p. 18).

De acordo com Badinter (1986), diferentes papéis masculinos e femininos podem ser identificados, desde épocas primitivas da humanidade, num modelo de complementaridade. Badinter acrescenta que essa divisão de tarefas foi consequência das modificações biológicas resultantes da bipedia e da prematuridade dos filhos, que exigiu das fêmeas maior atenção para o recém-nascido. A receptividade sexual das fêmeas e as trocas econômicas com os machos reforçaram os laços entre os sexos e diferenciaram seus papéis.

É importante ressaltar que compreender que a construção cultural das diferenças entre a divisão de trabalho e os papéis de homens e mulheres inicialmente se estrutura sobre as diferenças biológicas não implica aceitar a naturalização dessas diferenças. A possibilidade de transformação da organização social e cultural na espécie humana faz com que a divisão sexual do trabalho também sofra transformações. Essa divisão envolve outras atividades, que variam com a concepção do que é feminino e masculino nas diversas organizações sociais. Não se pode dizer, no entanto, que a divisão sexual do trabalho implica que a relação dominação-submissão entre homens e mulheres seja um fenômeno natural. A extensão dessa divisão estabelece a mútua dependência entre homens e mulheres, que é essencial ao bem-estar e à sobrevivência econômica destes (DURHAM, 1983).

A capacidade humana de transformação cultural fez com que o padrão de divisão segundo o qual a mãe fica presa à reprodução e aos cuidados com a criança também fosse modificado. A possibilidade de substituir a figura da mãe pela de outras pessoas, como babás e amas-de-leite, por exemplo, liberou a mãe dos cuidados permanentes dos filhos.

Ao longo da história, as transformações na forma de conceber o homem e a mulher, a criança e o período de infância também tiveram um papel importante na atribuição dos papéis parentais. Levine e White (1991)

mencionam que estudos históricos e antropológicos mostram que os conceitos de infância do século XX estão associados às mudanças decorrentes da urbanização e da industrialização, como a queda da mortalidade infantil e da taxa de nascimento, o crescimento da escolarização e o crescimento do interesse público na criança. Esses fatores modificaram o papel da criança dentro da família e na sociedade. Os autores consideram, porém, que a história das modificações na vida familiar e nas condições de desenvolvimento da criança não foi a mesma em todos os lugares, pois essa história refletiu e ainda reflete a diversidade das condições socioeconômicas e culturais dos vários países onde as modificações ocorreram.

Pensar a estrutura familiar na nossa sociedade considerando a questão dos papéis de gênero envolve levar em conta essas transformações e a questão da responsabilidade associada à maternidade e à paternidade. Trindade (1998, p. 129) aponta que é importante “[...] desvendar a maternidade e paternidade como construções sociais interdependentes, circunstanciadas pelas dimensões sócio-culturais de diferentes momentos históricos”.

Em relação a mudanças no papel do pai, Trindade (1998) e Trindade, Andrade e Souza (1997) comentam a análise de Rotundo sobre as modificações que ocorreram na paternidade americana, em função das transformações socioeconômicas. De um modelo que atribuía um poder inquestionável ao pai em relação aos filhos e que dominou a sociedade patriarcal dos séculos XVII a XIX, o papel do pai mudou no século XIX, a partir da industrialização, para um modelo no qual o pai passou a ter o papel de condutor moral da família, mas ainda cabia à mulher, vista como naturalmente terna e carinhosa, a maior responsabilidade pelo desenvolvimento dos filhos. A partir da década de 70 do século XX, com mudanças como a entrada da mulher no mercado de trabalho, surgiu o modelo de paternidade no qual o pai é mais próximo e tem uma maior participação na socialização dos filhos.

Dessen e Lewis (1998), a partir de outros autores, também consideram que, numa perspectiva cultural e histórica, os pais podem assumir diferentes papéis:

[...] os pais têm adotado os seguintes papéis: tradicional, refere-se aos pais cujas atividades primárias centram-se ao redor do mundo do trabalho, tendo eles pouco a fazer em relação às atividades de cuidar de suas crianças. Moderno, vêem o desenvolvimento bem sucedido das crianças como um objetivo importante, especialmente nas áreas de desenvolvimento da identidade, do papel sexual, desempenho acadêmico e desenvolvimento moral. Emergente, participa mais igualmente com sua esposa das atividades de cuidados da criança (DESSEN e LEWIS, 1998, p. 110).

Embora os autores apontem que não se deve considerar uma simples progressão histórica desses papéis, estes nos dão uma idéia de possibilidades relacionadas à prática da paternidade. Os modelos mais atuais de paternidade, mencionados por esses autores, preconizam uma relação mais próxima e participativa com os filhos. De fato, pode-se perceber, não só por meio das pesquisas mas também da observação de casais com filhos no cotidiano, que os pais são mais participativos nos cuidados com os filhos e que acham importante ser afetivo e estar próximo. No entanto também é possível perceber nas pesquisas que ainda se atribui à mãe a maior responsabilidade pela integração familiar, pelos cuidados domésticos e com os filhos.

Na pesquisa de Rodrigues (2000), a respeito de como as influências parentais sobre o desenvolvimento dos filhos aparecem em uma revista de divulgação dirigida aos pais, a autora mostra que a sociedade continua a fornecer elementos para a manutenção de práticas e concepções que responsabilizam principalmente as mães. Nessa pesquisa, a participação do pai surge com o aumento da idade dos filhos, porém a influência da mãe prevalece, e outras influências, como a dos irmãos de outros familiares ou de pessoas sem vínculo de parentesco, aparecem muito pouco.

As transformações nas representações sociais masculinas da paternidade e das práticas parentais foram pesquisadas por Trindade, Andrade e Souza (1997) entre homens que se tornaram pais nas décadas de 1960 e 1980, com idade variando entre 26 e 68 anos. Os autores constataram um predomínio de representações relacionadas aos papéis parentais tradicionais. As transformações encontradas, representadas pela ocorrência de um maior número de categorias que se referiam à presença de aspectos afetivos na



relação pai-filho e da diminuição da categoria provedor, localizaram-se principalmente entre os pais da década de 1980, com nível educacional superior. Porém, nas representações relacionadas às obrigações com os filhos, os papéis tradicionais mantiveram-se, com o homem assumindo o papel de provedor e a mulher o de responsável pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos. De acordo com os autores, apesar de se verificarem algumas transformações nas representações dos papéis parentais, elas estão mais localizadas na qualidade da relação pai-filho do que na divisão de papéis e responsabilidades entre pais e mães.

Trindade e Enumo (2001,p.22), estudando as representações de infertilidade com mulheres, obtiveram resultados que indicaram que “a maternidade é representada como meta natural, cujo caminho começa a ser trilhado desde o nascimento, sem qualquer referência ao processo de desenvolvimento”. Já a paternidade, embora também seja considerada como algo natural, só se evidencia no momento em que o homem parece estar pronto para ela. As autoras enfatizam que essa visão não leva em conta que as atividades relacionadas ao exercício tanto da paternidade quanto da maternidade são aprendidas e estabelecidas socialmente.

O efeito de algumas transformações nas relações familiares, nos papéis de pais e mães e na relação do casal foi observado por Romaneli (1998), em estudo com pais e filhos de dez famílias de classe média do interior de São Paulo. O autor analisa, a partir dos resultados das entrevistas, que, mesmo sendo menos impositiva que na geração anterior, a autoridade do marido persiste e é considerada pelo casal como essencial para a reprodução doméstica. O autor argumenta que “a relutância masculina em aceitar novos padrões de relacionamento entre homens e mulheres resulta do confronto com práticas e modelos convencionais que são questionados no cotidiano” (ROMANELI, 1998, p.128). Assim, mesmo com mudanças na posição de pai e marido e com o aumento da atividade profissional das esposas, não há mudanças radicais na organização das relações domésticas. O trabalho das esposas foi aceito a partir de insistência delas, a contragosto. No entanto, os maridos não se consideram machistas e dizem que hoje já mudaram de opinião. Porém, apesar da aceitação de mudanças na divisão sexual do

trabalho, as tarefas domésticas são, na maior parte, desempenhadas pela esposa e pelas filhas. As mães têm a responsabilidade de orientar os filhos e, na socialização, apóiam as concepções dos pais, legitimando sua autoridade. Apesar de os genitores acharem que suas práticas e orientações são as mesmas para todos os filhos, verifica-se que as limitações e o controle são mais intensos sobre as filhas, principalmente em relação ao namoro e à sexualidade. Pais e mães consideram que as filhas são mais dóceis e que os filhos dão mais trabalho, pois são mais agressivos.

Há também indicações de alteração na estrutura hierárquica da família: a autoridade do pai passou a ser mediada por discussões e negociação com os filhos, o que não acontecia na geração anterior. O autor verifica que “as relações entre pais e filhos são mediadas pela percepção que os genitores têm de sua posição na sociedade e do que desejam para a prole. [...] Ao pensarem a posição dos filhos na família, os pais pensam também a posição que eles ocuparão na sociedade” (ROMANELI, 1998, p.129).

Verifica-se, portanto, que conceitos tradicionais dos papéis que homens e mulheres devem desempenhar na família e que estruturam a identidade feminina e masculina ainda estão presentes no cotidiano familiar. A combinação trabalho-família ainda não é vivida de forma semelhante para homens e mulheres. As mulheres, em geral, têm que desempenhar um papel de trabalhadora junto com o de mãe e o de responsável pelas atividades domésticas. Como essas atividades familiares ainda não são completamente divididas, o resultado é dupla jornada de trabalho para o sexo feminino (ARAÚJO e SCALON, 2005; RIDENTI, 1998; STREY, 1997).

Trindade (1999, p.35) analisa que, dessa forma, o que pode parecer ascensão da mulher, devido a conquistas no mercado de trabalho, se revela muitas vezes num duplo papel, o de provedora e o de responsável pelos cuidados domésticos e vínculos familiares. A autora também aponta que as estratégias de socialização permanecem “fazendo da maternidade uma condição estruturante da identidade feminina”, o que pode contribuir para a perpetuação desses papéis entre os jovens.

Araújo e Scalón (2005) lembram que não foi com a mesma velocidade que se transformaram “os dois eixos divisores da estrutura familiar, o de gênero

e o geracional” (ARAUJO e SCALON, 2005, p.23). As formas de socialização e as relações familiares entre as gerações, antes pautadas em relações hierárquicas e de poder se modificaram rapidamente, dando lugar, por exemplo, a valorização do diálogo entre pais e filhos. No entanto as relações de gênero no seio da família têm se revelado mais conservadoras e resistentes às mudanças, mesmo considerando que hoje as mulheres desempenham mais atividades fora do lar e muitas vezes são as principais provedoras.

O estudo de Fleck e Wagner (2003) mostra claramente essa resistência a mudança nos papéis atribuídos a homens e mulheres na família. Pesquisando três casos familiares nos quais, a mulher era a principal provedora, as autoras puderam observar que não houve mudanças significativas na forma como essas famílias se estruturavam em termos de responsabilidades masculinas e femininas dentro de casa. Embora as mulheres trabalhassem e se dedicassem à vida profissional, desde antes do casamento, e a partir dele contribuíssem com a maior parte da renda, os homens não assumiam a responsabilidade pela esfera doméstica na mesma proporção e as mulheres permaneceram se sentindo as principais responsáveis. Eles ajudavam, mas não tinham a mesma responsabilidade. Essa divisão desigual de tarefas fazia com que os homens pudessem investir em seus momentos pessoais de lazer enquanto as mulheres se sentiam culpadas em abandonar seu papel de mãe e responsável pela família para ter um espaço individual.

Para Goldani (2000) a busca de maior igualdade, implica conhecer e compreender as desigualdades, para isso, nos estudos demográficos do Brasil, a autora propõe que seja considerada a perspectiva de gênero e sugere um modelo de como isto pode ser efetuado nos estudos com famílias. Ela argumenta que a estatística é um produto onde está refletida a economia, as relações de poder e a ideologia de um determinado momento e lugar. Assim é importante identificar as diferenças e desigualdades existentes na população estudada.

A aceitação de que se deve investir em uma perspectiva de igualdade de gênero está relacionada a pressões internacionais e aos esforços de organizações de mulheres que divulgam que o desenvolvimento auto-

sustentável e o respeito pelos direitos humanos abarcam as relações de gênero. Segundo Goldani (2000, p. 3):

Ainda que nem sempre explicitadas, estas novas tendências indicariam uma aceitação ampla de que gênero é uma categoria transversal, que se encontra na interface das inúmeras afiliações sociais de homens e mulheres. Ou seja, não possui um contexto organizacional específico, e como tal, é parte integrante da construção social quotidiana nas diversas práticas que os indivíduos levam a efeito.

A autora afirma ainda que:

Entre os fundamentos estruturais importantes, nos quais se apoiam a atual estrutura hierárquica de gênero, estariam: o mercado de trabalho (divisão de sexo e discriminação no emprego) e a família (com sua divisão de trabalho de sexo, maternidade e reprodução). Tal como raça ou classe social, gênero seria um sistema de múltiplos níveis de diferenças e desvantagens, que incluem arranjos sócio econômicos e retêm crenças culturais à nível macro e atitudes adquiridas e identidades à nível individual. (GOLDANI, 2000, p. 8).

As mudanças na divisão do trabalho doméstico, e nas políticas públicas de suporte para as famílias não tem acompanhado o aumento da taxa de atividade das mulheres fora de casa. Isso implica numa sobrecarga no trabalho feminino, uma vez que as responsabilidades familiares ainda recaem mais sobre elas. Levantar indicadores sobre as desigualdades de gênero na família, considerando a dimensão temporal, segundo Goldani, ajudaria a compreender as mudanças e permanências em que se apóiam as estruturas hierárquicas e discriminatórias de gênero na família e na sociedade. Num sistema de interações que tem por base, entre outros fatores, a classificação por gênero, essa dimensão deve ser levada em conta no levantamento de informações sobre a saúde e o bem estar da população.

A autora propõe que algumas áreas devem ser identificadas para conseguir indicadores de desigualdades e igualdades de gênero nas famílias, uma vez que tanto práticas como representações individuais e representações sociais, explicam a discriminação e desigualdade ainda presente na vida das mulheres, apesar das mudanças já obtidas.

Entre as muitas áreas que ilustrariam o posicionamento de mulheres e homens na esfera familiar e poderiam indicar a discriminação de gênero destacamos as seguintes: a estrutura diferencial da divisão de trabalho de produção e reprodução na família, as formas de divisão do poder e tomadas de decisão

pelos membros da família, a sexualidade e os comportamentos sexuais, redes de apoios sociais e familiares, representações de casamento, filhos e família, conflitos interpessoais e violência doméstica (GOLDANI, 2000, p. 14).

Goldani lembra ainda que, embora a família seja um espaço privilegiado de interação e influências entre os indivíduos, é necessário também analisar os indicadores sobre as práticas e valores de homens e mulheres e suas interações na família, em relação com outros fatores presentes na vida dos indivíduos e da própria família estudada.

### **2.3 Família, conceito e evolução histórica**

Uma mudança que deve ser considerada, principalmente ao se estudar a socialização na família, refere-se à compreensão do que caracteriza a família. Atualmente não é possível continuar caracterizando a família como uma simples unidade nuclear tradicional. Vários modelos familiares alternativos ao modelo nuclear tradicional constituem a família.

Segundo Saraceno e Naldini (2003, p.22) existe uma “multiplicidade de significados e experiências incluídas naquilo a que chamamos família”; o termo adquire diferentes significados em função das experiências e contextos em que se insere. As autoras, afirmam que “as diferentes composições nas relações e no funcionamento das convivências familiares [...] são de tal modo e tantas que a evidência do estatuto de ‘família’ se revela no mínimo problemática.” (SARACENO e NALDINI, 2003, p. 26).

A partir das idéias de Malinowski, sobre a universalidade da família como instituição que visa o cuidado, muitos sociólogos buscaram e ainda buscam, estabelecer as funções da família: “Reprodução, cuidados, educação, regulamentação da sexualidade” seriam algumas dessas funções, consideradas, de certa forma, naturais por alguns sociólogos (SARACENO e NALDINI, 2003, p. 27).

Essa forma de compreender a família foi bastante criticada por antropólogos e sociólogos, uma vez que se verificou que essas funções têm valor e organização diversificada para as diferentes culturas. Outra linha de

investigação busca compreender não a função, mas as estruturas da família a partir das formas de convivência entre dois eixos: os sexos e as gerações. A partir destes estudos pode-se distinguir quatro categorias fundamentais de estrutura familiar:

- a) os *grupos domésticos designados «sem estrutura»*, isto é, sem claras relações nem de sexo nem geracionais. Nestes se incluem, quer as convivências de irmãos e irmãs, ou consanguíneos sem vínculos de geração, quer aqueles que vivem sozinhos;
- b) os *grupos domésticos «simples»*, compostos quer pelos pais com os filhos, quer por um único progenitor com os filhos, quer pelo casal sem filhos;
- c) os *grupos domésticos «extensos»*, compostos, para além dos membros da família «simples», por parentes ascendentes (um avô, uma avó), descendentes (um neto), ou colaterais (um irmão/ irmã do marido/da mulher).
- d) os *grupos domésticos «múltiplos»*, em que estão presentes vários núcleos conjugais, vários casais com os seus filhos. Este grupo articula-se ainda segundo os tipos de ligações ao longo do eixo geracional que atravessa os diferentes *núcleos*: *frérech*es (fratrias) em que todos os irmãos casados vivem juntamente com as suas famílias, famílias-tronco em que o casal idoso vive com a família do herdeiro, conjuntos em que todos os filhos homens casados levam as suas mulheres e depois os filhos para viverem na casa dos pais, etc. (SARACENO e NALDINI, 2003, p. 28-29).

A partir da observação do cotidiano de algumas famílias e considerando sua diversidade e seus elementos comuns Gomes (apud SZYMANSKY, 2002, p. 26) descreve a família atual como:

[...] um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidados entre adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecerem nesse contexto.

Sobre as mudanças na família do ocidente, Saraceno e Naldini (2003) argumentam que, inicialmente, demógrafos e historiadores acreditavam que as famílias no passado eram em geral de estrutura múltipla e a partir da industrialização estabeleceram-se dentro da estrutura conjugal-nuclear, primeiro no ocidente capitalista e industrial e depois em outras culturas. No entanto investigações revelaram que este modelo de família já predominava em vários países, mesmo antes da industrialização, favorecendo seu advento mais do que sendo sua consequência.

Como resultado dessas investigações e do debate sobre as estruturas familiares existentes na Europa concluiu-se que, as estruturas familiares eram tão diversificadas no passado quanto o são atualmente, “marcada pelos limites, distinções e destinos diversos, entre cidade e campo, entre classes sociais e outras formas de acesso e distribuição de propriedade” (SARACENO e NALDINI, 2003, p.35).

Segundo Diniz e Coelho (2005), também no passado da família brasileira essa diversidade pode ser encontrada. Estudos históricos recentes têm revelado que o modelo da família patriarcal escravocrata, até pouco tempo pensado como modelo da família brasileira colonial, não era o único. A sociedade brasileira na época do Brasil colônia já era formada de vários grupos que tinham diferentes formas de organização, considerando a diversidade étnica e cultural das diferentes regiões do País. Mesmo a família patriarcal dos engenhos se diferenciava de acordo com as particularidades da colonização de cada lugar. De acordo com Diniz e Coelho predomina na versão histórica brasileira a visão do homem branco europeu, além disso, no seu projeto republicano o Estado teve dificuldade de integrar as várias raças existentes no Brasil, situação que ainda repercute no país. As autoras ressaltam que:

Tendemos a ter uma visão idealizada da vida familiar. Além do mais, mitificamos uma forma de ser família, esquecendo que a estrutura e a organização familiares são produtos de processos sociais, econômicos, políticos, culturais. Assim cada momento da história humana produziu várias modalidades de família. A vivência da vida familiar depende da inserção social das pessoas. (Diniz e Coelho, 2005, p.156)

## **2.4 A família como agente de socialização**

Para muitas pessoas, parece ser indiscutível que a educação e os cuidados oferecidos pelos pais e os valores construídos na família estejam diretamente relacionados com o que os filhos se tornarão no futuro. No entanto, essa influência direta tem sido questionada por alguns autores, como parte da crítica à culpabilização que em geral se faz aos genitores em relação aos problemas de conduta e personalidade dos filhos e à necessidade que algumas

teorias impõem de se voltar a problemas da infância para resolver conflitos da vida adulta (HARRIS, 1999; SELIGMAN, 1995).

Harris (1999) considera que as crianças aprendem a se comportar, principalmente entre os próprios grupos de crianças, e que a influência que os pais têm sobre elas tem efeito apenas dentro da própria relação pais-filhos e no ambiente doméstico.

Outros autores, no entanto, consideram a família um importante agente de socialização, na medida em que transmite às crianças valores e comportamentos compartilhados no seu contexto cultural. Acredita-se que as crianças são também socializadas pelos pais, e que a socialização que ocorre no contexto familiar está presente na interação em outros ambientes. Berger e Luckman (2002), por exemplo, consideram que é no processo de socialização na família que se inicia a transformação da realidade objetiva em realidade subjetiva na formação da identidade. Para os autores essa transformação se dá, a princípio, mediante o processo de interiorização do que a criança vive com a família, e o ambiente familiar afetivo é que favorece a interiorização desses valores. Num segundo momento, a criança abstrai a sua vivência com a família e passa a identificar-se com a sociedade. Para Ruschel e Castro (1998, p. 525), como um sistema social estruturado a partir dos valores culturais da sociedade em que está inserida, a família é um “[...] organismo que seleciona e qualifica as experiências do indivíduo, dando-lhe condições para a vivência individual e social, por intermédio de noções fundamentais”. Segundo Assmar *et al.* (2000, p.91), os estudos sobre a família ressaltam “[...] seu caráter de instituição mediadora entre o indivíduo e a realidade sociocultural”. Conforme palavras de Biasoli-Alves (2000, p. 238), “Os valores dos adultos significativos começam a ser assimilados quando ainda a criança nem aprendeu a falar direito, estabelecendo que ela será socializada para se tornar um adulto dentro daquela cultura”.

É importante lembrar, no entanto, que esse processo não envolve a reprodução por parte da criança do que é transmitido pelos adultos. Mediante a socialização, o indivíduo apropria-se do saber socialmente construído e o reconstrói, e produz sua cultura ao mesmo tempo em que é por ela produzido.



As divergências em relação ao peso que a socialização na família tem para o desenvolvimento do indivíduo levam a considerar que, provavelmente, ainda se saiba pouco a respeito do que realmente afeta o desenvolvimento. Esses questionamentos favorecem a reflexão de que a socialização envolve múltiplas influências e que o desenvolvimento do indivíduo não está restrito à infância e à adolescência, mas se dá durante todo seu ciclo de vida.

Ressaltamos que o processo de socialização, uma vez fazendo parte de um contexto cultural, também sofre transformações. Mudanças no conceito de infância e de educação, evolução tecnológica e mudanças em relação aos papéis que se espera sejam desempenhados na sociedade transformaram as formas de socializar.

Em relação ao progresso tecnológico, pode-se considerar que a mídia, embora seja um fenômeno recente, é hoje um dos grandes meios de socialização. Através da comunicação de massa, símbolos, discursos e imagens transmitem diversos valores e padrões de conduta. A mídia inter-relaciona-se com outros contextos, como a família e a escola, ampliando o processo de socialização. Setton (2002, p. 107) enfatiza: “a modernidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescla as influências familiar, escolar e midiáticas (entre outras)”.

Transformações na estruturação familiar pela reorganização dos papéis e redefinição das posições de autoridade, resultado de mudanças sociais nas últimas décadas, também são responsáveis por mudanças nas formas de socialização. Particularmente em relação à socialização da criança e do adolescente na família, vários autores descrevem as transformações nos valores e práticas em relação à educação dos filhos (BENINCÁ e GOMES, 1998; CALDANA, 1998; DIAS e GOMES, 1999).

Segundo Benincá e Gomes (1998) na família tradicional, até meados de 1960, os códigos de moral e papéis de pai, mãe e filhos eram bem definidos. Eram essas regras da família que organizavam a socialização do indivíduo. A rápida transformação da família a partir da modernização da

sociedade trouxe incertezas em relação a que regras seguir. Os autores apontam que:

[...] o questionamento e o redimensionamento das relações afetivas e sexuais, das idéias e comportamentos, têm como consequência um novo conjunto de representações acerca do funcionamento e estrutura familiar, principalmente entre gerações diferentes (BENINCÁ e GOMES, 1998, p. 181).

As formas tradicionais, rígidas e autoritárias de se educar passaram a ser rejeitadas pelos pais, que buscam hoje ensinar através da expressão física do afeto e da expressão verbal. Os pais acham importante estabelecer uma relação mais próxima, de amizade, e estão preocupados em promover a independência dos filhos. No entanto, considera-se que a rápida mudança de valores levou a contradições e diversidades nas formas de educação adotadas pelos pais. Um aspecto abordado foi a dificuldade dos pais em conciliar limites com o atendimento das solicitações dos filhos (CALDANA, 1998).

Atualmente, as práticas educativas centram-se na concepção de que é preciso respeitar os valores individuais; dessa forma os pais valorizam a experimentação. Nas palavras de Benincá, citada por Dias e Gomes (1999, p. 177), "[...] a tática de socialização do 'obrigar', foi se transformando na socialização do 'conversar' para chegar, hoje em dia, na socialização do 'experimentar'".

A diversidade existente nas diferentes estruturas familiares é um fator importante a ser considerado na análise da repercussão que as mudanças ocorridas nas formas de relacionamento e socialização podem ter na família.

As palavras de Camino, Camino e Moraes (2003, p.43), ao se referirem ao desenvolvimento dos princípios morais na criança durante o processo de socialização, podem ser estendidas para o processo como um todo:

As formas como se socializam os indivíduos são, portanto, múltiplas e bastante complexas. Certamente, faz-se necessário não só analisar o papel dos diversos agentes de socialização no desenvolvimento dos princípios morais, como recolocar estas influências nos contextos sociais, econômicos e políticos nos quais elas se efetuam.

Siqueira (1998) também enfatiza que, durante a socialização, a criança e parceiros mais experientes fazem parte de uma organização social

mais ampla, e essa organização social é profundamente diversificada e estratificada. Dessa forma, as significações atribuídas às ações partilhadas são resultado de uma complexa rede de fatores e de entrecruzamentos de ordens diversas, como classes, gênero e etnias.

## **2.5 Práticas educativas de gênero**

Considerando que a identidade de gênero se constrói como uma face da identidade do indivíduo a partir de experiências compartilhadas, vários autores apontam que, sem desconsiderar as diferenças biológicas, a socialização exerce um papel importante no desenvolvimento dessa identidade. A partir do nascimento da criança e, hoje, com o advento do ultra-som, até antes, expectativas e pré-concepções estarão relacionadas à descoberta do sexo do bebê (BURR, 1998; SIQUEIRA, 1997; STREY, 1997). No processo de desenvolvimento da representação de gênero, a identificação da criança com uma categoria de gênero acontece como parte do processo de apropriação das representações sociais de gênero que circulam em seu entorno social (OLIVEIRA, 1996).

[...] a criança constrói a própria individualidade como alguém pertencendo, dentre outras identificações, a uma determinada categoria de gênero, através de processos de recortar suas ações e as de seu entorno social como sendo masculinas ou femininas realizadas por adultos familiares e depois por meios de comunicação de massa e pela escolarização, processos estes que são mais conservadores em algumas comunidades do que em outras (OLIVEIRA, 1996, p. 73).

De acordo com Santil (2000), a família estimula o sistema de diferenciação de valores e normas entre os sexos, reafirmando a identidade e os papéis de gênero. O contexto familiar reforça as diferenças, atribuindo atividades diferentes para meninos e meninas: atividades domésticas, de cuidados e atendimento aos outros para as meninas, e atividades que permitem maior controle do mundo externo para os meninos. Dessa forma, delimitam-se as normas de comportamento a partir das expectativas sociais para cada sexo. Além de mediar a transmissão de valores para as novas

gerações, a tipificação sexual na família é parte intrínseca do contexto de relações que se estabelecem entre seus membros e tem efeito na transformação das relações e no funcionamento familiar.

Embora a família tenha um papel de mediadora entre a realidade social e o indivíduo, favorecendo a manutenção de valores e diferenças atribuídas pela sociedade, o contexto da família também favorece as transformações. Benincá e Gomes (1998) apontam que é no contexto da família, na convivência de diferentes gerações, que se dá o processo de transformação e reedição de valores e práticas familiares, estruturadas socialmente.

[...] é a família que, pela adoção de certas regras comunicativas e conceituais abre espaço para as mudanças sociais. Em contrapartida, a organicidade familiar se redimensiona por conta das pressões sociais originárias dessas mudanças. Configura-se, então, um movimento permanente de oposição entre valores e regras da herança familiar, e valores e regras da herança do tempo presente. (BENINCÁ e GOMES, 1998, p. 178).

Em relação às mudanças ocorridas na socialização de meninos e meninas, artigos apontam que essas mudanças refletem as transformações sociais no que diz respeito aos papéis masculino e feminino, mas também continuam favorecendo a divisão tradicional de papéis em vários aspectos (TRINDADE *et al.*, 2000; RIDENTI, 1998; MACEDO e SOUZA, 1996).

Analisando entrevistas feitas com homens e mulheres de idades entre 40 e 70 anos, Biasoli-Alves (2000) pôde levantar as transformações de características da educação recebida no Brasil e do papel feminino no ambiente doméstico para mulheres de diferentes camadas da população, entre o final do século XIX e a década de 90 do século XX. Observou-se que no final do século XIX, alguns valores eram aplicados tanto aos meninos como às meninas, como obediência, honestidade, importância do trabalho, enquanto outros se aplicavam particularmente à educação das meninas, como submissão, delicadeza, capacidade de doação, prendas domésticas.

A autora analisa, a partir dos relatos, que, nessa época, o processo de socialização empregado pelos adultos, para controlar o comportamento da menina e garantir a aceitação dos valores, imprimia desde cedo uma disposição para a obediência, para o conhecimento do certo e do errado e a

autocontenção. Essa disposição às vezes era conseguida com punições e castigos, mais freqüentemente por meio da retirada do afeto, de ameaças de abandono e da culpabilização. Segundo Whitaker (1988), é comum a ameaça de perda do amor dos pais e da atribuição de culpa como parte da socialização da menina, enquanto o menino é tratado com mais tolerância e até mesmo estimulado a cometer transgressões, pois se espera que ele seja mais ativo e tenha mais iniciativa.

A pesquisa de Biasoli-Alves (2000) mostra ainda que o estudo não era incentivado, pois podia causar mudanças na mentalidade das meninas. Nas classes mais abastadas, a menina era educada em colégios religiosos, que fortaleciam as características de obediência, submissão e contenção, e de lá saía com o conhecimento necessário para casar e ser uma boa esposa. Essas práticas estavam relacionadas à preocupação com o futuro das filhas (mulheres), que precisariam ser virtuosas para arranjar casamento.

Em meados do século XX, esses valores ainda estavam presentes, embora tenha havido uma ampliação da escolarização da menina. No entanto, as expectativas da família relacionadas à vida profissional e escolar de filhos e filhas permaneciam diferentes. Era comum a vida profissional e escolar da menina ser interrompida em função do casamento. A preocupação e o alívio da família com o casamento estavam também associados a uma concepção de fragilidade e ingenuidade da mulher que colocava em risco sua virgindade. Nessa época, as mulheres priorizavam a vida familiar, mesmo quando tinham uma profissão, pois cabia ao homem o papel de provedor.

A autora aponta que, nas últimas décadas do século XX, a maior escolarização e profissionalização da mulher aumentou o questionamento a respeito das qualidades que dela eram esperadas, como submissão, delicadeza, entre outras. As principais transformações indicadas referem-se ao trânsito em espaços antes não permitidos, ao trabalho e ao casamento. No entanto, Biasoli-Alves (2000, p.238) aponta que, junto com as transformações, “[...] há muitas continuidades a serem consideradas [...]” que põem em jogo a busca de igualdade “[...] dentro e fora do relacionamento familiar”.

A observação de que o modelo de educação de meninos e meninas no Brasil revela, por um lado, transformações nas expectativas relacionadas

aos papéis de gênero, por outro, a convivência de valores tradicionais com valores novos é uma constatação da pesquisa feita através de artigos da revista *Família Cristã de Santos*, por Santos, Caldana e Biasoli-Alves (2001). Entre 1943 e 1953, a divulgação em relação à educação das crianças seguia um modelo no qual as meninas eram tratadas como mães em miniatura e como aquelas que ajudavam a família. O menino era tratado como um homenzinho, com qualidades como caráter, independência e senso de proteção à família. Entre as décadas de 1970 e 1990 os meninos, assim como meninas, deviam aprender tarefas domésticas, e a educação já era diferente da constatada no período anterior. Porém as autoras apontam a ambigüidade de valores vigentes nos anos 1990 a respeito da qual, em meio a um discurso igualitário em relação à educação de meninos e meninas, a revista divulgou uma peça para o dia dos pais na qual os personagens a serem representados pelas crianças eram pautados em modelos tradicionais, e os personagens principais eram masculinos.

Outro aspecto da socialização em que é possível verificar a presença de valores conservadores convivendo com valores novos pode ser observado na educação da sexualidade de filhos e filhas. As transformações nos relacionamentos de homens e mulheres incluem mudanças no posicionamento da mulher em relação à sexualidade. No entanto, é possível verificar a presença de valores tradicionais em relação ao que se espera do homem e da mulher na forma como as famílias lidam com os relacionamentos amorosos e a sexualidade de filhos e filhas. Diferenças no discurso de pais e filhos adolescentes sobre virgindade e prevenção, no estudo de Macedo e Souza (1996), mostram como os discursos modernos de educação e papéis de gênero podem ser ambíguos na prática. Mediante o relato dos meninos conclui-se que para eles a virgindade é algo de que devem livrar-se e que ainda existe a pressão do grupo para que tenham um bom desempenho sexual. Já para as meninas, embora exista uma pressão do grupo para “ficar” mais cedo, a primeira transa é vista ainda como uma entrega romântica. O estudo mostra também que a educação moderna e igualitária dos pais é mais um desejo que uma prática. É clara a diferença com que os pais percebem filhos e filhas em relação à sexualidade. A sexualidade dos filhos do sexo masculino é

compreendida por ambos os pais como algo natural, enquanto a das filhas é concebida de um ponto de vista romântico, como fruto do amor, ou então elas não são consideradas sexualmente prontas. No apoio à iniciação sexual dos filhos, é possível perceber pelo relato dos pais e mães que, enquanto as meninas devem ser levadas ao médico e orientadas, a iniciação sexual dos meninos não é problematizada e é percebida como uma consequência natural do comportamento de macho.

A aceitação do “ficar” também é diferente para meninos e meninas. O “ficar” refere-se a relacionamentos eventuais, nos quais não existe um compromisso duradouro. É uma fase de experimentação que pode ser intermediária para o namoro (DOMINGUES e ALVARENGA, 1997; ANDRADE e NOVO, 2000).

Para os meninos, “ficar” com várias meninas é incentivado e valorizado pelo grupo, pelos pais e pela sociedade, “por marcar claramente seu poder de virilidade”. Já para as adolescentes, o “ficar” com muitos garotos é indicador de que elas são “fáceis” e são, portanto, discriminadas tanto entre meninos como entre meninas (DOMINGUES e ALVARENGA, 1997, p. 46). Essa concepção aponta para uma representação conservadora da sexualidade feminina: embora não seja mais esperado da menina um comportamento recatado e a virgindade, é estabelecido um limite de com quantos ela pode “ficar” para não ser considerada “fácil” demais. Apesar das diferenças que existem ainda no relacionamento para homens e mulheres, Domingues e Alvarenga consideram que, em entrevistas feitas com os adolescentes, é possível verificar que a mulher tem buscado maior igualdade nos relacionamentos afetivos, vivenciar seus desejos e emoções, e que também o homem tem valorizado mais a própria fidelidade, o que marca uma diferença em relação às relações afetivas tradicionais.

De acordo com Asturias (1997), essa ambigüidade está presente porque, embora a sociedade aceite valores como os de igualdade, liberdade e autonomia, estes ainda não foram traduzidos em comportamento e políticas que correspondam a tais conceitos, e isso pode ser evidenciado também na forma como ainda são educados meninos e meninas na família. A autora considera que, apesar das mudanças, as crianças continuam aprendendo que

o mundo da mulher é a casa e que o lugar do homem é o mundo. As meninas permanecem sendo preparadas para ser esposas e mães, têm as manifestações de agressividade reprimidas, e exaltada a expressão da ternura e do sofrimento, enquanto os meninos ainda aprendem que têm que mostrar força e coragem, têm as expressões de sensibilidade, tristeza e dor reprimidas e estimuladas a agressividade e a audácia.

Como efeito dessa socialização, várias pesquisas com jovens têm verificado a convivência de valores novos sobre a masculinidade e a feminilidade com valores pautados em uma visão tradicional. Aguirre e Güell (2002), discutindo sobre a construção da masculinidade com adolescentes e a relação dessa construção para a saúde, relatam que, em pesquisa feita em nove países latino-americanos, entre eles o Brasil, a definição de ser homem dada pelos jovens envolve adjetivos típicos de uma visão tradicional, como responsável, auto-suficiente, controlado, forte, protetor. Quando aparecem valores alternativos, como a possibilidade de o homem aprender tarefas domésticas e de expressar mais seus sentimentos, os autores consideram que são valores que podem ser resultado de um maior número de jovens que, atualmente, vivem só com a mãe. Essa configuração favoreceria uma nova compreensão dos papéis masculinos e femininos. Os autores analisam essas mudanças como reações adaptativas ao discurso tradicional, diante das mudanças no ambiente social e familiar.

Pesquisando representações sobre casamento e parentalidade com 21 adolescentes, de ambos os sexos, entre 13 e 18 anos, Nóbrega (1997, p. 140) pôde verificar que:

[...] as possíveis mudanças na vida do homem e da mulher quando têm filhos estão relacionadas às concepções de homem e de mulher, com suas características e especificidades, e aos papéis que são atribuídos aos dois sexos na criação dos filhos.

Os resultados das entrevistas com os adolescentes indicam que tanto homens como mulheres acreditam ser importante a mulher ter uma vida profissional, que ambos têm as mesmas potencialidades e que são iguais, porém, junto com essa transformação quanto às responsabilidades de homens e mulheres na vida em comum, permanecem valores tradicionais: a mulher ainda é considerada como a maior responsável pelo domínio doméstico tanto



por homens como por mulheres. Embora a maioria dos adolescentes relatem a co-participação dos pais nas tarefas domésticas, nenhum coloca a possibilidade de o homem dedicar-se à casa. Também em relação aos filhos, a mulher é naturalmente vista como a principal responsável pelos cuidados. A importância do pai e da mãe assume lugares diferentes relacionados às características atribuídas ao homem e à mulher. De acordo com os meninos, os adjetivos que descrevem as mulheres no seu papel de mãe são cuidadosa, carinhosa, educadora, conselheira, amiga, participante, dar apoio. Para os meninos e meninas, os adjetivos que descrevem os homens no seu papel de pai são líder, experiente, seguro, dar apoio, atencioso.

Nóbrega (1997) relata que as definições dadas pelos homens são mais tradicionais para o papel tanto materno quanto paterno e que, ao se referirem ao pai como líder, estão claramente colocando a figura masculina no papel de comando. Relata também que, embora existam indicações de mudanças na percepção dos papéis masculinos e femininos, a força dos modelos tradicionais dos papéis materno e paterno aparece, mostrando que é “[...] da mulher que se esperam ajustes para adequar as diferentes tarefas das duas esferas: a pública e a privada” (NOBREGA, 1997, p. 144).

Valores tradicionais relacionados à maternidade e a paternidade também foram observados em outro estudo com pais adolescentes. Verificou-se que, embora os jovens pais considerem que ser pai é ser afetivo e estar presente constantemente, o aspecto relacionado ao trabalho e ao sustento do filho aparece como característica principal da paternidade, enquanto, para a maioria, a mãe é caracterizada como sendo a figura principal na vida do filho, aquela que dá mais carinho e se sacrifica pelo bem da criança (TRINDADE e MENANDRO, 2002).

Em outra pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, com homens e mulheres entre 18 e 50 anos, verificou-se que os homens resistem às mudanças, mantendo-se presos a valores tradicionais relacionados à dominação masculina, valores relacionados à família e à virgindade feminina. Os resultados mostraram ainda que é expressivo o número de mulheres, independente de faixa etária, que defendem o papel feminino tradicional de abnegação, demonstrando que a socialização dos jovens brasileiros ainda

contém elementos tradicionais baseados em valores e crenças que permanecem imunes, apesar das transformações ocorridas na sociedade e na estrutura da família (ASSMAR, FERREIRA, NOVAES e TOMAZ, 2000).

## **2.6 Família, gênero e o estudo das classes populares**

É importante considerar que o impacto das transformações que ocorreram na sociedade e na família pode ser diferente de acordo com o contexto de vida da família. Em relação à classe social, considera-se que as transformações sociais que favoreceram a eclosão de formas diferentes de sociabilidade e de modelos culturais alternativos aconteceram de forma mais intensa no interior de famílias de classe média. (ROMANELI, 1998; BENINCÁ e GOMES, 1998).

Em relação às transformações nas representações de gênero, alguns estudos com famílias de classe popular têm demonstrado que prevalece nessas famílias modelos tradicionais que mantêm o trabalho fora de casa e o sustento como marcas do lugar masculino enquanto os cuidados com marido, filhos e casa marcam o lugar da mulher (FONSECA, 2000; OSTERNE, 2001; SARTI; 2003).

Em pesquisa com jovens mães de classe popular Stasevskas e Schor (2000) fazem uma reflexão sobre papel feminino e família, considerando a construção social e histórica do papel da mulher e da concepção de família. A análise mostrou que, para as mulheres entrevistadas, a idéia de casar e ter filhos envolve uma responsabilidade que as torna verdadeiramente mulheres. A maternidade é concebida como aquilo que dá sentido à vida. A identidade feminina está associada ao desempenho das tarefas de mãe e esposa, está pautada num modelo no qual a maternidade, a presença do companheiro e a construção da família tradicional têm um papel fundamental e podem “[...] diferenciar negativa ou positivamente umas mulheres de outras” (STASEVSKAS e SCHOR, 2000, p. 82).

Relacionando pobreza, família e gênero, Osterne (2001) verificou que, nas famílias estudadas, prevalecia a hierarquização das relações com a dominação masculina, principalmente quando o pai era presente. Constatou também a repressão da sexualidade, o tabu da virgindade e a intolerância em relação ao adultério feminino, à prostituição e ao homossexualismo. Mesmo a mulher tendo um papel central na família, muitas vezes por ser a provedora, a dominação masculina estava presente no cotidiano das relações da comunidade estudada. Segundo Osterne (2001), fatores que influenciam as transformações das relações hierárquicas de gênero como a mudança no papel produtivo das mulheres, com o aumento de sua participação entre a população economicamente ativa brasileira, e o aumento de mulheres chefes de família, que assumem o principal papel de provedoras, não foram suficientes para diminuir a prevalência da dominação masculina e transformar os domínios casa e rua, considerados respectivamente, como feminino e masculino.

Analizando que os conteúdos que são interiorizados durante a socialização variam em função da sociedade e do lugar que a família ocupa nela; na busca de compreensão dos fatores envolvidos nas transformações e permanências das representações sociais de gênero, é importante conhecer também os valores e práticas das famílias de classe popular presentes na socialização de filhos e filhas.

Em estudo sobre crenças e práticas de criação de filhos, Lordelo, Fonseca e Araújo (2000) encontraram resultados que indicaram que as condições de vida influenciavam as crenças e comportamentos de dois grupos de mães, um de bairro pobre e outro de bairro de classe média. As mães dos dois grupos pareciam pensar a maternidade e a educação de suas crianças de acordo com os contextos em que viviam. Algumas crenças e valores sobre a maternidade eram compartilhados entre os dois grupos, independente da classe social, no entanto, os modelos de criação dos filhos eram diferentes para os dois grupos, provavelmente por sofrerem mais influências do ambiente imediato em que viviam as famílias.

No estudo com classes populares Fonseca (2000) alerta para o risco de que as diferenças sejam interpretadas como forma degenerada ou patológica da organização social das classes dominantes. A autora lembra que

termos como violência, promiscuidade e família desestruturada são comumente utilizados para definir essa realidade.

Ao retratar como os pobres foram definidos e analisados nas Ciências Sociais brasileiras, Sarti (2003, p. 35) mostra o risco que sempre corremos de fazer do indivíduo de classe popular um “[...] ‘outro’, que muitas vezes diz mais de quem fala do que de quem se fala”. A autora mostra que entre a década de 1960 e 1970, as reflexões sobre o pobre eram marcadas pela perspectiva da falta. Com uma ênfase na carência material, na falta de uma consciência de classe, ou na falta de reconhecimento de sua cidadania, a definição pela negatividade foi a tônica nessa época, e segundo a autora, continua sendo em alguns aspectos. Na década de 1970, depois do crescimento industrial da década de 1960, os pobres passaram a ser definidos como “trabalhadores” e a pobreza como problema social passou a ser discutida levando-se em conta os pobres como sujeitos políticos e agentes de transformação. Nessa perspectiva eles passaram a ser identificados predominantemente em sua condição de trabalhadores e dominados, e quando não se reconheciam nessa visão passavam a ser definidos como “alienados”, o que, segundo a autora, explicita uma idéia de que “os pobres pensam errado porque não compartilham com o pesquisador a visão crítica da sociedade” (SARTI, 2003, p.43).

Uma outra forma de conceber os pobres urbanos, produzida pela antropologia a partir da valorização da diversidade cultural, e que se contrapôs a visão anterior, destacou as práticas e representações das classes populares como fazendo parte de uma cultura própria. Sarti (2003, p.44) argumenta, no entanto, que a dificuldade dessa compreensão, está em “[...] situar a particularidade do fenômeno estudado com relação ao todo mais amplo do qual faz parte”. Existe o risco de que, enxergando a cultura dos pobres como autônoma, institua-se uma diferença entre “nós” e “eles” que “acabe se revertendo no avesso das representações das elites brasileiras que ainda definem os pobres como ‘a classe perigosa’, da qual emana todo o mal da sociedade. [...] na outra versão, há a idealização do ‘bom pobre’, como um ‘bom selvagem’, não conspurcado por um universo cultural que não é

reconhecido como seu” (SARTI, 2003, p.45). Sobre essa questão a autora levanta uma reflexão na qual mostra que:

Se os pobres são parte de um sistema mais amplo, o processo de diferenciação social torna-se um problema em si. A polarização passa a ser pensada como uma lógica social à qual ‘eles’, como ‘nós’, estamos expostos. Dependendo da perspectiva de quem fala define-se quem são ‘nós’ e ‘eles’. [...] Fica a pergunta que precisa ser constantemente refeita: quem é o outro de quem? Afinal, quem são ‘uns’ e ‘outros’? (SARTI, 2003, p. 46).

## 2.7 A contribuição da Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais pode contribuir para a compreensão das transformações de valores e práticas, pois as relações e as transformações sociais são acompanhadas de profundas transformações do pensamento (MOSCOVICI, 1990). A representação social de um objeto é uma representação compartilhada por um grupo social. Um dos grupos sociais em que as representações sociais se formam é o familiar. Ao mesmo tempo, as representações presentes nas famílias são construídas a partir de uma inserção cultural e social. Dessa forma, ao pretendermos estudar como se constroem na família os valores relacionadas ao feminino e ao masculino, como se estruturam os papéis de homens e mulheres nas práticas de socialização, concluímos que a Teoria das Representações Sociais pode dar o suporte teórico necessário à compreensão da construção, manutenção e transformação desses valores e práticas.

Os estudos em representações sociais ganharam impulso na França, a partir da publicação do trabalho de Serge Moscovici, *La Psychanalyse, son image et son public*, em 1961. Essa teoria surgiu como uma contraposição à Psicologia Social americana, pautada numa perspectiva mais individualista. Baseia-se na noção de representação coletiva de Durkheim, com uma concepção de social mais próxima a concepção sociológica do que à psicológica. A Teoria das Representações Sociais ganhou espaço nas instituições brasileiras na década de 1980, passando a influenciar boa parte das pesquisas em Psicologia Social no Brasil. (SPINK, 1996; SÁ e ARRUDA, 2000)

Spink (1996) aponta que há uma multiplicidade de definições do que seja a representação social, mas um denominador comum entre elas, é a consideração de que é um conhecimento que envolve crenças, imagens e símbolos compartilhados por um grupo. Assim a autora define representações sociais, como um conjunto de conceitos compartilhados socialmente que surgem da vida cotidiana, cuja função é organizar a realidade e a prática social.

Jodelet (2001, p. 22) caracteriza representação social como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A autora acrescenta ainda:

[...] reconhece-se que as representações sociais - enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

O processo de representação social de um objeto envolve duas fases: o processo de objetivação, mediante o qual há uma seleção de elementos do que vai ser representado, com base em informações prévias, experiências e valores. Esses elementos são recompostos e se reorganizam, formando um esquema figurativo do objeto representado, tornando-se algo palpável e natural; o segundo processo é o da ancoragem, que se refere à forma como o sujeito recorre ao que é familiar para converter um objeto novo em algo conhecido (ARRUDA, 2002). Esse processo é dinâmico:

[...] a representação social opera uma transformação do sujeito e do objeto na medida em que os dois são modificados no processo de elaborar o objeto. O sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais um habitante (ARRUDA, 2002, p. 137).

A compreensão da estrutura das representações foi proposta por Jean-Claude Abric (1998) como uma abordagem complementar à Teoria das Representações Sociais. De acordo com esse autor, as representações são estruturadas a partir de um núcleo central, representado pelos elementos mais estáveis da representação, elementos que são mais resistentes às mudanças por estarem ligados a “condições históricas, sociológicas e ideológicas”. Em torno do núcleo central, as representações são estruturadas por elementos periféricos, que são componentes mais acessíveis das representações, “[...] associados às características individuais e ao contexto mais imediato” que, segundo Abric (1998, p. 32) têm três funções: **função de concretização**: resulta “[...] da ancoragem da representação na realidade” e “permitem a formulação da representação em termos concretos”; **função de regulação**:

tem “[...] um papel na adaptação da representação às evoluções do contexto. Então as informações novas ou as transformações do meio ambiente podem ser integradas na periferia da representação”; **função de defesa**: em que o sistema periférico é o sistema de defesa da representação que protege o núcleo central, mais resistente às mudanças. Por ser mais flexível, tolera contradições e permite mudanças quando existem novas informações no meio social.

A Teoria das Representações Sociais tem fornecido elementos interessantes para se discutir questões relacionadas ao gênero. Palácios (1997), em pesquisa com profissionais de saúde, verificou que a forma como os profissionais representavam homens e mulheres tinha relação com a compreensão da doença dos pacientes. Os elementos que descreviam feminilidade e masculinidade, para os profissionais, pautavam-se em uma representação social tradicional e estereotipada. Para feminilidade, destacaram as características: beleza, doçura, delicadeza, sensibilidade, passividade e ternura; para masculinidade, fortaleza, virilidade e atividade. Verificou que a representação social de feminilidade e masculinidade para os profissionais não era diferente do observado no senso comum, no entanto essa representação teve implicações para a prática profissional. A forma como os profissionais avaliavam os motivos que levavam ao adoecimento e o diagnóstico dos pacientes do sexo feminino e masculino estava delimitada pela compreensão que os profissionais tinham dos papéis sexuais e das diferenças entre os sexos.

Em outro estudo, Ramos (2003) buscou compreender como mulheres e homens, inseridos no contexto das relações conjugais violentas, elaboram as representações sociais de mulher e da violência contra ela. Os resultados de sua pesquisa indicaram que a representação social da mulher é trabalho/luta e maternidade, e a dos homens é dominador/chefe de família, trabalho e respeito. Observou-se que essas representações estão implicadas na forma de compreender a violência contra a mulher. A representação da violência cometida pelo homem contra a mulher é vista pelas mulheres como intenção de dominar e, pelos homens, como justificção para manter a dominação na relação conjugal. Para a autora, a representação social do



homem, construída pelas mulheres, reafirma o lugar de dominação que este ocupa na estrutura das famílias brasileiras, e a prática da violência conjugal traduz a relação de força entre os gêneros.

Trindade e Enumo (2001) investigaram as representações sociais de infertilidade feminina em mulheres de diferentes estratos sociais. Palavras como incompleta, frustração, pessoa inferior, fizeram parte dos elementos do campo representacional de infertilidade feminina para as participantes da pesquisa. De forma geral, verificou-se que a representação social de infértil implica a depreciação e estigmatização da mulher. Ser infértil é um problema para a maioria das mulheres. As autoras concluem que a representação social de infertilidade está em sintonia com as representações de maternidade e paternidade e que é preciso conhecer como as mulheres compreendem as diferenças de gênero para entender essas representações.

Considerando a especificidade desta pesquisa, nosso interesse em conhecer as representações sociais de gênero para diferentes gerações e as práticas educativas relacionadas no contexto familiar, é interessante verificar os estudos de Duveen, que tem pesquisado o processo de construção das representações sociais a partir do desenvolvimento da identidade de gênero nas crianças. Na opinião de Duveen (1994), para compreender a representação social de um objeto social é necessário entender os processos envolvidos na sua produção e transformação. Nessa busca, o estudo das representações aproximaria a Psicologia do Desenvolvimento e a Psicologia Social.

Para Moscovici (1990), a Psicologia Social e a do Desenvolvimento são as duas faces de uma mesma ciência: uma tenta resolver a partir do grupo o enigma que a outra explora a partir do indivíduo, uma se situa a partir do espaço e a outra, a partir do tempo. Ele considera que o conceito de representação envolve uma relação dialética entre o individual e o social, que resolve o paradoxo individual/social, pois embora humanos sejam pessoas particulares, com um mundo privado, eles têm uma existência comum, comunicam-se, compartilham conhecimento, formam grupos e inventam instituições. Dessa forma, na busca de compreender o desenvolvimento da representação social, considera-se que não faz sentido opor representação

mental e representação social, uma vez que as representações se formam a partir das interações do indivíduo com o meio social (LAUWE e FEUERHAHN, 2001).

De acordo com Duveen (1994):

Representações são sempre construtivas; elas constituem um mundo tal como ele é conhecido e as identidades que elas sustentam garantem ao sujeito um lugar nesse mundo. Assim ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece, ao mesmo tempo, elas o situam nesse mundo (DUVEEN, 1994, p. 267).

Assim, considera-se que a distinção entre a abordagem social e a abordagem de desenvolvimento, que distinguem o estudo do individual e do social, pode ser superada. Dentro dessa perspectiva, a compreensão da produção e da transformação das representações para Duveen e Lloyd (1990) envolve três tipos de transformação, que eles consideram como transformações genéticas das representações. São elas: a sociogênese, que é o processo por meio do qual as representações sociais são organizadas, comunicadas e reconstruídas por diferentes grupos sociais; a ontogênese, que é o modo pelo qual a representação social se torna psicologicamente ativa para o indivíduo, ou seja, o processo através do qual o indivíduo reconstrói representações sociais, elaborando identidades sociais particulares; a microgênese, que acontece na interação social. As representações sociais estão presentes em toda interação social, as identidades sociais são construídas no curso das interações, assim a microgênese, é o processo de elaboração e negociação das identidades sociais particulares com as representações sociais em que elas estão baseadas. Segundo Duveen e Lloyd, a microgênese está presente nos dois processos anteriores.

A relação entre esses três processos pode ser exemplificada considerando-se o desenvolvimento da construção para a criança de uma representação social presente na sua comunidade, como, por exemplo, a representação de gênero. Para esse desenvolvimento, a criança precisa receber alguma comunicação, interagindo seja com outras crianças, seja com adultos, seja através da mídia. O processo microgenético leva a transformação ontogenética na representação que a criança tem do mundo. A representação social de sua comunidade não é influenciada em um primeiro momento por

esse processo microgenético, mas se fosse, teríamos também uma sociogênese (DUVEEN e LLOYD, 1990).

Esses autores tem considerado que as questões de gênero são um campo interessante para o estudo do desenvolvimento e da transformação das representações. Seus estudos têm buscado compreender o desenvolvimento da representação de gênero através da ontogênese:

A força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino, desenvolvendo identidades sociais específicas. [...] Representações de gênero fornecem uma referência importante através da qual a criança adquire uma identidade que lhe permite situar-se no mundo social (DUVEEN, 1994, p. 266).

Assim, verificamos que, a partir da Teoria das Representações Sociais, estudos têm buscado maior compreensão da construção e transformação dos papéis e características atribuídos socialmente aos homens e às mulheres. Consideramos, portanto, que essa teoria pode contribuir para a análise de como as representações de gênero na família norteiam as práticas de socialização e como acontecem transformações e continuidades nas representações de gênero dos filhos.

### III. MÉTODO

Esta pesquisa foi delineada no âmbito de uma perspectiva qualitativa. Embora não tenhamos utilizado o método etnográfico na nossa pesquisa, a forma como Sarti (2003, p.13) descreve o contexto de pesquisa deste método reflete também o que pensamos a respeito da pesquisa qualitativa de forma geral e particularmente, a forma como buscamos “olhar” o nosso contexto de estudo. É preciso pensar a pesquisa como uma relação entre o pesquisador e o pesquisado:

“[...] o ‘contexto’ no qual se busca situar o fenômeno estudado é o mundo de significação do sujeito pesquisado, o ponto de vista do ‘nativo’. Isso implica não tomar como referência apenas o mundo de significação do pesquisador, no sentido de traduzir o fenômeno em seus termos, mas tentar entender que há outro mundo de significação a ser desvendado, com uma lógica própria, ainda que sem garantias absolutas de acesso a esse mundo, porque nunca deixamos inteiramente de ser etnocêntricos” (SARTI, 2003, p.13).

Sarti acrescenta que considerar essa perspectiva é particularmente importante quando se estudam as populações pobres, que normalmente são analisadas pelo discurso sociológico considerando principalmente aquilo que lhes falta. Tal visão é partilhada por Fonseca (2000), que afirma que muitas vezes o estudo dos pobres tem partido de um pressuposto no qual as diferenças entre eles e as classes privilegiadas é compreendida como degeneração e patologia da organização social. Com referência em Geertz<sup>1</sup>, a autora esclarece:

“Procurar compreender certas dinâmicas não significa louvá-las, nem advogar sua preservação. Significa, antes, olhar de forma realista para as diferenças culturais que existem no seio da sociedade de classe - sejam elas de classe, gênero, etnia ou geração; significa explorar o terreno que separa um indivíduo do outro na esperança de criar vias mais eficazes de comunicação” (FONSECA, 2000, p.14).

O trabalho de campo foi realizado em um bairro de classe popular do município de Vitória, Espírito Santo, que será apresentado a seguir.

---

<sup>1</sup> GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. Horizontes Antropológicos, v.10, p.13-34, 1999.

### 3.1 Apresentação do bairro Jesus de Nazareth

De acordo com levantamento da Prefeitura de Vitória (1999; 2001), o processo de ocupação de áreas de encostas e baixadas da cidade de Vitória iniciou-se na década de 1920. A partir da década de 1950, com a aceleração do processo de industrialização no Espírito Santo e a crise do café instalada pela política de erradicação dos cafezais do Governo Federal, houve um crescimento da população de Vitória em função do esvaziamento da zona rural e de fluxos migratórios de outros estados. Esse fato contribuiu para o aumento da ocupação dessas regiões, que ao final da década de 1980 estavam consolidadas com crescimento desordenado de moradias nos morros, inclusive em áreas de interesse ambiental e de risco geológico.

A cidade passou a reunir um cinturão de pobreza concentrado nas encostas dos morros, nas baixadas e mangues, contrastando com os bairros nobres da cidade, fazendo com que a distribuição espacial da população refletisse a condição social dos seus habitantes.

O bairro de Jesus de Nazareth surge nesse contexto, tendo sua primeira moradia construída em 1954, por um pescador. As primeiras famílias que chegaram ao bairro residiam em bairros próximos, em casas alugadas. A ocupação do morro supria a necessidade de moradia e também de alimentação pela abundância da pesca que garantia a sobrevivência. As primeiras construções foram feitas de madeira, na baixada do morro e na orla da praia conhecida como “Prainha”.

A maioria da população do bairro é constituída de pessoas do Espírito Santo, seguindo-se de migrantes da Bahia e de Minas Gerais. A ocupação do bairro intensificou-se na década de 1970. Nessa época, houve uma tentativa do município de expulsar as famílias do local, com a derrubada e queima de barracos, o que resultou na união dos moradores na luta pelo direito à permanência na área.

Segundo dados de 2001 da Prefeitura de Vitória, o bairro de Jesus de Nazareth ocupa uma área total de 274.430 m<sup>2</sup>, e contava nessa época com 3.392 habitantes, distribuídos em 962 domicílios de até quatro cômodos (65,4% das edificações), a maior parte (73,6%) ocupadas pelos próprios proprietários. O número de domicílios atualmente é maior: de acordo com informações da

Unidade de Saúde da região, o bairro contava, em fevereiro de 2006, com 1.017 residências.

Nas partes mais baixas do morro, situam-se as casas com melhor infra-estrutura e acesso; nas partes mais altas, as vias de acesso e a infra-estrutura se tornam mais precárias e é onde se encontra a maioria das casas de madeira e em situação de desabamento ou deslizamento.

As unidades familiares, na sua maioria, são pouco numerosas: em 2001, 74,8% tinham até quatro membros, e 11,1% tinham seis membros ou mais. Em 54 domicílios habitava mais de uma família. A renda média das famílias do bairro era de 2,6 salários mínimos.

Em 2001, o bairro caracterizava-se por um grande número de jovens, 48,6% dos moradores com até 21 anos de idade, e o nível de escolaridade da população era baixo (PMV, 2001). Em março de 2001, 53,5% dos habitantes a partir dos sete anos, tinham o primeiro grau incompleto. Apenas 11,5% tinham concluído o segundo grau e 2,2% tinham tido acesso ao terceiro grau. O nível escolar dos chefes de família também era baixo: 33,8% só fizeram até o quarto ano do primeiro grau, 6,8% eram analfabetos e 10,4 % concluíram o ensino médio. Esse quadro tem reflexo direto nas oportunidades profissionais e na renda da população, uma vez que a pouca qualificação dificulta a inserção no mercado de trabalho.

Em 2001, em 31,7 % das unidades familiares as mulheres eram consideradas as chefes de família, e 75,1% dessas mulheres mantinham e dirigiam a casa sem a ajuda de um companheiro.

Em termos de infra-estrutura de suporte para as famílias, o bairro conta atualmente com um Centro de Educação Infantil, uma Escola Municipal e uma Unidade de Saúde da Família.

Há poucos pontos comerciais no bairro, na maioria bares e pequenas mercearias. Um dos grandes alvos de reclamação dos moradores até hoje é a falta de área de lazer. Em geral, os locais de encontro são os bares, as igrejas e a rua.

Uma das preocupações das famílias do bairro Jesus de Nazareth refere-se à violência, devido ao tráfico de drogas já instalado no morro. Embora

o bairro não seja considerado um dos mais perigosos pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, é constante a preocupação das famílias com o envolvimento dos filhos com o uso e o tráfico de drogas. De março de 2004 a março de 2005, período de duração da coleta de dados, pelo menos quatro pessoas foram assassinadas no bairro, duas delas adolescentes envolvidos com o tráfico. Uma das mães, residente na parte mais baixa, chegou a perguntar se não tínhamos medo de andar pelo morro e se já tínhamos escutado comentários de outras pessoas de que o bairro era perigoso.

Outra preocupação das famílias é com a gravidez na adolescência. Um levantamento feito nos cadastros da Unidade de Saúde mostra que, do total de gestantes cadastradas no bairro no primeiro semestre de 2004, havia em média sete gestantes por mês com menos de 20 anos. Durante a coleta de dados da pesquisa, entre a primeira e a segunda etapa de coleta, uma das adolescentes entrevistadas ficou grávida e teve uma menina e outra já era mãe de um bebê de alguns meses. Verificando a idade das mães na época da entrevista e a idade do primeiro filho, pudemos constatar que 41,5% das mães entrevistadas tiveram seu primeiro filho com idade que variou entre 14 e 19 anos.

### 3.2 Participantes e Instrumentos

Participaram desta pesquisa 44 famílias. Um total de 118 pessoas foram entrevistadas, entre elas

- 44 adolescentes: 19 meninos e 25 meninas.
- 44 mulheres que fazem o papel de mãe para os adolescentes: 42 mães biológicas e 2 avós.
- 30 homens que fazem o papel de pai para os adolescentes: 23 pais biológicos, 4 padrastos, 2 avós e 1 irmão mais velho.

Durante a apresentação da pesquisa, optamos por utilizar a denominação **mãe** e **pai** para todos os participantes que representaram esses papéis para os adolescentes, independentemente do vínculo biológico.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira etapa foi feita através de entrevista com roteiro semi-estruturado, com a finalidade de caracterizar os participantes, conhecer a representação de gênero dos participantes, a dinâmica familiar e as práticas educativas. Foram entrevistados adolescentes, e uma figura masculina e uma figura feminina de referência para eles. O instrumento foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e de outros instrumentos já utilizados<sup>2</sup>. O roteiro foi composto por questões abertas e questões fechadas (APÊNDICES 1 e 2) que permitissem levantar informações sobre dados pessoais, sobre a configuração familiar, a divisão de tarefas, aspectos do relacionamento familiar, papéis atribuídos aos homens e às mulheres da família, diferenças nas práticas educativas para meninos e meninas, além de duas questões de evocação para o que caracteriza ser homem e ser mulher.

O instrumento foi modificado em algumas questões de forma que fosse adequado para ser aplicado aos adolescentes e aos seus familiares.

Além do roteiro de entrevista, foi utilizado um caderno no qual foram anotados outros dados relatados pelos participantes bem como as impressões da pesquisadora sobre as visitas. Algumas dessas anotações serão utilizadas para complementar informação sobre o bairro e sobre o contato com as famílias.

O objetivo da segunda etapa de coleta de dados foi aprofundar o estudo das relações e práticas familiares e compreender a mediação afetiva na construção das representações de gênero. Para participar desta etapa foram selecionadas três famílias entrevistadas na primeira etapa. Os critérios de seleção para participação foram a presença de um adolescente do sexo feminino e de um adolescente do sexo masculino e a facilidade de acesso e comunicação com a família, que tivemos a partir da experiência nas entrevistas anteriores. Foram feitas entrevistas individuais com quatro membros de duas famílias, pai, mãe, filho e filha, e com três membros de uma das famílias, mãe, filho e filha. Nesta última, não foi possível entrevistar o pai porque na época ele se encontrava trabalhando em outro município.

---

<sup>2</sup> Alguns itens do roteiro de entrevista tiveram como base os protocolos que constam no texto *Familia Y Adolescencia: Indicadores De Salud; Manual De Aplicación De Instrumentos* da Organización Panamericana De La Salud e Organización Mundial De La Salud, 1996



Foram utilizados quatro roteiros de entrevistas, com diferenças em função do gênero e da faixa etária dos participantes (APÊNDICES 3 a 6). Os roteiros foram elaborados com base nas informações das primeiras entrevistas, de forma que pudéssemos complementar dados dos participantes e obter mais informações sobre a história da família, as relações e práticas familiares e as representações e expectativas em relação aos papéis de gênero. Nesta etapa, as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes.

### **3.3 Procedimento de coleta e análise de dados**

#### **3.3.1 O primeiro contato com o bairro**

O primeiro contato com o bairro Jesus de Nazareth foi feito através das assistentes sociais do Projeto Terra, em novembro de 2003. Esse projeto foi instituído em 1997, pela prefeitura de Vitória, tendo como proposta unir obras urbanísticas com desenvolvimento social de áreas da cidade ocupadas por populações de baixa renda. Com o auxílio das assistentes sociais, que já conheciam os bairros populares da cidade, sua infra-estrutura e os moradores, fomos apresentados à Unidade de Saúde de Jesus de Nazareth (USJN) como local de apoio para a entrada no bairro. Fizemos contato com a coordenadora da Unidade e apresentamos os objetivos da pesquisa. Obtida a colaboração da Unidade de Saúde, solicitamos a autorização da Secretaria Municipal de Saúde para darmos entrada no bairro com o suporte da equipe da USJN.

#### **3.3.2 O trabalho de campo**

A USJN funciona com base no Programa de Saúde da Família (PSF). Este programa foi criado em 1994 pelo Ministério da Saúde, com o objetivo geral de contribuir para a reorientação do modelo assistencial de

atenção básica à saúde. Um dos aspectos do PSF é a incorporação e a ampliação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde, criado em junho de 1991 pelo Ministério da Saúde, no qual o agente comunitário participa como um mediador entre as necessidades da comunidade e a equipe de saúde, no sentido de promover melhor atendimento e melhores condições de vida para a população. O bairro de Jesus de Nazareth é dividido em sete microáreas, cada uma delas com um agente comunitário, morador do bairro, responsável pelo elo entre os moradores e a unidade de saúde.

Dessa forma, o trabalho de campo da primeira etapa da coleta de dados teve início com o contato com as sete agentes comunitárias do bairro, em março de 2004. Foi-lhes explicado que estaríamos fazendo uma pesquisa com as famílias da comunidade que tivessem filhos adolescentes.

O principal critério de seleção das famílias a serem entrevistadas foi a presença de uma figura masculina e de uma figura feminina que fossem referência para o adolescente e que morassem na mesma casa. A proposta inicial era de que os adolescentes estivessem na faixa etária dentre 14 e 19 anos. Por sugestão das agentes comunitárias, em função da realidade do bairro essa idade foi diminuída para a faixa de 12 a 17. Cada agente separou um número de famílias que poderia ser entrevistado e fizemos um cadastro com o nome da agente, a área de moradia da família e o nome de cada membro que seria convidado a participar da pesquisa. Ao longo das visitas, assinalávamos nesse cadastro a data da entrevista ou da próxima visita a ser feita e um ponto de referência, caso precisássemos voltar ao local sem a companhia da agente. Todas as agentes comunitárias acompanharam a pesquisadora nas primeiras visitas às famílias do bairro. Dessa forma, entrevistamos famílias de todas as áreas do morro, desde as da parte baixa até as da parte mais alta.

Inicialmente, percebemos que as agentes se preocuparam em selecionar famílias que tinham adolescentes considerados por elas como em situação de risco; geralmente porque o adolescente ficava muito na rua, ou porque parecia ser usuário de drogas, ou, se fosse menina, porque estava grávida ou em risco de iniciar sua vida sexual por estar sendo vista com meninos. Ao longo do trabalho, excluimos algumas dessas famílias, por falta

de condições dos participantes em responder às perguntas, ou pelas próprias agentes por perceberem que essas famílias nem sempre se enquadravam nos critérios. Durante as caminhadas no bairro para visitar as famílias selecionadas, outras, que se enquadravam nesse critério, foram sendo incluídas, principalmente pela facilidade de encontrar os moradores em casa. As pessoas eram convidadas a participar da pesquisa, e liam o termo de compromisso e, se concordassem e fosse possível, as entrevistas eram iniciadas logo na primeira visita. Outras vezes, marcávamos dia e hora para voltar. Na maior parte dos casos, foram feitas de duas a três visitas. Em geral, as pessoas foram bastante receptivas. Em algumas famílias, foram necessários vários meses para que os membros da família fossem entrevistados, pois nem sempre as pessoas se encontravam em casa no dia combinado, o que acontecia principalmente com o pai. Outro fator que provocou a demora em terminar as entrevistas foi o fato de alguns pais serem pescadores e ficarem até um mês no mar, só podendo ser entrevistados no seu período em casa.

Em função da dificuldade de encontrar os pais em casa, chegamos a realizar algumas entrevistas em um sábado, no qual haveria vacinação na unidade de saúde e podíamos contar com o apoio dos funcionários do local caso tivéssemos algum problema. Mesmo assim, em 14 famílias incluídas na pesquisa, não foi possível entrevistar o pai.

As entrevistas foram feitas individualmente, no espaço da residência escolhido pelo participante. Foi-lhe explicado que seria importante que a entrevista fosse realizada em um local onde ele se sentisse à vontade para falar sobre sua família. Algumas vezes, foi difícil ter privacidade, devido ao tamanho pequeno das residências. A entrevista acontecia em um dos cômodos da casa, outras vezes no quintal e, algumas poucas vezes, enquanto a pessoa realizava outra atividade, como cozinhar ou lavar a roupa. Em geral tinha duração média de 30 minutos.

Quando o participante não compreendia uma questão, procurávamos refazê-la de outra maneira. Após o término das entrevistas, outras informações dadas pelo participante, que não constavam do roteiro eram, registradas em um caderno, no qual anotávamos a data do encontro e as impressões que

considerássemos relevantes a respeito da família e da visita. Essa etapa de coleta terminou em novembro de 2004.

Ao final das entrevistas da primeira etapa de coleta, questionávamos a família sobre a possibilidade de voltarmos a conversar em um outro momento, e em todas as famílias as pessoas mostraram-se abertas a uma outra visita. Dessa forma não tivemos dificuldades em selecionar três famílias para a segunda etapa de coleta de dados.

A segunda etapa da pesquisa aconteceu entre fevereiro e março de 2005. Foram feitas de duas a três visitas a cada família para concluir as entrevistas. Assim como nas primeiras, as entrevistas foram individuais. Foi solicitado aos participantes que ficássemos em um local onde eles se sentissem livres para falar sobre sua família. Com a autorização do entrevistado, gravamos as entrevistas, que tiveram duração de 20 a 50 minutos. Novamente, foi difícil ter total privacidade, devido ao tamanho das residências. Em uma das famílias a casa era de madeira e praticamente não havia isolamento acústico de tal modo que o ruído do lado de fora dificultou a transcrição das entrevistas.

### **3.3.3 Tratamento e análise dos dados da primeira etapa**

Os dados obtidos por meio das entrevistas da primeira fase de coleta foram organizados de duas formas.

As questões abertas do roteiro de entrevista foram organizadas em conjunto por tipo de participante. As respostas das mães, dos pais e dos adolescentes de ambos os sexos foram agrupadas e analisadas de acordo com o método de análise do conteúdo. Após terem sido agrupadas, as respostas foram reorganizadas por temas que sintetizassem o sentido prevalente de cada uma delas.

Segundo Minayo (1993), na análise de conteúdo, a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação.

A presença de certos temas indica valores de referência e modelos de comportamento presentes no discurso.

Depois de todas as questões terem sido categorizadas uma primeira vez pela pesquisadora, cada uma delas foi analisada novamente em discussões em grupos, com participação de pelo menos quatro pessoas, incluindo a professora orientadora da pesquisa. Dessa forma, novos temas foram sugeridos, e as respostas foram reorganizadas a partir do consenso das discussões em grupo<sup>3</sup>.

As questões **na sua opinião ser mulher é ... e na sua opinião ser homem é...** deveriam ser questões de evocação, no entanto, a maioria dos participantes teve dificuldade para compreendê-las. Assim foi necessário que a pesquisadora perguntasse de outras formas, como, por exemplo: Você acha que tem coisas que diferenciam o homem da mulher? O que são coisas de homem e coisas de mulher? Que coisas fazem parte da vida da mulher e do homem? Pense nos homens e mulheres que você conhece e diga que coisas você acha que são próprias da mulher e próprias do homem. Portanto, os resultados das duas questões foram organizados da mesma forma descrita acima e serão apresentados junto com os resultados das questões abertas .

As questões fechadas do roteiro de entrevista foram organizadas e tratadas quantitativamente pelo programa SPSS versão 8, com o objetivo de levantar uma caracterização descritiva das famílias e dos grupos de participantes: adolescentes, pais e mães. A maior parte dos resultados foi analisada para cada grupo de participantes, de forma que pudéssemos realizar uma análise comparativa.

### 3.3.4 Tratamento e análise dos dados da segunda etapa

As entrevistas com as três famílias da segunda etapa de coleta de dados, foram organizadas segundo os procedimentos descritos por Trindade

---

<sup>3</sup> Participaram das discussões os alunos da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social: Gênero, Cultura e Saúde, coordenada pela professora Zeidi Araújo Trindade, que conta com a participação dos alunos de graduação em Psicologia e de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

(1991), com base na contribuição de Bullington e Karlsson (1984) para o uso do método fenomenológico na pesquisa psicológica.

Para a fenomenologia e para a Teoria das Representações Sociais, o fenômeno a ser conhecido é o objeto da experiência na consciência. De acordo com Gomes (1997, p.31):

“A experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. A mensagem que expressa traz a peculiaridade de um mundo vivido. O interesse das nossas investigações é captar esta mensagem, este mundo vivido”.

Para a Teoria das Representações Sociais o “mundo vivido” pretende ser captado através da compreensão da representação social de um objeto que é uma representação compartilhada por um grupo social.

Entre os objetivos a serem atingidos por uma pesquisa está o aumento da generalidade do conhecimento, ou seja, conhecer melhor um determinado objeto. De acordo com Luna (1999), a evolução do pensamento epistemológico levou ao reconhecimento do poder relativo da metodologia, assim a busca da verdade foi substituída pela busca de maior compreensão dos fenômenos e do aumento do poder explicativo das teorias. Nesta perspectiva, o papel do pesquisador é o de intérprete da realidade pesquisada. O método fenomenológico, utilizado na organização dos dados, permite ao pesquisador assumir esse papel de intérprete, uma vez que a entrevista atua como um convite à comunicação, e o processo de organização e descrição das entrevistas quando somado “[...] às impressões do encontro com o entrevistado, formam um objeto de experiência para a consciência do pesquisador (conjunção sujeito/objeto)” (GOMES, 1997, p. 321).

Essa organização dos dados pressupõe quatro fases de análise e reestruturação das entrevistas:

Fase 1 – Transcrição integral das entrevistas. Leitura de todas as entrevistas e determinação de unidades de significado a partir dos objetivos da pesquisa.

Fase 2 – Organização do conteúdo das entrevistas com base nas unidades de significado, respeitando-se a transcrição literal. Uma fala pode estar inserida em mais de uma unidade.

Fase 3 – Transformação do conteúdo das unidades de significado organizadas a partir da fala do sujeito em uma linguagem parcialmente padronizada. A fala do sujeito transforma-se em uma narrativa, respeitando-se os significados dados por ele.

Fase 4 – Transformação das unidades de significado em uma estrutura, articulando-se os constituintes de significado específicos.

Nesta pesquisa, até a fase três as entrevistas foram trabalhadas individualmente; e na fase quatro, as entrevistas de todos os participantes de uma mesma família foram agrupadas de acordo com as unidades de significado. Os membros da família estão identificados por nomes fictícios. O nome das mães começa com a letra M, o nome dos pais, com a letra P, o nome dos filhos e das filhas, com a letra F. Para que os membros de cada família fossem identificados na discussão dos dados, as três famílias ainda foram identificadas com as letras A, B e C. Após descrição do contato inicial com os participantes, foi feita uma estrutura única para cada família, ou seja, as entrevistas dos participantes foram reconstruídas e organizadas em uma única narrativa sobre a família a partir das unidades de significado:

- **Relacionamento na família:** 1) O casamento e o nascimento dos filhos; 2) Relação entre pais e filhos
- **Representações de gênero:** 1) Diferenças de gênero na família; 2) Ser mulher; 3) Ser homem; 4) Ser mãe; 5) Ser pai
- **Expectativas em relação ao futuro.**

## IV. RESULTADOS

### 4.1 Apresentação dos resultados relativos ao tratamento quantitativo dos dados

#### 4.1.1 Características dos participantes e de suas famílias

Participaram desta etapa da pesquisa 44 famílias. Foram entrevistadas um total de 118 pessoas, entre elas:

- 44 adolescentes: 19 meninos e 25 meninas;
- 44 mulheres que fazem o papel de mãe para os adolescentes: 42 mães biológicas e duas avós.
- 30 homens que fazem o papel de pai para os adolescentes: 23 pais biológicos, quatro padrastos, dois avôs e um irmão mais velho.

A partir desta seção, todos os adultos serão designados por pai e mãe.

**TABELA 1 - Características dos participantes**

		PAIS (N=30)		MÃES (N=44)		FILHO(A)S (N=44)	
		fr.	%	fr.	%	fr.	%
<b>Escolaridade</b>	EF incompleto	17	<b>56,7</b>	29	<b>65,9</b>	31	<b>60,4</b>
	EF completo	5	16,7	3	6,8	13	29,5
	EM incompleto	1	3,3	3	6,8		
	EM completo	4	13,3	7	15,9		
	Ens superior	1	3,3	0	2,3		
	Sem escolaridade	2	6,6	02	4,5		
<b>Religião</b>	Católica	15	<b>50,0</b>	23	<b>52,3</b>	16	<b>36,4</b>
	Evangélica	4	3,3	12	27,3	14	31,8
	Sem religião	11	36,7	8	18,2	11	25,0
	Não respondeu	0		1	2,3	03	6,8
<b>Trabalha</b>	Sim	27	<b>90,0</b>	28	<b>63,6</b>	1	2,3
	Não	1	3,3	16	<b>36,4</b>	43	<b>97,7</b>
	Aposentado	2	6,7				
<b>Idade</b>	<b>Média</b>	44,9		40,3		13,9	
	<b>Desvio padrão</b>	10,2		8,6		1,3	
	<b>Min</b>	20		27		12	
	<b>Max</b>	64		63		16	

EF=Ensino Fundamental / EM= Ensino Médio



### **Idade**

Os adolescentes tinham entre 12 e 16 anos, sendo a média da idade 13,95. Os participantes do sexo masculino tinham média de idade um pouco maior que a das meninas, respectivamente 14,26 e 13,72.

A idade das mães variava entre 27 e 63 anos, com média de 40,3.

Os pais tinham idade variando entre 30 e 64 anos, com média igual a 44,93, com exceção do participante que era o irmão mais velho, que tinha 20 anos.

### **Escolaridade**

A maioria dos adolescentes, 31 (60,4%), estava cursando o ensino fundamental, e 13 (29,5%) o ensino médio.

Entre as mães, 29 (65,9%) tinham o ensino fundamental incompleto, sendo que dessas, nove (20,5%) tinham até quatro anos de escolaridade. Três (6,8%) mães tinham o ensino fundamental completo, três (6,8%), o ensino médio incompleto e sete (15,9%), o ensino médio completo. Duas mães não freqüentaram a escola.

Entre os pais, 17 (56,7%) possuíam o ensino fundamental incompleto, sendo que desses 11 (36,7%) tinham até quatro anos de escolaridade. Cinco (16,7%) tinham o ensino fundamental completo. Um dos homens (3,3%) tinha o ensino médio incompleto, quatro (13,3%), o ensino médio completo, dois não freqüentaram a escola, e um tinha formação superior.

### **Religião**

A maioria dos participantes era católica (50% dos pais, 52,3% das mães e 36,4% dos adolescentes). Entre os participantes evangélicos predominaram os adolescentes (31,8%), e entre os que não tinham religião a maior parte era pais (36,7%).

### **Trabalho**

Entre os adolescentes, apenas uma das meninas trabalhava, os outros 43 (97,7%) não trabalhavam.

Entre os pais, apenas um não exercia trabalho remunerado, era o irmão mais velho e, na época da entrevista, estava fazendo curso pré-vestibular na Universidade Federal. Dois eram aposentados (6,7%) e os outros 27 (90%) estavam na ativa.

Entre as mães, 28 (63,6%) trabalhavam fora de casa e 16 (36,4%) não trabalhavam fora. Entre estas, dez são donas de casa, cinco disseram que já haviam trabalhado, mas no momento da entrevista estavam desempregadas, e uma ganhava pensão. O quadro a seguir mostra o tipo de ocupação que tinham os pais e mães.

**QUADRO 1 – Tipo de trabalho exercido pelos pais e mães.**

<b>Pais</b>	<b>Fr</b>	<b>%</b>	<b>Mães</b>	<b>Fr</b>	<b>%</b>
Pescador	4	13,3	Doméstica /faxineira	11	25,0
Comerciante	3	10,0	Do lar	10	22,7
Aposentado	2	6,7	Desempregada	5	11,4
Carpinteiro	3	10,0	Comerciante	3	6,8
Porteiro	2	6,7	Costureira	3	6,8
Segurança	2	6,6	Cozinheira	2	4,5
Balconista	1	3,3	Lavadeira	2	4,5
Carregador	1	3,3	Vendedora	2	4,5
Churrasqueiro	1	3,3	Cuidador de idoso	1	2,3
Cozinheiro	1	3,3	Manicure	1	2,3
Estudante	1	3,3	Porteira	1	2,3
Funcionário público	1	3,3	Professora de piano	1	2,3
Garí	1	3,3	Técnica de enfermagem	1	2,3
Tec. Informática	1	3,3	Pensionista	1	2,3
Marinheiro mercante	1	3,3	-	-	-
Mecânico	1	3,3	-	-	-
Mergulhador	1	3,3	-	-	-
Operador de caixa	1	3,3	-	-	-
Pedreiro	1	3,3	-	-	-
Projetista	1	3,3	-	-	-

**TABELA 2 - Características das famílias**

		Número de famílias (N=44)	
		fr.	%
<b>Tempo de união do casal</b>	1 a 10 anos	7	15,9
	11 a 20 anos	<b>21</b>	<b>47,7</b>
	21 a 30 anos	7	15,9
	Mais de 30 anos	5	11,4
	Sem companheiro	2	4,5
	Sem resposta	2	4,5
<b>Faz papel de mãe</b>	Mãe biológica	<b>42</b>	<b>95,5</b>
	Avó	2	4,5
<b>Faz papel de pai</b>	Pai biológico	<b>33</b>	<b>75,0</b>
	Padrasto	7	6,8
	Avô	3	15,9
	Irmão mais velho	1	2,3
<b>Configuração</b>	Mãe, pai, filhos	<b>26</b>	<b>59,1</b>
	Mãe, padrasto, filhos	6	13,6
	Mãe, pai, filhos, outros familiares	8	18,2
	Mãe, padrasto, filhos, outros familiares	1	2,3
	Mãe e filhos		
	Mãe, filhos e outros familiares	1	2,3
	Filhos e outros familiares	1	2,3
<b>Quem ajuda na educação</b>	Mãe	5	11,4
	Mãe e pai (ou padrasto)	<b>21</b>	<b>47,4</b>
	Mãe, pai e outros familiares	14	31,8
	Mãe, pai e filhos mais velhos	1	2,3
	Mãe, pai e vizinhos	2	4,5
	Mãe e outros familiares	1	2,3
<b>Quantas pessoas moram na casa?</b>	<b>Mínimo</b>	3	
	<b>Máximo</b>	8	
	<b>Média</b>	<b>5,2</b>	
	<b>Desvio padrão</b>	1,3	
<b>Renda aproximada da família (em salário mínimo)*</b>	<b>Mínimo</b>	1	
	<b>Máximo</b>	5	
	<b>Média</b>	<b>2,7</b>	
	<b>Desvio padrão</b>	1,2	

\* No início do período da coleta de dados o valor do salário mínimo era de R\$ 240,00.

Uma situação comum em algumas famílias visitadas foi a diversidade de respostas dos entrevistados para a questão “Quantas pessoas moram com sua família incluindo você?” e “Quem vive com sua família?”. É comum que as famílias construam mais alguns cômodos junto à casa quando um dos filhos, principalmente a filha, se casa. Muitas vezes, nessa situação, alguns espaços da primeira parte da moradia passam a ser de uso comum, como a cozinha e o quintal. Nesse caso, às vezes alguns participantes contabilizavam as pessoas que moravam na parte mais nova da casa, enquanto outros não.

A definição e os limites do espaço físico e relacional (SARACENO e NALDINI, 2003) nessas famílias, variava na percepção de seus membros e na da própria pesquisadora. Embora as mães às vezes não considerassem a filha e o genro como moradores da mesma casa, na distribuição das atividades da família era comum essa filha ter uma função. Em outra situação, mãe e filhos residiam no segundo andar da casa onde moravam com outros familiares, incluindo o avô, que era a figura masculina de referência para o adolescente. Enquanto a mãe contabilizou ela própria e os dois filhos, o adolescente incluiu também os demais membros residentes na casa.

Na maioria das questões sobre as características das famílias, levamos em conta principalmente as respostas dadas pelas mães, por serem, em geral, o membro da família que mais fica em casa, por serem consideradas as principais responsáveis pela casa, pela organização da família e pelos cuidados com os filhos, e por terem sido entrevistadas nas 44 famílias visitadas.

Nas residências dos entrevistados moravam entre três a oito pessoas. As famílias eram compostas em média de 5 membros e viviam com renda média de 2,7 salários mínimos. A maior parte das famílias (59,1%) era composta de pai, mãe e filhos, enquadrando-se no perfil que denominamos família nuclear. Em seguida (18,2%), as famílias compostas por pai, mãe, filhos e outros familiares (como avós, tios, netos), ou seja, as que denominamos famílias extensas. Finalmente (13,6%) aquelas compostas por mãe, padrasto e filhos, que denominamos famílias reconstituídas.

Na maioria das 44 famílias, desempenham o papel de pai e mãe dos adolescentes os pais e mães biológicos (respectivamente, 75% e 95,5%).

Entre as 44 famílias, 47,7% dos casais tinham de 11 a 20 anos de união, 27,3% tinham mais de 20 anos de união e 15,9% de 1 a 10 anos de união. Duas mães não tinham companheiro e nas suas famílias um avô e o irmão mais velho desempenham o papel de pai para as crianças.

As duas respostas mais freqüentes para a questão “Quem ajuda na educação dos filhos?” foram as que indicam a mãe e o pai (ou padrasto) (47,4%), e a mãe, o pai e outros familiares (31,8%).

**TABELA 3 - Características do relacionamento na família \***

Na sua família		PAIS (N=30)		MÃES (N=44)		FILHO(A)S (N=44)	
		fr.	%	fr.	%	fr.	%
<b>É diferente a educação de meninos e meninas?</b>	<b>Sim</b>	19	<b>63,3</b>	27	<b>61,4</b>	32	<b>72,7</b>
	<b>Não</b>	11	36,7	17	38,6	12	27,3
<b>Sobre o que acontece na família</b>							
Não temos o hábito de conversar.		6	20,0	7	15,9	8	18,2
Conversamos de vez em quando.		15	<b>50,0</b>	16	36,4	25	<b>56,8</b>
Conversamos sempre.		9	30,0	21	<b>47,7</b>	11	25,0
<b>Na solução dos problemas:</b>							
Cada um resolve os seus.		7	23,3	9	20,4	23	<b>52,3</b>
Resolvemos juntos.		22	<b>73,3</b>	34	<b>77,3</b>	20	45,4
Sem resposta		1	3,3	1	2,3	1	2,3
As opiniões dos filhos contam ?	<b>Sim</b>	15	<b>50,0</b>	21	<b>47,7</b>	22	<b>50,0</b>
	<b>Não</b>	12	40,0	17	38,6	17	38,6
	<b>s/ resposta</b>	3	10,0	6	13,6	5	11,4
<b>No final de semana:</b>							
Ficamos juntos sempre.		17	<b>56,7</b>	22	<b>50,0</b>	15	34,1
Ficamos juntos às vezes.		1	3,3	3	6,8	12	27,3
Cada um faz seus próprios programas.		12	40,0	18	40,9	17	<b>38,6</b>
Sem resposta				1	2,3		
<b>Sobre as tarefas de casa:</b>							
Todos dividimos.		11	<b>36,7</b>	13	29,5	14	<b>31,8</b>
A mãe e o pai dividem.		1	3,3	2	4,5	1	2,3
Apenas a mãe realiza as tarefas.		7	23,3	19	<b>43,2</b>	12	27,3
A mãe e a(s) filha(s) dividem.		10	<b>33,3</b>	9	20,5	15	<b>34,1</b>
A mãe a(s) e o(s) filho(s) dividem.		1	3,3	0	0	1	2,3
O pai realiza as tarefas.		0	0	0	0	1	2,3
Sem resposta				1	2,3		
<b>Sobre o relacionamento na família:</b>							
Temos um ótimo relacionamento.		13	<b>43,3</b>	13	29,5	11	25,0
Não é ruim, mas poderia melhorar.		13	<b>43,3</b>	26	<b>59,1</b>	24	<b>54,5</b>
Existe muito desentendimento e briga.		3	10,0	5	11,4	09	20,5
Sem resposta		1	3,3				
<b>As pessoas expressam carinho e afeto:</b>							
	<b>Sim</b>	25	<b>83,3</b>	37	<b>84,1</b>	38	<b>86,4</b>
	<b>Não</b>	4	13,3	6	13,6	4	9,1
	<b>s/ resposta</b>	1	3,3	1	2,3	2	4,5
<b>Estou satisfeito com a relação:</b>							
com meus filhos.	<b>Sim</b>	25	<b>83,3</b>	38	<b>86,4</b>	-	-
	<b>Não</b>	3	10,0	5	11,3	-	-
	<b>s/ resposta</b>	2	6,6	1	2,3		
com meu (minha) companheiro(a).	<b>Sim</b>	25	<b>83,3</b>	29	<b>66</b>	-	-
	<b>Não</b>	3	10,0	13	29,5	-	-
	<b>s/ resposta</b>	2	6,6	2	4,5		
<b>Nota para o relacionamento na família, de 0 a 10:</b>							
	<b>Média</b>	<b>8,3</b>		<b>8,1</b>		<b>7,8</b>	
	<b>Desv pd</b>	1,9		1,6		2,0	
	<b>Min.</b>	4		4		0	
	<b>Máx.</b>	10		10		10	

Em relação às diferenças na educação de meninos e meninas, a maior parte dos participantes consideram que sim, é diferente.

Sobre os hábitos de conversar da família, para pais e adolescentes as conversas sobre o que ocorre com cada um ou entre eles, acontecem de vez em quando (50% e 56,8% respectivamente). Enquanto o grupo de mães é o que mais responde que na família as pessoas conversam sempre (47,7%).

Em relação à forma como as famílias e seus membros resolvem seus problemas, pouco mais da metade dos adolescentes (52,3%) respondeu que cada um resolve seus próprios problemas. A maior parte dos pais (73,3%) e das mães (77,3%) considerou que os membros da família resolvem juntos seus problemas.

Na busca de solução para os problemas da família, prevalece para os três grupos de participantes que a opinião dos filhos é levada em conta (50% dos pais, 47,7% das mães e 50,0% dos adolescentes). Alguns pais e mães que responderam não a essa questão justificaram dizendo que o casal é quem resolve os problemas familiares.

Na questão sobre como a família passa os finais de semana ou as horas de lazer, as respostas dos pais e das mães ficaram divididas na maior parte entre “ficamos juntos sempre” (56,7% dos pais e 50% das mães) e “cada um faz seus próprios programas” (40% dos pais e 40,9% das mães). Já as respostas dos adolescentes ficaram mais distribuídas; 34,1% dos adolescentes responderam que a família fica junto sempre, 38,6% que cada um faz seus próprios programas, e 27,3%, que a família fica junta nesses dias algumas vezes.

Na divisão dos serviços domésticos, embora a resposta que apontava todos da família como participantes nos serviços domésticos correspondesse a mais ou menos um terço das famílias entrevistadas, é possível perceber que a maior parte das respostas indicava as mulheres (mães e filhas) como as que mais realizavam as tarefas domésticas.

Na opinião dos participantes sobre o relacionamento da família, a maior parte das mães (59,1%) e dos adolescentes (54,5%) respondeu que o relacionamento não é ruim, mas poderia melhorar. O mesmo número de pais respondeu que o relacionamento é ótimo e que não é ruim, mas poderia

melhorar (43,3%). Para a resposta existe muito desentendimento e briga, a porcentagem maior de respondentes ficou com o grupo de adolescentes (20,5%).

Sobre a satisfação com o relacionamento entre pais e filhos, a maior parte dos pais (83,3%) e das mães (86,4%) considerou-se satisfeitas com a relação entre eles e seus filhos. Sobre a satisfação com o relacionamento entre o casal, também a maior parte dos pais (83,3%) e das mães (65,9%) considerou-se satisfeita. Um número maior de mães estava insatisfeita com seus companheiros (29,5%), se o compararmos com o número de pais insatisfeitos (10%).

A nota média dos grupos de participantes para o relacionamento na família, entre zero e dez, é próxima: 8,3 para os pais, 8,1 para as mães e 7,8 para os adolescentes. Entre os grupos de participantes, 80% dos pais, 81,8% das mães e 81,8% dos adolescentes deram notas de 7 a 10 para o relacionamento na família, enquanto 16,7% dos pais, 15,9% das mães e 18,2% dos adolescentes deram nota de 4 a 6.

A seguir, apresentaremos o Quadro 2, que mostra as respostas dos participantes sobre quem faz determinadas atividades na família. As respostas são múltiplas para cada participante. Os gráficos de barra (APÊNDICES 8 e 9) ajudam a visualizar as diferenças entre os membros das famílias que participam de cada atividade segundo os grupos de participantes. Esses dados serão discutidos junto com outros resultados no capítulo de análise e discussão.

**QUADRO 2 – Participação dos membros da família nas atividades domésticas e educativas para os grupos de participantes.**

	Quem faz as atividades	respostas mães (N=44)					respostas pais (N=30)					respostas filhos e filhas (N=44)				
		mãe	pai	filhas	filhos	outros	mãe	pai	filhas	filhos	outros	mãe	pai	filhas	filhos	outros
Atividades domésticas	Trabalhar recebendo pagamento para sustentar a família	63,6	<b>90,9</b>	2,3	18,2	0,0	50,0	<b>96,7</b>	6,7	20,0	3,3	54,5	<b>90,9</b>	2,3	20,5	0,0
	Lavar a louça	<b>65,9</b>	11,4	50,0	25,0	2,3	<b>73,3</b>	36,7	40,0	13,3	3,3	47,7	9,1	<b>52,3</b>	27,3	9,1
	Arrumar as camas	<b>81,8</b>	11,4	40,9	43,2	0,0	<b>73,3</b>	30,0	50,0	36,7	3,3	54,5	13,6	<b>59,1</b>	43,2	2,3
	Fazer a comida	<b>95,5</b>	18,2	18,2	9,1	2,3	<b>96,7</b>	20,0	23,3	6,7	3,3	<b>90,9</b>	15,9	25,0	13,6	2,3
	Pagar as contas	<b>65,9</b>	56,8	6,8	15,9	4,5	50,0	<b>73,3</b>	3,3	3,3	6,7	<b>52,3</b>	45,5	11,4	25,0	6,8
	Varrer e limpar a casa	<b>75,0</b>	11,4	34,1	25,0	4,5	<b>70,0</b>	20,0	50,0	20,0	6,7	<b>56,8</b>	11,4	47,7	29,5	2,3
	Organizar as comemorações da família	<b>70,5</b>	13,6	11,4	4,5	9,1	<b>73,3</b>	36,7	10,0	10,0	6,7	<b>59,1</b>	22,7	13,6	6,8	22,7
	Fazer compras em feira e supermercado	<b>70,5</b>	56,8	11,4	6,8	0,0	56,7	<b>76,7</b>	6,7	3,3	0,0	<b>79,5</b>	56,8	13,6	11,4	4,5
	Consertar coisas em casa	22,7	<b>65,9</b>	0,0	0,0	40,9	20,0	<b>76,7</b>	0,0	3,3	23,3	6,8	<b>70,5</b>	0,0	15,9	36,4
Atividades educativas	Cuidar das crianças pequenas	<b>88,6</b>	18,2	18,2	4,5	20,5	<b>80,0</b>	23,3	16,7	0,0	10,0	<b>77,3</b>	11,4	27,3	6,8	13,6
	Corrigir o comportamento da(s) menina(s)	<b>70,5</b>	22,7	4,5	2,3	2,3	<b>63,3</b>	26,7	3,3	3,3	0,0	<b>61,4</b>	22,7	2,3	6,8	6,8
	Corrigir o comportamento do(s) menino(s)	<b>61,4</b>	36,4	4,5	0,0	4,5	<b>66,7</b>	56,7	3,3	0,0	3,3	<b>59,1</b>	40,9	0,0	4,5	6,8
	Acompanhar as atividades escolares dos filhos	<b>88,6</b>	47,7	6,8	2,3	11,4	<b>86,7</b>	33,3	3,3	0,0	6,7	<b>84,1</b>	29,5	9,1	0,0	4,5
	Levar as crianças na escola	<b>61,4</b>	13,6	13,6	11,4	6,8	<b>56,7</b>	20,0	6,7	0,0	3,3	<b>50,0</b>	18,2	11,4	15,9	13,6
	Castigar os filhos	<b>65,9</b>	31,8	2,3	2,3	0,0	<b>50,0</b>	40,0	0,0	0,0	0,0	<b>63,6</b>	45,5	4,5	0,0	2,3
	Controlar as amizades da(s) menina(s)	<b>63,6</b>	13,6	2,3	2,3	6,8	<b>50,0</b>	40,0	3,3	3,3	0,0	<b>59,1</b>	20,5	0,0	0,0	6,8
	Tomar a iniciativa de conversar sobre os problemas	<b>81,8</b>	27,3	6,8	2,3	4,5	<b>73,3</b>	36,7	3,3	0,0	0,0	<b>70,5</b>	18,2	4,5	2,3	4,5
	Levar o(a)s filho(a)s ao médico	<b>88,6</b>	18,2	2,3	2,3	6,8	<b>90,0</b>	33,3	3,3	0,0	3,3	<b>90,9</b>	20,5	4,5	0,0	6,8
	Controlar as amizades do(s) menino(s)	<b>63,6</b>	29,5	0,0	0,0	2,3	56,7	<b>70,0</b>	3,3	3,3	0,0	<b>56,8</b>	45,5	0,0	0,0	2,3



## **4.2 Apresentação dos resultados das questões abertas da primeira fase de coleta de dados**

Apresentaremos a seguir os resultados das análises das questões abertas do roteiro da primeira entrevista feita com as famílias. As questões podem ser divididas em duas temáticas gerais: questões que se referem à representação social de gênero e questões que tratam do relacionamento e do dia-a-dia das famílias. Todas foram respondidas pelos três grupos de participantes, mães (44), pais (30) e adolescentes/filho(a)s (44), e tiveram múltiplas respostas, que foram agrupadas e organizadas em categorias temáticas de acordo com seu conteúdo, ou seja, um mesmo participante pode ter dado várias respostas para cada questão, e cada uma dessas respostas foi separada e reorganizada em uma categoria temática.

As respostas serão inicialmente sintetizadas em quadros, nos quais constarão as categorias temáticas em que foram agrupadas e o número e a porcentagem de participantes que têm respostas em cada categoria. As porcentagens foram obtidas sobre o número total de participantes de cada grupo, respectivamente, mães (44), pais (30) e adolescentes/filho(a)s (44).

As expressões em *itálico* indicam as transcrições literais das respostas dos participantes. Estes foram identificados com um número que representa a que família que pertencem, e com a letra M, quando o participante for uma das mães; com a letra P quando for um dos pais; com Fo para os filhos e Fa para as filhas. Quando as respostas dos adolescentes apresentarem diferenças quantitativas em função do sexo, estas serão indicadas na apresentação dos resultados.

É importante esclarecer que, embora tenhamos feito uma quantificação por categoria temática, para cada grupo de participante, estaremos na apresentação dos resultados enfatizando a análise qualitativa das respostas. Deixaremos para a discussão a articulação entre a análise quantitativa e a análise qualitativa dos dados.

#### 4.2.1 Questões que se referem à representação social de gênero.

Apresentaremos a seguir os resultados das questões que se referem à representação social de ser homem e de ser mulher, às responsabilidades de homens e mulheres na família e às diferenças na educação de meninos e de meninas.

A investigação sobre as responsabilidades da mulher e do homem na família foi feita a partir de questões gerais e específicas. As questões gerais abordaram as responsabilidades da mulher e do homem na família de forma geral, e as questões específicas abordaram as responsabilidades da mulher e do homem na família do participante. Essa denominação, geral e específica será às vezes utilizada para facilitar a apresentação dos dados, uma vez que as respostas para essas questões serão apresentadas e discutidas de forma comparativa, já que a maior parte delas abrange as mesmas categorias temáticas. Dessa forma, poderemos verificar os contrastes entre o que é idealmente esperado dos papéis masculino e feminino na família e como eles são representados tendo como referência as práticas familiares dos participantes.

**TABELA 4 - Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: Na sua opinião ser mulher é...**

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>		<i>Mães</i>		<i>Pais</i>		<i>Filho(a)s</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
Ser mãe	32	72,7	13	43,3	21	47,7		
Relação homem/mulher	25	56,8	19	63,3	14	31,8		
Fazer os serviços de casa	15	34,1	9	30,0	16	36,4		
Valorização da mulher	11	25,0	4	13,3	8	18,2		
Trabalhar / ajudar no sustento	9	20,5	3	10,0	3	6,8		
Ter família / dedicar-se à família	8	18,2	5	16,7	6	13,6		
Características comparativas	7	15,9	8	26,7	28	63,6		
É tudo / faz tudo	7	15,9	-	-	-	-		
Religiosidade	5	11,4	1	3,3	-	-		
Desvantagens	4	9,1	1	3,3	3	6,8		
Igualdade	-	-	6	20,0	2	4,5		
Outras características	2	4,5	-	-	2	4,5		

### **Ser mãe**

Ser mãe é uma das principais características do que é ser mulher, para todos os participantes, e foi a mais citada pelas mães. Para elas, prevaleceram as respostas que dizem respeito a *ser mãe e cuidar dos filhos*. As mães acham que a mulher tem que ter filhos, tem que gerar um filho, ser uma boa mãe, cuidar dos filhos, ser responsável, dar exemplo. Uma delas garantiu que os filhos *são tudo nessa vida, toda preocupação com os filhos é da mulher*. (42M). Os pais deram respostas como dar à luz, educar os filhos, a mãe é mais presente, dedicar-se e zelar pelo filho, preparar o filho para a vida. Os adolescentes responderam que ser mulher é cumprir com o dever dela como mãe, não abandonar o filho, querer ter filho, ensinar o que é certo e errado e ajudá-lo. Para eles é ela quem tem experiência para cuidar e quem conversa mais com o filho.

A resposta de uma das mães parece ser um contraponto para essa categoria. Ela afirmou *Tem mulheres que têm filhos e não deviam ter, não nasceram pra ser mães*. (27M)

### **Relação homem / mulher**

Várias respostas dos três grupos de participantes expressaram o que se espera da mulher na relação do casal. Essa foi a categoria mais citada pelos pais. Para o grupo de mães, encontramos nas respostas dadas dois sentidos para a relação homem mulher: o primeiro prevaleceu para a maioria das participantes (88% de 25 mães) e define a mulher como alguém que precisa ter um companheiro e ser companheira para o homem, o que inclui cuidar e respeitar esse homem.

*É importante ter um companheiro*. (34M)

*A mulher é um ser forte, mais forte que o esposo; além de cuidar dos filhos tem que cuidar do esposo também*. (M38)

*Uma boa companheira, respeita a pessoa com quem vive*. (41M)

O segundo sentido é dado pela respostas de três mães. De acordo com elas a mulher deve ser independente e respeitada pelo homem.

*Lutar pelos direitos dentro de casa. Gosto que meu marido me respeite. (33M).*

*Não depender de marido. (3M)*

*Não ficar atendendo ordem de homem. Não ficar fazendo o que eles querem na hora que eles querem. (4M)*

Os pais indicaram a importância de *ter uma mulher ao lado do homem*, prevalecendo a idéia de que a mulher deve ser honesta com o marido, cuidar dele e ser companheira.

As respostas dos adolescentes podem ser agrupadas em três sentidos. O primeiro prevalece entre os adolescentes (71,4% de 14), e corresponde às respostas de sete meninos e três meninas. Refere-se ao cuidado, companheirismo, submissão e respeito que a mulher deve ao homem.

*Tem que escolher o que vai falar com o marido. (39Fo)*

*Tem que respeitar o homem. (12Fo)*

O segundo sentido é dado pelas respostas de duas meninas que acham que a mulher não pode depender do homem. O terceiro está nas respostas de um menino e uma menina que acham que a mulher não deve relacionar-se com *qualquer homem*.

### **Fazer os serviços de casa**

Para os participantes, o trabalho doméstico também caracteriza o que é ser mulher. Para as mães, a mulher deve ser uma boa dona de casa e a responsável pelos serviços domésticos. Uma delas considerou que, embora não seja bom, lavar, passar e cozinhar são atividades que fazem parte da vida da mulher. Os pais consideraram que a mulher é dona de casa e deve cuidar da casa *direitinho*; ela deve ser *higiênica* e dedica-se melhor aos cuidados domésticos. Os adolescentes também disseram que é a mulher que assume mais e tem mais capacidade de assumir as responsabilidades da casa; *ela deve ser caprichosa e não pode ser relaxada nem ser preguiçosa* com os serviços domésticos.

### **Valorização da mulher**

Algumas respostas dos três grupos de participantes referem-se à necessidade de a mulher valorizar-se e ser valorizada. As mães acreditam que a mulher tem que ser valorizada e respeitada, deve valorizar-se mais, respeitar-se e fazer o que gosta. As respostas dos adolescentes foram todas no sentido de que a mulher deve valorizar-se, buscar seus direitos e seus objetivos, dar valor ao seu corpo e preservar-se, ter auto-estima. Para os pais, a mulher deve ser respeitada, compreendida, *ser alguma coisa na vida.* Os pais acrescentaram que ela tem mais poder atualmente.

### **Trabalhar / ajudar no sustento**

Principalmente as mães consideraram importante a mulher trabalhar fora de casa. Uma delas afirmou ser essa *a coisa mais importante*. Para as mães, a mulher deve *correr atrás*, trabalhar para os filhos poderem estudar, pagar as contas e, de preferência, ser *bem estudada* para ter um bom emprego. Três adolescentes, dois meninos e uma menina, consideraram que a mulher deve ter trabalho e ajudar a sustentar a família. Quatro pais disseram que a mulher deve trabalhar fora, um deles considerou que a mulher deve trabalhar *se puder*, e outro disse que elas estão trabalhando mais que os homens porque, para elas, está mais fácil arrumar emprego.

### **Ter família / dedicar-se à família**

Para os três grupos de participantes, a mulher deve dedicar-se à família. As mães e os adolescentes consideraram que faz parte da vida da mulher casar e ter uma família, a mulher deve ter um bom relacionamento familiar e ter sua vida voltada para os cuidados com a família. Para os pais, é importante a mulher respeitar a família e ser correta, dedicar-se e ser *zelosa*.

### **Características comparativas**

Os participantes citaram características que diferenciam a mulher do homem. Para as mães, prevaleceu a resposta indicando que a mulher é mais vaidosa, gosta de se arrumar e de se cuidar; uma delas considerou também que a mulher é mais recatada. Para os pais, as mulheres diferenciam-se pelos

aspectos físicos, pelo modo de se vestir e se cuidar, por serem mais atenciosas e *fáceis de lidar*. Eles consideraram também que as mulheres são mais frágeis, mais observadoras e mais ciumentas.

Essa foi a categoria mais freqüente entre os adolescentes, que citaram aspectos físicos, como seios, cabelos longos, gravidez, menstruação e beleza. Disseram que as mulheres são mais maduras, têm mais caráter, mais opinião, são mais ponderadas, mais carinhosas, mais delicadas e vaidosas que os homens. Os adolescentes, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, também citaram algumas características negativas das mulheres. Segundo eles, algumas mulheres são falsas e antipáticas, todas são *fluxiqueiras*, são nervosas e estressadas e precisam ser controladas na hora de comprar roupas.

### **É tudo / faz tudo**

As mães consideraram que a mulher é tudo e faz tudo na família. Disseram que a mulher tem mais responsabilidades que o homem, que sem ela os filhos e o marido *não são nada*. A mulher resolve tudo em casa e às vezes tem que ser pai e mãe.

*É tudo. Os filhos sem a mãe não é nada, nem o homem sem a mulher não é nada. Ter uma casa sem a mulher... É besta, tem tanta coisa que a gente passa e está aí igual uma besta, tem que pensar mais. (36M)*

### **Religiosidade**

Nesta categoria estão as respostas das mães e de um pai que expressaram a compreensão que os participantes têm da mulher do ponto de vista religioso. As mães responderam que é importante a mulher ter exemplo de vida na religião, ter temor e fé em Deus e que, pela Bíblia, a mulher deve ser sábia. Um dos pais considerou que Deus deixou a mulher para o homem.

### **Desvantagens**

Os três grupos deram algumas respostas sobre as desvantagens em ser mulher. Para as mães, a mulher sofre mais e tem uma missão difícil. É a última a saber das coisas que acontecem *lá fora*. Tem desvantagem por ficar

menstruada e ser mais medrosa e porque é desvalorizada por causa do comportamento de algumas mulheres.

*Algumas “queimam o filme”, falam palavrão, ficam atrás de homem e eles acham que são todas iguais, (13M).*

Para um dos pais a mulher tem desvantagens porque *tem algumas coisas que ela não pode fazer. (16P)*

Três adolescentes do sexo feminino consideraram ainda que é difícil ser mulher, que é ruim porque elas *não podem fazer nada* e são discriminadas se ficam com mais de um garoto.

### **Igualdade**

Pais e adolescentes consideraram que a mulher vem assumindo uma posição de igualdade com o homem. Para os pais, as mulheres têm os mesmos direitos do homem e devem ter o mesmo salário. Podem também assumir os mesmos papéis que o ele assume dentro e fora de casa. Para os adolescentes, as mulheres têm exercido funções dos homens e têm ganho mais espaço no mercado de trabalho.

### **Atributos**

Além das categorias de respostas demonstradas na tabela, outro grupo de respostas foi categorizado como atributos que a mulher deve ter. Eles foram contabilizados de forma diferente por isso não foram incluídos na tabela. Citaremos esses atributos, considerando o que foi comum e o que foi particular para cada grupo de participantes.

**Atributos comuns para mães, pais e adolescentes:** ser responsável, ser batalhadora, ser trabalhadora, ser carinhosa, respeitar o próximo, ter caráter, ser sincera, ser honesta, ser boa pessoa.

**Atributos comuns para mães e pais:** ser feminina, ser obediente, *se dar ao respeito.*

**Atributos comuns para mães e adolescentes:** ser amiga, ser inteligente, ser paciente, ser limpa, ter coragem, saber agradar, ter opinião.

**Atributos comuns para pais e adolescentes:** ser atenciosa, ser *legal.*

**Atributos citados apenas por mães:** ter sabedoria, ter estudo, ser bonita física e interiormente, ter competência, ser compreensiva, ter dignidade.

**Atributos citados apenas por pais:** ser pura.

**Atributos citados apenas por adolescentes:** ser gentil, ser educada, ser estudiosa, ser solidária, ser *caseira*, ser humilde.

**TABELA 5 - Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: *Na sua opinião ser homem é...***

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>		<i>Mães</i>		<i>Pais</i>		<i>Filho(a)s</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
Relação homem/mulher	31	70,4	8	26,6	22	50,0		
Ser pai	21	47,7	7	23,3	9	20,5		
Ser trabalhador/provedor	19	43,2	15	50,0	23	52,3		
Dedicar-se à família	11	25,0	9	30,0	10	22,7		
Não ter vício	6	13,6	3	10,0	2	4,5		
Chefe da casa	5	11,4	6	20,0	3	6,8		
Valorização do homem	4	9,1	7	23,3	2	4,5		
Vantagens	3	6,8	1	3,3	3	6,8		
Religiosidade	2	4,5	-	-	-	-		
Características comparativas	1	2,3	6	20,0	27	61,4		
Participação nos serviços de casa	1	2,3	4	13,3	1	2,3		
Igualdade	-	-	3	10,0	-	-		

### **Relação homem/mulher**

Da mesma forma que na questão “ser mulher”, várias respostas dos três grupos de participantes expressaram o que se espera do homem na relação do casal, mas aqui a frequência maior ocorreu entre as mães. Em todos os grupos, encontramos mais de um sentido nas respostas: o primeiro sentido, referiu-se ao homem como um bom marido e companheiro da mulher, já o segundo sentido expressou uma avaliação negativa sobre o homem na sua relação com a mulher.

No grupo de mães, o primeiro sentido abrangeu 54,8% das 31 respostas, que definiram o homem como alguém que deve ser bom marido, ter um bom relacionamento com a mulher, ser carinhoso, amoroso e fiel. No outro



conjunto de respostas, as mães consideraram que os homens são machistas e não as compreendem, não respeitam e não valorizam a mulher, que o homem não é companheiro da mulher na família, que não tem a mesma responsabilidade, o mesmo amor nem a mesma preocupação. Consideraram ainda que alguns homens não cumprem com seus deveres, não ficam em casa com a família e são infiéis à mulher.

No grupo de pais, o número maior de respostas (75%), definiu o homem como alguém que deve cuidar da mulher e ser fiel à ela, ter uma boa convivência com a esposa e valorizá-la. No sentido de avaliação negativa, os pais disseram que os homens são machistas e acham que têm mais direitos que as mulheres, que as tratam mal e *querem ter uma autoridade acima do limite*.

Entre os adolescentes, metade das respostas se enquadrou no primeiro sentido, e descreveu o homem como um bom companheiro da mulher, alguém que cuida bem dela, que deve respeitá-la desde o namoro, ser fiel, carinhoso e participativo na família. O segundo sentido abrangeu 31,8% das respostas dos adolescentes, mostrando que o homem bate na mulher, não assume o filho que tem com ela, não é sincero, é machista, mulherengo e quer ser melhor que a mulher. Um terceiro sentido para as respostas dos adolescentes é semelhante ao anterior, mas com outra abordagem: em 18,2% das respostas, os adolescentes definiram como o homem não deve ser. Para os adolescentes, embora possa ter *mais autoridade*, o homem não pode bater e maltratar a mulher, não pode ser machista, não pode deixar de respeitar a mulher nem de assumir o filho que tem com ela, porque *isso não é coisa de homem*.

### **Ser pai**

Para os três grupos de participantes, ser pai também define o que é ser homem. Para as mães, o homem deve ser bom pai, cuidar, ter responsabilidade, educar e ter amor aos filhos. Uma delas disse que o homem *deve ser pai como se fosse mãe*. Para o grupo de pais, o homem deve *ser um pai de família*, dedicar-se aos filhos, cuidar deles, criá-los e educá-los. Para os adolescentes, o homem deve ter seus filhos, cuidar deles, não abandoná-los,

conversar com eles e dar-lhes conselhos, ter responsabilidade e ser amoroso com os filhos.

### **Ser trabalhador/provedor**

Ser trabalhador e provedor da família foi uma das principais categorias de definição do que é ser homem para os três grupos de participantes; trabalhar e ser trabalhador foram as respostas que mais apareceram. Esta é a categoria que teve um número mais expressivo de respostas dos pais. Para as mães, o homem deve ter disposição para trabalhar e ser o sustento da família. Para os pais, também é obrigação do homem trabalhar, pagar as contas e não deixar faltar nada para a família. Para os adolescentes, o homem é quem *fica com o papel de trabalhador*, tem que *se virar pra ter as coisas* e sustentar a família.

### **Dedicar-se à família**

Dedicação à família é outra categoria que determinou o que é ser homem. Para as mães, o homem deve ter responsabilidade e cumprir com as obrigações familiares, deve cuidar, administrar e participar de tudo com a família. Para os pais, o homem tem que saber cuidar e zelar pela família, ser correto, presente, ajudar e respeitar a família. Para os adolescentes, é importante o homem construir uma família, cuidar e preocupar-se com ela, dar atenção e *ter amizade dentro de casa*.

### **Não ter vício**

Para os três grupos de participantes, é importante que o homem não tenha vícios. As mães consideraram que o homem não deve envolver-se com drogas ou bebida. Para os pais, também é importante que o homem não use drogas nem se envolva com jogo. Os adolescentes acham que os homens bebem muito e que não devem se envolver com nenhum tipo de droga.

Alguns participantes ressaltaram que o envolvimento do homem com o vício pode prejudicar o cumprimento de seu papel:

*(...) tem uns que não cumprem seu papel, alguns deixam a mulher passar necessidade, ficam com bebida. (12M)*

*Alguns homens às vezes esquecem da família por causa de jogo.*

(13P)

### **Chefe da casa**

Ser homem é também ser o chefe da casa, exercer um papel de autoridade da família. Para as mães, o homem tem o papel de liderança, é o *homem da casa*, o *cabeça*, o maior responsável pela família. Para os pais, o homem é o *chefe da família*, é o mais forte e o *mais cabeça*, deve ser mais rígido com os filhos e ter *a palavra de ordem* na família. Para os adolescentes, também é o homem o chefe da casa e quem tem mais autoridade sobre os filhos.

*Não pode ser banana com os filhos. Tem que ter palavra sim ou não.* (39Fo)

### **Valorização do homem**

Algumas respostas dos três grupos de participantes referiram-se à importância de o homem valorizar-se e buscar sua valorização na sociedade. Para as mães, é importante o homem estudar para ter *uma base de vida*, respeitar-se e ser respeitado. Para os pais, os homens devem *se definir* e saber quais são seus direitos, devem valorizar o trabalho, não se acomodar e querer uma vida melhor. Um homem deve ser cidadão, buscar sua independência e *ser alguma coisa na vida*. Os pais disseram ainda que os homens devem preocupar-se em ter *amizades boas* porque os amigos são uma influência, não devem *se misturar com pessoas erradas*. Os adolescentes consideraram importante o homem saber sobre seus direitos e estudar para *ser alguém na vida*.

### **Vantagens**

Um dos pais, três mães e três adolescentes do sexo feminino consideraram que ser homem tem algumas vantagens em relação a ser mulher. As mães disseram que é mais fácil ser homem porque eles podem ser mais liberais que a mulher porque quando erram ninguém comenta. Um dos pais considerou que, na sociedade, o homem tem mais privilégios. Para as

meninas, é mais divertido ser homem porque eles podem sair mais, ficar na rua até tarde e namorar várias garotas.

### **Religiosidade**

Três mães expressaram a compreensão que elas têm do homem do ponto de vista religioso. Para elas, o homem tem *o lugar dele definido por Deus e pela sociedade*, e é importante que se preocupe com Deus e tenha religião.

### **Características comparativas**

Os três grupos de participantes citaram características que diferenciam o homem da mulher. Os adolescentes foram os que citaram um número maior de respostas nessa categoria. Para uma das mães, os homens encaram *as coisas* com mais seriedade e *mais firmeza*. Para os pais, os homens são diferentes das mulheres *no modo de pensar e agir*, são menos preocupados com os compromissos de casa, preocupam-se mais com o trabalho e gostam mais de sair do que as mulheres. Para os adolescentes os homens diferenciam-se das mulheres externamente, como nas roupas e cabelos, gostam mais de futebol, são mais agressivos, briguentos e bagunceiros e mais *alcoólatras*. Os adolescentes disseram ainda que os homens são menos responsáveis que as mulheres, são mais controlados nos gastos, *não gostam de tirar dúvidas com os pais*, tem mais potência sexual e são mais namoradores que as mulheres.

### **Participação nos serviços de casa**

A participação do homem nos trabalhos domésticos foi mais citada pelos pais e, para os três grupos de participantes, caracteriza uma ajuda que o homem pode dar.

*Poder ajudar dentro de casa. Eu que faço a comida quando ela não está dentro de casa. (4P)*

### **Igualdade**

Para três pais, o homem tem a mesma posição que a mulher. Eles disseram que não tem diferença, que atualmente o homem perdeu *o poder*, e homens e mulheres assumem o mesmo papel na família, de sustentar a casa.

### **Atributos**

Assim como para ser mulher, além das categorias de respostas demonstradas na tabela, um conjunto de respostas foi categorizado como atributos que os participantes consideraram que o homem deve ter. E também foram organizados, considerando-se o que foi comum e o que foi particular para cada grupo.

**Atributos comuns para mães, pais e adolescentes:** ser educado, ser honesto, ser responsável, ter respeito ao próximo, ser bom, ser sincero.

**Atributos comuns para mães e pai:** ser digno, ter caráter.

**Atributos comuns para mães e adolescentes:** ser compreensivo.

**Atributos comuns para pais e adolescentes:** ser amigo, saber reconhecer erros.

**Atributos citados apenas por mães:** ter domínio próprio, ser inteligente, ser humilde, não ser rancoroso.

**Atributos citados apenas por pais:** ter coragem, ter mente aberta, ser objetivo, ser firme, ser atencioso, ser simples, não ser agressivo, ser cidadão, ser exemplo.

**Atributos citados apenas por adolescentes:** ser gentil, ser brincalhão, ser *legal*, ser simpático, ser determinado, ser vaidoso.

**TABELA 6 – Categorias de respostas por grupo de participantes para as questões: Quais são as principais responsabilidades da mulher na família? E na sua família quais são as responsabilidades da mulher?**

<i>participantes</i>	<i>Mães (N=44)</i>				<i>Pais (N=30)</i>				<i>Filho(a)s (N=44)</i>			
<i>Categorias</i>	Na família		Na minha família		Na família		Na minha família		Na família		Na minha família	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
Ser boa mãe	28	63,6	29	65,9	16	53,3	12	40,0	30	68,2	21	47,7
Fazer os trabalhos domésticos	19	43,2	21	47,7	17	56,7	20	66,7	29	65,9	30	68,2
Ser boa esposa	6	13,6	6	13,6	2	6,7	-	-	8	18,2	-	-
Sustentar	4	9,1	8	18,2	5	16,7	7	23,3	4	9,1	13	29,5
Dedicar-se à família	4	9,1	2	4,5	4	13,3	-	-	4	9,1	5	11,4
Atributos morais	2	4,5	1	2,3	3	10	1	3,3	1	2,3	-	-
Mesma responsabilidade/divisão	2	4,5	-	-	6	20,0	5	16,7	3	6,8	2	4,5
É tudo/faz tudo	9	20,5	9	20,5	-	-	-	-	-	-	2	4,5
Esteio da família	2	4,5	1	2,3	-	-	-	-	-	-	-	-
Cuidar-se	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,5	-	-

### Ser boa mãe

Tanto quando falaram do papel da mulher na família de forma geral, como quando responderam sobre o papel da mulher na sua própria família, ser boa mãe apareceu como um dos papéis principais da mulher na vida familiar. Para todos os participantes, cuidar dos filhos e de sua educação é a atividade principal da mãe. As respostas relacionadas aos cuidados envolvem uma série de responsabilidades, como orientar, conversar, saber onde e com quem os filhos estão, cuidar de sua saúde e da vida escolar, colocar limites. Apareceram algumas diferenças entre as respostas gerais e específicas. A relação da mãe com a filha foi mencionada pelos participantes na questão geral; a mãe foi considerada um modelo para as filhas e como aquela que tem mais liberdade para conversar com as meninas. Ao falarem do papel da mãe de forma específica, as mães mencionaram a preocupação com a vida espiritual dos filhos. Uma diferença entre as respostas dos participantes na questão específica foi o fato de pais e mãe terem mencionado a preocupação em não deixar o filho na rua ou *jogado por aí*. Outro aspecto diferente foi o fato de um

número maior de adolescentes mencionarem que é importante a mãe gostar dos filhos, ter amor e carinho, tanto na questão geral quanto na específica.

### **Fazer os trabalhos domésticos**

A outra principal responsabilidade da mulher na família, destaca nas questões geral e específica, é fazer os serviços domésticos. Os participantes consideraram que os afazeres domésticos são obrigações da mulher; é papel dela cuidar da casa, limpar, lavar a roupa, passar, ter um *lar limpo e aconchegante*, cozinhar.

Uma das mães, ao falar dessa responsabilidade na questão sobre o papel da mulher na sua família, se auto-avaliou como uma mulher ativa por se responsabilizar pela casa:

*É quem cuida da casa, do almoço, eu sempre sou ativa (12M)*

Uma outra ao falar do papel da mulher na família de forma geral, considerou que o trabalho da mulher é dentro de casa e que, portanto, é errado a mulher ter que trabalhar fora:

*Se eu tiver que sair pra trabalhar, pra sustentar os filhos, eu acho que “ta” errado, porque a mulher já tem o trabalho dentro de casa. (27M)*

Uma das diferenças nas respostas das mães nesta categoria, ao falarem de sua própria família, foi a menção à ajuda das filhas na realização das tarefas.

Para os pais, essa categoria é a que tem um número maior de respostas: é a mulher quem deve zelar pela casa. Um deles chegou a afirmar que, na sua família, ser dona de casa é um atributo essencial para que ele valorize a mulher.

*Ela faz tudo que eu já falei. O nome já diz, a mulher é dona de casa. Se a mulher não fizer isso, ela não existe para mim. (14P)*

Para os pais, a mulher trabalha na casa o dia todo, não tem descanso, por isso ela não tem obrigação de trabalhar fora de casa, mas quando trabalha, é uma ajuda que dá ao marido.

Para os adolescentes também é mais dever da mulher, mais do que do homem, cuidar da casa. Ao ponderaram sobre o papel da mulher na família de forma geral, consideraram que ela deve responsabilizar-se pelas tarefas

domésticas, principalmente quando não trabalha fora, e deve saber o que está faltando em casa. Quando trabalha fora pode pedir ajuda e dividir as tarefas entre os membros da família. Ao falarem de sua própria família, os adolescentes de ambos os sexos declararam que ajudam a mãe na realização das tarefas domésticas.

### **Ser boa esposa**

Quando fizeram alusão à mulher na família em geral, os três grupos de participantes consideraram o papel de esposa como um dos que a mulher, deve desempenhar, mas ao falarem de sua própria família foram as mães que mais mencionaram o papel da esposa. Apenas um dos pais fez referência a isso e nenhum dos adolescentes colocou sua opinião. Ao falarem da mulher na família em geral, as mães consideraram que ela deve cuidar do marido, entender quando ele chega estressado, ser companheira, dedicada, ter diálogo sobre tudo, inclusive sexo, e estar presente para tudo. Deve ainda ajudar o marido nas dificuldades e respeitá-lo. Quando se referiram à sua própria família, as mulheres consideraram que devem cuidar do marido, compreendê-lo e ajudá-lo. Uma delas considerou que o marido é também como se fosse um filho. Para os pais, a mulher na família em geral deve cuidar do marido e estar disponível na hora do sexo. Ao aludirem à mulher em geral os adolescentes consideraram que a ela deve cuidar do marido, ajudá-lo nas dificuldades, respeitá-lo e ser dedicada a ele. Os adolescentes e os pais não destacaram o papel de esposa ao falarem de sua própria família.

### **Sustentar**

Trabalhar fora e sustentar também foi considerado papel da mulher na família nas duas questões, geral e específica. O número de respostas foi maior quando os participantes falaram de sua própria família, provavelmente porque, embora o trabalho não seja considerado papel principal da mulher, é a realidade de 63,6% das famílias entrevistadas, e, considerando que a renda das famílias é baixa, mesmo que o salário da mulher seja menor, pode ser uma soma significativa para completar a renda familiar.



Ao falarem da mulher na família em geral, todos os participantes, mães, pais e adolescentes, mencionaram o trabalho da mulher. Alguns se referiram ao trabalho dela como ajuda no sustento da casa. Apenas uma das mães referiu-se ao trabalho da mulher como meio de ter independência. Quando fizeram alusão ao seu trabalho na própria família, as mães mencionaram que dividem as contas com o marido, que trabalham para ajudar e não deixar faltar nada dentro de casa. Além de trabalhar, saber gastar o dinheiro e fazer economia também é considerado papel da mulher. Os pais disseram que a mulher trabalha, sustenta a família, e ajuda nas despesas da casa. O número maior de respostas sobre o trabalho da mulher na própria família foi o do grupo de adolescentes. Alguns consideraram que com seu trabalho, a mulher ajuda a pagar as contas.

### **Mesma responsabilidade / divisão**

Ao falarem da família em geral, alguns pais, mães e adolescentes consideraram que a responsabilidade da mulher é a mesma do homem e que existe divisão de tarefas. Tanto no aspecto geral como no específico, o maior número de respostas nessa categoria foi dos pais. De forma geral, eles mencionaram que a mulher hoje em dia tem deveres e direitos iguais aos do homem, que as tarefas de casa são divididas e que não existem diferenças entre o que a mulher e o homem fazem. No entanto, um dos pais considerou que apesar de ter o mesmo papel que o homem, a mulher é mais carinhosa e atenciosa. Na própria família, os pais consideraram que o trabalho da mulher é igual ao do homem, que, estando o homem presente, a mulher assume metade da responsabilidade que cabe aos dois, estando ele fora, é ela quem comanda a família. Outro pai considerou que o papel da mulher é o mesmo, com a diferença de que é ele quem trabalha. Dois adolescentes disseram que, na sua família, não há nada que seja apenas responsabilidade da mãe, e que, em relação aos filhos as responsabilidades do homem e da mulher são iguais. Essa categoria de resposta não foi abordada pelas mães ao se referirem à própria família.

### **É tudo / faz tudo**

Esta categoria temática apareceu apenas entre as mães, na questão que se referia à família em geral, e entre as mães e os adolescentes ao falarem de sua própria família. Na família em geral, as mães consideraram que a mulher na família é responsável por tudo, principalmente pelos filhos. Consideraram também que, atualmente, a mulher trabalha mais e é mais responsável que o homem pela manutenção da casa. Ao falarem de sua própria família, as mães se consideraram responsáveis por tudo, também por falta de maior colaboração do homem.

*Na minha casa, eu sou tipo pai e mãe. Eu que sei de tudo, que cuido de tudo e tenho que arrumar um jeito de falar por ele. (17M)*

*Ele deixa mais nas minhas costas. Pra mim é muita coisa. (6M)*

Duas adolescentes também consideraram que, na própria família, é a mulher/mãe quem cuida, faz tudo e se preocupa em dar o melhor aos filhos.

### **Dedicar-se à família**

Para os três grupos de participantes, outro papel da mulher é ser dedicada à família. As mães disseram que *Deus colocou muita responsabilidade para a mulher* e que é preciso *levar o dia-a-dia com responsabilidade e ter respeito no lar*.

Para os pais, a dedicação da mulher expressa-se em ser carinhosa e receptiva ao carinho, ser atenciosa, ajudar na economia da casa e evitar os problemas. Na questão que envolve o papel da mulher na própria família, esse tema não apareceu nas respostas dos pais, e sim nas de duas mães, que disseram que o cuidado com todos os familiares é responsabilidade delas. Para os adolescentes, nas duas questões, geral e específica, a mulher dedicada ao lar é aquela que resolve os problemas. Na família em geral, os adolescentes consideraram que é papel da mulher cuidar da família, resolver seus problemas e manter sua união. Ao falarem da própria família, eles enfatizaram que quem resolve os problemas da família, cuida dos idosos e faz a mediação entre os filhos e o pai é a mulher/mãe.

*Tentar unir, abafar algumas coisas pro bem do pai não descobrir, ajudar ele mesmo, acalmar. (17Fa)*

### **Esteio da família**

Na família em geral duas mães também atribuíram à mulher o papel de ser o esteio da família e de direcionar o homem nas suas decisões:

*A mulher tem que ser preparada, uma base de vida. O esteio da casa é a mulher. Se ela for responsável, ela direciona a família sozinha. (31M)*

*A mulher, de certa forma, mesmo com o homem na liderança, a mulher sábia dignifica a sua casa. O homem dá a última palavra, mas a mulher é quem induz. (22M)*

Uma delas manteve essa idéia ao falar de seu papel na sua família. Para ela quem comanda de fato a família é a mulher.

*A maioria das vezes a mulher dá a penúltima palavra. Eu induzo, eu deixo ele pensar que ele está administrando. (22M)*

### **Atributos morais**

Outra categoria de respostas reúne os atributos morais que uma mulher deve ter quando tem uma família. Comentando sobre a mulher na família em geral, as mães consideraram que ela deve ter respeito e *dar respeito* para ser respeitada.

Os pais, na questão geral, consideraram que a mulher deve ser honesta e digna, deve viver bem com a família para não ser mal falada pelos outros. Deve *manter o seu respeito*, respeitar a todos e não ficar saindo para festas. Com relação à própria família apenas um dos pais considerou que a mulher deve *andar com honestidade com o marido e pedir forças para viver a vida da gente. (12P)*. Na questão sobre a família em geral, um dos adolescentes considerou que a mulher deve ser honesta.

### **Cuidar-se**

Ao falar da mulher na família em geral, dois adolescentes, um menino e uma menina, consideraram também que a mulher precisa cuidar-se e se divertir. Em relação à própria família, esse tema não se repetiu.

**TABELA 7 – Categorias de respostas por grupo de participantes para as questões: Quais são as principais responsabilidades do homem na família? E na sua família quais são as responsabilidades do homem?**

<i>participantes</i> <b>Categorias</b>	<b>Mães (N=44)</b>				<b>Pais (N=30)</b>				<b>Filho(a)s (N=44)</b>			
	<b>Na família</b>		<b>Na minha família</b>		<b>Na família</b>		<b>Na minha família</b>		<b>Na família</b>		<b>Na minha família</b>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
<b>Sustentar</b>	22	50,0	32	72,7	23	76,7	23	76,7	36	81,8	34	77,3
<b>Ser bom pai</b>	19	43,2	12	27,3	14	46,7	7	23,3	17	38,6	9	20,5
<b>Dedicar-se a família</b>	18	40,9	1	2,3	7	23,3	3	10,0	15	34,1	1	2,3
<b>Ajudar nos trabalhos domésticos</b>	3	6,8	6	13,6	3	10,0	3	10,0	5	11,4	9	20,5
<b>Ser bom marido</b>	2	4,5	5	11,4	2	6,7	1	3,3	10	22,7	-	-
<b>Atributos morais</b>	4	9,1	1	2,3	1	3,3	-	-	1	2,3	-	-
<b>Ser o chefe da família</b>	3	6,8	5	11,4	2	6,7	-	-	-	-	-	-
<b>Mesma responsabilidade / divisão</b>	3	6,8	-	-	-	-	2	6,7	-	-	-	-
<b>Características negativas</b>	-	-	8	18,2	-	-	-	-	-	-	7	15,9
<b>Respeitar as meninas</b>	-	-	1	2,3	-	-	-	-	-	-	-	-

### **Sustentar**

Para as duas questões, geral e específica, o principal papel do homem na família é ser o provedor. Cabe a ele trabalhar para sustentar a família, colocar o alimento dentro de casa, trazer o dinheiro para pagar as contas, não deixar faltar nada para os filhos. Mesmo quando a mulher também trabalha, o que acontece na maioria das famílias entrevistadas, é o homem quem tem a principal obrigação de sustentar a casa.

*Nunca deixa faltar, os compromissos dele estão em primeiro lugar, as contas pra pagar. (2M)*

*Despesas todas devem partir do homem, mesmo a mulher ajudando. Em primeiro lugar, é o homem que tem que fazer isso. Apesar de que as mulheres hoje em dia “tão” às vezes até ganhando mais. (17P)*

Uma diferença que aparece nas respostas dos três grupos, de participantes ao falar do papel do homem na sua própria família, é a menção à ajuda dos filhos do sexo masculino que também trabalham.

Nesta categoria, quatro respostas se contrapõem à idéia de que apenas o homem trabalha e sustenta. Quando responderam sobre a família em

geral quatro adolescentes, três do sexo feminino e um do sexo masculino, embora tivessem considerado o trabalho e o sustento como papel do homem, avaliaram que atualmente as mulheres também trabalham fora e sustentam a casa. Mesmo quando o salário da mulher foi considerado uma ajuda, os adolescentes contestaram a idéia de que apenas o homem sustenta a casa.

Na questão sobre a própria família, foi uma das mães quem explicou que o sustento da casa não é feito apenas pelo homem. No entanto, verificamos em sua resposta, que ela não mencionou o trabalho e considerou que a responsabilidade da mulher na própria família é ser dona de casa. Seu esposo, mesmo considerando que, na sua família, a mulher também trabalha, afirmou que são responsabilidades do homem o trabalho e o sustento, confirmando a significação do homem como principal provedor. Embora essa mãe tenha expressado que o sustento é compartilhado, predominou no casal a representação de que essa função é principalmente do homem.

### **Ser bom pai**

Outra responsabilidade do homem na família para as duas questões é ser bom pai. Enquanto o cuidar foi a resposta que orientou o que é a boa mãe, prevaleceu para o bom pai a resposta educar. São atribuições do bom pai dar uma boa educação para os filhos, tomar conta, ajudar na orientação, mostrar o caminho certo, conversar com os filhos, passear e brincar, levar ao médico, ajudar na escola, dar o que os filhos precisam. Um dos adolescentes também mencionou o ato de assumir o filho e registrá-lo como uma responsabilidade do homem na família. Outro adolescente lembrou a preocupação que o homem na sua família deve ter pelo fato de o filho *estar na rua*. Uma diferença que aparece em relação às respostas dadas à categoria boa mãe e que consideramos significativa diz respeito ao *dar amor*, que esteve presente em todos os grupos de participantes, ao falarem do bom pai, e apenas entre os adolescentes, ao falarem da boa mãe.

### **Dedicar-se à família**

Esta categoria evidencia-se principalmente na a questão sobre o papel do homem na família de forma geral. O sentido que predomina é o do cuidado e proteção da família. Para as mães, os homens devem ter responsabilidade com a família, olhar por ela, manter o respeito no lar, preocupar-se com a convivência em geral: ter paciência, estar presente, dar atenção, ter diálogo, ajudar, ser compreensivo e solidário. Para os pais na família em geral, o homem precisa cuidar bem da família, reuni-la, ser exemplo para ela e a comunidade, ter responsabilidade, ser o *pé direito da família*. Na sua própria família, a dedicação expressou-se no zelo, no cuidado com sua segurança e na construção da relação familiar. Para os adolescentes, o sentido dominante é o de que o homem deve cuidar da família. Ao falarem da família em geral, os adolescentes consideraram que o homem tem o papel de cuidar, proteger, respeitar e zelar por ela, deve ainda ser amigo e conselheiro. Duas respostas de dois adolescentes, um menino e uma menina, destacam-se por apontarem o envolvimento com a bebida como algo a ser evitado, para preservar a família. Os jovens consideraram que é importante o homem não beber e não gastar o dinheiro com bebida. A preocupação com a bebida aparece em outros momentos das entrevistas realizadas com as famílias e é uma realidade vivenciada por algumas delas. Um dos adolescentes enfatizou que beber é comum entre os homens e pode ser um problema para a família.

*Não beber. A maioria dos homens bebe, chega em casa e quebra tudo. (23Fa)*

### **Ajudar nos trabalhos domésticos**

Para as duas questões, ajudar nos serviços domésticos aparece como uma das responsabilidades do homem. Ao falarem da família em geral, as mães consideraram que o homem deve ajudar e dar conta do que faz parte de suas obrigações dentro de casa, como arrumar e consertar coisas. Ao se referirem à própria família, elas mencionaram que os homens, sejam eles o marido, os irmãos ou os filhos, fazem atividades para ajudar. Ajudar na limpeza, lavar a louça, fazer a comida foram as atividades mencionadas. A

realização dessas atividades como ajuda e não obrigação ficou caracterizada pela respostas de algumas mães.

*Faz almoço quando não estou em casa. (14M)*

*Ajuda, não tem aquela responsabilidade, como eu tenho. (26M)*

Para as duas questões, os pais citaram a ajuda nos serviços de casa, explicando o que fazem dentro dela: consertos em geral, pintar a casa e fazer as compras foram as atividades mencionadas. Na questão geral, um dos pais considerou a necessidade de o homem ajudar em casa, principalmente quando a mulher trabalha fora.

Os adolescentes na questão geral consideraram também que o homem deve ajudar em casa. Ao falarem da própria família, explicaram que os pais ajudam a resolver os problemas e ajudam em casa quando estão de folga do trabalho, e que os filhos do sexo masculino também ajudam nas tarefas domésticas.

### **Ser bom marido**

Outra responsabilidade do homem é ser bom marido. Esta categoria teve um número maior de respostas entre os adolescentes, na questão sobre a família em geral, e entre as mães, na questão específica. Foram os adolescentes que citaram mais a afetividade como parte do que se espera do homem na relação com a mulher, enquanto as mães consideraram o homem mais como colaborador.

Ao responderem sobre a família em geral, apenas duas mães mencionaram o papel do homem como marido e companheiro da mulher. Ao falarem de sua própria família, cinco mães consideraram que seu marido foi um professor, que é um apoio moral e uma pessoa com quem contar, que o homem é um colaborador no cuidado com os filhos e alguém para cuidar da mulher.

Referindo-se à família em geral, dois pais consideraram que o homem deve fazer o que puder para ajudar a mulher e deve cuidar da saúde da esposa. Apenas um pai na questão sobre a própria família, apenas um pai mencionou que o homem tem responsabilidade com a esposa.

Os adolescentes consideraram que, na família em geral, o homem deve ajudar a mulher nas horas difíceis, resolver junto com ela os problemas e dividir as responsabilidades, deve ainda casar porque gosta da mulher e da família, deve ser afetivo, compreender a mulher, ser carinhoso, promover harmonia, cuidar da mulher e dar-lhe amor. Essa categoria de resposta foi maior entre os adolescentes na questão sobre a família em geral, mas não apareceu nas respostas sobre a própria família.

### **Atributos morais**

Alguns participantes consideraram também que o homem na família deve ter certos atributos morais. Na questão geral, as mães consideraram que o homem deve ser honesto, *deve dar o respeito*, não mentir e ser religioso. Um dos pais considerou que o homem deve ter caráter. Um adolescente disse que o homem deve ser honesto. Em relação à própria família, uma das mães considerou a vida espiritual como atributo do homem.

### **Ser o chefe da família**

Uma das responsabilidades do homem, na família segundo alguns pais e mães, é ser o chefe da família. Para as mães nas questões sobre a família em geral, o homem tem o papel de liderança, é o dono da casa e é quem os filhos mais temem e por quem tem mais respeito. A respeito da própria família, o papel de chefe da família foi representado principalmente em relação aos filhos: o homem é a autoridade dentro de casa e é quem mantém o respeito dentro do lar. Em uma das famílias em que o pai biológico não era presente, a mãe disse que o irmão mais velho é quem cumpria esse papel junto às irmãs; assumia assim o lugar da figura masculina que impõe a autoridade.

*O pai tem que ter autoridade sobre os filhos pra eles terem respeito, fazer os filhos obedecerem. (19M)*

Dois pais, na questão geral, também consideraram que o homem deve estar à frente de tudo e é a quem compete mais firmeza e autoridade na família.



### **Mesma responsabilidade/ divisão**

Na questão sobre a família em geral, três mães consideraram que as responsabilidades do homem na família são as mesmas da mulher, ou são do casal. Em relação à própria família, foram dois pais que responderam que as responsabilidades são as mesmas ou são divididas entre o casal.

### **Características Negativas**

Quando responderam sobre a responsabilidade do homem na sua própria família, mães e adolescentes mencionaram outras características dos homens, particularmente maridos e pais. Essas respostas tiveram o caráter de uma avaliação negativa do papel que esses homens cumprem de fato em suas famílias em comparação com o que os participantes consideravam ideal.

Algumas mães avaliaram que o marido é pouco participativo e apenas cumpre o papel de provedor.

*Ele acha que comer já “tá” bom; sustentar ele sustenta, mas só.*  
(36M)

Outras avaliaram a forma como o homem se relaciona na família. Nesse tipo de avaliação, estão declarações como a de que o pai bate nos filhos quando está cansado e a mãe não gosta, o marido só quer dar ordens, é desligado, conversa apenas quando bebe.

Os adolescentes fizeram o mesmo tipo de avaliação. Alguns consideraram que o pai não tem tempo para os filhos e não cumpre como o esperado seu papel de pai.

*Dar as coisas, mas não dá o carinho de pai que ele deve dar.* (28Fa)

Outra avaliação que os adolescentes fizeram diz respeito ao jeito de o pai ser e se relacionar. Mencionaram que o pai não deve julgar os outros pelo seus próprios erros, e que o pai não é muito de conversa, ou por ser sério, ou por ser muito brincalhão.

### **Respeitar as meninas**

Uma das mães, ao falar da própria família, considerou ainda que é responsabilidade do homem respeitar as meninas da família. Verificamos que nessa família há apenas uma filha, que é adolescente e a mais nova da casa, e

três filhos entre 21 e 16 anos. Provavelmente a mãe está incluindo nessa resposta também os seus filhos homens, ao considerar o respeito que o homem deve ter com as meninas.

**TABELA 8 – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: *Você acha que existem diferenças na educação/criação de meninos e meninas?***

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>		<i>Mães</i>		<i>Pais</i>		<i>Filho(a)s</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
<b>Menino dá mais trabalho</b>	17	38,6	3	10,0	6	13,6		
<b>A preocupação é diferente</b>	15	34,1	8	26,7	8	18,2		
<b>Menino tem mais liberdade</b>	5	11,4	7	23,3	13	29,5		
<b>Relação intragênero</b>	4	9,1	4	13,3	2	4,5		
<b>Características diferentes</b>	8	18,2	5	16,7	9	20,4		
<b>Menina dá mais trabalho</b>	10	22,7	1	3,3	-	-		
<b>Menina tem que ajudar em casa</b>	-	-	-	-	3	6,8		
<b>Meninas recebem mais atenção</b>	-	-	-	-	2	4,5		

### **Menino dá mais trabalho**

Uma das diferenças na criação de meninos e meninas, de acordo com as respostas dos participantes, é o fato de que o menino dá mais trabalho para os cuidadores. O sentido predominante nas respostas das mães e dos pais refere-se principalmente à obediência. Para pais e mães, as meninas são mais obedientes e mais fáceis de controlar do que os meninos. Os pais mencionaram que as meninas respeitam mais, enquanto os meninos são mais teimosos. Consideraram também que as meninas são mais apegadas aos progenitores. As mães disseram que os meninos são mais teimosos, mais preguiçosos na escola e menos cuidadosos. Argumentaram que as meninas, quando querem sair, pedem autorização aos pais e devem dizer para onde vão, são consideradas mais calmas, carinhosas e companheiras do pai e da mãe. Entre os filhos, tanto meninas como meninos mencionaram características que indicam que o menino dá mais trabalho. Os adolescentes disseram que meninos dão mais trabalho porque querem tudo, são mais bagunceiros, briguentos e menos obedientes, enquanto as meninas são consideradas menos difíceis porque são mais cuidadosas e educadas.

### **A preocupação é diferente**

Para mães, pais e adolescentes, o tipo de preocupação que os pais têm em relação às meninas e meninos é diferente. Em relação à preocupação com a menina, predominou nas respostas de todos os participantes a questão da sexualidade da menina e o risco de gravidez. Por outro lado, em relação ao menino, a principal preocupação foi com o envolvimento com as drogas. Todos os participantes deram mais respostas que se referiam à preocupação com as meninas que com os meninos. As mães consideraram que as meninas despertam mais cedo para a questão da sexualidade e, quando fazem perguntas sobre o assunto, é preciso conversar e explicar. Consideraram que com a menina é preciso ter mais cuidado, porque elas começam a namorar e podem ficar grávidas.

*Com a menina tem a preocupação com a gravidez, com os meninos é menos. (10M)*

Uma das mães mencionou a preocupação como envolvimento da menina com drogas, mas ressaltou que com os meninos a preocupação nesse sentido é maior.

Os pais acreditam que as meninas correm mais riscos de ser agredidas e vítimas de aproveitadores, por isso têm que ser mais protegidas, enquanto os meninos se defendem sozinhos. É preciso ter cuidado com elas para não *se perderem* e para que não fiquem grávidas. Com os meninos é preciso uma educação mais rígida para que eles não se envolvam com drogas, pois com eles isso é mais fácil de acontecer.

Para os adolescentes (quatro meninos e quatro meninas), os pais devem ter mais preocupações com as meninas com relação às questões do corpo, como menstruação, possibilidade de doenças e gravidez. Para eles as meninas preocupam mais em relação à sexualidade, porque sofrem mais com as possíveis conseqüências, pois além da gravidez precoce, podem *ficar faladas*. Por isso os pais devem ter mais cuidado e cortar logo o envolvimento com meninos. Com os garotos, os adolescentes também entendem que a principal preocupação é com as drogas.

### **Menino tem mais liberdade**

Pais, mães e adolescentes consideraram que menino tem mais liberdade, principalmente para sair de casa. As mães ressaltaram que os meninos gostam de sair e é mais difícil controlá-los. Já as meninas, é possível segurá-las mais em casa. A rua é considerada mais perigosa para a menina. Além disso, se ficar muito na rua, ela pode ficar “falada”. Para os pais, é preciso ter mais cuidado com as meninas na hora de sair de casa, é preciso saber com quem elas saem, aonde vão, e determinar a hora para voltar. Elas não podem andar nos lugares que não são apropriados, não devem sair sozinhas. Já os meninos não preocupam tanto e podem ser mais livres. Os adolescentes do sexo tanto masculino (3) como feminino (10) consideraram que os meninos têm mais liberdade para sair que as meninas. As meninas em geral responderam a essa questão protestando quanto à diferença de tratamento dada a elas e aos irmãos na hora de sair de casa. Elas disseram que os meninos podem sair quando querem e tem permissão para namorar, enquanto elas têm que ficar em casa; portanto consideraram-se mais presas e controladas pelos pais.

### **Relação intragênero**

Pais, mãe e adolescentes consideraram que entre as diferenças na educação de meninos e meninas na família está o fato de que a mãe tem mais responsabilidade pela menina ou é mais ligada a ela, enquanto o pai tem mais responsabilidade pelo menino ou é mais próximo dele. As mães mencionaram que o pai se relaciona melhor com o menino e que a menina é mais ligada à mãe. As dúvidas das meninas é a mãe quem sabe responder, enquanto as dúvidas do menino ficam sob o encargo do pai. Consideraram também que o pai responsabiliza mais a mãe pelo que acontece com a menina. Os pais consideraram que o companheirismo entre genitores e filhos está relacionado à afinidade entre os sexos, acham que a mãe é quem tem mais cuidado e mais responsabilidade de cuidar da menina e conversar com ela. Um dos pais também considerou que filhos e filhas, nas brincadeiras, buscam companhias do mesmo sexo. Os adolescentes consideraram que filhos e filhas se sentem mais à vontade para conversar com o genitor do mesmo sexo.

### **Características diferentes**

Outro fator que torna diferente a forma de tratar e educar filhos e filhas é a diferença de características que se atribui a meninos e meninas. As mães consideraram que a diferença começa nas coisas menos importantes, como a roupa e o modo de vestir. Consideraram também que conversar com meninos e meninas é diferente em vários aspectos. A conversa com a menina é de *igual para igual*, já com os meninos é preciso mais firmeza, porque eles são mais agressivos e se impõem mais. As mães consideraram que, em relação aos cuidados, o conteúdo do que se explica para a menina é diferente, porque para elas é preciso explicar mais coisas, dar mais detalhes referentes ao funcionamento do corpo e ao sexo. Para os pais, também, há diferenças na hora de conversar com filhos e filhas em função das características atribuídas a meninos e meninas. Com as meninas, os pais consideraram que se deve ter mais cuidado ao falar, porque elas são mais delicadas *no jeito de lidar*, já com os meninos, é possível *abrir o verbo* e ter mais severidade. Os adolescentes também consideraram que as características de meninos e meninas fazem com que as expectativas em relação ao seu comportamento sejam diferentes. Consideraram que, durante a adolescência o despertar da sexualidade é diferente, que meninas gostam de namorar mais cedo que meninos, que as brincadeiras e as companhias são diferentes para cada sexo. Assinalaram ainda que a educação em relação aos modos de sentar, comer e falar são diferentes para meninos e meninas, que é mais fácil comprar coisas para meninos, que se espera que os meninos sejam obedientes e que as meninas não sejam mentirosas, e que os meninos podem *xingar* e as meninas não.

### **Menina dá mais trabalho**

Embora em menor número, dez mães e um pai consideraram que são as meninas que dão mais trabalho. As mães acham que as meninas dão trabalho porque são mais levadas, autoritárias, rebeldes e desobedientes. Dão mais preocupação na hora de sair porque não têm hora para voltar para casa. As mães consideraram que é mais fácil o relacionamento com os meninos porque eles são mais calmos e carinhosos. Um dos pais disse que suas filhas

contestam mais os pais que os filhos. Nenhum dos adolescentes considerou que menina dá mais trabalho que menino.

Os adolescentes mencionaram ainda duas diferenças em relação ao tratamento que os pais dão a meninos e meninas:

#### **Menina tem que ajudar em casa**

As meninas consideraram que, entre as diferenças, está o fato de que os pais exigem mais das filhas a realização das tarefas domésticas.

*São menos exigentes, tratam os meninos melhor que as menina; as meninas tem que fazer tudo dentro de casa e os meninos não fazem nada.*  
(32Fa)

#### **Meninas recebem mais atenção dos pais**

Os adolescentes consideraram também que os pais e as mães são mais carinhosos e dão mais conselhos para as filhas que para os filhos.

### **4.2.2 Questões que se referem ao relacionamento e ao cotidiano das famílias**

**TABELA 9 – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: *Como as pessoas na sua família demonstram carinho e afeto?***

<b>Categorias</b>	<b>participantes</b>		<b>Mães</b>		<b>Pais</b>		<b>Filho(a)s</b>	
	<b>fr.</b>	<b>%</b>	<b>fr.</b>	<b>%</b>	<b>fr.</b>	<b>%</b>	<b>fr.</b>	<b>%</b>
<b>Com contato físico</b>	26	59,0	8	26,6	17	38,6		
<b>Falando/conversando</b>	18	40,9	13	43,3	22	50,0		
<b>Dando atenção</b>	14	31,8	10	33,3	11	25,0		
<b>Brincando</b>	3	6,8	6	20,0	5	11,4		
<b>Outros</b>	-	-	1	3,3	1	2,3		

#### **Com contato físico**

Mães, pais e adolescentes relataram que as pessoas da família também expressam carinho e afeto por meio de contato físico, como abraçar,

beijar, deitar no colo, fazer um carinho. As respostas de todos os participantes referiram-se à expressão de afeto entre pais e filhos. As mães mencionaram o pai como sendo uma pessoa carinhosa na família quatro vezes, referiram-se a elas próprias como carinhosas por duas vezes e a pelo menos um dos filhos por 12 vezes. Os pais mencionaram os filhos como os agentes dos carinhos físicos por cinco vezes e a mãe como carinhosa duas vezes. Nas respostas dos adolescentes, as mães são mencionadas seis vezes como a pessoa que abraça e beija os filhos, enquanto o pai é mencionado três vezes.

### **Falando / conversando**

Mães, pais e adolescentes consideraram que uma forma de expressar afeto na família é através de conversas, da forma de falar, e de expressões verbais de carinho. As mães relataram que a expressão de afeto acontece quando dialogam com os filhos, quando estes têm algum problema, ao pedir desculpas, agradecer, aconselhar ou desejar boa noite, no jeito como um conversa com o outro e com palavras de carinho, como dizer que ama. Os pais consideraram que o carinho é expresso no jeito de falar, ao explicar *as coisas da vida* para os filhos e discutir os problemas quando as coisas não vão bem. Mencionaram também que os filhos expressam afeto quando conversam com os pais. Os adolescentes consideraram que a expressão de afeto acontece quando a mãe diz que gosta dos filhos, quando os genitores procuram os filhos para saber se eles têm algum problema, quando as pessoas da família tentam animar um outro que está triste, quando a mãe conversa com o filho sem brigar, quando as pessoas da família contam as novidades, quando acontecem elogios e quando as pessoas dizem que gostam umas das outras. Os adolescentes citaram seis vezes a mãe como a pessoa que mais busca os filhos para conversar; o pai foi citado apenas uma vez, mas junto com a mãe.

Outra forma de demonstrar carinho e afeto na família, segundo os participantes, é através da atenção que uma pessoa tem com a outra. Brincar um com o outro, *fazer orações* pelo outro e deixar a filha sair também foram consideradas formas de expressar carinho.

### **Dando atenção**

As mães consideraram que as pessoas da família são carinhosas quando são atenciosas, dão presentes, fazem bilhetinhos, trazem flores no aniversário e ficam juntas nas datas comemorativas. Consideraram que é expressão de carinho demonstrar preocupação quando a pessoa tem um problema ou fica doente, fazer coisas que agradam os outros, ouvir a pessoa quando ela precisa. As mães ainda consideraram como formas de expressar carinho: comprar algo de que a pessoa esteja precisando; o pai preocupar-se com a alimentação dos filhos, fazer o café da manhã para eles, educá-los filhos; a mãe ter o respeito do marido e preservar a união das pessoas da família.

Os pais disseram que as pessoas da família expressam carinho quando dão atenção, tratam bem um ao outro, fazem uma surpresa no dia do aniversário, ligam para saber como estão as coisas em casa, se preocupam um com o outro, se despedem ao sair, ou quando os irmãos fazem coisas juntos e as pessoas da família passeiam juntas.

Os adolescentes consideraram que as pessoas da família são atenciosas quando se preocupam, dão atenção, mandam telegrama no aniversário e ensinam o dever de casa; quando os genitores dão atenção, se preocupam e levam para passear, quando a mãe ouve quando o filho precisa ser ouvido. Os adolescentes consideraram também que uma pessoa da família expressa afeto pela outra quando dá alguma coisa, quando os pais procuram dar tudo de bom aos filhos e quando os filhos presenteiam a mãe.

### **Brincando**

Outra forma de expressar afeto na família é através de brincadeiras. As mães consideraram que brincar e fazer o outro rir é uma forma de expressar afetividade. Os pais responderam que a família expressa afeto através de brincadeiras, jogos e quando a família se diverte junto. Os adolescentes disseram que é quando na família um brinca com o outro e fazem *gozações de brincadeira*.



## Outros

Um dos pais considerou que uma forma de demonstrar carinho mútuo é pedir oração para outros membros da família quando um dos membros vai à igreja. Uma das meninas considerou que uma forma de expressar afeto é a mãe deixar os filhos saírem.

**TABELA 10 – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: O que a família faz nas horas de descanso e final de semana?**

<i>participantes</i> <i>Categorias</i>	<i>Mães</i>		<i>Pais</i>		<i>Filho(a)s</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
Ficar em casa	34	77,3	17	56,7	25	56,8
Sair / passear	21	47,7	17	56,7	25	56,8
Ir a Igreja	18	40,9	7	23,3	7	15,9
Visitar outras pessoas	13	29,5	5	16,7	14	31,8
Jogar / pescar	10	22,7	5	16,7	13	29,5
Trabalhar	7	15,9	4	13,3	6	13,6
Ir ao bar / beber	4	9,1	2	6,7	3	6,8

## Fica em casa

Ficar em casa no final semana é uma das principais respostas dos participantes. Descansar, dormir, conversar, ver televisão, assistir a um filme, fazer churrasco foram atividades, citadas por pais, mães e adolescentes, que a família realiza quando fica em casa.

## Sair / passear

Sair de casa e fazer um passeio é outra forma de passar os finais de semana e momentos de lazer. Os três grupos de participantes disseram que vão ao shopping, à praia, ao restaurante, saem para a pracinha do bairro ou ficam pelas ruas do bairro. Os três grupos de participantes disseram que às vezes os filhos também saem para festas. As respostas das mães destacaram que os adolescentes da família saem mais para passear.

### **Ir a Igreja**

Segundo os três grupos de participantes, outro local freqüentado pela família nos finais de semana é a Igreja. Essa categoria tem um número maior de respostas das mães, embora nas respostas elas incluam toda a família. Alguns adolescentes mencionaram também que saem com grupos de jovens ou com outras pessoas da Igreja para excursões.

### **Visitar outras pessoas**

Visitar outras pessoas, como amigos e principalmente parentes, também faz parte da programação da família. Os pais ressaltaram as visitas a outras pessoas da família. As mães e os adolescentes, embora mencionassem principalmente visitas a parentes, falaram também que vão à casa de amigos e que os filhos e filhas visitam o namorado ou namorada. Duas mães e um pai relataram ainda que a mãe vai visitar o filho ou o irmão no presídio, nos finais de semana.

### **Trabalhar**

Alguns membros das famílias, principalmente o pai, trabalham nos finais de semana, conforme mencionaram as mães. Os adolescentes e os pais disseram que mães, pais, filhos e filhas também trabalham nos finais de semana.

### **Jogar / pescar**

Atividades como praticar esportes, jogar videogame, dominó ou baralho, brincar e pescar também são formas de passar o final de semana, principalmente para os pais e os filhos e filhas da família. As mães não foram diretamente mencionadas nessas atividades por nenhum dos grupos de participantes.

### **Ir ao bar / beber**

Ir ao bar e sair para beber no final de semana também foram respostas dadas por todos os participantes. Quem sai para beber são

principalmente pais, filhos e filhas. Apenas um adolescente mencionou que ambos, o pai e a mãe, vão para o bar; os outros participantes não incluíram as mães nessa categoria de resposta.

**TABELA 11 – Categorias de respostas por grupo de participantes para a questão: *O que você gostaria que fosse diferente na relação com o companheiro(a)?***

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>		<i>Mães (N=44)</i>		<i>Pais (N=30)</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
<b>Afetividade / companheirismo</b>	12	27,3	6	20,0	-	-
<b>Reclamação em relação à bebida</b>	7	15,9	-	-	-	-
<b>Menos brigas e desentendimentos</b>	4	9,1	-	-	-	-
<b>Outras</b>	4	9,1	1	3,3	-	-

As respostas a essa questão expressam os pontos de conflito entre os casais. Foram as mães as que deram um número maior de respostas. A maior parte dos pais (76,7%) respondeu que não havia nada para ser modificado no relacionamento.

### **Afetividade / companheirismo**

Pais e mães gostariam de que houvesse mais companheirismo e afetividade na relação do casal. As mulheres gostariam de que houvesse mais demonstração de afeto, mais atenção, brincadeiras e diálogo. Pedem mais compreensão e consideração com a sua opinião. Os homens gostariam de que houvesse maior preocupação com eles, mais entendimento entre o casal e mais diálogo.

*Se eu pudesse eu mudaria a cabeça dele, ele não tem diálogo, não tem carinho, não tem amor. (3M)*

*(...) que o relacionamento fosse melhor. Ela é nervosa. É difícil chegar no ponto onde a gente está querendo com a companheira. (4P)*

### **Reclamação em relação à bebida**

As mulheres revelaram o desejo de que o marido parasse de beber. Disseram que ficam cansadas e com raiva quando o marido bebe, que

gostariam de que ele não saísse para beber e não chegasse tarde, que voltasse a ser como antes, mais religioso e carinhoso e que conversasse mais.

*(...) ele bebe, apronta, eu fico com raiva e depois fico com pena.*

(12M)

### **Menos brigas e desentendimentos**

As mães gostariam também de que houvesse menos desentendimentos com o marido. Entre os motivos citados, estão o fato de ela ou de ele sair sozinho(a) e as críticas do marido à esposa.

### **Outras**

As mães gostariam também de que o marido tivesse mais tempo para a família, pois trabalha demais, que não fosse mulherengo, que estivesse trabalhando e que mudasse o comportamento com a enteada. Um dos pais disse que gostaria de que a mulher não reclamasse tanto de dinheiro.

**TABELA 12 – Categorias de respostas dos pais e mães para a questão: *O que você gostaria que fosse diferente na relação com os filhos?***

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>		<i>Mães</i>		<i>Pais</i>	
	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>	<i>fr.</i>	<i>%</i>
Obediência / consideração	14	31,8	3	10,0		
Preocupação com o futuro	2	4,5	5	16,7		
Situação material/Dar uma vida melhor	2	4,5	1	3,3		
Afetividade	2	4,5	3	10,0		
Desentendimento entre os irmãos	4	9,1	1	3,3		
Auto-avaliação	6	13,6	-	-		
Que fossem religiosos	3	6,8	-	-		
Morássemos todos juntos ou perto	2	4,5	-	-		
Não ficassem na rua	2	4,5	-	-		
Preocupação com as saídas das meninas	-	-	3	10,0		

### **Obediência / consideração**

A principal reclamação das mães em relação ao comportamento dos filhos refere-se ao desejo de que eles sejam mais obedientes e tenham mais consideração com os cuidadores. As mães reclamaram que os filhos dão muito trabalho, são teimosos, que não pensam nelas e não as compreendem, que não fazem o que elas pedem e que são geniosos. Os namoros dos filhos e filhas também são uma preocupação das mães. Uma delas disse que gostaria de que a filha fosse mais ajuizada e não tivesse ficado grávida. Três pais também apontaram que gostariam de que o comportamento dos filhos fosse diferente, mencionando a desobediência e o fato de eles não levarem em consideração o que os pais e as mães falam.

### **Preocupação com o futuro**

Outra categoria de respostas que pais e mães deram refere-se à preocupação com o futuro dos filhos. Pais e mães expressaram o desejo de que os filhos permanecessem estudando e que conseguissem trabalho. Um dos pais citou também a preocupação com um dos filhos, que estava envolvido num *processo no juizado* por causa de uma briga na escola.

### **Situação material / Dar uma vida melhor**

Duas mães e um pai mencionaram que gostariam de poder dar uma vida material melhor para os filhos.

*Tudo que eu penso é pra eles. A gente pensa de dar tudo de bom pra eles. Eu gostaria de poder dar mais coisa. Mas a gente não tem. (16M)*

*A única coisa que eu queria era ter um lar (casa) melhor, mais salário. Às vezes eles querem um curso e eu não posso pagar. (8P)*

### **Afetividade**

Duas mães expressaram o desejo de que os filhos fossem mais carinhosos e mais *abertos* para conversar. Os pais gostariam de que os filhos fossem mais carinhosos e brincassem mais. Um deles reclamou que os filhos são mais atenciosos com a mãe que com ele.

### **Desentendimento entre os irmãos**

Outra situação que as mães e um dos pais gostariam que fosse diferente é a relação entre os irmãos. As mães gostariam de que os filhos se entendessem mais, dialogassem e fossem mais unidos. O pai mencionou que gostaria que os filhos se respeitassem.

### **Auto-avaliação**

As mães também fizeram uma auto-avaliação e disseram que gostariam que a forma como se relacionam com os filhos fosse diferente. Citaram o desejo de serem mais carinhosas, mais expansivas para falar sobre os próprios sentimentos, que gostariam de ter mais tempo para os filhos e mais paciência com eles.

### **Que fossem religiosos**

Que os filhos fossem mais religiosos e freqüentassem a mesma Igreja da família era também o desejo de algumas mães. Uma delas considerou a Igreja como uma proteção contra os problemas.

*Se eu pudesse, meus filhos só estariam na Igreja; é onde não tem problemas. (3M)*

### **Morássemos todos juntos ou perto**

Duas mães gostariam que todos os filhos pudessem morar juntos. Uma delas disse que tem um filho em outro bairro e a outra, por falta de espaço, deixou os filhos com a avó após uma nova união.

### **Não ficassem na rua**

Uma preocupação comum das famílias do bairro é em relação aos filhos na rua na rua. Duas mães gostariam que os filhos ficassem mais em casa e menos na rua, que, segundo elas, é onde está o há mais risco. A maior preocupação das famílias deve-se ao contato com as drogas, uma vez que o tráfico já está instalado no bairro. Uma das mães mencionou que um dos filhos já é usuário.

### Preocupação com as saídas das meninas

Três pais disseram que se preocupam com o fato de as filhas gostarem de sair. Existe a preocupação quando não sabem onde as filhas estão e com o que lhes possa acontecer na rua, como contato com drogas e possibilidade de gravidez indesejada.

**TABELA 13 – Categorias de respostas dos adolescentes para a questão: *O que gostaria que fosse diferente na relação com a família?***

<i>Categorias</i>	<i>participantes</i>	<i>Adolescentes (N=44)</i> <i>fr. %</i>
Menos brigas e desentendimentos	11	25,0
Relacionamento com o pai / padrasto	10	22,7
Relação com os irmãos	9	20,5
Mais diálogo / compartilhar mais	8	18,2
Situação material melhor	5	11,4
Mais liberdade	3	6,8
Auto-avaliação	2	4,5
Relacionamento com a mãe	2	4,5
Que o pai parasse de beber	2	4,5
Outros	2	4,5

### Menos brigas e desentendimentos

Entre os fatores que gostariam de mudar na família, os adolescentes desejavam que houvesse menos brigas e desentendimentos, que os pais não brigassem, que as pessoas da família se entendessem na hora de conversar, que fossem menos *ignorantes*, que houvesse mais união e menos brigas com os parentes e entre a mãe e os irmãos, que na família um não falasse mal do outro.

### Relacionamento com o pai / padrasto

Outro desejo de mudança refere-se ao relacionamento com o pai ou com o padrasto. Os adolescentes gostariam de que o pai conversasse mais, que fosse mais compreensivo, que admitisse os erros, que lhes desse mais

atenção e saísse mais com os filhos. Três adolescentes mencionaram maiores dificuldades na relação com o padrasto. Um deles citou que o padrasto faz a intriga sobre ele com a mãe, outro alegou que gostaria de que as brigas acabassem; e um dos adolescentes desejou que o padrasto e os irmãos pequenos não estivessem na família.

### **Relação com os irmãos**

Em relação aos irmãos, os adolescentes disseram que gostariam de ter as mesmas coisas que o irmão, que houvesse menos brigas, que o irmão fosse mais obediente, que o irmão fosse mais unido à família e que a mãe desse o mesmo carinho a todos os filhos. Uma adolescente desejou ainda que os irmãos que estão presos voltassem para a casa.

### **Mais diálogo / compartilhar mais**

Os adolescentes manifestaram também o desejo de que na família houvesse mais diálogo e de que os membros da família conversassem mais e compartilhassem mais suas dificuldades e problemas.

### **Situação material melhor**

Os adolescentes desejaram que a vida econômica da família fosse mais fácil, que os pais pudessem ter um salário melhor, uma casa maior, própria.

### **Mais liberdade**

Três adolescentes do sexo feminino gostariam de se sentir menos presas, e que os pais e mães as deixassem sair mais com as amigas.

### **Auto-avaliação**

Dois adolescentes fizeram uma auto-avaliação quando disseram que gostariam de ser mais obedientes.



**Que o pai parasse de beber**

Entre as situações na família que gostariam de que fossem diferentes, dois adolescentes alegaram desejarem que o pai parasse de beber.

**Relacionamento com a mãe**

Dois adolescentes gostariam de que a mãe tivesse mais tempo para os filhos e saísse mais com eles.

**Outros**

Para um adolescente, os pais deveriam pensar diferente sobre ele, e na opinião de um outro, a família protege muito os filhos e se preocupa demais com eles.

### 4.3 Apresentação dos resultados da segunda fase de coleta de dados

Apresentaremos a seguir as narrativas das três famílias (A, B e C) que foram organizadas conforme descrito no capítulo sobre o método. O quadro abaixo mostra as principais características descritivas das famílias e de seus membros.

**QUADRO 3 – Caracterização das famílias entrevistadas na segunda fase de coleta de dados.**

Família	Participantes	Idade	Escolaridade	Trabalha	nº pessoas na casa	nº de filhos	Renda familiar em Sal. mín.	Tempo de união casal
<b>A</b>								
Mãe	Mércia	35	0	sim	6	1 menino	2	22 anos
Pai	Plínio	40	0	sim		1 menina		
Filha	Fani	16	5º ano EF	não				
Filho	Fábio	14	7º ano EF	não				
<b>B</b>								
Mãe	Miriam	40	0	sim	8	4 meninas	2	26 anos
Pai	Pedro	50	3º ano EF	sim		2 meninos		
Filha	Flávia	17	1º ano EM	sim				
Filho	Fernando	15	1º ano EM	não				
<b>C</b>								
Mãe	Mabel	31	5º ano do EF	não	7	1 menina	2	16 anos
Pai	Paulo	36	1º ano do EF	sim		4 meninos		
Filha	Florisia	16	1º ano EM	não				
Filho	Felício	15	7º ano EF	não				

EF=ensino fundamental EM=ensino médio

#### 4.3.1 Narrativa da Família A

##### O contato com a família

A primeira visita a essa família aconteceu dia 21 de junho de 2004. A casa onde moravam na época era pequena, e de alvenaria. Na sala mal cabiam o sofá de dois lugares e a televisão. Os cômodos eram separados por cortinas de tecido. Moravam na casa cinco pessoas, a mãe e o pai, os dois filhos adolescentes e uma irmã mais nova da mãe. O pai, Plínio, trabalhava como cozinheiro; a mãe, Mércia, trabalhava como cuidadora de um senhor

idoso. A renda da família era de aproximadamente dois salários mínimos. Mércia tinha 35 anos, Plínio tinha 40 anos e, na época, tinham 22 anos de união. Os dois nasceram na Bahia e vivem há alguns anos em Vitória. Nenhum dos dois freqüentou a escola.

Na segunda visita, ocorrida em 25 de fevereiro de 2005, a família havia mudado para uma casa um pouco maior. A pesquisadora foi muito bem recebida pela mãe, que ficou contente pelo nosso interesse em conversar com ela novamente. A filha tinha completado 16 anos e havia parado de estudar na 5ª série do ensino fundamental, após ter ficado grávida. Na época da entrevista, o bebê, uma menina, estava com 6 meses. O filho estava com 14 anos, freqüentando a 7ª série do ensino fundamental. Os dois inicialmente ficaram um pouco inibidos, não quiseram falar na segunda visita. Foram feitas mais duas visitas para entrevistar os dois filhos e o pai.

## **Relacionamento na família**

### ***O casamento e o nascimento dos filhos***

Plínio estava com dezoito anos e Mércia com 14 quando se casaram. Plínio e Mércia conheceram-se quando ela mudou com a mãe para a mesma fazenda em que ele morava e trabalhava na roça. Uniram-se logo, não chegaram a namorar.

Para Plínio, a vida mudou com o casamento porque ele conseguiu o que sempre quis: ter uma mulher que cuidasse dele e de quem ele pudesse cuidar. Plínio considerou que a relação do casal não mudou com o nascimento dos filhos e nunca desejou qualquer mudança, pois acredita *que do jeito que “tá”, “tá” muito bom*.

Os dois filhos nasceram em casa e Plínio assistiu aos partos que, segundo ele, *foram trabalhosos*. Ele não tinha preferência pelo sexo dos bebês e achava que *o que viesse “tava” bom*. Depois do nascimento de Fábio, Mércia sofreu um aborto e, depois desse episódio, foi *operada para não ter mais filhos*. Segundo Plínio, os filhos não foram planejados: *Nós não tinha muito juízo lá naquele tempo*.

Plínio avaliou que depois do casamento tudo na sua vida mudou porque passou a se dedicar à família, não gastando seu dinheiro fora de casa ou apenas consigo: *tudo que eu faço é pra dentro de casa*. Hoje ele é cozinheiro, entra no emprego à tarde e sai às 4 horas da manhã, indo direto para casa, onde fica descansando.

Mércia tinha outra opinião sobre seu casamento. Teve dois namorados antes do casamento, o primeiro aos doze anos. Sua mãe não gostava do segundo namorado, com quem ficou mais de um ano, e obrigou-a a casar com Plínio. Disse que, no início, ela não gostava do marido, foi aprendendo a gostar dele com o tempo e depois que nasceram seus dois filhos, a primeira depois de aproximadamente dois anos de casamento, quando tinha 16 anos.

Para Mércia, a vida mudou depois que os filhos nasceram. Ela sempre quis ser mãe, sonhava com isso e deliberadamente não se prevenia contra a gravidez. Os filhos foram desejados e só lhe deram alegria: *Ai, eu nunca vou dizer, meus filhos me deu trabalho, meus filhos eu não desejei (...) porque pra mim sempre foi em primeiro lugar meus filho*. Relatou que, quando os filhos nasceram, o marido a ajudava, olhando as crianças quando ela queria tomar banho ou quando ficava doente.

Mércia mencionou várias situações nas quais indicava que a relação com Plínio era difícil. Contou que, durante a primeira gravidez, Plínio não conversava e ela não sabia o que ele pensava. Segundo Mércia, ele a tratava mal e parecia que não queria o filho.

Mércia não trabalhou fora de casa durante o início do casamento porque o marido não deixava, apesar de chamá-la de preguiçosa porque apenas ele trabalhava. Começou a trabalhar com 30 anos, ainda na Bahia, pouco antes de se mudar para Vitória. Passou a *tomar conta da rédea da família* e a não obedecer mais ao marido. Conseguiu um emprego de varredora de rua, no qual trabalhou três meses. Depois desse tempo, teve que fazer um curso preparatório para continuar no emprego. Nessa época, seu marido estava revoltado porque não estava sendo pago pelo seu trabalho, e a família estava começando a passar dificuldade. Uma *filha de criação* de Mércia, que

morava em Vitória, enviou o dinheiro para que toda a família pudesse mudar para esta cidade.

Desde então, Mércia já teve vários trabalhos: cuidou de filhos de vizinhos do bairro, com a ajuda de sua filha, trabalhou em um asilo, em casa de família como doméstica e, na época da entrevista, cuidava de um senhor idoso que morava no bairro. Mércia disse que, apesar de chamá-la de preguiçosa quando ela não trabalhava, quando começou a trabalhar, Plínio *implicava* ainda mais: *Tinha vez que eu saía de manhã, quatro hora da manhã pra poder varrer rua, porque eu varria rua. Ele já estava na esquina, pra ficar... ai meu Deus, é muito atentado!* Explicou que esse tipo de comportamento fez com que ela deixasse de amá-lo, passando a suportar as coisas que Plínio fazia porque não podia sair de casa e correr o risco de perder os filhos.

Segundo Mércia, Plínio justificava seu comportamento dizendo que era revoltado pelo fato de seus pais o terem colocado para trabalhar na roça muito cedo, com oito anos. Ele acreditava que a mãe tinha preferência pelas filhas e não deu a ele a oportunidade de estudar: (...) *então ele falou que ele não teve liberdade de estudar, de ter uma vida que todas criança tem direito, de brincar se divertir (...) Então ele tem essa mágoa do pai e da mãe.* Ela pensava que seu marido transmitia para ela e para os filhos sua revolta e os culpava por não ter *subido na vida*. Depois que Plínio e Mércia passaram a morar junto, ele saiu do meio da família e não voltou mais. Desde que mudaram para Vitória ele não vê a mãe, que mora na Bahia. Mércia relatou que o marido também a culpava por isso: *Ele fala, me chama de feiticeira, de bruxa.*

Mércia não concordava com a justificativa do marido porque também sofreu com seus pais: *eu sofri muito com meu pai, com minha mãe, vi o sofrimento deles, nem por isso eu passei pra ninguém essa tristeza deles, nem passei pra meus filhos.* Contou que sua mãe também se casou ainda adolescente, com 14 anos, e teve 14 filhos, dos quais Mércia foi a segunda. Disse que saiu de casa pequena e resolveu morar com a avó porque seu pai maltratava sua mãe. A mãe teve um segundo casamento, mas seu novo companheiro também a tratava mal. Mércia relatou que passou a sentir falta da mãe depois que saiu de casa e achava que era tratada com mais carinho pela

mãe quando se reencontravam: *Então nós passemos a ser mais amiga, eu e ela. Aí ela já contava o segredo dela pra mim, eu já contava o meu pra ela.*

Sua vida ficou mais difícil depois que sua mãe morreu. Elas moravam em casas próximas, na Bahia, e Plínio era muito apegado à sogra e a respeitava. Depois de sua morte, o comportamento de Plínio mudou, de acordo com Mércia, não porque sua mãe a apoiasse, mas porque ele tinha medo da sogra, o que inspirava nela mais segurança. Depois da morte da mãe, Mércia foi infiel ao marido, com a justificativa de que ele também era infiel: *Aí, depois que minha mãe morreu, eu fiz muita travessura também, fiz, porque ele me levou a fazer.* Para Mércia, ela e Plínio nunca compreenderam um ao outro.

### ***Relacionamento entre pais e filhos***

Plínio e Mércia acreditam que criar filhos hoje é mais difícil que antigamente, pois hoje os filhos são mais desobedientes e o acesso às drogas é mais fácil. Mércia observou que hoje as crianças começam a fumar e a ser rebeldes mais cedo e que antes eram mais tímidas e ingênuas. Explicou que, quando criança, não sabia nada sobre droga e que até hoje não conhece o que é maconha. Contou que, quando tinha dez anos, viu um policial levando um garoto que estava drogado, mas pensou que o garoto tivesse roubado. Chorou porque pensou que o policial fosse bater nele. Hoje via os meninos usando droga, fumando, e ficava tonta quando passava perto, mas não sabia identificar o que era. Acredita que antigamente as mães ficavam mais despreocupadas. *Hoje em dia é tudo mais fácil. Tu vê, um menino de 12 anos, vai num lugar e já vem com um pacotinho e já passa pra outro e sai. Aqui mesmo, esse mês, meu Deus, é o que tem, e menino novo...*

Plínio também acredita que a vida hoje é diferente do que era na época em que foi adolescente. Disse que antes havia menos recursos, não tinham roupa, calçado, aparelho de som, televisão, mas a criação era melhor, porque não tinham medo de sair de casa. *Era bom porque não tinha essa vagabundagem no mundo como hoje em dia.* Plínio considerou que antigamente não havia tanta droga e assassinatos como hoje. Para ele, hoje os filhos não gostam quando são aconselhados pelos pais. Enfatizou que é importante aconselhar seus filhos, mas que, por outro lado, a escolha é deles.

*Se quiser fazer faça, se não quiser...* Disse que aconselhava os filhos a não pegar coisas de outras pessoas, a não usar drogas e a ter cuidado com as amizades.

Plínio contou que sua criação foi diferente da criação de seus filhos porque quem o criou *foi o mundo*. Não conheceu seu pai, que foi embora quando ele tinha doze anos de idade. (...) *porque quando ele viu a casa cheia de filho, foi embora escondido pra não dar nada pra nós comer*. Foi criado apenas pela mãe, que ensinou todos os filhos a trabalhar: *Trabalhando... eu fui vivendo a vida até hoje*.

Plínio considerava-se um bom pai porque não batia nos filhos. Esclareceu que eles não davam trabalho e que eram obedientes. Quando os filhos brigam, Plínio reclama e chama Mércia. Acha que o filho tem que respeitar a menina porque é a mais velha.

Plínio disse que cuida dos filhos, que, quando um deles está doente, leva-o ao médico e compra remédio. Preocupa-se com a integridade física e moral dos filhos. Fábio faz remo e Plínio tem medo de que ele seja atropelado por um barco. *Rapaz, a minha preocupação que eu tenho com ele é que ele... saia daqui 4 horas da manhã para ir remar .... Ele pode ir remar lá, pode aparecer um barco atrás e ele não ver. Eu falo para eles olhar pra trás, se aparecer um barco, saltar fora. É isso*.

O futuro de seus filhos também é uma preocupação: *Eu queria, assim, que eles vão estudar... pra mor de eles depois pegar os empregos deles, ser empresário, pra ganhar o dinheirinho deles....* Plínio acha que eles têm que estudar mais para que no futuro, já com 18 anos, consigam um bom emprego e sigam uma carreira, uma vez que sendo menores não conseguem trabalho.

Mércia contradisse o depoimento de Plínio em relação aos conselhos que ele disse dar aos filhos. Enfatizou que o marido só conversa quando está embriagado e que ,nesses momentos, apenas briga com os filhos. Deu exemplo contando que, quando descobriram que a filha estava grávida, a conversa de Plínio com ela se resumia à pressão para saber quem era o pai. Quando se dirige ao filho é para dizer que não quer que ele fique com os amigos. Mércia disse que os filhos ficam com raiva, e que sente que eles não

gostam do pai e não se sentem bem na sua presença. Comentou que Plínio reclama que ela coloca os filhos contra ele, mas Mércia responde que é ele mesmo quem faz isso.

A filha do casal, Fani, confirmou que o relacionamento com o pai é difícil, e o filho, Fábio, admitiu que o pai *não é muito de conversar*.

Fani fez uma avaliação bastante negativa do pai, acha que ele briga em casa e na rua por causa da bebida; disse que o pai *quer bater em todo mundo*. Relatou que Plínio não conversa e que ela gostaria que ele parasse de beber e se dedicasse mais à família: *Porque ele nunca passou um dia de domingo com a gente, nunca assistiu um vídeo com a gente, nunca saiu com a gente não. Nunca. A vida dele é só beber*. Fani tem mágoa do pai porque ele não participa dos passeios com a família e disse que apenas a mãe é presente. Considerou importante a presença do pai, mas diz que se ele continuar bebendo prefere viver longe dele. Revelou que a família tem pensado em voltar para a Bahia e que não queria que ele fosse junto: *É, ia ser melhor, porque ele, num gosta de nada, só discute com a gente, fala que a gente não presta pra nada, fala que a gente é imprestável...* Mas agora seu pai resolveu ir também e não vai mais ser do jeito que ela queria.

Fani contou que se esconde junto com o irmão embaixo da cama, quando seu pai chega embriagado, porque ele é agressivo: *Porque ele chega querendo brigar com a gente. Uma vez ele chutava a gente, porque ele bebia, ficava chutando a gente, sem a gente fazer nada. Mas eu espero que isso acaba, né? Deus sabe o que faz*.

Outra dificuldade é que o comportamento do pai impede que Fani volte a estudar, como desejaria. Afirmou que poderia levar o bebê junto com ela para a escola, mas tem que ficar em casa, porque o pai bebe e deixa a casa sozinha enquanto sua mãe trabalha. Além disso, segundo Fani, o pai prefere que a filha fique em casa porque acha que ela, na verdade, fica na rua quando diz que vai à escola. Fani tem planos de voltar a estudar quando retornar para a Bahia.

Mércia ressaltou que a criação que teve com seus pais foi diferente da criação que dá para seus filhos. Disse acreditar que os pais devem ensinar os filhos a fazer as atividades de casa como varrer, lavar roupa, cozinhar, e



que sua mãe não lhe dava nenhuma instrução sobre esse tipo de trabalho. Contou que aprendeu sozinha, apenas observando a mãe e a avó, porque achava bonito e era uma pessoa inteligente. Mércia disse que também aprendeu sozinha a ler e escrever: *Tudo isso foi, aprendi sozinha. Porque eu tinha vontade de aprender.* Ponderou que também não aprendeu com seus pais o que era o amor de uma família: *Eu aprendi sozinha o que é o amor, uma família, aprendi o que é dar amor a um filho, a receber ele de troca.*

As falas de Mércia mostram que sua relação com os filhos é mais próxima do que a do marido. Considerou que seu filho é um menino *ajuizado* e disse que, desde que ele era pequeno, o aconselha para que seja honesto, que estude para *ser alguém na vida*, para ser o que a mãe e o pai não conseguiram. Ressaltou, no entanto, que ele é quem deve pensar e escolher o que quer ser. Afirmou que Fábio não gosta de bebida nem de cigarro e que ele às vezes chama a atenção da mãe quando ela fuma, deixando-a envergonhada: *Porque eu sempre ensinei a ele pra não usar, né? E no fim eu passo a usar, então às vezes eu sinto mal (...) Só que sempre eu falo com ele: - Só não quero meu filho, que você use, porque isso aqui é um veneno, cigarro é veneno, bebida então! tenho o maior ódio de bebida...*

Fani reclamou que a mãe *paparica* o filho. Mércia confirmou, mas disse que quando tem que falar sério também sabe falar.

Fábio confirmou que é a mãe quem tem mais diálogo com os filhos. Contou que conversa bastante com ela e que, se ela descobre algum problema que não tenha contado, o procura para conversar.

Fábio não falou muito mais sobre o relacionamento na sua família. Disse que a única coisa que falta é que eles tenham uma casa própria, o que é também uma expectativa do pai.

Em relação à filha, Mércia sente raiva porque gostaria de que ela fosse mais *aberta*, esperava que tivesse conversado sobre seu namoro e não engravidasse. Mércia disse que conversava sobre namoro com sua irmã mais nova e com Fani desde que a filha tinha nove anos, explicando que ela só deveria começar a namorar com 15 anos, dentro de casa, que a mãe deveria conhecer o rapaz e saber se era de boa família. Mércia não queria que a filha perdesse a virgindade tão nova, como aconteceu com ela própria. Fani

conheceu o pai de seu bebê ainda na Bahia, quando tinha onze anos, e Mércia só soube do namoro através de outras pessoas, o que a deixou chateada. Queria ter sabido pela própria filha que, além de tudo, negava o namoro quando era questionada. Apesar da raiva que sentiu por saber que a filha estava namorando tão nova, conversou com ela e aconselhou-a a deixar para namorar quando estivesse maior, sugerindo que, por ser mais velho, o rapaz não a via como uma mulher. Quando vieram para Vitória, o rapaz já estava na cidade e eles se reencontraram: *Viamo praqui, pensei que tinha passado né? e ele engravidou ela.*

Quando soube que a filha estava grávida, Mércia chamou o rapaz para conversar, mas ele não assumiu que era o pai da criança, dizendo que Fani já tinha saído com muitos homens além dele. Mércia, então, colocou-o para fora da casa: *ele dizia que era mentira dela. Aquilo me deu um ódio. Falei: Não, tudo bem, cê já fez, deixa ela aí. Não é por isso que eu vou botar ela pra fora nem vou obrigar ela a casar com vagabundo nenhum.*

Nos últimos dias de gravidez, Mércia levava Fani com ela para a casa da patroa, e lá fez o parto da filha. Assim como Mércia, Fani teve a filha fora do hospital.

Antes da gravidez, aconselhava que Fani estudasse, aprendesse, mas considerou que a filha não é muito inteligente: *Mas sempre ela foi burra, e nunca foi de aprender nada não.* Mércia acha que Fani *puxou* o lado do pai. Para prevenir uma próxima gravidez, ameaçou a filha, dizendo que ia colocá-la para fora de casa se ela ficasse grávida novamente. Disse que a ameaçava, mas que não faria isso realmente. Contou que antes dizia para a filha que, se ela errasse, a levaria para o Juizado de Menor, mas que isso não a intimidou.

Fani confirmou a fala da mãe sobre a maior proximidade que esta disse ter com os filhos. Comentou que a mãe é a única pessoa de quem ela e o irmão não têm medo e com quem ficam. Fani exemplificou a proximidade e o carinho que têm com a mãe falando do cuidado que têm com ela, quando percebem que não está bem: *A gente dá mais valor a ela, né? É ela que dá janta dentro de casa pra gente, que ajuda a gente a fazer as coisas, ensina a gente a não ir pro caminho errado.*

## Representações de gênero

### *Diferenças de gênero na família*

Na divisão de tarefas entre homens e mulheres da família, é possível concluir que prevalece a idéia de que, dentro de casa, a mulher é a principal responsável pelas atividades. Mércia afirmou que ensinou a filha desde pequena a cuidar das tarefas da casa e que, por isso, a filha cuida bem de seu bebê. Relatou ainda que, mesmo considerando que *menino homem* tem que estudar, o filho também participa das tarefas domésticas: *Eu boto ele pra lavar um prato, eu boto ele pra varrer uma casa, eu boto ele pra cozinhar uma panela (...) porque um homem também não pode dizer: - Ai, sou homem, não vou fazer aquilo.*

Fani afirmou que existem diferenças entre ela e o irmão na distribuição das tarefas e que aos 12 anos já ajudava sua mãe a cuidar da casa. Ela entende que a mãe mima mais o irmão e que não faz a mesma exigência para que ele ajude em casa. Expressou seu descontentamento com essa situação e o desejo de que a divisão de tarefas fosse mais igualitária, contando que muitas vezes ele não atende seu pedido de ajuda, obrigando-a a cumprir sozinha a tarefa: *Eu acabo fazendo mais coisas. Ele não me ajuda em nada! (...) É eu que tenho que ir pagar prestação, e ele dentro de casa, jogando bola, na praia.* Fani reclamou também que aos 14 anos passou a ter trabalho remunerado, além do trabalho doméstico, enquanto o irmão nunca trabalhou. Acha que ele já tem idade para trabalhar e comprar as coisas que deseja: *Porque minha mãe manter o luxo dele eu não acho de acordo.*

Também é diferente o tipo de preocupação e expectativas que os pais têm em relação ao menino e à menina.

Mércia confirmou sua preocupação com o envolvimento do filho com drogas e disse que lhe dá conselhos para que não beba e não fume. Recomenda que não use drogas, mesmo que seus amigos o façam, porque os amigos não tiveram uma mãe e um pai que os orientassem. Mércia explicou que teve que ser corajosa quando veio para Vitória, porque as pessoas diziam que era perigoso e ela tinha medo por seus filhos: *Eu tinha medo de vim praqui e meu filho se bandiá pra esse lado: eu tinha medo de não conseguir é... botar meus filhos no eixo, né?* Essa mesma preocupação está direcionada à sua

filha, a quem dava os mesmos conselhos: *Porque menina mulé também é a mesma coisa, se mistura com droga e tudo, né?* Enfatizou que poderia ter acontecido com a filha se ela fosse *dessas mãe que soltasse*, porque acha que Fani tem *a cabeça fraca*.

Mércia contou que, antes de Fani ficar grávida, ela aconselhava a menina a deixar para namorar mais tarde e a estudar. Avalia que, embora a filha não tenha seguido esses conselhos, conseguiu colocar seus filhos na *linha do bem* e que eles *não desviaram*. *Deus tem me abençoado, que eu consegui, apesar da minha filha ter engravidado, mas isso aí pra mim é uma coisa normal, né?* Mércia avaliou que, depois que o bebê nasceu, Fani tornou-se mais ajuizada e disse estar orgulhosa dela.

Plínio afirmou que dá os mesmos conselhos para o menino e a menina e também confirmou a preocupação com as drogas, quando disse que só não quer que seu filho roube ou que use drogas.

Fábio explicou que, por ser homem, a mãe o deixa mais livre para namorar e até o incentiva, e acha que, se fosse mulher não teria tanta liberdade: (...) *eu posso namorar quando eu quiser, já minha irmã...* Ele contou que costumava acompanhar mais sua mãe quando ela precisava viajar ou sair, porque ela se sentia mais protegida com a companhia dele, por ele ser homem: *eu acho que ela pensa que eu posso proteger ela mais do que minha irmã*.

Fábio comentou que, além da preocupação da mãe com o estudo dos filhos, existem algumas diferenças na preocupação que a mãe tem com ele e com a irmã: *Porque como eu sou homem, ela tem medo de eu me envolver com esse negócio de drogas. Eu acho que é mais comigo mesmo*.

Quanto às expectativas, Mércia gostaria de que, antes de se envolver com outro homem, Fani estudasse, trabalhasse e amadurecesse: (...) *eu queria mesmo que ela trabalhasse, estudasse, largasse essa vida de homem, né? Deixasse ficar mais velha um pouquinho, né? mais madura, pra saber*. Mas ela acredita que, por causa do temperamento da filha, isso seria difícil de acontecer e espera, então, que o próximo companheiro da filha seja *um homem que preste, mas que ela goste dele e que ele goste dela e que vão morar assim, por amor, os dois*.

Mércia disse que deseja *muitas coisas boas* tanto para o filho como para a filha, mas justificou que para o filho, *como ele é menino, né?* deseja que ele estude, que consiga um emprego melhor para trabalhar. Espera também que, na idade certa, seu filho tenha *a namoradinha dele, para namorar, casar, ter os filhos dele, eu paparicar bem os netinhos.*

Plínio espera que sua filha trabalhe e seja *uma boa menina e dona da cabeça dela.* Quanto ao filho, espera que escolha o que quiser fazer quando terminar seus estudos: *Se quiser... ser um soldado vai, se quiser ser um advogado, ele vai e seguir com a vida dele.*

### **Ser mulher**

Mércia entende que a vida das mulheres hoje é diferente. Explicou que, na época de sua bisavó, as mulheres casavam cedo, porque os pais as obrigavam. Achavam que uma mulher solteira dentro de casa seria uma desgraça para a família. Sua mãe tinha esse preconceito e a obrigou a casar. Mércia disse que jamais faria isso com a filha só porque ela perdeu a virgindade, e que preferia a filha dentro de casa a vê-la com um homem que pudesse agredi-la.

Esclareceu que hoje as mulheres aprenderam muitas coisas sobre o relacionamento entre homem e mulher, que a maioria das mulheres já sabe prevenir uma gravidez, toma contraceptivo e não quer casar, mesmo quando perde a virgindade: *Acho que hoje em dia as mulheres são mais sabidas que antigamente.*

Mércia disse que já quis ser homem. Tinha esse desejo porque queria trabalhar, mas sua avó, com quem morava, não deixava porque achava que incentivaria a neta a sair com homens. Queria viver trabalhando e ter liberdade para sair *mundo afora.* Acrescentou que se fosse homem, iria trabalhar e namorar muitas mulheres bonitas. Mas admitiu que Deus coloca no mundo *cada um como tem que ser,* e que hoje acha bom ser mulher, porque mulher tem um jeito mais doce. Afirmou que as mulheres deveriam ocupar vários espaços no mundo, como vereadoras, prefeitas, professoras.

Observou ainda que não é contra uma mulher se relacionar com outra mulher, mas acha feio e errado: *Eu fico até com vergonha quando eu estou assistindo a novela e tem as sapatonas que vão se beijar. Eu tapo o olho.*

Para Plínio, não há diferença entre ser mulher e ser homem. Ele acha que, para uma mulher ser boa, ela deve ser carinhosa com os pais e tratar bem as pessoas da família, e que as filhas não devem preocupar os pais indo a festas em ambientes ruins.

Fani gosta de ser mulher porque as mulheres sabem divertir-se e podem ter independência. Acrescentou que sua mãe é uma mulher que não se diverte, que não gosta de sair, mesmo quando ela convida. Fani pensa que uma coisa negativa é quando ela bebe dizendo que isso é diversão. Acha que, em geral, as mulheres bebem menos que os homens, porque são mais vaidosas.

Fani acredita que a mulher deve cuidar da casa e das crianças da família e não acha correto que a mulher trabalhe fora. Acha que sua mãe não deveria trabalhar fora, mas admite que precisam do dinheiro para pagar o aluguel. Contou que houve um tempo em que foi graças à sua mãe que a família não *passou necessidade*, que ela sustentava a família: *Aí realmente é tudo errado, né? porque se ela não tivesse trabalhando não tinha nada.* Fani acredita que, se a mulher trabalha, o marido se acomoda e fica na rua em vez de trabalhar. Argumentou que, além de trabalhar enquanto o homem fica na rua, algumas mulheres ainda apanham dos maridos quando chegam a casa.

No entanto, Fani acha normal a mulher trabalhar se não for casada. Como não quer casar, concluiu que vai ter que trabalhar muito para conseguir sua própria casa. Disse que conhece muitas mulheres solteiras que trabalham e pagam a alguém para ficar com os filhos: *Realmente é o que eu vou fazer, né? Trabalhar, pagar uma pessoa pra tomar conta, ter minha casa e ajudar minha mãe.* Mas enfatizou que se casasse, não trabalharia: *Ah, se eu casasse, eu não ia trabalhar não!*

Para Fábio, a mulher deve trabalhar se quiser, e, na divisão do seu tempo, deve preocupar-se mais com os filhos do que com as atividades da casa. Fábio concorda que é desvantajoso para a mulher ser a principal

responsável pelos filhos: (...) *porque homem não vai ficar com filho pra cima e pra baixo igual mulher fica.*

### ***Ser homem***

Em relação aos homens, Mércia admira e acha bonito quando um homem trabalha, gosta de se arrumar e trata bem sua família. Acredita que existam muitos homens bons, que são trabalhadores.

Para Mércia, os homens julgam que é melhor ser homem porque usufruem o prazer do ato sexual e não sentem depois a dor do parto, o que consideram uma das desvantagens de ser mulher.

Assim como para a mulher, Mércia pensa que é uma coisa negativa para o homem ser homossexual e acha que *Deus botou no mundo os home pra ser home, né?*

Mércia admitiu que os homens não aceitam a traição, mas acha que, se um homem trai, ele merece ser traído também.

Considerou que hoje os papéis de homem e mulher são mais parecidos e, no mercado de trabalho, eles já realizam as mesmas atividades. Comentou que, embora ainda não seja comum o homem ser bom dono de casa, hoje é possível um homem fazer a comida e mesmo cumprir o papel que é da mulher, como assumir sozinho a responsabilidade dos filhos, em situações em que a mulher não esteja presente porque morreu ou foi embora: *Mas tem muitos homens que já têm aquela responsabilidade, de mulé.*

Para Plínio, ser homem é bom, principalmente por ele ser o dono da casa e trabalhar, porque poder aplicar o salário em casa é algo gratificante. Acha que é ruim quando o homem não trabalha e fica *de vagabundagem na rua*, quando rouba e é fichado pela polícia.

Para Fani, o trabalho é a principal responsabilidade do homem. Acha que os homens não sabem divertir-se e que para eles a única diversão é beber. Disse que todos os homens são iguais, gostam de beber e jogar, e deu o exemplo de seus amigos que bebem e de seu tio que, apesar de não beber, e sair pouco, perde o dinheiro da família jogando.

Fábio acha que a responsabilidade do homem é cuidar da mulher e dos filhos e que é importante que participe do trabalho doméstico e ajude a mulher.

### **Ser mãe**

Mércia acha que o papel da mãe é proteger os filhos e que ser mãe é *tudo: quando o neném “tá” na barriga, quando ela tem certeza que “tá” grávida, quando ela vê a barriguinha crescer. Pra mim aquilo ali é um dom de Deus.* A mãe deve ensinar aos filhos o que é a vida, como se relacionar com as pessoas e como serem felizes. *Porque se os pais não passarem para os filhos a felicidade, eles não vai ter, só vão ter tristeza na vida, né?* Ela acha que uma boa mãe, em primeiro lugar, deve dar carinho para que seus filhos se sintam amados. No entanto, Mércia reconhece que, mesmo que a mãe dê carinho, alguns filhos podem ser ruins e não têm jeito. Acredita que as mães também se preocupam com o sustento e com o estudo dos filhos, têm medo que eles sejam marginais e se questionam se eles seguirão o *bom caminho* trilhado por elas.

Fazendo uma auto-avaliação sobre seu papel como mãe, Mércia disse que faz o que pode. Avaliou-se como uma mãe *aberta*, que conversa com seus filhos, procura saber por que estão tristes ou alegres e se estão precisando de alguma coisa. Disse que age assim, dando atenção, com todas as pessoas de quem gosta, o que causa a admiração dos outros, inclusive da patroa.

Plínio considerou que uma boa mãe deve dar carinho para os filhos, alimentá-los e não deixar faltar nada. Disse que são ruins as mães que espancam os filhos, ficam em porta de bar bebendo e deixam os filhos *passarem necessidade* dentro de casa.

Para Plínio, o papel da mãe é educar os filhos, preocupar-se com os seus estudos, aconselhá-los para que não façam nada errado e para que não roubem, porque que os pais devem *dar um jeito* de provê-los do que precisam. Plínio avaliou que sua esposa cumpre esse papel como mãe.

Fani acha que as mães devem ser boas com seus filhos, devem cuidar, ser abertas para conversar, a exemplo de sua mãe, e não deixar os



filhos na rua. Embora considere que todas as mães deveriam tratar bem seus filhos, reconhece que há aquelas que os maltratam: *Tem mães que ajudam, tem mães que colocam pra vigiar carro.* Acrescentou que vai ser uma boa mãe para sua filha.

Fábio explicou que o papel da mãe é proteger o filho e que a mãe é a principal responsável pela educação, embora o pai também o seja. Avaliou que uma boa mãe não deve bater nos filhos, deve fazer como a mãe dele, dar conselhos e dizer o que é certo e errado.

### **Ser pai**

Para Mércia, ser pai é tão maravilhoso como ser mãe. É bom para o homem saber que fez um filho. Acredita que ele vai amar a mulher porque ela está esperando um filho seu. Acha ainda que o homem deva tratar bem a mulher que está grávida (...) *pra poder o filho crescer bem, na harmonia do pai e da mãe ali.*

Avaliou que alguns homens têm medo de ter filhos por causa da responsabilidade, principalmente quando são jovens. Refletiu que os homens ficam preocupados quando nasce o primeiro filho por não saberem como vão conseguir sustentá-lo e prover o estudo. Para ela, os pais não devem ser autoritários, devem procurar conversar mais com os filhos. Entende que os filhos não deveriam temer os pais, pois o medo não resolve nada. Contou que, em sua família, os filhos, só recorrem a ela quando têm algum problema e que o pai não fica sabendo de nada.

Plínio considerou que o pai deve aconselhar os filhos, principalmente a *não beber bebida alcoólica, não andar em meio ruim e estudar.* Apesar disso, contou que quase não conversa com os filhos porque eles não fazem nada errado e sabem respeitar as pessoas. Na concepção dele, conversar é sinônimo de repreender: *Se eles praticarem, se eles fizerem algo errado, aí eu tenho que conversar, né?*

Acredita que o lado bom de ser pai é poder trabalhar, levar alimentação para casa e comprar coisas que os filhos desejam. O lado ruim de ser pai é não poder dar aos filhos o que eles necessitam.

Para Fani, ser pai muitas vezes é importante para o homem, mas que nem todos são bons pais: *Mas como é que vai fazer, né? se tem uns que não presta?* Avaliou que ser um bom pai é estar sempre presente na vida dos filhos. Disse que muitas crianças só têm a mãe e que gostariam de ter também o pai presente. Inicialmente não soube explicar o que é ser um bom pai, mas depois descreveu que um bom pai deve se divertir com os filhos e levá-los para passear, conviver com eles e saber como eles estão. Fani afirmou que não é o que acontece em sua casa: *Eu nunca tive isso com pai não, e eu não sei nem como explicar.*

Para Fábio, o papel do pai é sustentar a família, comprar alimentação para o filho e, eventualmente, ajudar na sua educação. Acrescentou que um bom pai deve passear com os filhos e não ser muito exigente com eles: *Eles podem dar o máximo deles, mas não fazer o filho tentar se superar a força.* Um bom pai deve conversar e dar conselhos sem brigar nem usar castigo físico, mesmo que seu filho faça alguma coisa errada: *Surra eu acho que só piora as coisas.*

### **Expectativas em relação ao futuro**

Fani gostaria de ter uma vida diferente da de sua mãe e não pretende casar: *Se eu ver a vida da minha mãe, das minhas tias...eu não quero não.* Não quer que a filha sofra do modo como sofreu com o comportamento do pai. Pensa em morar sozinha e ter sua casa, mas, quando a mãe precisar, ela estará presente.

Explicou que não vai deixar que sua filha trabalhe muito nova e quer que ela estude mais do que ela própria conseguiu. Apesar de não saber como vai aconselhar a filha, Fani pretende dar a ela a mesma educação que recebeu de sua mãe, para que ela seja uma boa pessoa. Disse que conta com a ajuda da mãe para isso. Como pretende ser ao mesmo tempo pai e mãe da criança, espera que a filha saiba dar-lhe mais valor.

Fani não sabe como sua filha vai ser no futuro, mas acha que vai ser parecida com a tia, com quem tem afinidade. Essa sua tia é diferente das

outras pessoas, autodenomina-se *sapatona* e diz que seus amigos *não prestam*. Fani acha que sua filha será igual à tia porque nasceu na mesma data.

Em relação ao futuro, Fábio disse que gostaria de, diferente de seus pais, conseguir terminar seus estudos e ser médico. Não soube explicar por que escolheu essa profissão, disse apenas que *botou na cabeça*.

Fábio espera casar um dia e ter *uma boa família*. Gostaria de ter, como seus pais, um casal de filhos. Acha que, assim como sua mãe se preocupa com ele, ele também vai preocupar-se com seu filho em relação a um possível envolvimento com drogas, como usuário ou traficante. Para ele, uma forma de prevenir é não deixar o filho envolver-se com outros garotos que já estão envolvidos, que a melhor forma é *cortar logo*. Fábio espera ser um bom pai. Espera que sua esposa seja fiel e que goste dele como ele gostar dela. Embora tenha considerado que beleza não é o mais importante, confessou que o que o atraiu na sua primeira namorada foi o fato de achá-la bonita.

#### **4.3.2 Narrativa da Família B**

##### **O contato com a família**

A família de Miriam e Pedro morava ao lado de uma das escadarias do bairro, em uma casa de alvenaria, sem pintura, um ambiente um pouco escuro. Estão em Vitória desde 1990. O sustento da família vem de um bar que fica na parte de baixo da casa, que provê uma renda aproximada de dois salários mínimos. A família é composta de oito pessoas, os pais e seis filhos, dois rapazes e quatro meninas, entre 3 e 20 anos de idade. Miriam e Pedro, tinham na época 26 anos de união. A mãe, 40 anos, não freqüentou a escola; e o pai, 50 anos, e estudou até o terceiro ano do ensino fundamental. Os dois filhos entrevistados, Flávia de 17 anos e Fernando de 15 anos, estavam cursando o primeiro ano do ensino médio. A primeira pessoa entrevistada na primeira fase da coleta de dados foi a mãe. Cerca de um mês depois, foram entrevistados o pai e os dois filhos adolescentes.

Inicialmente a mãe pediu que o primeiro entrevistado fosse o marido.

Parece que estava um pouco desconfiada e sem muita vontade de falar. O pai estava um pouco embriagado e foi entrevistado na cozinha, ao lado da sala, sem muita privacidade. Depois da entrevista com o pai, a mãe ficou mais disposta a conversar e parecia querer mesmo contar sobre a vida dela e da família. Seis dias depois, foram feitas as entrevistas com os dois filhos.

## **Relacionamento na família**

### ***O casamento e o nascimento dos filhos***

Pedro contou que o pai castigava muito os filhos e que, por isso, eles trabalhavam desde cedo. E ele começou aos 10 anos de idade na roça de cacau. Relatou que há 35 anos trabalha em bar e que, antes de montar seu próprio negócio, trabalhou por cinco anos no bar de outra pessoa.

Contou que foi sua mãe quem o criou, quem trabalhou e batalhou na família, por isso, considera que ela foi muito importante em sua vida. Mesmo já adulto, sabe reconhecer que ela sempre foi boa mãe. Atualmente ela está doente, e Pedro disse que, se perdê-la, perderá tudo que tem na vida. Disse que o pai também participou de sua educação e que foi muito bom. Avaliou que, ao bater, seu pai o ensinou a viver: *Eu tô feliz das porradas que ele me deu, "tá" me entendendo? porque eu aprendi a viver*. Pedro explicou que gostaria de criar seus filhos do mesmo jeito que seu pai o criou, porque, depois que seu pai bateu nele pela primeira vez, ainda pequeno, aprendeu a respeitar os pais. Exemplificou contando que nunca fumou perto da mãe nem do pai.

Quando começou a namorar Miriam, Pedro tinha 24 anos e ela tinha 14. Conheceram-se na barraca de doces dela. Os dois trabalhavam na roça. Namoraram por cerca de dois anos e já estavam planejando casar quando ela ficou grávida e eles resolveram morar juntos. Pedro sempre teve planos de ter uma família. Já havia sido casado antes, por oito meses, mas *não deu certo*. Considerou que o casamento atual *está dando certo*, que eles vivem bem, que Miriam sempre o ajudou e que *são 26 anos de luta*, demonstrando que conseguiu concretizar o desejo de construir sua família.

Miriam começou a trabalhar aos 11 anos, para ajudar a mãe, e não teve oportunidade de estudar. Quando se uniram, Pedro e Miriam continuaram trabalhando na roça de cacau: *Eu colhendo e ela juntando; sabe como que é, né?* Miriam trabalhou durante toda a gravidez. Quando o primeiro filho do casal nasceu, ela ficou alguns meses em casa, mas, assim que o bebê ficou mais firme e começou a se arrastar passou a levá-lo para o trabalho na roça. Pedro limpava uma parte do chão onde deixavam o bebê enquanto colhiam o cacau. Quando precisavam afastar-se traziam a criança para mais perto e recomeçavam: *Meu filho mais velho, eu levava, fazia um limpêro lá no cacau lá, sentava ele lá, e nós ia continuá colher cacau.* Quando os outros filhos nasceram, Pedro já trabalhava em um bar.

Miriam afirmou que sempre desejou ter vários filhos, três ou quatro, e nunca deixou nenhum deles filhos com a mãe ou com a sogra. Orgulhava-se de nunca ter dado trabalho para outra pessoa. Contou que alguns filhos foram planejados e outros foram inesperados, e que, mesmo prevenindo-se ficava grávida. Enfatizou que, quando soube que estava grávida da última filha, não tentou abortar: *Eu não ia beber remédio pra perder, eu tinha maior medo né? e tinha que ter mesmo.* Avaliou que não fazia diferença alimentar mais um ou dois na família e sempre considerou o aborto um crime: *Eu nunca bebi remédio assim pra matar um filho, nunca fiz esse tipo de crime, não.* Afirmou que nunca faltou nada para sua filha mais nova.

Em todas as gravidezes, Miriam trabalhou até o dia do parto. Por ocasião da última, queria aproveitar para fazer laqueadura durante o parto e para isso precisaria chegar ao hospital com alguma antecedência. Por esse motivo, foi várias vezes ao médico, que a mandava de volta para casa explicando que ainda não era hora. O mesmo aconteceu no dia em que sua filha nasceu. Nesse dia, ela foi com o marido trabalhar na barraca que eles tinham na praia. Contou que, ao chegar lá, *sentiu uma dor de dente e já sabia que a criança iria nascer.* Percebeu que a bolsa tinha rompido. Avisou ao marido e recusou o dinheiro para o táxi; foi de ônibus para casa, tomou banho e foi sozinha para o hospital.

Miriam contou que, no início do casamento, *tudo era bom*, que Pedro não bebia e nunca foi homem de ficar na rua. Depois que a filha caçula nasceu,

Pedro começou a beber um pouco e, segundo ela, atualmente tem bebido bastante, o que vem afetando a vida da família, porque, quando o marido bebe, ele *a perturba* e aos filhos. Avaliou que, se não fosse a bebida estaria tudo bem, porque os filhos trabalham e não são de ficar na rua.

### ***Relação entre pais e filhos***

Para Pedro, a criação dos filhos hoje é diferente e mais difícil. Relatou que antigamente um filho não bebia e não fumava na frente dos pais, mas hoje os filhos são *mais ousados* e até pedem o cigarro e a bebida aos pais. Apesar de ser diferente, Pedro disse que se sente satisfeito com os filhos.

Miriam também acha que era diferente ser adolescente na sua época. Disse que nunca deu trabalho à mãe e que a mãe não conversava com ela, apenas trabalhava. Explicou que seus filhos também não dão trabalho, mas que hoje a preocupação que os pais têm com os filhos é diferente, porque existe a apreensão com relação às drogas. Acha que na roça era mais sossegado, porque não existia o risco do uso de drogas, e que atualmente é preciso vigiar os filhos, chamar-lhes a atenção e conversar sobre esse assunto, o que considerou mais difícil no cuidado com os filhos hoje.

A principal preocupação de Pedro é com seus filhos. Acredita que criar meninas é mais fácil de criar porque é mais fácil ter autoridade sobre elas: *A menina (...) a gente domina mais*. Pedro acha que, quando os meninos começam a se interessar por mulheres e arrumam outra família, os pais não têm mais controle sobre eles. Disse que costuma aconselhar os seus filhos homens a não ficarem na rua, e que eles, apesar de não gostarem, obedecem. Considerou que ficar na rua é perigoso, tanto para pessoas novas como para as mais velhas, porque os “amigos” ensinam a *fazer coisas erradas*. Pedro também se preocupa por causa da polícia. Acha que, se seus filhos ficarem na rua, os policiais podem levar um deles e, sem saber onde o filho está, não poderá fazer nada. Ele acredita que, como têm televisão e som em casa, os filhos não precisam sair para se divertir. Disse que não admite contestações que *o perturbem*.

Miriam considera sua família ótima. Para ela Pedro é um bom pai. Em sua opinião, seu único problema é que tem bebido muito e, quando bebe

*fica nervoso* e acaba destratando a mulher e os filhos. Confirmou que Pedro costuma conversar com os filhos para chamar-lhes a atenção e que concorda que eles devem ficar em casa e não na rua.

Miriam alertou Pedro para o fato de ele, por causa da bebida, perder a moral com os filhos: *Tem que parar de beber pra dar moral a seus filhos, ter respeito, porque a gente, pra ter respeito, a gente tem que dar também*. Contou que ela mesma não bebe, para dar exemplo aos filhos: *É difícil eu tomá um copinho de cerveja. Pra não dar ousadia*. Explicou que Pedro argumenta que está com pressão alta e por isso não pode ser perturbado. Miriam reclama porque ele não quer ir ao médico e, quando bebe, *começa a xingar e dá trabalho para ela*.

Na relação com seus filhos, ela costuma falar de tudo: conversa sobre mulheres, sobre o uso de preservativo para prevenir doenças e sobre drogas, o que é diferente de como foi criada. Contou que o envolvimento com drogas é comum no bairro, que há meninos de 15 a 20 anos morrendo por causa disso, que por isso acha importante conversar sobre essa realidade com os filhos.

Miriam explicou que não se preocupa muito com seu filho mais velho, porque ele trabalha e ela sempre sabe onde ele está: *Não é de sair para a rua ou ir a festas*. Já com o filho mais novo, Fernando, é diferente: ele gosta de ficar conversando com os amigos e chega tarde em casa. Fernando gosta de sair para jogar bola, o que o pai tenta proibir, mas Miriam acha que devem deixá-lo jogar porque ele gosta muito. Contou que Pedro fica nervoso quando o filho escuta música “funk”, mas que argumenta com ele dizendo que é melhor o filho estar ouvindo música em casa do que estar na rua *fazendo arte*. Quando o pai bebe, quer discutir com Fernando e ela tem que interceder pelo filho.

Com as filhas, Miriam também costuma conversar sobre tudo: dá conselhos sobre namorados, sobre *ficar*, sobre gravidez, e disse que as meninas não dão trabalho. Comentou que é comum as meninas ficarem grávidas aos 15 ou 16 anos e que conversa com as filhas para que isso não aconteça com elas. Contou que já viu Flávia com um ou dois namorados por alguns meses, mas que não a viu *dar nem um beijo*. Pagou um curso no SENAI para Flávia e hoje ela trabalha e ajuda a mãe.

Miriam acredita que a filha tem nela uma parceira. Ambas, mãe e filha contam o que acontece em suas vidas uma para a outra. Acreditou que Flávia *não é de ficar na rua*, está trabalhando e continua estudando. Enfatizou que a filha é muito querida em seu local de trabalho, que tem *carteira assinada, vale transporte e hora extra*.

Miriam procura ajudar seus filhos para que eles consigam *ser alguma coisa* na vida. Acha que, para conseguir ser professora ou engenheira, ou ter uma empregada doméstica depois de casada, como as filhas desejam, elas têm que trabalhar e estudar.

O filho mais velho de Miriam está empregado há dois anos, e ela espera o mais novo completar 16 anos e seis meses para também conseguir um trabalho: *Aí eu vou correr atrás de emprego pra ele também, pra ele ser alguma coisa na vida*. Para Miriam, *ser alguma coisa na vida* é poder trabalhar, estudar e ser uma pessoa independente.

Fernando é o terceiro filho do casal. Tem 16 anos. Na primeira entrevista mostrava-se revoltado com a família. Disse que ninguém se preocupava com ele e só falavam mal dele, chamando-o de maconheiro porque não estava trabalhando. Reclamou que o irmão mais velho costumava *chegar bêbado em casa*, mas que mesmo assim a família tinha preferência por ele, porque estava trabalhando. Acrescentou ainda que essa exigência não existia para as filhas, embora Flávia fosse mais velha e, no momento da primeira entrevista, não estivesse trabalhando. Na segunda entrevista, Fernando havia parado de estudar porque queria trabalhar.

Ao falar de sua relação com o pai e a mãe, Fernando contradisse em parte o relato de ambos, dizendo que nenhum dos dois conversava com ele. Mencionou também o hábito de beber do pai como um problema na família, confirmando o relato de Miriam, revelando que não gostava quando o pai ficava bêbado, porque ele o perturbava e também às suas irmãs. Fernando queria que seu pai parasse de beber.

Para Fernando, os filhos não precisam de conselhos dos pais e podem *seguir sua própria cabeça*, justificando que nunca recebeu conselhos e nem por isso fez coisas erradas. Argumentou que as pessoas costumam dizer que quem mora no morro fica mais próximo do envolvimento com drogas e com



a criminalidade, mas que já tem 16 anos e nunca fez nada disso, apesar de o pai não conversar com ele. Além disso, sente-se julgado por Pedro, e por isso acha que a figura do pai é incômoda e desnecessária: *Ah, não sei... pra outras pessoas não sei o que elas falam, mas a entrevista é pra mim, então eu falo que pra mim não precisa de pai não, só atrapalha, fica julgando mal sem a gente ter nada a ver, se a gente se revoltar... se a gente não tem cabeça se revolta, faz as coisas que ele fala. Precisava ter não, viu, pai só atrapalha só, eu acho.*

Fernando disse que sua mãe também não costuma aconselhá-lo. Para ele ela não é uma boa mãe porque esqueceu seu aniversário e o do irmão.

Fernando sente que existe diferença no tratamento que seus pais dão a ele e aos outros filhos, porque os pais vivem com medo de que ele se envolva com algo errado. Do seu ponto de vista, os pais costumam responsabilizá-lo pelos problemas que acontecem na família e não o deixam fazer as mesmas coisas que sua irmã, apenas um ano mais velha faz, como ir a festas. Disse ainda que as irmãs podem ouvir música e ele não, que o pai desliga o som ou a televisão quando é ele quem está ouvindo ou assistindo. Fernando sente que os pais são contra tudo o que ele faz e que isso acontece só com ele na família.

Flávia é a segunda mais velha dos filhos. Tem 17 anos, estuda de noite e há três meses começou a trabalhar durante o dia. Flávia confirmou que tem uma relação boa com a mãe e difícil com o pai, o qual não cumpre seu papel de ajudar a educar e a criar os filhos junto com a mulher. Ser um bom pai, para Flávia, é conversar com os filhos e *não ficar só brigando*, como faz o seu, que nunca acha que está errado. Considerou que só a mãe faz as coisas para os filhos e que o pai só quer dar ordens. Flávia acrescentou que embora o pai conte para todo mundo que costuma conversar com os filhos, na verdade ele não conversa. Disse que é difícil seu pai ser carinhoso e que ele *sempre a trata com ignorância*.

Flávia contou que já pensou em ser *vagabunda*, como o pai a chama: *já que ele tá falando que eu sou, então eu vou ser mesmo. Já pensei muito*

*nisso, em ser mesmo, mas não, não vou dar esse luxo não, não é porque ele está falando que eu vou ser.*

Flávia também gostaria de que o pai parasse de beber. Confirmou que o pai começou a beber depois que a caçula nasceu e que agora bebe todo dia. Explicou que ele fez uma cachaça com ervas para comemorar e, quando a mulher chegou do hospital com a menina, chamou os amigos para beber com ele.

Flávia considerou que, ao começar a trabalhar, conquistou sua liberdade, pois, antes disso, o pai não a deixava ir a festas, nem dormir fora de casa com as amigas. Agora o pai diz que ela tem que se divertir um pouco. Antes, quando ela queria ficar na rua, ele reclamava, mas agora reclama porque ela não sai, indo do serviço para casa e de casa para a escola. Flávia acha que o pai tem visto que ela é uma garota responsável e que quer *crescer na vida*. Assim, considerou que, ao trabalhar, conquistou maior liberdade.

Com relação à mãe, Flávia disse que não mudaria nada, porque a mãe é legal e é quem cumpre o papel de dar suporte aos filhos. Conversa com os filhos, dá conselhos e fala sobre tudo, sobre drogas, e pede para que eles não fiquem em más companhias. A mãe conversa sobre isso, especialmente com seu irmão Fernando que, de acordo com Flávia, não usa drogas, mas gosta de ficar na rua conversando com os amigos, que também não são usuários de drogas. Apesar disso, quando Fernando chega a casa, o pai fala que *ele é vagabundo e xinga*, enquanto a mãe tenta conciliar, argumentando que esse tipo de tratamento pode incentivar o filho a realmente *fazer coisas erradas*. A mãe prefere conversar, mas o pai não concorda e acha que tem que puni-lo com uma surra. Na opinião de Flávia, o pai deve ter falado muitas coisas para a pesquisadora que não são verdadeiras.

Flávia considerou que sua mãe a influencia em suas decisões. Disse que, quando, por exemplo, um menino está querendo *ficar* com ela e a mãe a aconselha a não se relacionar com o garoto porque tem informações de que ele usa drogas, atende ao conselho. Acha que se identifica com a mãe porque também é uma pessoa decidida. *Eu acho, porque, quando minha mãe, quando ela decide uma coisa, eu sou igualzinha, eu vou até o fim, quando eu quero uma coisa. Minha mãe é muito decidida.*

## Representações de gênero

### ***Diferenças de gênero na família***

Na casa de Miriam e Pedro, as atividades domésticas são realizadas pelas mulheres. Miriam enfatizou que não é preguiçosa com relação ao trabalho: *Não tenho essa doença, não*. Ela listou as atividades que faz em casa: costura, lava a louça, lava roupa, e afirmou que suas filhas ajudam nessas tarefas. Flávia confirmou que as tarefas domésticas são responsabilidades das mulheres da família: *...Aqui só as meninas que tem que fazer as coisas mesmo; a minha irmã que cuida da casa, cuida do almoço*.

Na época em que moravam na Bahia, o marido *ajudava* Miriam nas atividades domésticas. Quando ela ia trabalhar, ele fazia a comida, fazia café e, quando ela chegava do trabalho, estava tudo pronto, mas agora não era mais assim.

O tipo de preocupação que pais e mães costumam ter com os filhos é diferente.

Em relação às filhas, Pedro preocupa-se com o relacionamento com meninos, porque acha que os homens de hoje não querem assumir uma família. Aconselha as meninas a ter cuidado, estudar e ser como a Flávia, que estuda e trabalha. Disse que é isso o que recomenda para as filhas, porque, se *não corre-se o risco de em vez de ter um, ter dois para alimentar*. Espera que suas filhas consigam coisas boas para suas vidas, seja casar, trabalhar, seja o que for, não vai proibir. O mesmo ele deseja para os filhos. Disse que seu filho mais velho já está casado e que, algumas vezes, fica na casa da mulher e outras, ela fica com ele.

Fernando acredita que a principal preocupação dos pais com os filhos meninos é de que eles se envolvam com drogas, porque os meninos viciados roubam as coisas de casa e provocam brigas na família. Com relação às meninas, Fernando explicou que o principal receio dos pais é de que elas fiquem grávidas cedo. A gravidez pode levar as meninas a parar de estudar, e os meninos não querem responsabilizar-se quando a menina fica grávida.

Flávia afirmou que a vida das mulheres da sua família é diferente da dos homens. Acha que as meninas são mais controladas que os meninos:

*Porque aqui meu irmão pode chegar de madrugada porque é hôme agora a gente tem que ter horário pra chegar em casa.... não pode ter certas amizades porque o meu pai, a minha mãe nem tanto, mas o meu pai. Pensa que só porque é mulher tem obrigações.*

Flávia acredita que a preocupação do seu pai com os meninos é que se envolvam com drogas e com roubo, e com as meninas, que tenham namorado e fiquem grávidas. Com os irmãos, ela acha que o pai não tem essa preocupação, mas quando ela tem um amigo homem, o pai já briga.

Flávia acha também que as exigências do pai relacionadas ao seu irmão são diferentes. O pai briga com Fernando porque ele não trabalha, o que nunca fez com ela quando estava na mesma situação: *Às vezes meu pai joga na cara assim "que esse menino não quer saber de nada, só que saber de música, música e comer".*

### **Ser mulher**

Miriam gosta de ser mulher. Disse que sua vida é boa porque não tem preguiça de fazer o que precisa. Acha que *não é legal* quando a mulher bebe, que *é feio*, e que não faz bem para a saúde.

Pedro pensa que a mulher tem que ter vergonha e assumir os filhos, porque essa é sua responsabilidade. Para ele, não respeitar o marido, não limpar e não cuidar da casa são aspectos negativos na vida de uma mulher. Avaliou que não é o caso de sua mulher. Considerou que sua esposa *é legal* e está satisfeito.

Flávia gosta de ser mulher. *Eu gosto, sei lá, esse jeito de ser mulher.* Relatou que até poderia preferir ser homem, porque eles têm mais liberdade de ação e não precisam preocupar-se com as conseqüências. Apesar disso, Flávia gosta de ser mulher, porque a mulher se cuida mais, e ela gosta de se cuidar. *Eu gosto de me cuidar, mulher gosta de escovar o cabelo, pode ficar bonita, escolher roupa, homem já é mais esculachado.*

Para Flávia, é normal a mulher depender do homem financeiramente, mas essa é uma situação da qual ela não gosta, porque algumas mulheres são agredidas pelos homens com quem estão. Sua mãe também a aconselha a trabalhar muito, para nunca precisar depender de um homem: *Porque*

*depende de homem é a pior coisa que tem.* Flávia acha que, com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, essa situação de dependência está mudando: *Porque antigamente a mulher falava. “Compra isso pra mim”? O homem dizia: “Não, o dinheiro não vai dar”. A mulher, trabalhando, não, a mulher, tendo o dinheiro dela, ela não vai precisar pedir.*

Flávia acha que para a mulher é mais difícil encontrar emprego que não seja de empregada doméstica, principalmente se ainda não tiver experiência. No entanto, acredita que depende da vontade da pessoa: *Se a pessoa correr atrás, ela consegue.*

Fernando disse que, por ser homem, não sabe avaliar como é ser mulher.

### ***Ser homem***

Miriam enfatizou que o único problema dos homens da sua casa é a bebida.

Para Pedro, o papel do homem é assumir a casa. Contou que, quando seu filho mais velho arrumou uma família, aconselhou-o a assumir as responsabilidades pela casa: *Como está assumindo, não perde um dia de trabalho, é todo o dia ali, ó, no serviço dele, e tá assumindo.* Acha que são aspectos negativos do homem quando ele não assume a família, quando fica no bar bebendo e deixa a família passar fome. Enfatizou que, na sua casa, não tem nada negativo.

O bom de ser homem para Flávia é que eles são mais livres. *Homem pode sair mais, vai pra festa, vai jogar bola.* Acha que não há qualquer dificuldade em ser homem.

Fernando também acha que é bom ser homem, porque tem mais liberdade, e os pais costumam ficar menos preocupados. Ressaltou, no entanto, que não é o que acontece no seu caso.

Para Fernando, uma dificuldade é ser homem e morar no morro, porque essas duas condições levam ao estigma de traficante. Explicou que o fato de ser adolescente do sexo masculino e morar no morro faz com que as pessoas já imaginem que tem envolvimento com o tráfico de drogas: *Homem sem ter feito, eles acham que está fazendo.* Fernando acha que as pessoas

não imaginam o mesmo das mulheres e se surpreendem quando ficam sabendo de mulheres traficantes.

### **Ser mãe**

Para Miriam, ser mãe é ter responsabilidade e se dedicar aos filhos. Enfatizou seu exemplo: *Eu fiquei grávida, sem esperar, nunca tomei remédio pra perder, porque mãe, ela tem que ser mãe, né?* Para Miriam, o papel da mãe é *tudo na vida*. Explicou que não quer que seus filhos fiquem como ela, sem a possibilidade de estudar, e quer pagar cursos para que eles possam valorizá-la como mãe, *pra mais tarde falar: - minha mãe, ela foi uma boa mãe, ela não teve isso, mas deu pra gente*. Contou que às vezes consegue cursos de graça e outras vezes vai pagando aos poucos. Miriam acredita que assim seus filhos terão melhores oportunidades de trabalho e poderão ser independentes: (...) *e aí vai pra frente, não vai ficar que nem a gente, trabalhando de malandro pros outros, né?*

Para Pedro, quando uma mulher tem um filho, tem que assumir e conviver com esse fato. Acha que a mãe é tão importante na vida do filho que acredita que perder a mãe significa perder tudo na vida. Ser mãe é cuidar da casa, dar comida para os filhos no horário certo, enquanto o pai está *lutando*, ou seja, ser *mãe de família*.

Flávia comentou que sua mãe é *muito legal* e que o papel da mãe é educar, conversar, falar o que é certo e o que é errado para os filhos. Acha que *ser mãe é uma coisa boa*, que é bom cuidar de um bebê pequenininho, e acrescentou que quando for mais velha deseja ser mãe. Enfatizou que acha os bebês bonitinhos, mas que não quer ser mãe logo.

Flávia acredita que só é bom ser mãe quando a mulher deseja um filho. Mencionou que algumas mulheres acham que a maternidade faz perder a liberdade, mas que ela não pensa assim e não aceita que a mulher deixe de ter filhos porque prefere sair e ir para festas. Afirma que *não é muito de sair* e que uma colega contou que filho não atrapalha em nada. Acha que, quando se têm filhos, o mais difícil é a preocupação com o sustento da criança, e que, nesse caso, não é possível *gastar o dinheiro com qualquer coisa*.

Para Fernando, uma boa mãe está presente nas horas difíceis, fica ao lado do filho para ele não *perder a cabeça*, ou seja, não se envolver com

bebida e drogas. A mãe deve dar conselhos para o filho não beber, porque, com a bebida, a pessoa não pensa nas consequências das suas ações: *Se o cara tiver bêbado, não tem nem como, tudo que ele tiver na frente ele faz.* Fernando acredita que ser mãe é bom para a mulher quando ela sabe esperar e fica grávida porque planejou e quer ter um filho, mas se a gravidez vier na *hora errada, vai ser ruim*, mesmo tendo aspectos positivos.

### **Ser pai**

Pedro considerou que a figura do pai é importante na vida do filho, mas não tanto quanto a figura da mãe. Argumentou que qualquer pessoa pode ser o pai de uma criança, mas a mãe é uma só. Explicou que a mulher pode ser abandonada pelo pai da criança começar outro relacionamento e que, nesse caso, o homem que estiver criando a criança é que será o pai: *Larga uma mulher hoje, amanhã ela pode pegar outro, (...) então quem tá criando que é o pai.* Por isso Pedro pensa que a mãe é quem realmente importa na vida do filho. Para Pedro, ser pai é cuidar da família, tendo como primeira obrigação trabalhar e alimentar os filhos. A principal preocupação do pai é cumprir o papel de provedor da família, pois, segundo Pedro, é isso que faz dele um homem: *Tem o dinheiro do pão, tem o dinheiro da comida de meio-dia, à noite, (...) O problema do pai é esse. E ele tem que ser homem.*

Miriam não concordou com a idéia de que *Pai é qualquer um e mãe é uma só.* Ela acha que, mesmo que o casal se separe, o pai tem que continuar a assumir a responsabilidade com o filho. Exemplificou, contando sobre seu sobrinho, que não está mais com a mulher, mas continua dando o que os dois filhos precisam: *porque ele largou, mas as coisas tão aí, roupa, o que precisa com ele e tudo, eu acho que ele é um bom pai.* Miriam aconselhou seus filhos a estudar e trabalhar, a ter sua própria casa e mais maturidade, antes de pensarem em ter filhos: *pra depois não largar aí à toa, entendeu?* Contou que seu filho mais velho já mora junto com a namorada, mas ainda não tem casa. Eles se revezam na casa dos pais dela e na dos dele e têm planos de casar e construir sua casa própria em outro bairro. Só depois vão pensar em filhos.

Para a Flávia, ser um bom pai é conversar com os filhos e ajudar na educação. Flávia considerou que ser pai é bom, que o pai pode brincar e jogar

bola com o filho. Que a melhor coisa de ser pai é educar. Para ela, o difícil de ser pai é a preocupação com a comida e a despesa.

Fernando diz que ser bom pai é *matar a vontade dos filhos* e, se tiver condição, dar as coisas que o filho deseja. Ele espera ser um bom pai, poder dar ao filho o que ele quiser e não deixar faltar nada para que ele possa estudar em boas escolas. Fernando avaliou que ser pai só é bom se for *no momento certo*, porque, se o rapaz for muito novo, *estraga a vida da pessoa*. Acha que, nesse caso, o rapaz perde a liberdade, porque não pode fazer as mesmas coisas que fazia antes. Fernando considerou que é importante ter filhos, que os homens dependem dos filhos para dar valor às coisas e às pessoas: *Se não tiver um filho, vai viver com quem, não vai dar valor a ninguém. Se não tiver filho não vai dar valor, não, vai dar valor a quê?* Para ele é importante ter filhos também porque, quando os pais estiverem mais velhos, precisaram que o filho assuma o papel de cuidador.

### **Expectativas em relação ao futuro**

Fernando tinha o desejo de ser jogador de futebol, mas disse que já está velho. Contou que já jogou em torneio e exposição, mas gostaria de fazer parte de um time. Enfatizou que era seu único sonho. Disse que não pensa em continuar estudando depois que terminar o ensino médio, porque acha que é preciso ter dinheiro para fazer faculdade e ele não tem. Afirmou que estão tirando disciplinas como Física, Inglês e Biologia do currículo do ensino médio para ficar mais difícil para os pobres, que estudam em escola pública, chegarem a um curso universitário. Ele considerou que o Governo dá mais valor aos ricos e não quer dar oportunidade para quem é pobre.

Fernando não tem expectativas em relação ao tipo de trabalho que quer ter. O importante é arrumar um serviço e sustentar-se. Tem pensado em estudar à noite para poder trabalhar durante o dia e deseja ter condições para sair de casa.

Fernando deseja ter uma família, mas não pensa em se casar formalmente. Disse que vê o exemplo de seu irmão: *Eu vejo meu irmão aí, o*



*quê ele se dá mal.* Espera ter uma mulher sincera e fiel e acha que, se tiver um bom emprego, a mulher deve ficar cuidando da casa e das crianças.

A princípio, Fernando disse que não pensa em ter filhos e que não consegue imaginar como seria tê-los. Depois explicou que, se tivesse um filho, conversaria com ele, mas caberia ao filho ouvir o que ele tem a dizer. Fernando gostaria de que cada um fizesse sua parte e que o filho estudasse e não caísse no mundo das drogas. Se tivesse uma filha, disse que a colocaria na escola e que, se ela não quisesse, ameaçaria expulsá-la de casa. Ele acha que assim a filha ficaria com medo e iria estudar. Gostaria também de dar liberdade para a filha, mas que a aconselharia a pensar nas conseqüências das suas ações.

Em relação aos seus desejos para o futuro, Flávia espera terminar seus estudos e continuar no trabalho, que é o primeiro que tem *com carteira assinada*. Até agora ela só tinha feito estágio e está adorando trabalhar na loja.

Disse que espera de um rapaz sinceridade e amizade. Para ficar com ela é importante que o homem converse e não a ignore depois de terem *ficado*. *Uma pessoa que tenha bastante conversa, que no outro dia assim depois que fique com você, não vire a cara pra gente. Que tem gente que é assim, no outro dia vira a cara.*

Pretende casar-se e ter filhos. Ela já namorou um rapaz por três meses, mas não gostou da experiência, porque não gosta de ter que *ficar fazendo a vontade do namorado*. Disse que os dois trabalhavam e cada um se preocupava com as suas coisas, mas que o rapaz ficava na casa dela o tempo todo, o que lhe desagradava: *Só que o negócio é que ele era muito grudento*. Quando se casar, Flávia espera que seu marido a ajude a educar e sustentar seus filhos. Ela quer casar-se com uma pessoa que a respeite, que goste dela como ela é.

Flávia pensa em trabalhar fora depois de casada, porque não quer depender financeiramente do marido. Disse que não sabe como vai lidar com as responsabilidades da vida de casada e trabalhar ao mesmo tempo, mas acha que dá certo. Ela mencionou o exemplo de sua mãe, que sempre trabalhou fora. *Eu acho que tem como. Minha mãe não trabalhava e não*

*cuidava da gente? Então!* Avaliou ainda que até lá já terá terminado o ensino médio e, assim, não vai precisar ter também tempo para estudar.

Para Flávia, é indiferente ter meninos ou meninas, mas pensa que a educação de cada um é diferente. Comentou que as pessoas costumam achar que criar meninas é mais difícil, mas que ela considera que menino é mais difícil, porque eles gostam de sair, ir a festas, jogar bola, enquanto a menina é *mais caseira*. Flávia considerou que a principal preocupação dos pais com as meninas é o medo de que fiquem grávidas. Acha que os pais também têm medo de que as filhas se envolvam com drogas, mas que essa preocupação é mais direcionada aos meninos que às meninas. Embora ela tenha considerado que hoje haja muitas meninas *indo pro lado da droga*, acredita que são os meninos que se envolvem mais.

Flávia disse que se tivesse filhas, recomendaria que elas usassem camisinha, caso quisessem ter uma relação sexual, aconselharia que elas se prevenissem. Afirma que faria diferente do que fazia seu pai: *Antigamente meu pai falava bem assim: “Se você tiver namorando eu te mato” (riso). Ele sempre falava comigo. Eu não acho certo, acho que eu nunca vou falar uma coisa dessas com um filho meu. Todo mundo ficava morrendo de medo.*

Se tivesse filhos homens, Flávia recomendaria que eles não usassem drogas e não andassem em más companhias.

Flávia às vezes pensa em mudar de bairro porque, em alguns momentos, o bairro em que mora fica muito perigoso, e ela gostaria de ir para outro lugar.

#### **4.3.3 Narrativa da Família C**

##### **O contato com a família**

A primeira visita à família de Mabel e Paulo aconteceu em junho de 2004. O casal se conheceu e se uniu na Bahia há dezesseis anos. Há seis anos moram em Vitória, sempre no mesmo bairro. Mabel tinha 31 anos na

época das entrevistas. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Paulo tinha 36 anos e só fez o primeiro ano do ensino fundamental. Eles têm cinco filhos, uma menina e quatro meninos, e moram na parte mais alta e mais pobre do morro, numa casa de madeira, apoiada à uma pedra, próximo a um barranco, um lugar muito perigoso, do qual um dos filhos mais novos já tinha caído. Eles aguardavam a construção de moradias pela Prefeitura para sair do local, o que não ocorreu até agora (2006). Mabel é diabética e a doença impõe a ela várias limitações. Na época da primeira entrevista, o marido estava desempregado. Como recursos, tinham o auxílio da bolsa-escola, e estavam entrando no cadastro pra receber a bolsa-família, Mabel estava lavando roupa para uma vizinha que tinha ganho neném. Viviam com aproximadamente dois salários mínimos. Pediu que entrevistássemos também o filho mais velho, Felício, porque ele estava dando muito trabalho. Conversamos também com a filha mais velha, Florisa. Os dois tiveram um pouco de dificuldade para se expressar e para entender algumas perguntas.

A segunda fase de coleta de dados teve início em fevereiro de 2005. A pesquisadora foi bem recebida e não teve empecilho para conversar novamente com a família. Foram entrevistados a mãe e os dois filhos. Florisa havia completado 16 anos e freqüentava o primeiro ano do ensino médio; Felício tinha 15 anos e freqüentava a 7ª série do ensino fundamental. Na época, Paulo havia sido recontratado pela firma que o havia despedido e estava trabalhando em São Mateus. Não foi possível fazer a segunda entrevista com ele.

## **Relacionamento na família**

### ***O casamento e o nascimento dos filhos***

Mabel foi criada na Bahia apenas pelo pai. Antes de se casar, seu objetivo era encontrar a mãe, que não conheceu. Tinha esperança de que a mãe cuidasse dela e a orientasse na vida. Procurou a mãe, mas só conseguiu encontrá-la quando já tinha 15 anos, e esta não a reconheceu como filha. Seu pai morreu quando ela tinha 12 anos. Quando conheceu Paulo, tinha 14 anos,

logo ficou grávida e foi morar com ele e sua família. Casaram-se oficialmente treze anos depois. Nada foi planejado, pois, não tiveram orientação nesse sentido: (...) *devido à sorte, aconteceu; eu não me arrependo também, tanto aí até hoje*. Mabel contou que houve uma época em que o marido bebia e a relação era ruim, mas que agora ele havia parado de beber e a respeitava. Disse que eles conversavam e a relação era boa.

A primeira filha, Florisa, nasceu algumas semanas antes de Mabel completar 15 anos. Ela não sabia nada sobre gravidez e cuidados com bebês, não fez pré-natal, não pensava no sexo do bebê e nem sabia que estava grávida. Nos primeiros meses, deram um chá para ela, porque não ficava menstruada. Poderia ter abortado, porque o chá provocou hemorragia. Quando a levaram para o hospital é que ficou sabendo, através da cunhada, que estava grávida de 5 meses e passou a conviver com a idéia. Nem ela nem o marido tinham entendimento para avaliar o que estava acontecendo.

Mabel contou que achou bom quando nasceu menina, mas que *ficava sem jeito*, porque era muito nova e não sabia como cuidar da criança. A menina nasceu em casa, com a ajuda de uma vizinha. O marido, que na época tinha 19 anos, teve que ensinar tudo, inclusive como amamentar. Pouco tempo depois, ela teve o segundo filho. Para os primeiros quatro filhos não houve nenhum acompanhamento, não fez o pré-natal e teve os meninos em casa com uma parteira ou com a ajuda de quem estivesse em casa, seguindo as orientações que a parteira dava. *É, mas graças a Deus “tá” todo mundo aí vivo, né?*

Paulo trabalhava na roça de cacau na Bahia. Durante dez anos o casal morou com a família dele, o que foi difícil para Mabel porque era tratada de forma diferente e se sentia discriminada. Explicou que, como só tinha uma cozinha na casa, tinha que esperar a família do marido usá-la para depois poder cuidar de seus filhos. (...) *eu tinha que tolerar tudo, não tinha outro jeito*. Mabel considerou que sua vida melhorou depois que se mudou para Vitória. *Foi aqui que eu tive minha vida, que eu pude viver mais sossegado um pouco*. Em Vitória, teve o filho mais novo e pôde fazer o pré-natal e ter acompanhamento médico.

Mabel tinha 18 anos quando trabalhou fora de casa pela primeira vez. Foi professora de 1ª a 4ª série e de vez em quando ajudava a família do marido na colheita de cacau. (...) *quando eles estava muito apetecido, eu ajudava; eles quebravam cacau, então eu limpava os pé de cacau, mas não era sempre direto com carteira assinada, essas coisas não.* Ficava a manhã toda fora, e as crianças ficavam em casa sob os cuidados de Florisa, que era a mais velha.

Mabel acredita que a mulher pode trabalhar fora, dependendo do acordo com o marido, porque alguns homens não aceitam, mas às vezes é preciso a ajuda da mulher para sustentar a casa. Explicou que seu marido não quer que ela trabalhe fora e todas as vezes em que isso aconteceu foi por decisão própria. Mabel explicou que procura fazer alguma coisa que não seja fora de casa, como cuidar de crianças dos vizinhos. Enfatizou que o marido considera obrigação do homem sustentar a casa. (...) *ele fala que ele é o homem da casa, ele garante. Eu falei: - Então garanta as conseqüências.*

Mabel justificou a decisão do marido, explicando que ele se preocupa por ela ter diabetes. Embora às vezes critique a opinião dele, entende seu receio de que ela se sinta mal e seja mais um problema. Não tem certeza se é assim que o marido pensa, mas acha que é por isso que ele não aceita que ela trabalhe fora de casa. Considerou que se ele diz que ela não vai trabalhar e ela concorda, tem mesmo que ficar em casa. Assim, Mabel tem procurado ajudar, fazendo atividades em casa.

Paulo, na época da segunda entrevista, já estava trabalhando novamente como carpinteiro. Foi recontratado pela mesma firma para trabalhar no interior do Estado, de acordo com Mabel, porque era eficiente. A proposta inicial era para um trabalho no Rio de Janeiro, mas ela não concordou, porque ele só voltaria para casa uma vez por mês. Trabalhando no interior, ele poderia voltar para casa de quinze em quinze dias e ficar de sexta a domingo com a família. Ela não gostou da situação, mas entendeu que o marido não poderia ficar desempregado. *Eu falei que não ia deixar não, mas depois eu falei: - Não tem outro jeito, porque ficar parado também não dá, aí não tem jeito, tem que concordar de qualquer maneira.*

### ***Relacionamento entre pais e filhos***

Mabel disse acreditar que a educação que seus filhos têm hoje é diferente da que teve. Explicou que só tinha o pai, que tinha que sair para trabalhar e era ausente. Ela ficava com vizinhos: (...) *você sabe como é que é, não é a mesma coisa que ter um pai e uma mãe de junto; tem que você é discriminado e maltratado, essas coisa toda.*

Mabel afirmou que hoje jamais faria o mesmo com seus filhos. Explicou também que às vezes, num momento de nervosismo, pode bater, mas *na hora mereci*. Explicou também que os filhos entendem que ela é mãe e está fazendo o que é certo. Mabel comentou que apanhou com fio, de pessoas que não eram parentes dela. Chegava a sair sangue, e colocavam água com sal. Argumentou que hoje nem mesmo os pais podem fazer isso: (...) *não pode mais (...) pegar um filho pra sair sangue, senão vai direto pra delegacia; pode nem pensar numa coisa dessas. Então é totalmente diferente.*

Mabel explicou que hoje em dia é preciso ter paciência, é preciso primeiro sentar e explicar por que a criança não pode fazer o que é errado e avisar que, da próxima vez, a criança vai apanhar. Contou que é criticada por agir assim, que as pessoas a questionam por deixar os filhos *soltos* e por não bater. (...) *se eu for fazer a vontade de muitas pessoas, os meninos só “tá” apanhando, porque são levados.* Relatou que recebe queixas sobre o filho de 8 anos, mas conversa com ele antes de bater e acredita que é uma fase da criança, que todos os filhos passaram por isso. Ela falou para uma vizinha que às vezes é preciso o adulto lembrar que também foi criança. (...) *a gente às vezes nem sabe como é que foi quando criança, porque as vezes que eu lembro que se eu apanhava... mas também eu não vou lembrar o que que eu fiz pra merecer, né? Então é uma coisa que a gente tem que pensar bem.*

Para Mabel, se a criança apanhar por qualquer motivo, pode ficar revoltada com os pais. Mesmo agindo de outro jeito, às vezes os filhos dizem para a mãe que ela é chata. (...) *tem um menino de 12 anos que falou pra mãe assim: “Ah! mãe a senhora é chata, a senhora não foi criança também não?”* Reforçou sua opinião de que hoje as crianças agem diferente porque argumentam com os pais.

Mabel também acha que a vida dos adolescentes hoje é diferente, porque eles têm mais orientações. Mencionou que a maioria das escolas já dá certas orientações que os adolescentes podem seguir e que, na época em que foi adolescente, não havia explicações sobre o uso da camisinha e como se preservar. (...) *era aí, ao Deus dará, a gente mesmo tinha noção ou não tinha.* Mabel considerou que hoje ainda acontece os adolescentes não se prevenirem. E ela acredita que não é por falta de informação, mas porque alguns querem aventurar-se. (...) *é muitos que querem se aventurar pela sorte mesmo, depois quando vê que já aconteceu tantas coisas, é que vai pensar, mais aí já vai ser tarde no caso.* Mabel enfatizou que, embora acredite que não se deve criticar ninguém nem nada, acha que a adolescente que se deixar engravidar, como aconteceu com ela, não é por falta de informação, pois hoje há explicações sobre uso de camisinha e outros métodos anticoncepcionais, sobre como prevenir doenças e gravidez. (...) *a adolescente que for cair nessa, que eu fiz antigamente, na minha história, né? é porque, não tem essa, né? Porque “tá” tudo público hoje em dia, né? tudo explicadinho.*

Mabel acredita que, se antigamente a pessoa não se prevenia por não saber, hoje já se envolve numa relação mais consciente, porque também em casa as mães conversam mais com os filhos, o que também não acontecia na sua época. Esclareceu que conversa com sua filha e que até já foi entrevistada pela escola sobre as dúvidas dos filhos.

Ao falar do papel de mãe, Mabel explicou que tem exercido papel de pai e mãe. Como o pai não tem estado presente por estar trabalhando em outra cidade, em qualquer orientação ou necessidade dos filhos tem que ser ela a resolver.

Explicou que, por ter sido criada apenas pelo pai, não teve orientações. Teve que aprender com vizinhos, na escola, com as pessoas que tivessem paciência de orientá-la e que fez muita falta não ter convivido com a mãe. Ela esclareceu que não sabe se foi orientada corretamente, mas que não seguiu o *lado errado*, nunca teve nenhum vício. Disse que, em relação às outras pessoas, que com 12 ou 13 anos já estão envolvidas com bebida e outras coisas, ela até que *teve cabeça* e ficou *no caminho certo*.

Mabel ressaltou que procura fazer o que a mãe não fez por ela: ensinar o caminho aos filhos. (...) *pra eles não cair, ensinar o caminho certo.* Relatou que Florisa frequenta a Igreja Batista e foi batizada, e que as pessoas comentam que não a vêem na rua à noite. Uma vizinha foi quem levou os filhos de Mabel desde pequenos à Igreja. Ela acrescentou que, nesse aspecto, os filhos é que dão o exemplo, porque ela mesma não costuma frequentar a Igreja.

Sobre a relação com os filhos, Mabel relatou que nem todos são de conversar. Só os dois mais velhos, Felício e Florisa, é que falam mais sobre o que acontece com eles. Mabel disse que também procura conversar e dar explicações, quando entende suas dúvidas. (...) *porque as coisas que eles querem saber que eu não entendo também eu falo logo claramente.*

Na primeira entrevista com Mabel, ela reclamou do filho mais velho, Felício, que estava muito desobediente. Disse que os amigos o influenciam dizendo que ele não ligue para os conselhos da mãe. A preocupação que ela tinha com Felício, reforçada na segunda entrevista, referia-se ao fato de ele ser ainda muito imaturo e brincalhão. Mabel assinalou que já conversou com o marido sobre esse assunto e pediu que conversasse com o menino para explicar que ele já tinha 15 anos e estava perdendo tempo, sendo reprovado na escola porque ficava brincando e não estudava. Enfatizou que estudo é a única coisa que os pais podem dar aos filhos. (...) *a gente não pode dar outra coisa, hoje, aos filhos a não ser estudo, então tem que se interessar e outra que a gente não paga nada, só o uniforme e outras coisas, mas o resto, tudo tem. Tem merenda, tem tudo.* Considerou que, se o filho não trabalha, deve ter tempo para estudar, *mas só que é aquela questão, eu só quero saber de pipa, de bola de gude e fica aí.*

Acrescentou que o menino também faz aula de remo gratuita e, mesmo assim, reclama quando tem que ir. Costuma sair cedo e deveria estar em casa às nove horas, mas não volta, e ela não sabe por onde ele fica. Explicou ao filho que não é certo, que ele deve chegar no horário, pois ela se preocupa se ele não chega. (...) *a gente não sabe como é que “tá” a discriminabilidade hoje aí. Acontece alguma coisa... como é que vai saber.* Ela considerou que aí também existe a influência negativa dos amigos. *Aí, depois*



*os coleguinhas bota coisa na cabecinha que não sabe, aí vai perder o controle, né? porque depois é mais difícil.*

Mabel reforçou que acha muito importante que os filhos estudem. Acredita que para homem é mais fácil arrumar um emprego do que para mulher, mesmo assim, se os filhos não tiverem estudo, vão sofrer como o pai, que nem terminou o ensino fundamental e não pode ter um trabalho melhor. *Ele sabe muita coisa, mas só que depende do diploma completo pra poder ganhar outra especialidade. Então eu falo com ele isso, que o pai dele, com 8 anos, teve de ir trabalhar e ele (Felício), não. Hoje “tá” com 15 anos, graças a Deus não precisa ir; tem um pai e mãe aqui pra suprir o que eles necessitam. Então se eles não aproveitar a oportunidade agora...*

Mabel contou que Felício argumenta que há muita gente que é formada mas que não tem trabalho. Ela explicou para o filho que às vezes a pessoa não procura ou não tem oportunidade, mas que, mesmo assim ele tem mais chance se estudar. (...) *eu falei: “Mas também, se você já tiver um diploma, amanhã ou depois, vai ser mais fácil. Qualquer tentativa que apareça você já “tá” em primeiro lugar.* Observou que, se ele for querer *correr atrás* quando estiver mais velho, vai ser mais difícil e vai perceber que perdeu tempo por nada. Citou o próprio exemplo: teve que parar de estudar com 15 anos e só fez até a 5ª série do ensino fundamental. (...) *se eu tivesse continuado, eu já tinha feito até uma faculdade.* Depois de casada, ficou mais difícil voltar a estudar, e hoje ela gostaria de retornar, mas não pode, porque durante o dia tem os cuidados com a casa e com os filhos. Para estudar à noite, tem medo de andar sozinha, pois não tem um conhecido que poderia acompanhá-la. Além disso, o marido tem ciúmes e fica preocupado com a saúde dela, que ela se sinta mal e desmaie. *Essa coisa toda complica.*

Mabel disse que, por enquanto, o filho não dá trabalho por outros motivos, apenas por querer brincar. Embora seja o mais velho dos meninos, Felício ainda não tem namorada e ainda não fala sobre isso. Conversando com uma vizinha sobre o filho reclamou da sua imaturidade, pois acha que ele já tinha 15 anos e nem pensava em namorar. A vizinha respondeu que era melhor assim, pois muitos adolescentes mais novos que ele já estavam envolvidos com mulheres, e muitas vezes pegavam doenças e não tinham

responsabilidade. (...) *aí ela pegou e falou assim: “Minha filha, se você bem soubesse, você deixa ele assim na criancice”. Falou mesmo assim.*

Mabel concordou com a vizinha e acrescentou que era melhor não falar no assunto para depois não se arrepender. (...) *depois, vai dizer: “ - Devia ter deixado quieto”.* Mesmo assim, esclareceu que o filho sabe que é preciso prevenir-se e que necessário o uso da camisinha. Embora procure conversar com os filhos, reforça que eles espontaneamente não a procuram para conversar sobre esse assunto.

Em relação à filha Florisa, Mabel observou que ela também não dá problemas e que está indo bem na escola. Quando conversa com a filha sobre o futuro, Mabel aconselha a filha a não se casar logo. Florisa diz que não quer se casar, que casamento não serve. Explica para a filha que a imagem que ela tem de casamento não é correta, porque as pessoas não são iguais e nem todos os casamentos são perfeitos. Aconselha Florisa a terminar seus estudos e a ter suas próprias coisas para não depender de homem. Observou que algumas pessoas julgam errado que ela fale assim com a filha, mas ela pensa que às vezes o homem só quer brincar com a mulher e depois não quer saber de responsabilidade, por isso é melhor que a mulher seja independente. (...) *hoje em dia é assim, que homem brincou e deixou pra lá, não quer saber da responsabilidade. Então, se a mulher já tiver, pelo menos uma oportunidade de ter suas própria coisas, sem ter que necessitar só deles, já vai ser melhor, né?*

Mabel acrescentou que Florisa está vendendo perfumes e já tem algumas coisas de casa guardadas. Em pagamento, Florisa ganha objetos, como colcha e panela. *Então, quer dizer, já vai ser menos coisas, né? Então, quando chegar a idade, elas têm algumas coisas que não vai precisar de comprar, né?*

Sobre a relação entre Paulo e os filhos, Mabel explicou que os filhos são muito apegados ao pai e que ele, embora esteja trabalhando em outra cidade, sempre liga para saber dos filhos. Quando está em casa, Paulo os leva para passear e para comprar o que eles desejam. Mabel considerou que, nesse ponto, Paulo é *bom pai até demais*, porque quer fazer o gosto de todos. *E às vezes faz além da conta.*

Mabel gostaria que Paulo pudesse ficar em Vitória para poder estar sempre junto com eles e acompanhar mais de perto os filhos. Acha que os filhos podem pensar que o pai está esquecendo-se deles por estar ausente, *porque tem hora que eles falam assim: “Meu pai trabalha muito, não lembra da gente.” né?* Ela observou que os filhos não compreendem que o pai é obrigado a isso, e não porque quer ficar longe deles. Relatou que o menino mais novo é muito apegado ao pai e que, quando este passa muitos dias fora, fica até sem comer.

Mabel relata que, quando está em Vitória, Paulo passa o tempo todo com a família, mas que, mesmo assim, os filhos reclamam de sua ausência e dizem que o pai não tem tempo para eles. Um dia, por exemplo, os filhos queriam que o pai os levasse à praia, mas ele estava cansado e queria ficar em casa. (...) *aí falou: “Ah! por que o senhor trabalha a semana inteira não leva a gente na praia. Aí pra eu explicar pra eles.* Ela defendeu o marido, explicando que ele também tinha que ter o tempo de descansar, porque fazia trabalho braçal e pesado, e levou os filhos para passear. *Porque ele é carpinteiro, mas faz várias coisas, porque se não tiver outro pra repor, tem que ser ele. (...) Peso pesado que nem eles pega saco de brita, né? deve ficar cansado.*

Ao falar do relacionamento com os pais, os dois filhos mais velhos relataram que a relação é conflituosa. Ao avaliar seu relacionamento com seus pais, Florisa disse que às vezes é bom e às vezes é ruim. É bom quando eles aceitam o que ela pede e a deixam fazer o que quer, como sair com as pessoas da Igreja, e é ruim, porque os pais não a deixam fazer quase nada. *Aí eu fico reclamando com eles.* Exemplificou que gostaria de viajar com os amigos da Igreja, mas os pais têm medo. Florisa confirmou que algumas vezes seus pais vão à Igreja com os filhos, ou saem para passear, indo à praia, ao shopping ou ao parque.

Florisa relatou que ela e a mãe se preocupam com coisas diferentes: *Eu penso um e ela pensa outro. Eu penso em casar, sei lá. Ela pensa em roça dela lá, negócio de casa... essas coisas. Eu penso mesmo é estudar pra depois casar, sei lá.* Disse que sua mãe costuma conversar com ela sobre namorado. (...) *que tem que achar um responsável, um simpático. Ela diz que, pra não ficar dependendo de marido, arrumar trabalho... fala isso.*

Florisa acha que os pais têm influência sobre ela e que se parece com a mãe apenas fisicamente, pois, no resto, *puxou a tia: No jeito dela não sou não. Puxei pra minha tia. No jeito de falar, no corpo, tudo é igual a da minha tia.*

Felício disse que, na casa dele só ele apanha e que o filho mais novo recebe mais carinho. Considerou que a mãe briga mais com ele porque só faz o que ela pede *pela metade* e vai brincar. Explicou que, às vezes, os pais brigam entre si, e com os filhos, quando estes não fazem aquilo que eles pedem, quando não obedecem. Felício disse que os pais conversam pouco com os filhos, que em geral conversam para brigar e chamar atenção. Se pudesse ter algo diferente na relação com seus pais, Felício gostaria de que eles não brigassem.

Florisa também confirmou que os pais brigam. Disse que gostaria de que isso fosse diferente na sua vida, que espera que seu relacionamento com seu futuro marido seja diferente da relação entre sua mãe e seu pai. Florisa afirmou que seus pais brigam quase sempre quando discordam um do outro, e ela pensa que *casado tem que ser feliz*.

Quando questionado se considera que é parecido com os pais, Felício respondeu que sim, mas citou apenas características físicas, como ter o cabelo parecido com o do pai e a pele branca da mãe.

## **Representações de gênero**

### ***Diferença de gênero na família.***

Em relação à divisão de tarefas na família, as mulheres são as principais responsáveis, embora a mãe tenha relatado que pede também que os meninos realizem algumas atividades. Mabel disse que reclama com a filha porque às vezes ela não quer fazer os serviços de casa. *Ah! Por que só eu? Por que tudo eu? Por que sou mais velha, não sei o quê, fica reclamando.* Mabel explicou que não é isso que acontece e, na sua opinião, se fosse uma mãe ruim, poderia não fazer nada dentro de casa, porque tem muitos problemas de saúde e a filha já é uma moça. Mabel argumentou que a filha

deixa os serviços acumularem e depois reclama que só ela tem que fazer. Segundo Mabel, os meninos também ajudam, reclamam também, mas fazem algumas das atividades domésticas. (...) *um lava, o outro já guarda, e a outra já limpa direitinho, só a roupa mesmo que fica pra mim e ela.* No entanto, Mabel acrescentou que os meninos só ajudam quando querem, e admitiu que é diferente com Florisa, que é a única mulher. (...) *também quando não querem, bate o pé, e eu sempre falo com ela, porque eu sei que você é a mulher de verdade.* Mabel costuma dizer aos filhos que, se eles dividissem as tarefas de casa e fossem organizados, daria tudo certo, mas acrescentou que às vezes a filha também não ajuda e ela tem que fazer tudo.

Florisa confirmou a fala da mãe e disse achar que, em sua casa, a vida das mulheres é diferente da vida dos homens, porque elas têm que fazer tudo, enquanto os irmãos ficam brincando. Disse que os meninos só fazem alguma coisa quando a mãe manda, e que as tarefas de casa, como lavar a louça, lavar a roupa e fazer o almoço, ficam mais sob responsabilidade dela. Quando eles ajudam, costumam lavar a louça, varrer o chão e arrumar suas camas. Florisa afirmou que, quando o pai está em casa, também ajuda, arrumando a casa e fazendo o almoço.

Já Felício considerou que, na sua família, homens e mulheres são cobrados da mesma forma a fazer atividades domésticas, como lavar a louça, passar pano na casa e outras coisas. Ele disse que faz essas atividades e que o pai cozinha quando está em casa e a mãe tem que sair. As mulheres da casa, a mãe e a irmã, também lavam a louça e são as duas que lavam a roupa.

Florisa acha que a preocupação dos pais com meninas e meninos é diferente, porque os meninos costumam sair para brincar, demoram a voltar, somem, e os pais têm que procurá-los. Em relação às meninas, os pais costumam preocupar-se com namoro, com a possibilidade de a menina sumir e não voltar mais para casa. Afirmou que a mãe tem uma preocupação maior com ela em relação aos estudos e às saídas de casa. Considerou que a preocupação da mãe é maior com ela, porque às vezes ela sai e demora a voltar.

Felício acredita que seus pais esperam que os filhos cresçam e ajudem em casa. Revelou que os pais o aconselham a não namorar escondido

e a não prestar atenção no que os outros meninos falam. *Aí tem um menino que vem, fala que é para eu ir ali... só que aí eles falam para mim que não é para mim ir. Que eu não posso seguir o que eles estão falando. Que eu tenho que vir para casa.* Felício acha que os pais temem que os outros meninos o machuquem, que batam nele e o deixem amarrado por aí. *É que eles pensam que vai acontecer alguma coisa comigo.*

Para sua irmã, os pais recomendam ficar dentro de casa quando eles saem, para não deixar a casa sozinha, porque alguém pode entrar e roubar. Eles fazem recomendações para que nada aconteça com ela. *Para ela não ser atropelada... ou então alguém assaltar ela, machucar ela.*

### **Ser mulher**

Mabel disse que, *de sua parte*, acha que ser mulher é uma coisa boa. A única coisa que Mabel considera difícil e de que sente raiva por ser mulher é da fragilidade que a mulher tem e de não receber o *respeito merecido*. Observou que alguns homens falam coisas para as mulheres que elas não merecem ouvir. Acha que a *mulher não tem ainda o valor merecido*, e que às vezes os maridos e a própria sociedade não sabem dar-lhe valor. Mesmo assim, Mabel acha que existe uma *razão de ser mulher* que é poder gerar uma nova vida e conseqüentemente *um futuro melhor*. (...) *porque, se não fosse a mulher, o que seria de nós?(...) porque teve que ter uma mulher primeiro pra produzir esse Brasil todo que taí, né?* Considerou que esse é um motivo para não achar ruim ser mulher. Disse que, no seu caso, a única coisa que tem para reclamar é sobre o seu problema de saúde. *Se não fosse isso e as vezes eu seria a mulher mais feliz do mundo.* Explicou que não tem do que reclamar, pois não queria ser rica e não se acha pobre; teve com seu pai toda a educação que pôde ter; só não foi melhor porque *não pôde se instruir e não teve a orientação merecida*; teve um marido com quem está há dezesseis anos e que não a maltrata, nem deixa que ela passe necessidade. Disse ainda que muita gente no bairro gosta dela e a trata bem. (...) *do quê que eu vou reclamar...*

Florisia disse que não gosta de ser mulher. Falou para a mãe que queria ser homem porque, sendo mulher, tem que fazer tudo que os pais

querem: *Fazer tudo que eles querem, aí eu não gosto de ser mulher, não. Falei pra minha mãe que eu queria ser homem. Ela falou pra mim que nem adianta correr.* Considerou que ser homem é melhor porque o homem tem mais liberdade e mulher tem que arrumar a casa: *Ah! porque homem tem mais liberdade, pode brincar, tudo... Mulher não tem não, todo dia tem que arrumar a casa, fazer tudo.*

Embora reclame, Florisa acredita que a responsabilidade em relação aos trabalhos domésticos é mesmo da mulher e acha que o marido não precisa fazê-los, pois julga que a responsabilidade do homem é trabalhar e pagar as dívidas.

Florisa disse que não sabe se vai trabalhar depois que casar, mas gostaria de poder ajudar o marido a pagar as contas. Para Florisa quando a mulher tem filhos, deve pagar a alguém para ajudar a cuidar das crianças, enquanto ela cuida da casa ou sai para trabalhar fora. Acha que é bom a mulher trabalhar fora: *Uns acham que não, mas eu acho bom, porque... não ficar dependendo do marido dentro de casa...*

Felício acha que a mulher deve trabalhar, mas deve cuidar das atividades da casa e do marido e depois ir para o trabalho. Sobre ser mulher, ele não soube responder,. Disse que elas é que sabem.

### **Ser homem**

Mabel avaliou que os homens não querem responsabilidade, porque acreditam que a responsabilidade vai ser uma barreira para eles poderem fazer o que quiserem, como sair e chegar a qualquer hora. Acha também que a mulher vai ficar controlando. (...) *depois ele não quer carregar esse fardo, né? Porque, quando se pega essa tal responsabilidade (...), porque acha que não vai poder fazer mais nada lá fora, (...), não pode fazer o que quer, acha que a gente sempre intromete onde não deve.* Disse que é mais fácil para os homens porque *eles fazem tudo que der na telha, né?* Mabel acredita que os homens acham correto ter mais liberdade que as mulheres e que elas não podem agir da mesma forma.

O que Mabel acha mais difícil para o homem é ter que suprir todas as necessidades de uma casa. No entanto, ela observou que eles é que

determinam que têm que ser dessa forma, pois não aceitam interferência da mulher no que consideram que é sua responsabilidade. (...) *só ele sozinho que toma toda a autoridade, né? Aham ruim, porque você quer dar uma opinião e eles não querem aceitar. Decide tudo sozinho.*

Para Felício, a melhor coisa de ser homem é trabalhar. O que ele não considera muito bom é o homem ter que fazer serviços de casa. Felício acha que os homens não gostam de fazer esse tipo de atividade porque consideram chato.

### **Ser mãe**

Para Mabel, ser uma boa mãe é dar o amor de que os filhos precisam. Ela considerou que, na fase em que estão seus filhos, o que mais necessitam é do amor de mãe, e que, se não o tiverem, podem ficar desorientados como ela ficou pela ausência da mãe.

Mabel acha que ser mãe é uma coisa boa, mas disse teve dificuldades como mãe. Contou que não pôde amamentar os filhos o quanto gostaria, mas que, apesar disso, foi mãe de verdade. Explicou que nem todas as mães conseguem amamentar seus filhos por dois ou três anos e que ela amamentou os filhos até os dez meses e não pode continuar por causa da diabetes.

Relatou que o marido tem medo de que ela engravide novamente por causa da doença, mas ela respondeu que, se acontecer, não vai rejeitar o filho. *Que eu já tenho vontade de dar mamar por mais um ano, que é sempre aquele prazer de estar dando o seio pra criança, que assim ela fica mais apegada à gente, né? Você sentir aquele amor de mãe àquele filho é uma coisa muito bonita.* O marido argumentou que ela só pensa na hora do prazer, mas que eles já têm muitos filhos. Mabel explicou que não quer ter mais filhos, mas, se acontecer, é preciso aceitar.

O lado difícil de ser mãe para Mabel é a responsabilidade que a mãe tem que ter, (...) *porque não tem como você fugir daquilo ali não; quer dizer, se você escolher aquele momento pra ser mãe, é aquilo que se tem que ter.* Acha que algumas pessoas têm filhos sem pensar e não assumem a responsabilidade. Depois sofrem e acabam fazendo a criança sofrer. Mabel



explicou que algumas abortam ou querem continuar fazendo o que tem vontade de fazer. Às vezes até aceitam o nascimento da criança, mas depois a rejeitam. (...) *fica desfazendo o tempo inteiro, não queria que você nascia, não queria que você viesse agora, desconta tudo naquela criança, porque o coitado não tem culpa de nada. Aí é uma coisa, como é que diz, muito ruim. (...) além de sofrer ela, sofre a criança também, que não tem culpa.*

A filha Florisa disse acreditar que o papel da mãe é tomar conta dos filhos e levá-los ao médico quando for preciso. Assinalou que algumas mães são importantes na vida dos filhos, mas outras não. Considerou que a mãe é importante quando é ela quem cria, ajuda e cura o filho. Para ser uma boa mãe, Florisa acha que é preciso dar carinho, amor e atenção aos filhos.

Embora Florisa tenha reclamado das desvantagens de ser mulher, acha que ser mãe é bom, ressaltando que tudo em ser mãe é bom, apesar de não saber explicar por quê. Acrescentou que algumas mães têm responsabilidade e cuidam dos filhos, o que é uma dificuldade da maternidade, enquanto outras não têm, não cuidam e mandam os meninos para a rua. Já para os pais, ela diz que não há nada que seja difícil.

Para Felício, a mãe deve ter cuidado com os filhos, chamar a atenção deles. O papel da mãe é cuidar dos filhos, fazer a comida, comprar coisas para os filhos, não deixar os filhos saírem para a rua sozinhos, (...) *não deixar ir lá para baixo sozinho... por causa do carro da... aquela Kombi da criança*<sup>4</sup>.

### **Ser pai**

Mabel também considerou que a figura do pai é muito importante na vida dos filhos. Acha que o pai tem um papel de autoridade na família, que é importante agir com os filhos quando a mãe não consegue ter domínio sobre eles. (...) *ele tem uma voz mais ativa, no jeito de falar mesmo; que não seja na maneira de falar mais forte, é mais afirmativa, né?* Explicou que, se não for desse jeito os filhos se aproveitam do *coração mais mole* da mãe.

Ser bom pai, para Mabel, é ser participativo na criação dos filhos, querer saber de tudo o que está acontecendo com eles, se os filhos estão indo

---

<sup>4</sup> Está-se referindo ao carro da Rede Criança, programa público de proteção e atendimento às crianças em situação de risco.

para a escola, se estão indo para a Igreja, se estão desobedecendo. Enfatizou que Paulo é um pai que se preocupa com tudo isso.

Mabel respondeu que ser pai é uma coisa boa, dependendo do homem. Ela esclareceu que há muitos que dizem só ser pai no papel, mas que não querem ter a responsabilidade. Contou, para exemplificar, que um rapaz do bairro é pai de dois meninos, mas diz para a mulher que não vai sustentar *filho de vagabundo*. (...) *eu falei pra ele: “Vagabundo é você, no caso. Você é o pai deles, eles não têm culpa”*.

Nesses casos, Mabel acha que o casal *faz as coisas sem ter noção*, e aí a mulher tem que trabalhar para dar conta de todas as responsabilidades, porque o homem não assume o filho. (...) *eles nem “tá” aí... só pra botar no mundo, mas a responsabilidade que é bom, zero*.

Ela ainda considerou que algumas pessoas dizem que pai é quem *dá de comer*, mas discordou dessa opinião. Acredita que o pai também tem o papel de *ajudar a mãe* a educar os filhos, tem que dar amor aos filhos e ter envolvimento com a família. Explicou que não vai obrigar o pai a lavar um prato ou uma roupa, mas tem que estar junto dos filhos, participando de tudo. E, caso ela passe mal, espera também que o marido *ajude um pouco* dentro de casa.

Mabel acredita que alguns homens, para conseguir a mulher que eles querem ter, resolvem ter um filho para segurá-la. Mas às vezes esse planejamento não dá certo, e eles sofrem as conseqüências. No entanto, outros homens desejam mesmo ser pais. Ela dá o exemplo do próprio marido que, mesmo tendo tantos filhos, *quando vê uma criança se derrete todo. É um carinho, um mimo, coisa que você precisa de ver, no caso, às vezes até demais da conta. É igual duas crianças brincando*. Mabel reforçou que o marido desde o início se preocupou muito com a família.

Uma situação que Mabel considera difícil para o pai, é quando tem que conversar sobre namorados com a filha. Explicou que conversou com o marido sobre o assunto, pois acredita que o pai também deve pensar em como vai aceitar quando chegar a hora de a filha namorar e expressar sua opinião. O marido acha difícil conversar sobre esse tema com a filha e considera que esse papel é da mãe. Mabel discordou, porque acredita que a filha deve saber qual é

a opinião do pai e acha que os dois, juntos, devem explicar como pensam para prevenir problemas. (...) *falei: Ó, se você não falar agora, depois vai ser traumatizante, que você não vai querer aceitar certas coisas nem ela vai saber o que você pensa. (...) pra depois não dizer aquela história: Por que que não pensou antes.*

Em relação ao pai, Florisa ressaltou que nem todos são importantes na vida dos filhos. Alguns pais não dão atenção aos filhos e nem os ajudam; outros são bons, ajudam, pagam os estudos, dão conselhos e se divertem com eles. *Legal que tem aqueles que dá conselho, brinca, leva pra sair; outros não gosta de... não fica com os filho, não gosta de sair com ele.* Ser um bom pai, para Mabel, é a mesma coisa que ser uma boa mãe: é preciso dar carinho, amor e atenção aos filhos.

O papel do pai, para Felício, é também chamar a atenção dos filhos levá-los para passear como faz seu pai. *Ele fica... fica com nós, leva nós para a praia...* Felício considerou também que o pai deve dar exemplo para o filho e disse não saber o que é difícil em ser pai.

### **Expectativas em relação ao futuro**

Em relação a suas expectativas, Florisa acha que vão acontecer coisas boas com ela no futuro, como fazer cursos, estudar e conseguir trabalho. *Eu sonho é trabalhar mesmo, fazer algumas coisa. Fazer curso, faculdade.*

Florisa ainda não teve namorado. Relatou que algumas mulheres reclamam por terem se casado cedo. Ela gostaria de casar quando tivesse 20 anos, com um homem que fosse simpático, respeitador e trabalhador, e de ter um filho e uma filha. Disse que quer ter filhos porque gosta de cuidar de neném e de ser mãe. No momento da entrevista, ela estava cuidando de um bebê, filho de uma vizinha.

Em relação ao trabalho, Florisa disse que gostaria de trabalhar como babá. Pensa em terminar os estudos do ensino médio e gostaria de fazer faculdade para ser enfermeira. Ela disse que não sabe bem o que faz a

enfermeira, mas sabe que ela cuida de pessoas doentes. Explica que poderia também ser médica.

Se tivesse uma filha, Florisa disse que a orientaria sobre os namorados, diria para não voltar para casa tarde e não ficar sozinha na rua. Explicou que gostaria de que acontecessem coisas boas para ela e que ela fosse feliz. Para Florisa, coisas boas implicam estudar e ter uma formação. Para um filho, ela aconselharia a não ficar com os amigos *que não prestam*, a não usar drogas e a não ficar bebendo. Florisa acha que essas coisas acontecem muito com alguns meninos. Gostaria de que ele trabalhasse e tivesse amigos.

No futuro, Felício deseja ser como seu pai, trabalhar. Disse imaginar que um dia vai trabalhar como bombeiro. Pretende morar em um apartamento e ter uma mulher bonita e elegante, carinhosa, que o aceite como ele é. Quer também ter dois filhos, um menino e uma menina. Felício considerou que ter filho homem é mais fácil e que ter duas meninas não daria certo. Ele acha que os pais devem aconselhar as meninas a não sair na rua e não sair de casa à noite.

Se Felício tivesse uma filha, gostaria de que ela fizesse as coisas que ele mandasse, que obedecesse e não saísse sozinha para que não acontecesse nada com ela, como ser atropelada ou levar um tiro. Se tivesse um filho, gostaria de que ele trabalhasse e estudasse. Porque pensa que trabalhar e estudar são o melhor que uma pessoa pode fazer.

*Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar; essas coisas que diz toda mulher. Diz que está me esperando pro jantar, e me beija com a boca de café...*

(Cotidiano – Chico Buarque)

*Um homem se humilha se castram seus sonhos  
seu sonho é sua vida, e a vida é o trabalho.  
E sem o seu trabalho um homem não tem honra;  
e sem a sua honra se morre se mata...*

(Guerreiro Menino - Gonzaguinha)

## V. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise dos resultados desta pesquisa, observamos que os vários dados levantados se complementam e dão um panorama das representações sociais que têm os participantes e as famílias do que é ser homem e ser mulher na família e na sociedade, e de como estas representações norteiam as práticas e interações familiares. Podemos dizer que essas práticas são orientadas na verdade por uma rede de representações que envolvem como os participantes concebem o que é ser homem e mulher, o que é ser pai e mãe, filho e filha, o significado do trabalho fora e dentro de casa em função do gênero. Discutiremos os resultados, analisando a rede de representações que conseguimos identificar nas respostas dos participantes da pesquisa, fazendo a articulação entre os vários dados levantados e considerando os objetivos da pesquisa, que são: verificar as representações sociais de gênero de pais e mães, a articulação destas representações com as práticas educativas, as diferenças e similaridades entre as representações sociais de gênero intergerações identificando mudanças e permanências nas representações sociais de gênero dos filhos e filhas.

### **Maternidade e Paternidade**

Nas questões sobre ser homem e ser mulher, 72,7% das mães, 43,3% dos pais e 47,7% dos adolescentes deram respostas que mostram que ser mulher é ser mãe. Comparando com o número de participantes que respondeu que ser homem também é ser pai, 47,7% das mães, 23,3% dos pais e 20,5% dos adolescentes, verificamos que a maternidade define mais significativamente a mulher do que a paternidade, o homem (TABELA 4 e TABELA 5). É ela quem deve gerar e ser a principal responsável pelos cuidados com os filhos

*Cuidar dos filhos, conversar diariamente com os filhos, são tudo nessa vida, toda preocupação com os filhos é da mulher (42M).*

É interessante também observar que a porcentagem de mães que consideram que ser mulher é ser mãe, e que ser homem é ser pai, é maior que a dos outros participantes. Enquanto para os adolescentes e pais prevalece a idéia de que mãe é aquela que se dedica aos filhos, cuida deles e os educa, a resposta *ser mãe* com o sentido de gerar um filho é dada quase exclusivamente pelas mães. Nas narrativas, uma das mães considera que apesar de não ser valorizada como deveria, existe uma *razão de ser mulher* que é a maternidade, e esse é motivo suficiente para se ter uma avaliação positiva do que é ser mulher.

A imagem da maternidade dando sentido à vida para mães de classe popular foi encontrada por Stasevskas e Schor (2000). Em sua pesquisa, as mulheres entrevistadas expressam a idéia de que casar e ter filhos as torna verdadeiramente mulheres.

Para Santos, Novelino e Nascimento (2001), a capacidade reprodutiva é o núcleo da crença em uma natureza feminina diferenciada que caracteriza as mulheres e as consagra como mãe. As autoras refletem que esse núcleo é tão forte na representação sobre a mulher, que mesmo os discursos sobre a atuação da mulher na esfera pública se apóiam nele.

DeSouza; Baldwin e Rosa (2000), quando fazem uma análise das condições que tem influenciado as mudanças na vida da mulher brasileira, avaliam que, embora muitas mudanças tenham ocorrido que ajudaram as mulheres a ter um papel mais visível na estrutura social, existe uma particularidade nos movimentos femininos do Brasil que está relacionada ao posicionamento histórico da mulher na família brasileira. Argumentam que as questões relacionadas ao planejamento familiar, cuidado de filhos fora de casa, e a violência contra mulheres parecem ser o foco da tentativa das mulheres para redefinir seu papel no Brasil. Segundo os autores, apesar das conquistas já feitas, o movimento das mulheres mostra ao mesmo tempo progresso e estagnação devido a uma articulação ideológica ainda presente da mulher como mãe e cuidadora que merece ser protegida e guardada.

Santos, Novelino e Nascimento (2001) acrescentam que, embora a maternidade hoje seja colocada como opcional, ainda é percebida de forma naturalizada e define a identidade feminina. O próprio discurso especializado,

entre eles o da psicologia, reforça o vínculo mãe-filho como sendo o mais importante e a idéia de que a mãe é naturalmente mais capaz na criação dos filhos. Em pesquisa das autoras com mães de camadas médias e de baixa renda, a maternidade definia para a maior parte das mães o que era ser mulher. A maternidade foi ressaltada e enaltecida mesmo quando as mulheres relataram as dificuldades e restrições que ela impôs e a dificuldade em desempenhar todos os papéis exigidos pela vida familiar e pela vida pública.

Entre os resultados que obtivemos sobre a representação da mulher na família, também se destaca a representação de que a mulher deve ser uma boa mãe, o que implica cuidar dos filhos, orientá-los *no caminho certo*, colocar limites. Essa é categoria que prevalece entre as mães, para as duas questões, geral e específica (63,6% e 65,9%), e entre os adolescentes na questão geral (68,2%). Para os pais, é o segundo maior conjunto de respostas nas duas questões (53,3% e 40%) e também para os adolescentes, ao falar da própria família (47,7%) (TABELA 6). A mãe é considerada a pessoa mais presente e a que interage mais com os filhos.

Ser bom pai é a segunda principal categoria para definir o homem na família para todos os grupos de participantes. Mesmo assim, quando comparado quantitativamente com a categoria ser boa mãe, verificamos que também para essas questões a definição de mãe para a mulher se destaca mais que a de pai para o homem. Nas questões sobre a família em geral e sobre a própria família, ser bom pai é a resposta de 43,2% e 27,3% das mães, de 46,7% e 23,3% dos pais e de 38,6% e 20,5% dos adolescentes (TABELA 7). Uma diferença que aparece em termos de conteúdo nas respostas relativas a ser bom pai e ser boa mãe é que os cuidados são atribuições da mãe, enquanto o pai deve colaborar na educação dos filhos.

Algumas respostas relacionadas a esse tema se destacam por se referirem a aspectos da realidade vivenciada pela população que participou da pesquisa. Quando os adolescentes abordam que ser mulher é ser mãe, um deles considera que a mulher não deve abandonar o filho. Embora não tenhamos dados estatísticos do bairro sobre o assunto, percebemos, na nossa convivência com essa comunidade, que é comum, quando a mulher se separa do pai de seus filhos, esse homem não manter contato com as crianças e a



mãe deixar os filhos desse relacionamento com outros familiares quando ela se une a um novo homem. Assim podemos entender que, para alguns adolescentes, a mãe querer ficar com os filhos depende de um contexto. Ao explicar que a mulher na família deve ser boa mãe, alguns dos adolescentes acrescentaram que é importante a mulher gostar dos filhos, ter amor e carinho por eles. A fala dos adolescentes parece revelar que, para eles, não é totalmente “natural” a mãe ser afetiva e gostar dos filhos. Já para os grupos de pais e mães a preocupação com a afetividade da mãe não aparece quando falam da mulher na família, mas aparece na categoria que se refere ao homem como bom pai para todos os grupos de participantes. É provável que essa diferença esteja relacionada à expectativa de que a mãe “naturalmente” vai amar e querer os filhos, porque a maternidade faz parte da “natureza feminina”, mas não se pode esperar o mesmo do pai.

Santos, Novelino e Nascimento (2001) em entrevistas com mães, verificaram que para elas, da mesma forma que a maternidade definiu o que é ser mulher, ser “boa mãe” foi considerado naturalmente o que se espera de uma mãe, e a boa mãe, acima de tudo, ama seu filho. O amor, segundo as autoras, é prerrogativa certa da boa mãe e a isenta de ser julgada pela defasagem entre a prática, no cotidiano com o filho, e o modelo idealizado. O relato das mães entrevistadas revelou que, para elas, o amor que a mãe tem pelos filhos, desculpa os erros e os momentos de impaciência, o amor supre as lacunas entre a mãe ideal e a mãe que elas conseguem ser.

Nas narrativas, a fala de Mabel (B) pode ser um exemplo da análise feita acima. Para ela também ser uma boa mãe é dar o amor que os filhos precisam, caso contrário eles podem ficar desorientados. Quando avalia o quanto apanhou quando era criança, afirma a seguir que jamais faria o mesmo com seus filhos, no entanto, explicou que às vezes, num momento de nervosismo, pode bater, mas *na hora merecida*, e que os filhos entendem que *ela é mãe*, e está fazendo o que é certo.

Trindade e Enumo (2001) analisam que a representação da maternidade como meta natural para a mulher não leva em conta que as atividades relacionadas ao exercício tanto da paternidade como da maternidade são aprendidas e estabelecidas socialmente. A representação de

ser mãe naturalmente implicaria amar o filho e saber como cuidar dele, já que a mulher já nasce pronta para ser mãe, enquanto para o homem a paternidade aparece como possibilidade em determinado momento da vida, e o amor pelo filho se constrói durante a convivência com este. A menção que um dos adolescentes faz da necessidade de que o homem assuma e registre o filho, reforça a idéia de que ser pai não é visto como algo natural, mas, sim, como um compromisso social que tem que ser assumido para se concretizar.

Nas narrativas, é possível perceber, pelo relato de duas mães, que a maternidade fazia parte do imaginário dessas mulheres desde cedo e independentemente da relação com o parceiro ou das condições de vida. As duas ficaram grávidas de seus primeiros filhos ainda adolescentes, Miriam (B) com 16 e Mércia (A) com 18 anos. Mesmo não tendo sido planejado pelo casal, as duas afirmam que sempre quiseram ter filhos, e por isso a gravidez foi desejada. Miriam enfatiza que, apesar das dificuldades e de precisar trabalhar durante a gravidez, nunca precisou deixar os filhos com ninguém e não pensou em nenhum momento em abortar qualquer um deles, destacando assim que estava pronta para assumir a função de mãe e toda a responsabilidade que isso implicava na sua situação de vida. Mércia também ressalta seu papel de mãe. Contou que não se prevenia contra a gravidez e que o nascimento dos filhos foi importante para fortalecer sua relação com o marido, que foi escolhido por sua mãe e não por ela. Ela afirma que seus filhos sempre estiveram em primeiro lugar. Para Miriam e Mércia ser mãe é *tudo na vida*. Mércia ainda acrescenta que *é um dom de Deus* e que a maternidade sacramenta a união do casal, porque o homem vai amar mais a mulher que espera um filho dele.

Embora a dedicação familiar faça parte das responsabilidades tanto do homem como da mulher, a mulher é representada como a principal cuidadora, enquanto o homem é aquele que administra e protege a família. A representação da mulher como aquela que cuida aparece em vários momentos. Para os pais, a dedicação com a família se expressa no cuidado e no zelo da mulher. Para as mães e os adolescentes, ser mulher implica casar, ter uma família e cuidar dela. Na relação com o homem, a mulher é alguém que deve cuidar do companheiro, às vezes como se fosse mais um filho. A possibilidade de cuidar de todos é a expressão da *força da mulher*, na

declaração de uma das mães. Elas consideram ainda que a mulher é *tudo* na família, que sem ela o homem e os filhos *não são nada*. Nos finais de semana, é a mulher quem vai visitar o filho ou o irmão no presídio, dando continuidade fora de casa a seu papel de cuidadora.

Nos resultados do QUADRO 2, que descreve as atividades desempenhadas pelos membros das famílias, observamos que as atividades que dizem respeito aos cuidados e acompanhamento dos filhos, como cuidar das crianças pequenas, corrigir o comportamento da(s) menina(s), corrigir o comportamento do(s) menino(s), acompanhar as atividades escolares dos filhos, levar as crianças na escola, castigar os filhos, controlar as amizades da(s) menina(s), levar os filhos(as) ao médico, de acordo com todos os grupos de participantes são na maior parte realizadas pelas mães.

Nas narrativas, a representação da mulher como mãe e principal cuidadora é reforçada. Os cuidados, a dedicação, o amor e a orientação dos filhos *no caminho certo* são principalmente responsabilidades da mulher.

Para as mães, a mulher deve ter responsabilidade e se dedicar aos filhos, deve dar carinho e fazer com que eles se sintam amados. A mãe tem o papel de proteger, ensinar aos filhos o que é a vida e como *serem felizes*.

Também para os pais os cuidados e a dedicação com os filhos e a casa são esperados da *mulher de família*. Cuidar da casa, dar comida para os filhos no horário certo enquanto o pai está *lutando*, ser carinhosa, preocupar-se com os estudos dos filhos e dar-lhes conselhos para que *não façam nada errado* é o que eles esperam de suas esposas.

Entre os adolescentes, todos têm expectativas de no futuro ter uma família, suas respostas indicam que nos modelos de pais e mães que pretendem seguir, prevalece a representação social de gênero transmitida pela socialização na família. Os parâmetros mencionados para a educação de seus futuros filhos e filhas também reproduzem o que eles vivem nas suas famílias.

A opinião dos adolescentes em relação ao papel da mulher como mãe também é de que ela deve proteger e orientar os filhos *para a vida*. Para Fernando (B) uma boa mãe está presente nas horas difíceis, o que é importante para que o filho não se envolva com bebida e drogas. Fábio (A) acha que, embora o pai também seja responsável pela educação, esta é uma

atribuição principalmente da mãe, e que ela não deve bater nos filhos, e sim dar conselhos sobre o que é *certo e errado*. Para Felício (C) além das atribuições citadas, é importante a mãe não deixar os filhos saírem para a rua sozinhos. Também para as filhas, o papel da mãe é educar, conversar, falar-lhes o que é *certo e o que é errado*, dar carinho, amor e atenção. Elas devem ainda ser *abertas* para conversar e não deixar os filhos na rua.

A responsabilidade que recai sobre a mãe no controle da conduta dos filhos é evidente e é reiterada pelos pais, que acrescentam que chamam a mãe para resolver quando aparece algum problema com os filhos, um deles acrescenta que não quer ser *perturbado*.

Braz, Dessen e Silva (2005), em pesquisa sobre as relações conjugais e parentais com famílias de classe média e com famílias de classe baixa, observaram que entre os participantes da classe média, o “bom pai” é considerado participativo, provedor de suporte emocional, orientador e disciplinador. Enquanto na definição de “bom pai” para os participantes de classe baixa a resposta que predominou foi que o pai fosse afetivo. Ser “boa mãe” para a classe média implica em orientar e conduzir os filhos, ser afetiva, participativa, responsável pelos cuidados dos filhos e pelas atividades domésticas, e prover suporte emocional. Enquanto para os participantes de classe baixa, a “boa mãe” deve ter afetividade, habilidade para disciplinar, impor limites, e corrigir os erros dos filhos. Os dados da pesquisa de Braz, Dessen e Silva, sugerem que, para os casais de classe baixa estudados, também é a mãe a principal responsável pelos cuidados, pelas orientações e disciplina dos filhos.

Ridenti (1998) argumenta que, partindo-se do princípio biológico de que é no corpo da mãe que o bebê é concebido, se desenvolve e depois será amamentado, é difícil não considerar que a mãe é a principal responsável pelo filho. A tradição patriarcal e a tradição católica reforçaram esse ponto de vista estruturando as relações familiares em divisões de papéis bem definidos para homens e mulheres. A autora acrescenta que, ao entrarem no mercado de trabalho, ao ocuparem outros espaços públicos e exercerem com maior liberdade sua sexualidade, as mulheres impuseram modificações nas relações familiares e de gênero. No entanto, a divisão de tarefas no espaço privado da

família ainda e desigual, impondo uma carga maior de trabalho para a mulher, que continua a principal responsável pelos cuidados em geral.

Enquanto parece existir certo consenso em relação ao papel da mãe na vida dos filhos, em relação ao papel do pai verificamos que existem algumas diferenças na representação dos participantes. Para os homens, prevalece a idéia de que a responsabilidade do pai junto aos filhos é principalmente a de prover suas necessidades por meio do seu trabalho. Uma das mães também explicita que o bom pai é aquele que dá o que os filhos precisam, mas, além disso, as mulheres esperam mais participação, presença e afeto do homem em relação aos filhos. A referência ao pai provedor também aparece na fala dos adolescentes dos dois sexos, mas é mais marcante na fala dos meninos. As meninas, assim como suas mães, consideram que o pai deve ser também participativo e afetivo. Outra resposta que se destaca entre alguns adolescentes é que o pai também é aquele que deve passear e se divertir com os filhos. A representação dos participantes sobre o pai corrobora a análise de Trindade, Andrade e Souza (1997), na qual se verificou que as transformações nas representações dos papéis parentais, estão mais localizadas na qualidade da relação pai-filho do que na divisão de papéis e responsabilidades entre pais e mães.

Trabalhar, alimentar os filhos e comprar as coisas que os filhos desejam está em *primeiro lugar* e é *o melhor de ser pai* para Pedro (B) e Plínio (A). Pedro acha ainda que a figura do pai não é tão importante na vida dos filhos quanto é a figura da mãe, porque quando o casal se separa e a mulher se une a um novo homem, é este que vai fazer papel de pai. Assim ele acredita que *qualquer pessoa* pode ser o pai, mas *a mãe é uma só*.

Dois adolescentes do sexo masculino têm uma representação semelhante em relação à principal função paterna: *matar a vontade dos filhos; dar as coisas que o filho deseja; sustentar a família; e comprar alimentação para o filho*, são as principais atribuições do pai. Apenas um dos meninos (C) não mencionou o pai como provedor. *Passear com os filhos, ser um exemplo, conversar e dar conselhos sem brigar ou usar castigo físico* também fazem parte do papel de pai, mas, de acordo com um dos meninos, a participação na educação é uma ajuda ocasional.

Miriam (B) não concorda com a idéia de seu marido de que *pai é qualquer um e mãe é uma só*. Ela acha que o pai tem que ter responsabilidade com os filhos, mesmo quando não está mais com a mãe deles; deve manter o vínculo mediante o cumprimento do seu papel de provedor.

Mabel (C) discorda da idéia de que pai é apenas quem *dá de comer*, considera que a figura do pai é muito importante, que ele deve ser participativo na criação e *ajudar a mãe* a educar os filhos. Acha que o pai tem um papel de autoridade na família e consegue ter mais domínio sobre os filhos. Acredita que o pai também tem que dar amor e ter envolvimento com a família. E para Mércia (A), ser pai é tão maravilhoso como ser mãe, e eles não devem ser autoritários, mas procurar conversar mais.

Para as meninas das três famílias, ser um bom pai é *conversar com os filhos, estar sempre presente, ajudar na educação, brincar com o filho, ajudar a pagar os estudos e, assim como as mães, dar carinho, amor e atenção*.

Embora mães e adolescentes considerem que é importante o diálogo com os filhos, e os pais tenham declarado que costumam aconselhar os filhos e as filhas, na prática os adolescentes não confirmam esse fato. Dizem que os pais não costumam conversar e que se dirigem a eles em geral para chamar a atenção e reclamar de algo. Conversar com os filhos no sentido de dar orientações e conselhos é nitidamente papel da mãe e é também representado como uma forma de dar afeto e aumentar o vínculo com eles. As três mães mencionam que conversam com os filhos nesse sentido, que procuram falar sobre tudo e orientar em relação às drogas e à iniciação sexual.

Outros dados complementam essa informação: No QUADRO 2, a mãe foi considerada por todos os grupos de participantes a que mais toma iniciativa de conversar sobre os problemas. Na questão sobre de que forma as pessoas expressam carinho na família, a maior parte dos adolescentes e dos pais considerou que as pessoas da família expressam mais o carinho e o afeto conversando e através de expressões verbais, e quando os adolescentes indicam algum membro como a pessoa que mais conversa, a mãe é a mais citada. Nos resultados sobre os hábitos de conversa na família, a maior parte dos pais e adolescentes (50% e 56,8%) consideraram que na família as

peessoas conversam de vez em quando, enquanto a resposta dada pela maioria das mães (47,7%) foi de que os membros da família conversam sempre (TABELA 3). A maioria das mães respondeu que é através de contato físico, como abraço e beijo (59%) que as pessoas expressam carinho, e os filhos e filhas e as mães são os membros da família mais mencionados como agentes dos carinhos físicos (TABELA 9).

Nas narrativas, observamos que, para os próprios genitores, conversar com os filhos apresenta um outro significado quando o pai é quem atua. Plínio (A) disse que quase não conversa com os filhos porque eles não fazem nada errado. Conversar com os filhos para ele se refere a repreender:

*(...) se eles praticarem, se eles fizerem algo errado aí eu tenho que conversar, né.*

Mabel (C) declarou que pede ao marido que converse com os filhos quando ela acha importante reforçar alguma recomendação:

*(...) ele tem uma voz mais ativa, no jeito de falar mesmo, que não seja na maneira de falar mais forte, é mais afirmativa, né.*

Nesse contexto, conversar não é uma forma de expressar afeto, mas, sim, de exercer a função de autoridade e repreensão que cabe ao pai em relação aos filhos. A função de autoridade que deve ser exercida pelo pai é ressaltada pelos participantes na categoria “chefe de família”. O homem é considerado por pais e mães o líder e a autoridade da casa; é ele quem impõe respeito e faz os filhos obedecerem. Na questão sobre ser homem, essa categoria também aparece para os três grupos de participantes. O homem é descrito como a autoridade que deve ter a *palavra de ordem* e que deve ser mais rígida com os filhos. Assim enquanto a relação da mãe com os filhos é pautada nos cuidados, na orientação e na afetividade, a relação do pai com os filhos é pautada no provimento das necessidades materiais, na manutenção da autoridade respeito e obediência, e nas práticas relacionadas ao lazer.

Além dessas avaliações sobre o que é ser pai e ser mãe, nas narrativas, os participantes tecem outras considerações sobre o tema.

Outra avaliação feita é a de que nem sempre os pais e as mães cumprem seus papéis, e, em algumas situações, mães e pais são avaliados como *ruins* pelos participantes.

Mabel (C) esclareceu que há muitos pais que dizem só serem pais *no papel*, mas que não querem ter a responsabilidade. Nesses casos, Mabel acha que o casal *faz as coisas sem ter noção*, e a mulher tem que trabalhar para dar conta de todas as responsabilidades por que o homem não assume o filho. Florisa (C) e Fani (B) também ressaltam que nem todos os pais são bons e importantes na vida dos filhos porque alguns não lhes dão atenção nem os ajudam.

Plínio (A) acha que são ruins as mães que espancam os filhos, ficam em porta de bar bebendo e deixam os filhos *passarem necessidade* dentro de casa. Fani (A) diz que algumas mães maltratam seus filhos. Para Florisa (C), algumas mães não são importantes na vida dos filhos, porque não têm responsabilidade, não cuidam e mandam os meninos para a rua.

Essa avaliação encontra ressonância na resposta de uma das mulheres na categoria “ser mãe” para a questão sobre o que é ser mulher. Para ela, nem todas as mulheres nasceram para a maternidade:

*Tem mulheres que tem filhos e não deviam ter, não nasceram pra ser mães. (27M).*

Embora estas respostas pareçam ir de encontro à representação de que a mulher “naturalmente” está pronta para a maternidade, Santos, Novelino e Nascimento (2001) avaliam que as *mães ruins*, assim como as mulheres que não querem ser mães, são geralmente consideradas dentro de um padrão de anormalidade, merecendo ser tratadas ou punidas.

Na nossa pesquisa estas respostas surgem das vivências cotidianas das pessoas que vivem nessa comunidade, na qual o abandono, a negligência e os maus-tratos de crianças, quando acontecem,<sup>5</sup> não ficam apenas na esfera privada. O pouco espaço que existe entre uma residência e outra nos bairros de classe popular favorece que todos saibam o que acontece nas famílias uns dos outros e possam fazer seu próprio julgamento a respeito. Além disso, como já foi dito, é comum as mães deixarem seus filhos aos cuidados de outros familiares quando se unem a um novo parceiro.

---

<sup>5</sup> Dados do Grupo de Emergência e Atendimento ao Cidadão (GEAC) e da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social (SESP) mostram que, no primeiro semestre de 2006, ocorreram 13 denúncias de maus-tratos em Vitória-ES. Uma delas relativa ao bairro Jesus de Nazareth.



Em pesquisa sobre um bairro de classe popular em São Paulo, Fonseca (2000) também observou esse fato. Uma nova união levava as mulheres a deixarem seus filhos aos cuidados de outras pessoas. Os homens em geral não se dispunham a criar os filhos de outros homens, fazendo com que as mulheres escolhessem entre eles e os filhos de uma união anterior.

A mãe que abandona, negligencia e maltrata seus filhos é julgada mais severamente que o pai que abandona e não assume a responsabilidade pelos seus filhos. Segundo Fonseca (2000) a imagem pública da mulher expressa-se principalmente pelo seu papel dentro da esfera doméstica. Ela deve ser uma mãe dedicada e uma boa dona de casa.

A fala de Pedro (B), que acha que quem realmente importa é a mãe, porque ela fica com os filhos no caso de separação, enquanto o pai vai ser o novo homem que estiver dentro de casa para sustentar e criar as crianças, demonstra que é comum esperar do homem que o rompimento com a mulher resulte também no rompimento com os filhos, mas a mãe, segundo o participante, *é uma só*.

## **O trabalho doméstico para homens e mulheres**

Para todos os grupos de participantes prevalece a idéia de que a mulher é a principal responsável pelo trabalho doméstico. Na questão sobre ser mulher, fazer trabalho doméstico é uma categoria que aparece para 34,1% das mães; 30% dos pais e 36,4% dos adolescentes (TABELA 4). A mulher é percebida como a principal responsável pelo serviço doméstico e a mais capaz de desempenhá-lo. Em função disso, é preciso que a mulher possua qualidades, como *ser higiênica, limpa e caprichosa*. Como categoria que define o que é ser homem, participação no trabalho doméstico agrupa respostas de 2,3% das mães, 13,3% dos pais e de 2,3% dos adolescentes (TABELA 5). A participação do homem nas tarefas domésticas é compreendida por todos os participantes como *ajuda* para a mulher, mas não constitui um dever. Quando comparam características masculinas e femininas, os pais consideram que é

característica do homem se preocupar menos com os compromissos da casa e mais com o trabalho.

Nas respostas sobre as responsabilidades do homem e da mulher na família, as respostas que dizem respeito à esta categoria são mais expressivas para a mulher que para o homem (TABELA 6 e TABELA 7). Nas questões gerais e específicas, respectivamente, fazer trabalho doméstico é uma temática que aparece para a mulher na família nas respostas de 43,2% e 47,7% das mães, de 56,7% e 66,7% dos pais, 65,9% e de 68,2% dos adolescentes.

Como responsabilidade do homem na família, nas questões gerais e específicas, a categoria ajudar no trabalho doméstico aparece para 6,8% e 13,6% das mães, para 10% dos pais nas duas questões e para 11,4% e 20,5% para os adolescentes. O fato de a mulher na família ser considerada a principal responsável pelos serviços domésticos é um dos argumentos de alguns participantes dos grupos de pais e mães para que a mulher *de família* não trabalhe fora, pois seria um acúmulo de funções. Os adolescentes também consideram o serviço da casa como de competência da mulher, mas acrescentam que, se ela trabalha fora, pode pedir ajuda. As filhas são as principais colaboradoras das mães nas atividades domésticas. A participação do pai nessas atividades é caracterizada como *ajuda*; o homem não tem a mesma obrigação com os serviços domésticos. A *ajuda* inclui fazer algumas atividades, como lavar a louça e fazer a comida, particularmente quando a esposa não está em casa. No entanto, os serviços de casa que são comumente atribuídos aos homens são os consertos e as compras no supermercado.

Uma das questões fechadas da primeira entrevista também reforça que as mulheres são as principais responsáveis pelos serviços domésticos na família (TABELA 3). Embora mais ou menos um terço dos grupos entrevistados, 36,7% dos pais, 29,5% das mães e 31,8% dos adolescentes, tenha respondido que todos da família realizam os serviços domésticos, é possível perceber que de fato são as mulheres da família (mães e filhas) que fazem os serviços de casa. Somando a porcentagem de participantes que indica que apenas a mãe faz as atividades domésticas, com a que indica a mãe e as filhas como responsáveis por essas atividades; verificamos que 56,6% dos

pais, 63,7% das mães e 61,4% dos adolescentes respondem que são as mulheres da família que realizam essas tarefas.

No levantamento das diferenças na criação de filhos e filhas, três meninas reclamaram que as filhas são mais exigidas na realização das tarefas domésticas. No QUADRO 2, no qual os participantes indicaram quem faz as atividades domésticas e educativas na família, é possível verificar que as atividades, como lavar a louça, arrumar as camas, fazer a comida, varrer a casa, são principalmente atribuições femininas. Para os grupos de mães e pais, a mãe é quem mais realiza essas atividades, e em seguida as filhas. Para os adolescentes, a mãe prevalece na atividade fazer a comida e nas outras divide a responsabilidade com as filhas. A atividade doméstica em que os filhos do sexo masculino se destacam como tendo maior participação é arrumar as camas. A maior participação dos pais aparece nas atividades pagar as contas, fazer compras no supermercado e consertar as coisas em casa.

Braz, Dessen e Silva (2005) em pesquisa com famílias de classe média e baixa, também verificaram que as mães eram as principais responsáveis pelas atividades de cuidados e pelos serviços domésticos. Constataram que embora a maioria das mães de classe baixa trabalhasse também fora de casa, elas estavam mais envolvidas com as atividades domésticas que as mães de classe média, que na maioria não trabalhava fora, pois estas contavam com a ajuda de empregadas domésticas. Observaram ainda que era menor a participação dos pais, nas duas classes sociais investigadas, e as atividades mais desempenhadas por eles eram relacionadas ao lazer das crianças e a fazer compras.

Nas narrativas, também é possível notar que a representação social do papel da mulher envolve a responsabilização pelas tarefas domésticas, e que esta representação orienta as práticas em relação aos filhos. As meninas normalmente são mais exigidas na distribuição dos serviços domésticos. Segundo Mabel (C), na sua família, os meninos também ajudam, mas ela admite que a cobrança com a filha é diferente. A filha confirma que existe diferença e diz que ela e a mãe têm que fazer tudo enquanto os irmãos ficam brincando. No entanto, ao mesmo tempo em que ela reclama da desigualdade, e argumenta que é um dos motivos pelos quais algumas vezes não gosta de

ser mulher, considera que a mulher na família deve ser mesmo a principal responsável pelo serviço doméstico, porque a função do homem é trabalhar fora para sustentar a família. Assim percebemos uma divergência entre seus sentimentos, por se sentir sobrecarregada e discordar da divisão desigual das tarefas com os irmãos, e sua representação do papel da mulher, que justifica o fato de ser mais cobrada e responsabilizada pelos serviços que desempenha.

Na família de Mércia (A), a filha aprendeu desde pequena a cuidar das tarefas da casa. Ela se orgulha de ter aprendido sozinha a cozinhar, lavar, fazer café, porque achava bonito e tinha vontade, mas acha que é preciso ensinar aos filhos os serviços domésticos. Mércia também pede a participação do filho mesmo considerando que *menino homem* tem que estudar, mas é a filha quem mais assume a responsabilidade de dividir com a mãe as tarefas. A filha confirmou que com 12 anos já ajudava sua mãe a cuidar da casa e enfatizou que existem diferenças entre ela e o irmão, pois ele é menos cobrado; ela gostaria que a divisão fosse mais igualitária.

Na casa de Miriam e Pedro (B), as atividades domésticas são realizadas apenas pelas mulheres. Miriam fez questão de enfatizar que *não é preguiçosa* com relação ao trabalho e disse que suas filhas ajudam nas tarefas. A filha confirmou que, na família, apenas as mulheres realizam os serviços domésticos:

(...) *aqui só as meninas que tem que fazer as coisas mesmo.*

Perista, Maximiano e Freitas (1999) fazem uma avaliação interessante da distribuição do tempo a partir de uma perspectiva de gênero. As autoras mostram como se distribui o tempo gasto em atividades domésticas, familiares e o trabalho remunerado para homens e mulheres de Portugal. Argumentam que o tempo despendido no trabalho remunerado costuma ser também uma forma de avaliar o tempo disponível dos indivíduos, ou seja, quem trabalha menos horas supostamente teria mais tempo livre. No entanto, consideram que essa forma de avaliação pode ser enviesada, particularmente tratando-se da população feminina. As atividades domésticas ainda fazem parte da rotina de grande parte das mulheres, mesmo com as mudanças provocadas pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, e verifica-

se que a participação dos homens nas tarefas domésticas ainda é bem inferior à das mulheres ou inexistente.

Pesquisando como mulheres e homens portugueses gastam seu tempo durante a semana, as autoras obtiveram resultados que indicam que homens e mulheres repartem seu tempo de forma diferenciada, e essa diferença mostra que o trabalho remunerado e o sustento da família ainda são atribuições do homem, enquanto a vida em família que envolve cuidados com a casa e com os filhos são atribuições da mulher. Verificou-se que as mulheres gastam 46,4 horas semanais com trabalho doméstico e com a família, um tempo superior ao gasto com trabalho remunerado (36,2 horas por semana). Mais especificamente sobre o trabalho doméstico, no qual foram verificadas as maiores diferenças, os resultados mostram que, enquanto as mulheres gastam 29,9 horas por semana com essa atividade, o que corresponde a 18% do tempo total disponível da semana, os homens gastam 4,4 horas com as atividades domésticas, o que corresponde a 2,6% do tempo total da semana. As autoras ainda analisam que, numa sociedade que valoriza o trabalho remunerado como fonte de prestígio e poder, e o tempo como valor de troca, o tempo gasto em atividades dentro da família não é percebido como produtivo ou significativo, o que agrava as diferenças (PERISTA, MAXIMIANO e FREITAS, 1999).

Uma pesquisa realizada pelo IBGE, entre 1996 e 1997, com dois terços da população do Brasil, levantou dados semelhantes sobre o tempo gasto em trabalho produtivo e trabalho doméstico para homens e mulheres. Os resultados mostram que os homens gastam 43 horas por semana no trabalho remunerado e as mulheres, 36 horas, enquanto nos trabalhos domésticos as mulheres gastam 36 horas por semana e os homens gastam 14 horas. Verificou-se ainda que 79% das mulheres que trabalham fora de casa também dedicam parte do tempo ao trabalho doméstico, enquanto apenas 29% dos homens trabalhadores dedicavam algum tempo a essa atividade. Os dados revelam que a dupla jornada feminina, além de ser mais comum, é de 15 horas a mais em comparação com a masculina (GOLDANI, 2000).

Goldani (2000) argumenta a esse respeito que, embora a legislação brasileira tenha evoluído em relação aos direitos de igualdade e oportunidade,

em termos de gênero, não é o suficiente para garantir práticas mais igualitárias, uma vez que as representações sociais sobre os papéis e atribuições masculinas e femininas envolvem aspectos culturais, raciais e de classe, e não favorecem da mesma forma homens e mulheres.

Particularmente nas famílias de classe popular, em um contexto no qual o trabalho da mulher fora de casa não é valorizado e não constitui ainda parte da identidade feminina, é o papel de dona de casa, além do de mãe, que confere a mulher seu status social e seu prestígio dentro e fora da família (FONSECA, 2000; SARTI, 2003).

Para os participantes desta pesquisa, ser responsável pelas atividades domésticas faz parte de ser mulher; é uma das atribuições que define a *mulher de família*. Essa análise fica mais evidenciada quando avaliamos o significado que o trabalho remunerado tem para homens e mulheres, de acordo com os resultados da pesquisa.

### **O significado do trabalho fora de casa para o homem e para a mulher**

É possível observar que a compreensão do trabalho remunerado e do sustento da casa adquire um significado diferente quando se trata de homens e mulheres. Nas questões sobre ser homem e ser mulher, o número de participantes que têm respostas na categoria relacionada a esse tema é expressivamente diferente para as duas questões (TABELA 4 e TABELA 5). O trabalho/sustento como categoria que explica o que é ser mulher aparece para 20,5% das mães, para 10% dos pais e para 6,8% dos adolescentes, enquanto como categoria que explica o que é ser homem aparece nas respostas de 43,2% das mães, de 50% dos pais e de 52,3% dos adolescentes. Também são diferentes os resultados sobre a representação da mulher e do homem na família (TABELA 6 e TABELA 7).

Trabalhar/sustentar é a categoria que prevalece como principal responsabilidade do homem na família para todos os participantes, tanto para a questão geral como para a específica, sendo, respectivamente, a categoria principal para 50% e 72,7% das mães, para 76,7% dos pais nas duas questões

e para 81,8% e 77,3% dos adolescentes. Nas questões sobre as responsabilidades da mulher na família, a categoria temática que corresponde ao trabalho/sustento é a que aparece menos expressivamente. Para a questão geral e para a específica, respectivamente, essa categoria corresponde ao conjunto de respostas de 9,1% e 18,2% das mães, 16,7% e 23,3% dos pais e 9,1% e 29,5% dos adolescentes. Como já foi dito anteriormente, embora trabalhar e sustentar não seja considerado uma das principais responsabilidades da mulher, há uma maior porcentagem de participantes que falam desse tema na questão sobre a própria família. Isso pode ser explicado pelo fato de que 63,6% das mulheres nas famílias entrevistadas exercem trabalho remunerado; portanto, no cotidiano da maioria das famílias, a mulher trabalhar fora é uma realidade e uma necessidade. Embora esse fato pareça não ser o suficiente para causar uma mudança significativa na representação social dos papéis masculinos e femininos na família em relação ao trabalho remunerado e ao sustento, parece possibilitar uma reflexão ou uma percepção diferenciada do trabalho feminino e do lugar do homem como o único provedor, principalmente para os adolescentes. Na questão sobre as responsabilidades do homem na família, alguns adolescentes deram respostas que se contrapõem à idéia do homem como único trabalhador e provedor. Eles avaliaram que atualmente a mulher também trabalha fora e sustenta a casa. A resposta de uma das meninas demonstra que as mudanças dos tempos atuais a fizeram repensar os papéis masculino e feminino.

*Antes eu achava que o homem tinha que ser o dono da casa, trabalhar para sustentar a casa. Mas hoje eu acho que quem faz mais isso são as mulheres, trabalham para sustentar a casa. Fazem tudo. (4Fa).*

Por outro lado, as respostas de dois adolescentes do sexo masculino na questão sobre as responsabilidades da mulher na família mostram que o trabalho remunerado da mulher ainda não é valorizado e esperado da mesma forma que é para o homem.

*Minha mãe trabalhava e meu pai dizia que só ele que colocava as coisas dentro de casa. (14Fo)*

*Ela precisa dar mais atenção pra gente, ela trabalha muito fora. (31Fo)*

No QUADRO 2, no qual os participantes indicaram quem faz determinadas atividades na família, para a atividade trabalhar recebendo pagamento para sustentar a família, fica em evidência a diferença de gênero nas respostas sobre quem trabalha e sustenta. Entre algumas famílias, nas quais a mãe também trabalha fora, nem todos os pais e adolescentes consideraram a mãe como participante do sustento. Os filhos do sexo masculino também foram mais apontados como colaboradores no sustento da família do que as filhas, para todos os grupos de participantes. O que provavelmente acontece porque a exigência dos pais em relação ao trabalho fora de casa é diferente para filhos e filhas, em função do significado atribuído a este na formação do menino e da menina, como veremos adiante.

Quando os participantes se referem à importância do homem se valorizar e buscar sua valorização na sociedade, essa valorização está relacionada principalmente ao trabalho. Não se acomodar, valorizar o trabalho, estudar para ter *uma base de vida*, buscar sua independência e *ser alguma coisa na vida*, são algumas das respostas dadas.

Esse panorama é reforçado nas narrativas das três famílias entrevistadas na segunda etapa. Trabalhar e sustentar tem um valor diferente quando se fala do homem ou da mulher. Ter trabalho remunerado é o que define o papel do homem da casa para pais e mães.

Apesar de achar que hoje existem homens que assumem outras atividades na família, Mércia (A) considerou que homens *bons* são homens trabalhadores e seu marido também considera que o *lado bom* de ser o homem da casa, é cumprir sua função de trabalhar e *aplicar o dinheiro no fim do mês em casa*. Para Pedro (B), embora Miriam tenha trabalhado desde o início da união dos dois, é ele quem tem o dever de trabalhar fora e alimentar os filhos, e é isso que define um homem. Segundo Mabel (C), mesmo com as dificuldades, o marido considera que é obrigação do homem sustentar a casa:

*(...) ele fala que ele é o homem da casa, ele garante.*

Além de o trabalho remunerado ser atribuição masculina, algumas vezes o trabalho feminino só é possível com a negociação com o *homem da casa*. Apesar das dificuldades financeiras, Mabel (C) e Mércia (A) relatam que não foram encorajadas pelos maridos a trabalhar fora de casa no início do



casamento. Mabel tem procurado trabalhar em atividades que possa fazer em casa, porque o marido não a deixa trabalhar fora. Ela considera que, no acordo com o marido, caso fique combinado que a mulher vai ficar em casa, esse acordo tem que ser cumprido. Já Mércia conta que começou a trabalhar fora, indo contra a opinião do marido. Na entrevista com ele, nenhuma vez foi feita menção ao trabalho da esposa. Apenas Miriam (B) continuou trabalhando após se casar e tem apoio do marido que considera que eles *sempre lutaram juntos*.

Assim, a questão do trabalho aparece de forma marcante como sendo um dos aspectos que ainda distingue, nessa comunidade, homens e mulheres na família e na sociedade. O direito ao trabalho fora de casa é algo a ser ainda conquistado pelas mulheres, uma vez que ela ainda é vista como aquela que cuida da casa e dos filhos, enquanto quem tem a obrigação de trabalhar é o homem.

O significado que o trabalho remunerado adquire, considerando os papéis que homens e mulheres devem representar, repercute nas expectativas e práticas que os pais têm com os filhos e filhas. Em relação às meninas, tanto Plínio (A) quanto Pedro (B), consideram importante que suas filhas trabalhem fora. As mães, ao aconselhar as filhas, também acham importante a mulher ter um trabalho remunerado e ser independente. No entanto, essas expectativas são maiores para os filhos homens, e, para eles, revela-se mais como uma exigência do que como uma possibilidade. Na família B, as cobranças para que o filho Fernando trabalhe são maiores do que para Flávia, mesmo ela sendo mais velha. A mãe, Miriam, disse que estava esperando que ele completasse 16 anos e seis meses para também conseguir um trabalho para ele *ser alguma coisa na vida*. A preocupação com o trabalho em relação ao menino também tem uma função de controle e formação: controle no sentido de prevenir que o menino fique na rua e se envolva com as drogas e com o crime, formação porque o trabalho é o caminho para ser o *homem de bem*. Por isso existe a expectativa de que os meninos comecem a trabalhar cedo.

É também maior a expectativa de que o menino estude, porque assim pode garantir um emprego melhor, já que se espera que um dia ele vá sustentar uma família, resultado também encontrado em outras pesquisas com famílias de baixa renda (LAVINAS, 1997). Mércia (B) deixa claro que, embora

tenha uma preocupação com o estudo direcionada a ambos os filhos, ela acha que do menino se pode esperar mais em relação ao estudo e ao empenho para ter um trabalho melhor, não só por uma questão de temperamento, mas também por ser homem. É interessante lembrar que essa mãe foi impedida de trabalhar pela avó quando era adolescente, o que a fazia ter desejo de ser homem.

Nas entrevistas com os adolescentes encontramos os mesmos significados para o trabalho feminino e o trabalho masculino. Eles também acham que a principal responsabilidade do homem é trabalhar, enquanto para a mulher o trabalho é uma possibilidade. Dois adolescentes do sexo masculino, Fábio (A) e Felício (C) dizem que a mulher pode trabalhar se quiser, mas que sua principal preocupação deve ser com a casa, o marido e os filhos. Fernando (B) argumenta que se o homem tem um bom emprego a mulher não deve trabalhar.

Embora as mães aconselhem as filhas a serem independentes, duas adolescentes consideram que a mulher não precisa trabalhar fora, se for casada, porque trabalhar e sustentar a casa é papel do homem. Fani (A) foi enfática em dizer que, nesse caso, não acha certo que a mulher trabalhe e também sustente a casa, pois assim o homem fica acomodado. Conta que houve um tempo em que a mãe sustentou a casa e que achava isso errado. Ela argumenta ainda que algumas mulheres trabalham e sustentam seus homens, mesmo sendo agredidas por eles, ressaltando que, ao trabalhar, a mulher pode ser duplamente oprimida. Já Florisa (C), embora tenha considerado que é *bom* a mulher não depender financeiramente do homem, entende que o trabalho da mulher casada é uma *ajuda* para o marido. Apenas Flávia (B) reforçou que considera importante a mulher não depender financeiramente do homem mesmo quando casada. Ao contrário de Fani, acha que é importante a mulher não depender do homem para poder evitar os agressores. Vale lembrar que a família dessa adolescente é a única das três na qual a mãe trabalha com a aprovação do marido, e que a adolescente considera que conseguiu maior respeito do pai (com quem tem uma relação difícil) e mais liberdade depois que começou a trabalhar. Flávia considera, no

entanto, que é mais difícil para as mulheres conseguir um trabalho diferente do de empregada doméstica quando elas não têm experiência.

A análise de Fonseca (2000), ao estudar um bairro de classe popular na cidade de Porto Alegre, ajuda a compreender a representação que têm os participantes da nossa pesquisa sobre o trabalho, a partir da representação do que é ser homem e ser mulher na família. A autora observou que, para a população estudada, homens e mulheres têm que respeitar os deveres que lhes são atribuídos quando têm uma família; e do homem, o que é esperado é que ele sustente sua mulher e filhos. Este é um dos pontos de apoio de sua imagem pública e de sua honra. A autora acrescenta que “a mulher que trabalha humilha seu marido, deixando entender publicamente que ele não consegue mantê-la” (FONSECA, 2000, p.30).

A fala de Fani (A), sobre o trabalho da mulher fora de casa, mostra ainda que o trabalho para a mulher de classe popular pode ser visto como opressor e não como sinônimo de independência e crescimento da mulher. Para ela, se a mulher trabalha é porque o homem não está dando conta de fazer o papel dele. Podemos adicionar a essa perspectiva a de que são restritas as possibilidades de trabalho para a mulher que não tem maior escolaridade e experiência de trabalho. Observamos que, nas 44 famílias entrevistadas na primeira fase de coleta de dados, das 28 mulheres que trabalham fora de casa 39,3% realizam atividades de empregada doméstica ou diarista, ou seja, atividades de limpeza que depois terão que repetir em suas próprias casas, pois, como já mostramos, elas são as principais responsáveis também pelas tarefas domésticas. Outras atividades de trabalho dessas mulheres são realizadas dentro de casa ou são atividades de cuidados (costureira, lavadeira, técnica de enfermagem, cuidadora de idoso), ou seja, são ainda extensões das tarefas que elas já realizam nos seus lares. Assim, muitas vezes, enquanto para a classe média e alta o trabalho pode representar a emancipação da mulher, para a classe baixa é a certeza da dupla jornada e ainda a possibilidade da exploração da mulher pelo homem (TRINDADE, 1999).

Vale lembrar ainda que, de todas as categorias que agruparam respostas relativas ao tema trabalho, em apenas uma, e somente através de

uma das mães, o trabalho foi considerado um meio de a mulher buscar sua independência. Mesmo quando consideram importante a mulher trabalhar fora, o trabalho e o salário da mulher são abordados pelos participantes principalmente como ajuda que ela dá ao homem, que é considerado o verdadeiro provedor e quem tem como dever trabalhar.

Sobre o sentido que tem o trabalho de forma geral, Araújo e Scalón (2005) consideram que na sociedade atual este pode ser compreendido de três perspectivas:

[...] como fonte de realização pessoal que pode conferir status e constituir elemento de afirmação econômica; (...) como elemento de apropriação da autonomia dos indivíduos, na qual a realização torna-se secundária e a necessidade econômica imperativa, (...) como elemento que permanece central na constituição das identidades dos indivíduos (ARAÚJO E SCALON, 2005, p.19).

Considerando o trabalho como recurso para a busca de autonomia, as autoras analisam que o trabalho feminino pode ser um meio de ter maior autonomia em dois sentidos: na possibilidade de maior independência em relação ao homem (companheiro ou pai) que exerça sobre a mulher uma autoridade, “[...] em relações ainda marcadas por assimetria de poder [...]”; e na maior autonomia na escolha do que será consumido por ela e por outras pessoas da família, tendo assim uma vida economicamente mais satisfatória (ARAÚJO; SCALON, 2005, p.20).

Em um contexto ainda caracterizado por representações tradicionais do que é ser homem e ser mulher, no qual as relações de gênero são claramente assimétricas, assinalado ainda pelas restrições em relação ao mercado de trabalho, devido à pouca escolaridade dos indivíduos, é compreensível que as possibilidades da mulher adquirir maior autonomia através do trabalho, principalmente depois de casadas, sejam questionadas e pouco valorizadas pelas participantes desta pesquisa.

Fonseca (2000, p.20 e p.74), na sua análise sobre o cotidiano de um bairro de classe popular, ressalta que a mulher que trabalha fora e sustenta a família, muitas vezes, não tem muito a ganhar. A fala de uma de suas entrevistadas expressa essa percepção: “Se é pra ser escrava” explica uma ex-faxineira, “melhor ser escrava em casa”. Além de ter condições de trabalho e

um salário que não são compensadores, a mulher que trabalha fora não tem necessariamente seu *status* dentro de casa aumentado, continua a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos, muitas vezes tem seu salário controlado pelos companheiros, e ainda “mancha a imagem pública do marido” que deveria ser o único provedor.

Refletindo ainda sobre esta questão, Sarti (2003) argumenta que historicamente se verifica que a mulher pobre sempre exerceu trabalho remunerado como uma obrigação familiar. Trabalhar para a mulher de classe popular teve, e tem, um sentido de prover o sustento da família quando é preciso, o que significa que o seu trabalho fora de casa é também mediado pelo seu papel de mãe e dona-de-casa. Portanto não é uma situação nova, como para as mulheres das classes médias e altas, e nem necessariamente uma forma de afirmação individual, pois não abala “[...] os fundamentos patriarcais da família pobre, porque não desestrutura o lugar de autoridade do homem [...]” (SARTI, 2003, p.99).

As mulheres que exercem trabalho remunerado e têm família permanecem divididas entre as suas funções domésticas e suas atividades remuneradas, uma vez que ainda são “naturalmente” consideradas as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos e pela execução dos serviços da casa, enquanto, para os homens, exercer trabalho remunerado é um dever, algo que faz parte da identidade masculina e da busca de sua satisfação pessoal (ARAÚJO; SCALON, 2005).

Goldani (2000) aponta dados que mostram que a negociação entre o casal nos cuidados com os filhos ainda é difícil. Os dados revelaram que 23% de 51% das mulheres brasileiras em idade reprodutiva que trabalhavam, tinham filhos com menos de 5 anos. Para cada 100 dessas mulheres, 23 cuidavam dos próprios filhos, enquanto em apenas quatro casos o marido é quem cuidava dos filhos. Quando elas precisavam de ajuda, eram outras pessoas da família que ajudavam nos cuidados.

Matos (2000), ao discutir essa questão, afirma que o fato de as mulheres serem tradicionalmente as responsáveis pelos cuidados com a casa, com as crianças, com os idosos e com os doentes da família, torna difícil equilibrar essas responsabilidades com as de geração de renda. Buscar esse

equilíbrio tem sido um desafio e dificulta a inserção da mulher no mercado formal de trabalho, ocupado na maioria por homens. Além disso, o fato de boa parte do trabalho oferecido e desempenhado fora de casa, principalmente por mulheres de baixa renda e escolaridade, ser uma extensão das atividades domésticas, não fortalece a cidadania das mulheres e suas possibilidades de escolha em relação a outros tipos de atividade.

Dados do IBGE mostram que, em 2001, os setores que mais contaram com o trabalho feminino foram justamente aqueles que envolvem atividades que têm as mesmas características daquelas que as mulheres exercem no lar, como prestação de serviços e atividade social (48,7% das mulheres ocupadas) (SANCHES e GEBRIM, 2003). Entre os jovens de 18 a 24 anos que fazem parte da população economicamente ativa, 40% são mulheres e é maior a proporção delas no setor de “serviços”, principalmente no trabalho com serviços domésticos que absorve 10% das mulheres jovens que trabalham (CAMARANO, 2000).

A dificuldade das mulheres para conseguir emprego é maior, as taxas de desemprego delas são superiores às masculinas, e seus rendimentos são menores, mesmo quando ocupam as mesmas funções que homens. Dados de 2002 mostram que as mulheres em geral ganham menos que os homens por hora trabalhada. Entre a população com até 4 anos de estudos que trabalhava, as mulheres recebiam em média R\$ 0,40 a menos que os homens por uma hora de trabalho. E entre a população com mais de 12 anos de estudo, as mulheres recebiam em média R\$ 5,40 a menos que os homens. Essas dificuldades refletem-se também na qualidade dos empregos por elas obtidos e na vulnerabilidade a que estão sujeitas por trabalharem sem carteira assinada ou nenhuma garantia (IBGE, 2004; SANCHES; GEBRIM, 2003).

Matos (2000) enfatiza que políticas públicas que fornecessem estrutura mais adequada a essa realidade poderiam minimizar essas dificuldades e a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, principalmente para a população de baixa renda.

## Práticas educativas diferenciadas para meninos e meninas

Além das diferenças demonstradas nas práticas educativas orientadas pelas representações dos papéis que homens e mulheres desempenham como mães, e pais e pelas expectativas ligadas ao significado do trabalho dentro e fora de casa em função do gênero, outros resultados também revelam que as representações sociais de gênero direcionam a maneira como pais e mães educam seus filhos e filhas.

A maioria dos participantes considera que é diferente a educação/criação de meninas e meninos (63% dos pais, 61,4% das mães e 72,7% dos adolescentes) (TABELA 3).

Várias diferenças foram citadas (TABELA 8). Para todos os grupos, e principalmente para o das mães (38,6%), dá mais trabalho cuidar dos meninos e educá-los, porque as meninas são consideradas mais obedientes e mais fáceis de controlar. Nas narrativas, um dos pais também considerou que é mais fácil *criar menina*, porque é mais fácil ter autoridade sobre elas. Na categoria “características comparativas” para as questões ser homem e ser mulher, os participantes citaram o que consideram características femininas. Observamos que estas estão relacionadas à percepção de que é mais fácil a relação com as meninas e a sua educação. As mães consideraram que uma característica da mulher é ser *mais recatada*, os pais afirmaram que a mulher é *mais frágil*, *mais atenciosa* e mais *fácil de lidar*. Entre os atributos que os participantes consideram que a mulher deve ter estão: *ser obediente*, *se dar ao respeito*, *saber agradar*, *ser educada*, *ser caseira*.

Uma porcentagem menor de mães e pais respondeu que são as meninas que dão mais trabalho, por serem mais rebeldes e por darem mais preocupação quando saem de casa, (22,7% e 3,3%, respectivamente).

Os participantes também consideram que é diferente o tipo de preocupação que os genitores têm com filhos e filhas (34,1% das mães; 26,7% dos pais e 18,2% dos adolescentes). Essa foi a maior categoria de resposta dos pais. Em relação às meninas, as maiores preocupações são relacionadas às mudanças do corpo, o despertar da sexualidade e o risco de gravidez. Alguns adolescentes consideram que é uma característica da menina querer

namorar mais cedo. A preocupação com o que vão dizer delas em função de sua sexualidade também aparece na fala dos pais e dos adolescentes: elas podem *se perder e ficar faladas*, por isso elas devem ser mais controladas e protegidas. Em relação ao menino a principal preocupação é com o envolvimento com drogas. Em geral os participantes acreditam que os meninos potencialmente estão mais sujeitos a esse risco.

Nas narrativas, a preocupação com as drogas também surge mais direcionada aos meninos. Já a sexualidade dos meninos não é problematizada e eles não são responsabilizados pela gravidez das meninas. A apreensão dos pais com o despertar da sexualidade e com o risco da gravidez precoce é claramente direcionada às meninas. A fala dos adolescentes ilustra essa diferença:

*Porque, como eu sou homem ela tem medo de eu me envolver com esse negócio de drogas. Eu acho que é mais comigo mesmo. (Fabio- A).*

*(...) meu pai falava bem assim: Se você tiver namorando eu te mato! (Flávia-B)*

O receio de que os filhos se envolvam com drogas e as filhas iniciem sua vida sexual muito cedo está relacionado a uma outra preocupação presente em vários momentos nas entrevistas, principalmente entre os genitores, mas também mencionada pelos adolescentes: a de que os filhos fiquem na rua. Para as mães e os pais desse bairro, é importante conseguir manter seus filhos e filhas dentro de casa. Na categoria “ser boa mãe”, os genitores mencionaram que é importante não deixar os filhos na rua *ou jogados por aí*. Um adolescente, ao falar do papel do homem na família, também lembrou a preocupação que o pai deve ter com o filho na rua.

Nas narrativas, segundo os genitores, o envolvimento com drogas não era uma preocupação presente na sua infância e adolescência. Atualmente é um dos principais medos dos pais e mães. Esse receio faz com que eles avaliem a criação de filhos hoje como sendo diferente e mais difícil do que a criação que eles tiveram, porque é maior a preocupação com os riscos que existem quando os filhos não estão dentro de casa. Os pais e mães consideram também, que hoje o comportamento dos jovens com os genitores é diferente. Os filhos são considerados mais *ousados*, desobedientes e avessos



aos conselhos dos pais, por isso é mais difícil educá-los. As mães consideram que é importante conversar com os jovens e esclarecer sobre os riscos a que eles estão sujeitos. Segundo elas, atualmente o diálogo é algo mais comum nas famílias do que foi na sua infância e adolescência.

Um dos pais avaliou que, mesmo tendo menos recursos quando era criança, antes era melhor, porque não tinha medo de sair de casa. O medo devido ao aumento de assassinatos e da atuação da polícia também é relatado pelos pais.

*Não dá pra sair de casa com medo (...) É esse negocio de drogas, rapaz! Das drogas, de matar os outros (...). É, antigamente não tinha esse negócio não! (Plínio-A)*

*Minha preocupação também é a polícia, chega aí, pega um e carrega. (Pedro-B)*

Os adolescentes das três famílias, quando falam sobre suas expectativas para o futuro, acreditam que terão as mesmas preocupações que seus pais têm: com meninos em relação às drogas e com meninas em relação à sexualidade; e acreditam que vão orientar os filhos para que se previnam. Recomendações sobre os amigos que são *más companhias* para os meninos, conselhos sobre as consequências da liberdade e sobre o uso de preservativos para as meninas, além do controle para que não saiam de casa sozinhas, são algumas das medidas preventivas citadas pelos adolescentes dos dois sexos.

A preocupação dos pais e mães que seus filhos adolescentes fiquem na rua, se envolvam com o tráfico de drogas, ou sejam sujeitos a algum tipo de violência é uma preocupação legítima, fruto de uma possibilidade que não está distante. O tráfico de drogas já está instalado no local e a convivência com jovens já envolvidos no uso ou no tráfico, e todos os fatores implicados nessa realidade, fazem parte do cotidiano dos moradores. Como já foi dito na apresentação do bairro, entre 2004 e 2005 tivemos conhecimento de que pelo menos quatro pessoas foram assassinadas na região, e duas delas eram adolescentes envolvidos com o tráfico.

Em pesquisa realizada no bairro com 144 adolescentes de ambos os sexos, o que corresponde aproximadamente a 40% do total dos adolescentes da região, com idades entre 10 e 17 anos, foi possível verificar que o contato

com a violência e com as drogas faz parte do cotidiano desses adolescentes. Quando questionados se já haviam assistido alguma cena de violência (briga, pessoa batendo na outra, uso de armas), 88,2% dos adolescentes responderam que sim e o contexto no qual os adolescentes assistiram a uma cena/situação de violência foram: na rua (78,5%); na casa dos vizinhos (23,6%), na escola (20,1%), e na sua própria casa (8,3%). Em relação à pessoa com quem aconteceu a situação de violência que os adolescentes assistiram: 63,9% responderam que foi com pessoas desconhecidas, 34,0% que foi com amigos, 33,3% que foi com vizinhos, 11,8% que aconteceu com pessoas da família, 7,6% responderam que foi com eles próprios, 4,2% que foi com o pai e a mãe. Em relação às situações de perigo, 27,7% dos adolescentes, de ambos os sexos, relataram já ter participado de alguma situação que consideraram perigosa, como participar ou assistir brigas nas quais havia uma pessoa armada, freqüentar festas violentas, ser abordado de forma agressiva pela polícia armada. Em relação ao contato com drogas e usuários, 74,3% dos adolescentes responderam que conhecem alguém que é usuário de drogas e 9,0% responderam que já experimentaram algum tipo de droga. (NASCIMENTO *et al.*, 2005).

Em trabalho de intervenção realizado com os adolescentes na Unidade de Saúde do bairro algumas falas dos adolescentes também revelam a convivência com essa realidade: *Eu acho que esse é o principal assunto que deveria ser discutido aqui; Tem muitas conseqüências ruins; O meu primo mexia com drogas e eles mataram ele. Eu senti raiva dele e dos pessoal que mataram ele, ele que procurou a morte.* (NASCIMENTO *et al.*, 2005).

Miranda, Gadelha e Szwarcwald (2005) afirmam que, embora a urbanização tenha facilitado o acesso a educação e saúde para os jovens, também aumentou a exposição aos riscos do uso de drogas, exposição à violência e doenças sexualmente transmissíveis.

A maior preocupação dos pais com os filhos do sexo masculino em relação ao envolvimento com drogas e a violência, também encontra suporte nos dados sobre violência e mortalidade entre os jovens do país, que é um problema que vem se agravando nos últimos anos. Dados do IBGE (2004) mostram que 82% das vítimas de morte por causas externas no Brasil, entre

1980 e 2000, foram homens (total de 2 milhões). Enquanto nos anos 80 a maioria dessas mortes foi causada por acidentes de trânsito, nos anos 90 a causa principal foi homicídio. A taxa de mortalidade por homicídio aumentou 130%. As taxas mais altas foram de Pernambuco, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Considerando só a taxa de mortalidade por homicídio entre os homens o crescimento foi de 134%; de 21,2 para 49,7 para cada 100 mil habitantes. Os homens jovens entre 15 a 24 anos são os mais afetados em todo o país, 75% deles mortos com armas de fogo. Segundo as informações levantadas, aumentou 46% a taxa de homicídios entre homens jovens e 95% a taxa dos realizados com armas de fogo. Em 2000 as causas externas (homicídio, acidentes, suicídio e outras) foram a segunda maior causa de mortes no país.

Dados do Ministério da Saúde (2005) mostram que na região Metropolitana de Vitória em 2002, 92% dos homicídios vitimaram homens, e destes 47% estão na faixa de idade entre 15 e 24 anos. Dados de 2003 mostram que no Espírito Santo a taxa de mortalidade por homicídios, entre adolescentes e jovens de 10 a 24 anos, foi de 62/100 mil hab, maior do que a taxa de todo o Sudeste que foi de 49/100 mil hab. Só em Vitória a taxa nesta mesma faixa etária foi de 84/100 mil hab.

Informações preliminares da Secretaria Municipal de Segurança Urbana (2006) sobre os homicídios em 2005 e primeiro trimestre de 2006, mostram que a maioria dos homicídios registrados em Vitória aconteceu nos finais de semana e 41% estão relacionados a entorpecentes; 89% das vítimas são do sexo masculino, e 49% são jovens entre 15 e 24 anos. A Região Administrativa III - Bento Ferreira, área onde se situa o bairro estudado, foi a quarta com maior índice de homicídios em 2005; foram registrados 25, o que corresponde a 18 % do resultado total. A população jovem entre 15 e 24 anos correspondeu a 15% das vítimas.

Na comparação de características masculinas e femininas, os adolescentes citam algumas que revelam que a representação que eles têm dos homens, e conseqüentemente dos meninos, é que eles são *mais agressivos, briguentos, bagunceiros, mais alcoólatras e menos responsáveis* que as mulheres. Um dos atributos que o homem deve ter, citado pelos pais, é

*não ser agressivo*. Essas respostas demonstram que a agressividade faz parte da representação social de masculinidade para os participantes da pesquisa. Essa representação está pautada em um modelo masculino no qual a expressão do poder do macho, da virilidade, do enfrentamento através da força e da imposição é esperada. Modelo este que têm preocupado as organizações de saúde e os pesquisadores da área, por submeter adultos e jovens do sexo masculino a maiores situações de risco para a vida e a saúde (Souza, 2005).

No caso da população estudada nesta pesquisa acrescentamos ainda os riscos a que os indivíduos estão submetidos em função do próprio ambiente físico e social do local onde vivem. Concordamos com Souza quando ela afirma que atualmente é preciso, ao refletir sobre a juventude, considerar o tema da violência em suas diversas expressões, e mais ainda, particularmente no caso da juventude brasileira, essa reflexão:

Requer também admitir que existe uma parcela de jovens para os quais o simples fato de viver é, por si só, um grande risco e que há um preço a pagar pelo fato de ser jovem e homem em uma sociedade de injustas e intensas desigualdades. Em meio às adversidades das condições ambientais nas quais vivem, esse risco é cotidiano e mesmo banalizado, tanto no fato de as crianças brincarem com armas de fogo reais, como nas relações interpessoais e de gênero marcadas por práticas violentas [...] (SOUZA, 2005, p. 68).

Uma questão levantada por um dos adolescentes, também vinculada ao aumento da violência e do tráfico de drogas no país, se refere ao estigma do menino que mora no morro. Ele explicou que, o fato de ser adolescente do sexo masculino e morar no morro, faz com que as pessoas já imaginem que o menino tem envolvimento com o tráfico de drogas:

*(...) todo adolescente, é avião (...) vê nós assim, porque mora no morro. (...) Então o lado ruim de ser homem é isso, o lado da droga. (...) ninguém imagina de mulher, ficam até surpresos quando fica sabendo que mulher fez isso. Mas homem sem ter feito, eles acham que está fazendo.*

Com esse relato o adolescente mostra que, além da representação social do que é ser homem, pautada em um modelo conservador que favorece aos adolescentes a convivência com situações de violência, eles convivem também com a representação social do que é ser um jovem homem pobre na sociedade brasileira atual.

Em um levantamento sobre as iniciativas públicas de 74 prefeituras de cidades brasileiras, incluindo as da Grande Vitória, Sposito (2005) verificou que a maior parte dos programas e políticas voltados aos jovens está subsidiada na área da assistência social. A autora analisa que essa realidade confirma que as políticas de juventude no país não se iniciaram com o intuito de dar visibilidade ao jovem e a seus direitos, mas pautados na preocupação com as problemáticas da vulnerabilidade, do risco e da violência, ou seja, como um aspecto da questão social. Segundo Sposito, esse quadro fortalece e dificulta a alteração dos estereótipos negativos em relação aos adolescentes pobres. A autora acrescenta que durante a maior parte do século XX, a questão social brasileira era “questão de polícia” e, gradativamente, a área da Assistência Social ampliou a compreensão dos processos de exclusão como determinantes da questão social. No entanto, a associação entre ação social e jovens pobres, na maioria em situação de rua ou em conflito com a lei, predominante nos programas públicos voltados à juventude, somada ao clima de insegurança social, reforça a estigmatização dos jovens de classe popular e a ações voltadas ao controle e disciplina de sua conduta:

Verifica-se agora a cisão entre adolescentes “vulneráveis ou em situação de risco” e os jovens. Estes últimos começam a ser reconhecidos como sujeitos de direitos – plenos e legitimados pela sociedade – e os “outros”, até recentemente cunhados por “menores”, seriam objeto de ações reparadoras ou preventivas de sua provável delinquência. (SPOSITO, 2005, p.9)

A preocupação com a gravidez na adolescência, várias vezes mencionada pelos participantes, também não é uma expectativa distante, é uma realidade muito próxima e vivenciada pelas famílias da comunidade estudada, por isso sua preocupação é constante. O planejamento familiar e a prevenção com o uso de métodos contraceptivos ainda não fazem parte da vivência dos adolescentes, até porque eles, especialmente as meninas, começam sua vida sexual sem que os genitores, ou outros adultos que possam dar um suporte, saibam. As três mães entrevistadas nas narrativas também foram mães adolescentes, e esse quadro é semelhante para 41,5% das mães entrevistadas nas 44 famílias que participaram desta pesquisa. Essas mães tiveram seu primeiro filho com idade que variou entre 14 e 19 anos.

Alguns participantes refletem que é importante o planejamento e o desejo de ser mãe e pai, como uma condição que favorece que essa experiência seja positiva. Principalmente para o homem, se o filho vem quando o rapaz é muito novo, pode ser uma grande preocupação.

Fernando (B) acredita que, se o rapaz for muito novo e tiver filhos, vai *estragar a vida*, porque não terá a mesma liberdade. Mércia (A) avalia que alguns homens, principalmente quando são jovens, têm medo de ter filhos por causa da responsabilidade, por não saberem como vão conseguir sustentá-los e prover os estudos. Fernando (B) acredita que também para a mulher ser mãe é bom quando ela sabe esperar, e fica grávida porque planejou. Flávia (B) também acha que é bom ser mãe, desde que a mulher tenha vontade.

Vannuchi e Cortez (2006), em reportagem sobre pais adolescentes, mostram que a participação dos jovens do sexo masculino junto aos filhos tem aumentado; informação obtida também na pesquisa de Dias e Aquino (2006), independente da classe social. No entanto, eles ainda não recebem a atenção dos programas e políticas públicas do país. O coordenador da ONG Programa de Apoio ao Pai Jovem e Adolescente (Papai) em Recife, Jorge Lyra, exemplifica quando alerta que nos censos ninguém pergunta se os meninos são pais, embora essa questão seja constantemente dirigida às meninas. Ele estima que os bebês de pouco mais da metade das mães adolescentes sejam também de pais adolescentes. O que significa que cerca de 700 mil garotos sejam pais no país (VANNUCHI; CORTEZ, 2006).

Esses jovens praticamente não têm estrutura de suporte na sociedade que os ajude a ser pais. Contam apenas com a família; o que torna a situação mais difícil nas classes populares, uma vez que os recursos materiais das famílias para manter mais um ou dois são poucos, e as privações e dificuldades são muitas.

A Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde de 1996, focalizando questões de fecundidade, anticoncepção e saúde reprodutiva da mulher mostrou que, no Brasil, 18% das adolescentes de 15 a 19 anos já tiveram pelo menos um filho ou estão grávidas. Dados sobre partos em hospitais ligados ao SUS, em 1994 e 1997, apontaram para um aumento de gravidez entre as jovens: em 1994, do total de partos, 23,7% (2,85 milhões)

foram feitos por meninas entre 10 e 19 anos; já em 1997, o número de partos nesta faixa etária aumentou para 26,5% (JEOLÁS E FERRARI, 2003). Segundo dados do IBGE (2004), em 2002 cerca de 20% das crianças nascidas eram de mães com idade entre 15 a 19 anos.

Outros dados mostram que as variações na fecundidade das mulheres no Brasil são provocadas mais pelas diferenças sociais do que pelas regionais, e que nas famílias com renda inferior a um salário a fecundidade está concentrada nos grupos etários mais jovens. No geral, a idade média das brasileiras terem filhos é de 27,9 anos, cresce para 31,5 anos entre as mulheres mais ricas do Sudeste, e diminui para 25,3 entre as mulheres mais pobres do Centro-Oeste (IPEA, 1998).

A gravidez na adolescência desperta preocupação em relação à saúde da mãe e da criança, pois está associada a altas taxas de morbimortalidade materna, riscos de aborto, complicações no parto, e prematuridade do bebê. Há também aspectos sociais envolvidos, como potencial de perda de oportunidades educacionais e de trabalho, particularmente entre as jovens mães mais pobres, que acabam abandonando a escola mais cedo e, portanto, têm chances menores de conseguir trabalhos que exijam maior qualificação (LEITE; RODRIGUES; FONSECA, 2004).

Outra preocupação ligada a esse fato é que um baixo índice de escolaridade das mães está associado a maior taxa de mortalidade das crianças. Segundo as estatísticas, filhos de mães com até 3 anos de escolaridade têm 2,5 vezes mais chance de morrer antes dos 5 anos que filhos de mães com mais de 8 anos de estudo. Uma hipótese explicativa é que a escolaridade influencia a percepção das mães em relação aos cuidados e saúde dos filhos, e, acrescentamos, que provavelmente, por questões econômicas decorrentes, restringe o acesso aos serviços de saúde (IBGE, 2004). Além disso, dados do Centro Brasileiro de Planejamento mostram que diminuiu a idade com que os adolescentes têm a primeira relação sexual e que o nível de conhecimento sobre as doenças não têm alterado de forma significativa o comportamento preventivo dos jovens, o que os expõe ao risco mais cedo (MIRANDA; GADELHA; SZWARCOWALD; 2005).

Aquino *et al.* (2003) consideram que, um fator que pode estar associado a gravidez precoce nas populações de baixa renda, é que, em contextos onde a desigualdade social e de gênero é marcante e é pequena a perspectiva das mulheres em relação a projetos educacionais e profissionais, a maternidade é uma forma de ter prestígio social.

Alguns estudos têm demonstrado que, nas classes populares, é comum a interrupção dos estudos entre os jovens antes da situação de gravidez. A gravidez seria mais um dos motivos para deixar a escola; além do desinteresse, da estrutura do sistema educacional, e da necessidade de começar a trabalhar. No caso de uma gravidez, enquanto as mães adolescentes deixam de estudar para cuidar dos filhos, o pai adolescente, quando assume junto com a menina a responsabilidade pelo bebê, deixa de estudar para trabalhar e sustentar a nova família (DIAS e AQUINO, 2006; TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIRO, 2005).

Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) relatam dados de uma pesquisa com adolescentes de um bairro pobre de Natal/RN, na qual 73,1% das 26 jovens mães que participaram do estudo desejaram a gravidez e 50% delas não se sentiam prejudicadas nos seus projetos de vida pelo nascimento do filho. Verificou-se que 42,3% já haviam parado de estudar antes da gravidez, e a mesma porcentagem de jovens parou após a gravidez.

No caso dos participantes desta pesquisa, observamos que as expectativas educacionais e profissionais dos adolescentes são restritas, todos mencionam que querem trabalhar, no entanto, a maioria não especifica o que gostaria de fazer, nem relata planos em que estejam, ou pretendam investir. Os planos em relação aos estudos, principalmente das meninas, são limitados. Fani (A) parou de estudar quando ficou grávida. Ela tem apenas dezesseis anos, mas relatou que gostaria que a filha conseguisse o que ela não conseguiu, *um estudo melhor*, admitindo que não espera ter mais chance (ou desejo) de voltar a estudar. Flávia (B) também avaliou que na época que tiver filhos já terá terminado o ensino médio, e assim não precisará do tempo para a escola, demonstrando que não tem expectativas de continuar os estudos. Fani pretende trabalhar apenas porque não quer ter um companheiro, caso contrário ela acha que é o homem que deve trabalhar e sustentar a família. Desta forma



podemos constatar que a maternidade é a expectativa que está mais acessível na vida dessas meninas, assim como foi para suas mães.

Em pesquisa sobre o comportamento sexual de 464 meninas de Vitória, entre 16 e 19 anos, Miranda, Gadelha e Szwarcwald (2005) constataram que 31% das adolescentes já tinham engravidado, sendo que entre elas 23,8% haviam provocado aborto e 12,8% tiveram alguma DST. Verificou-se ainda que 28,7% das adolescentes consideraram difícil pedir ao parceiro o uso do preservativo, e 24% acharam que pedir o uso do preservativo demonstrava falta de confiança.

O posicionamento diferenciado que os genitores têm com meninos e meninas em relação à sexualidade, está diretamente relacionado à dificuldade de negociação que as meninas têm com os parceiros no uso de métodos preventivos. Os resultados encontrados no nosso estudo são semelhantes aos de Macedo e Souza (1996), nos quais foi possível constatar a presença de representações tradicionais sobre o que se espera do homem e da mulher na forma como as famílias lidam com os relacionamentos amorosos e a sexualidade dos filhos e das filhas.

Ao levantarem características comparativas, verificamos que os adolescentes consideram os homens como tendo maior potência sexual e sendo mais namoradores do que as mulheres. A sexualidade dos meninos é percebida como uma consequência natural do comportamento de macho, por isso não é tema de reflexão. Enquanto as meninas devem ser protegidas, orientadas e controladas, pois além de poderem ficar *faladas* são as principais responsáveis pelas consequências advindas da prática sexual.

Além disso, pais e mães ainda têm dificuldades para conversar mais abertamente sobre sexualidade com os filhos e filhas. De acordo com Dias e Gomes (1999), as experiências que os próprios pais tiveram e o tipo de orientação que receberam, muitas vezes repressora, dificulta a comunicação dos pais com os filhos em relação à sexualidade. Mesmo não querendo repetir os modelos que tiveram, e tentando oferecer um ambiente onde os filhos tenham mais informação e liberdade para conversar, muitas vezes, os genitores não têm claro como devem fazer isso e sentem-se constrangidos.

Mais programas de saúde voltados a adolescentes e a pais de adolescentes poderia contribuir nesse sentido, no entanto, os próprios programas de saúde reprodutiva que poderiam ter importante papel na discussão da construção de relações de gênero mais igualitárias entre os jovens, na vida do casal e da família, ainda excluem o homem de suas atividades. A maior parte dos estudos e programas de saúde é direcionada ao sexo feminino (OMS, 2000). Exemplo disso são os resultados da pesquisa sobre a estrutura e organização de 4 programas de atendimento pré-natal para adolescentes realizado por Siqueira *et al.* (2002); no qual se verificou o número reduzido de jovens pais presentes. A análise dos motivos pelo qual esse número era pequeno revelou que o horário dos atendimentos e das consultas não era adequado aos pais que trabalhavam, e que os pais que podiam estar presentes ficavam na sala de espera, embora relatassem ter vontade de acompanhar mais de perto a gestação do filho. Os pais não eram convidados a participar da rotina de atividades ou a entrar na sala de consulta com as companheiras. Segundo Carvalho, Pirota e Schor (2001) não existem serviços de planejamento familiar voltados à população masculina, nem com horários nem com informações e levantamento de questões adequadas.

É necessário maior investimento em programas de educação para adolescentes, que envolvam também a questão de gênero na discussão sobre a sexualidade, a violência e outros assuntos que sejam de interesse deles. O que implica, entre outras coisas, a superação de dificuldades relativas à resistência dos pais que, às vezes, acham que muita informação pode incentivar os filhos na prática sexual. Acrescentamos que, muitas vezes, é preciso também superar as resistências e os preconceitos dos próprios profissionais de saúde e educadores, que ainda não tem o treinamento e o preparo necessário para lidar com questões relativas ao adolescente, e particularmente com a sexualidade destes, principalmente quando se trata de populações mais pobres. Os programas devem abranger a compreensão da realidade dos grupos populacionais a que são direcionados, dos adolescentes, dos pais, e dos profissionais para serem efetivos. (MIRANDA, GADELHA E SZWARCOWALD, 2005).

[...] o conhecimento sobre os meios de transmissão das DST e dos métodos contraceptivos não é suficiente para ajudar na proteção; os adolescentes precisam aprender a identificar uma situação de risco, compreender sua vulnerabilidade, conhecer as alternativas que eles possuem para se proteger, decidir qual alternativa é melhor para cada situação e para seus valores pessoais, diante da conscientização do risco e dimensionamento das consequências posteriores (MIRANDA, GADELHA E SZWARCOWALD, 2005, p. 214)

Essas preocupações, e o fato de que as meninas são consideradas mais fáceis de controlar impõem outra diferença na forma de lidar com filhos e filhas, que está relacionada à permissão e ao controle para sair de casa. Ao falar do que gostariam que fosse diferente na relação com os filhos duas mães disseram que gostariam que os filhos ficassem mais em casa e menos na rua, e dois pais disseram que se preocupam com o fato das filhas gostarem de sair. Entre as diferenças na criação de meninos e meninas, todos os grupos de participantes consideram que os meninos podem ter mais liberdade, principalmente para sair de casa e namorar. Para os adolescentes, essa categoria é a mais expressiva (29,5%).

Nas narrativas, essa diferença também aparece, principalmente nas falas dos adolescentes. Os meninos, embora sejam mais novos que as irmãs que foram entrevistadas, dizem que, em geral, os filhos homens (e eles) são mais livres para sair, ir às festas e namorar. Um deles comentou que costumava acompanhar sua mãe quando ela precisava viajar ou sair, porque ela se sentia mais segura com ele que é homem. As meninas confirmam essa diferença. Nas duas fases de coleta de dados, elas reclamaram do controle diferenciado dos pais. Uma das meninas chegou a considerar que a mãe deixar os filhos sair é uma forma de expressar carinho e afeto.

*Meu pai criou os filhos com liberdade e com namorada. Eu não posso!* (18Fa)

*Porque, aqui, meu irmão pode chegar de madrugada, porque é home, agora a gente tem que ter horário pra chegar em casa...* (Flávia-B)

Parece uma contradição, porque se a preocupação com o uso das drogas é mais direcionada aos meninos, o fato deles terem mais liberdade,

implica em estarem mais sujeitos aos riscos das *más-companhias*<sup>6</sup>, das drogas e da violência. No entanto, podemos perceber que a liberdade está atrelada a outros aspectos da representação social sobre o masculino e o feminino. Os pais comentam que as meninas, quando saem de casa, sofrem risco de serem agredidas, mas os meninos *se viram*. Quando falam das desvantagens de ser mulher e das vantagens de ser homem, as mães consideram que o comportamento de algumas mulheres deixa as outras *mal faladas*, enquanto os homens *podem ser mais livres e errar* que ninguém comenta. Os pais acreditam que as mulheres têm desvantagens por serem restringidas a fazer algumas coisas e que os homens são mais privilegiados na sociedade. E as adolescentes acham que ser mulher é mais difícil porque *não podem fazer nada*, e são discriminadas se namoram muito, enquanto os meninos podem sair e ter várias namoradas.

Outra reflexão que podemos fazer é que, se o que é esperado dos meninos é que eles um dia sejam os *homens da casa*, exerçam seu papel de autoridade, tenham *firmeza, coragem*, e sejam capazes de enfrentar as adversidades do trabalho para sustentar a família, é coerente com esta expectativa que eles aprendam a enfrentar os desafios da rua e “sobrevivam” ao mundo fora de casa. Eles têm mesmo que *se virar*, como disse um dos pais.

A necessidade de controle em relação à menina e a expectativa de que ela seja mais submissa que o menino, explicam o que parece ser uma prática comum entre as famílias: a ameaça. Essa prática é citada por uma das mães e por alguns adolescentes como medida preventiva. Embora tenha dito que os filhos não deveriam temer os pais, quando se referia ao comportamento do marido, Mércia (A) ameaça a filha dizendo que vai colocá-la para fora de casa se ela ficar grávida novamente. Contou que, embora não tenha sido eficaz, também ameaçava antes, dizendo que se ela errasse a levaria para o juizado de menores. Fernando (B) reproduz o modelo de seu pai quando considera que, se um dia tiver uma filha, ameaçaria colocá-la para fora de casa se ela não quisesse estudar. Sua irmã disse que seu pai a ameaçava dizendo que a mataria se ela arrumasse um namorado.

---

<sup>6</sup> “más-companhias” ou “pessoas erradas” são termos usados pelos genitores na sua preocupação de que os amigos envolvam seus filhos no mundo das drogas. Algumas mães chegaram a afirmar que preferiam que seus filhos não tivessem amigos, e orientavam que *amigos são só o pai e a mãe*. Também ouvimos essa frase ser dita aos adolescentes por um dos profissionais de saúde da Unidade do bairro.

Segundo Biasoli-Alves (2000) essa era uma prática comum no final do séc. XIX, como um meio de conseguir a obediência das meninas. Whitaker (1988) considera que faz parte da socialização da menina a ameaça e a culpa, particularmente a ameaça de perda do afeto dos pais, para conseguir a obediência, enquanto as transgressões do menino são mais toleradas porque se espera que ele seja mais independente e ativo.

A diferença de gênero na forma como os pais lidam com os meninos e meninas da família repercute também no momento de conversar e na divisão de responsabilidades entre os genitores. As relações entre pais e filhos, segundo os participantes, são orientadas pela afinidade entre os sexos. Os participantes consideram que a mãe tem mais responsabilidade e proximidade com as filhas, e o pai, com os filhos, e que os filhos se sentem mais a vontade para conversar com o genitor do mesmo sexo. Por isso, as dúvidas das meninas é a mãe quem deve responder, enquanto as dúvidas do menino ficam sob encargo do pai.

No QUADRO 2, embora a mãe seja a mais citada por todos os respondentes como aquela que mais participa das atividades de cuidados e orientação dos filhos e filhas, é possível observar que existe uma diferença na participação do pai quando as atividades são direcionadas ao menino ou a menina. Todos os grupos de participantes consideram que é maior a participação do pai no controle das amizades e correção do comportamento do menino que no da menina. A atividade “controle das amizades do(s) menino(s)” é a única atividade educativa em que os pais consideram que sua participação é maior que a das mães (70% versus 56%).

As características atribuídas aos meninos e as meninas orientam a forma como os genitores conversam com filhos e filhas. A diferença na hora de conversar, também existe, em função de a menina ser considerada mais delicada e de o menino ser considerado mais impositivo. Assim, com o menino é preciso que os genitores sejam mais firmes, e com a menina a conversa da mãe é de *igual para igual* e a do pai é mais branda.

Os adolescentes também consideram que existem expectativas diferentes para o comportamento de meninos e meninas. Para eles, a educação em relação aos modos de sentar, comer e falar são diferentes, existe

a expectativa de que meninos sejam obedientes e que meninas não sejam mentirosas e não *xinguem*, e de que as brincadeiras e as companhias sejam diferentes para os dois sexos.

## **Relações familiares**

Dois indicadores importantes do funcionamento familiar são a comunicação e a afetividade na família. Esses dois fatores também são afetados pelo que é determinado socialmente para os papéis de gênero, interferindo na dinâmica interna do sistema familiar. A comunicação do casal, dos pais com os filhos, a liberdade de expressão de emoções negativas e positivas, transmissão de afeto e a socialização emocional dos filhos são pautadas, entre outros fatores, pela configuração dos papéis que homens e mulheres devem desempenhar na família, e pelas expectativas em relação à construção da identidade de gênero nesse contexto (Santil, 2000). Por outro lado, também é o ambiente afetivo que favorece a interiorização dos valores familiares (Berger e Luckman, 2002). Na construção das representações sociais, Banachs (1996, p.120) considera que através das interações:

[...] as emoções e afetos estabelecem e reforçam os núcleos de significado de ações, crenças e relações” [elas exercem, portanto] “um papel importante na seleção de informações, no posicionamento favorável ou desfavorável frente a um objeto de representação, como na construção desse objeto através de um discurso que lhe confere realidade objetiva e o coloca em uma rede de significados.

Nas questões sobre ser homem e ser mulher a categoria “Relação homem/mulher” expressa o que os participantes consideram importante no relacionamento de um casal. A maior parte das respostas dos três grupos reforça que a representação social que eles têm da mulher está pautada na submissão e no seu papel de cuidadora. As respostas dos participantes indicam que da mulher se espera principalmente cuidado, companheirismo respeito e submissão na relação com o homem.

As expectativas em relação ao comportamento do homem na relação, para a maior parte dos participantes, são de que o homem seja um bom marido e seja companheiro da mulher. No entanto os participantes também fizeram algumas avaliações negativas sobre o homem no relacionamento ao considerar que alguns não são companheiros, são machistas, infiéis, autoritários e agressivos com a mulher.

Na questão geral sobre as responsabilidades da mulher na família, os participantes também consideraram que esta deve ser boa esposa, o que envolve cuidar do marido, respeitá-lo, ser companheira e compreensiva. As mães consideraram também que a mulher é o verdadeiro esteio da casa e é quem induz o homem a tomar as decisões. O homem, na família em geral, também deve ser bom marido, principalmente segundo mães e adolescentes, ele deve ajudar a mulher e ser um colaborador; os adolescentes ainda mencionaram que ele deve ser afetivo.

Ao falar de sua própria família apenas as mães mencionaram o papel de esposa e também foram as que mais mencionaram o papel de marido; apenas um dos pais fez essa referência e nenhum dos adolescentes; o que sugere que, no cotidiano das famílias, a conjugalidade fica em segundo plano quando se tem filhos, e os papéis parentais e de preservação da família prevalecem sobre a relação do casal.

As narrativas também sugerem o predomínio dos papéis parentais na relação do casal. A maior parte dos pais e mães se considerou satisfeita com o casamento, mesmo tendo algumas desavenças. Apenas uma das mães afirma se sentir insatisfeita, ter vários conflitos e não gostar do marido, no entanto tem mais de 20 anos de união. É possível observar que a partir do casamento e do nascimento dos filhos a vida desses casais, e particularmente das mulheres, passa a ser pautada pelos seus papéis de mãe e pai. Não são mencionados projetos pessoais, que não incluam a família e os filhos. Dois dos casais já iniciaram sua vida conjugal com filhos e o outro se uniu por escolha de uma terceira pessoa, assim, com o nascimento dos filhos a relação parental se sobrepõe à relação conjugal.

Essa avaliação é amparada pela pesquisa de Braz, Dessen e Silva (2005) sobre as relações conjugais e parentais com famílias de classe média e

baixa. As autoras enfatizam que a relação do casal tem sido considerada um fator importante de influência para a qualidade de vida da família, para as atividades de cuidado e a relação com os filhos. Em sua pesquisa, verificaram que existem diferenças entre as classes no modo de vida, na avaliação do desenvolvimento dos filhos, das relações parentais e conjugais. A maioria dos casais considerou que suas relações influenciavam o relacionamento com os filhos. No entanto, enquanto a maioria dos genitores de classe média considerou que existe influência dos filhos na relação conjugal, a maioria dos casais de classe baixa considerou que esta influência não existe. Foram observadas também diferenças na forma como as famílias das duas classes avaliavam o casamento. Os casais de classe baixa demonstraram uma tendência para valorizar a constituição da família como fator de importância no casamento, enquanto para os casais de classe média a tendência foi valorizar mais aspectos da relação conjugal.

A maior parte dos participantes deu respostas que apontam para uma avaliação positiva do relacionamento na própria família. Em relação à expressão de carinho na família, a maior parte dos participantes considerou que as pessoas da família costumam expressar carinho e afeto umas com as outras (TABELA 3). Em geral, as respostas dos três grupos de participantes se referem à expressão de afeto entre os genitores e filhos e filhas. A maioria das mães respondeu que é através de contato físico, como abraço e beijo, que as pessoas da família expressam mais o carinho e o afeto, enquanto a maior parte dos adolescentes e dos pais considerou que é conversando e através de expressões verbais. Segundo os participantes, outra forma de demonstrar carinho e afeto na família é através da atenção que uma pessoa tem com a outra, como demonstrar preocupação e fazer coisas que agradam. Brincar com o outro e se divertir junto também é, para os participantes, uma forma de expressar carinho (TABELA 9).

As mães e os adolescentes parecem ser mais críticos na sua avaliação sobre o relacionamento na família (TABELA 3). A maior parte das mães (59,1%) respondeu que o relacionamento na família “não é ruim, mas poderia melhorar”. Os resultados da análise qualitativa indicam que a



insatisfação das mães com o relacionamento familiar se dirige especialmente para a relação com o companheiro.

Na questão sobre a satisfação com o relacionamento com o(a) companheiro(a)s, foram as mães que mais expressaram insatisfação (29,5%). Quando respondem sobre a responsabilidade do homem na sua própria família algumas mães apontaram características negativas, como o fato dos maridos e pais serem pouco participativos e apenas cumprirem o papel de provedor. As mães reclamaram que: o marido bate nos filhos, é autoritário, bebe e conversa pouco.

Na questão sobre o que gostariam que fosse diferente com o(a) companheiro(a), um número maior de mães (54,5%), em comparação com os pais (23,3%), mencionou que gostaria que a relação, ou o companheiro, fosse diferente. A maioria dos pais e mães gostaria de mais afetividade e compreensão no relacionamento. As mães ainda fizeram outras reclamações e gostariam que os maridos não bebessem e que houvesse menos desentendimentos entre o casal.

Na categoria que indica que a mulher na família faz tudo, algumas mães ao falar de sua própria família, consideraram que tem que *ser tudo* para suprir a falta de maior colaboração do marido.

Na relação com os filhos, a maior parte dos pais (83,3%) e das mães (86,4%) está satisfeita. Nas respostas sobre o que gostariam que fosse diferente, a principal reclamação das mães e dos pais com o comportamento dos filhos é com a desobediência e a falta de consideração. Alguns genitores também gostariam que os irmãos se entendessem melhor e que os filhos fossem mais afetivos. As mães ainda mencionaram o desejo de que os filhos fossem religiosos. Outras respostas dos genitores se referem ao contexto de vida que eles podem dar aos filhos. Pais e mães se preocupam com o futuro dos filhos e gostariam de poder dar uma situação material melhor a eles; a preocupação com o futuro concentra o maior número de respostas dos pais.

Na avaliação que os adolescentes fazem da relação na família, a maior parte (54,5%) respondeu que o relacionamento na família “não é ruim, mas poderia melhorar”; e em comparação com os outros participantes, eles foram os que mais responderam que existe muito desentendimento e briga na

família (20,5%). Entre os fatores que os adolescentes gostariam que fosse diferente na família a maior parte das respostas indica que eles gostariam que houvesse menos brigas e desentendimentos entre os genitores, entre as mães e os irmãos e entre outros membros da família. Os adolescentes também desejam mais diálogo e uma situação material melhor.

Os resultados da análise qualitativa mostram que a insatisfação dos adolescentes com o relacionamento familiar envolve em grande parte a relação com o pai. Quando respondem sobre a responsabilidade do homem na sua própria família alguns adolescentes fizeram críticas negativas se queixando que o pai não tem tempo para os filhos, que não é carinhoso e não conversa. O relacionamento com o pai ou com o padrasto concentra o segundo maior grupo de respostas dos adolescentes ao responderem sobre os fatores que gostariam de mudar na família. Além disso, eles também mencionam o desejo de que o pai parasse de beber (

TABELA 13). Mudança na relação com os irmãos concentra o terceiro grupo de respostas dos adolescentes e apenas dois adolescentes mencionaram que gostariam que a mãe tivesse mais tempo e saísse mais com os filhos.

Nas narrativas também constatamos que a relação dos filhos com o pai é mais conflituosa. As mães é quem dão mais suporte, conversam e estão presentes junto aos filhos. Exemplo dessa proximidade é que Fani e Flávia; ao imaginarem sua vida com os filhos no futuro; têm como referência suas mães, com quem tem uma identificação positiva. Fani pretende dar a filha a mesma educação que recebeu de sua mãe, para que ela seja uma boa pessoa, e espera que sua mãe a ajude. E Flávia disse que vai lidar com as responsabilidades da vida de casada e trabalhar ao mesmo tempo; como faz sua mãe, que sempre trabalhou fora.

Já em relação ao pai, um dos filhos chegou a dizer que é uma figura desnecessária porque a relação entre eles é difícil. Para ele o pai pode até ser uma influencia negativa:

*(...) pra mim não precisa de pai não, só atrapalha, fica julgando mal sem a gente ter nada a ver (...). Se a gente não tem cabeça se revolta, faz as coisas que ele fala.*

A análise do relacionamento familiar sugere que as representações sociais de gênero que norteiam as práticas educativas da família também estão presentes na forma como homens e mulheres se relacionam na condição de casal e na condição de pais e filhos, os resultados apresentados mostram também que nem sempre essas representações levam a relações satisfatórias.

Da mulher se espera cuidado, afetividade e submissão, seu papel de mãe lhe confere mais responsabilidade, mas também favorece um vínculo de maior cumplicidade junto aos filhos, a representação de que a mulher é mais carinhosa permite que ela seja mais expressiva afetivamente. Do homem também se espera afeto, carinho, proximidade; no entanto ele deve ser a autoridade, é quem *tem voz ativa*, sua agressividade é mais tolerada, pode ter mais liberdade para sair e namorar quando garoto, sem precisar se preocupar com as consequências das suas práticas sexuais, e tem como principal função prover a família nas suas necessidades. O resultado é que as principais queixas e conflitos no relacionamento familiar recaem sobre os homens: maridos e pais.

Nolasco (1997) aponta que o envolvimento dos pais com o cotidiano dos filhos é algo novo, que a imagem do pai tradicionalmente distante, ameaçador e zangado ainda pesa sobre os homens. Para esse autor a revisão dos papéis de gênero traz para os homens a discussão em relação à visão tradicional do que é realmente ser um homem. O padrão de masculinidade tradicionalmente definido não permite construir e demonstrar vínculos afetivos, ele não deve demonstrar seus sentimentos ou frustrações e inseguranças, pois isso é considerado uma fragilidade e um padrão do comportamento feminino. O homem é educado para realizar tarefas e ações sem relacioná-las a sua vida emocional. A visão tradicional de masculinidade não se pauta pelas relações interpessoais; mas pela força física, pela aquisição de bens e pela intensa atividade sexual. O autor enfatiza que esse ideal de masculinidade, construído no patriarcado, além de empobrecer a experiência emocional do homem, justifica comportamentos de violência relacionados à competição e à sexualidade.

Souza (2005) também ressalta que, os autores que analisam o que se denomina a crise da identidade masculina avaliam que a vivência de novos

modelos masculinos é dificultada pelas contradições existentes, entre o desejo de novos valores e comportamentos do que é *ser homem no mundo*, e o modelo masculino ainda presente no qual o homem deve exercer seu poder, sua agressividade e virilidade.

Esse modelo, somado à concepção feminina de inferioridade, além de dificultar as relações entre homens e mulheres e entre pais e filhos, tem trazido conseqüências negativas à saúde e a vida de adultos e jovens do sexo masculino. O comportamento de não procurar ajuda; a exposição a situações de risco resultado do uso da violência e do enfrentamento como forma de obter prestígio e resolver conflitos; a liberdade irrestrita e a falta de reflexão sobre seu comportamento sexual, a não expressão das emoções; além do estímulo para trabalhar fora de casa em idade precoce nas classes mais baixas, têm contribuído para a maior mortalidade entre os homens em comparação com as mulheres; o aumento da criminalidade e da vitimização, e dos problemas de saúde da população masculina (OMS, 2000; Souza, 2005). A partir desse quadro, concordamos com Souza (2005, p. 68) quando a autora enfatiza que “[...] é necessário realizar uma profunda reflexão sobre os valores, as formas de socialização e a construção das identidades masculina e feminina nas sociedades atuais”.

### **Preocupação com a bebida**

Uma das reclamações direcionadas ao comportamento masculino, para a população estudada, é o alcoolismo. A preocupação com a bebida envolvendo o homem aparece em vários momentos da primeira entrevista. Na questão sobre ser homem os adolescentes avaliaram que os homens bebem muito. Para os três grupos de participantes, é importante não ter vícios, como jogo, envolvimento com drogas e alcoolismo, pois o envolvimento do homem com o vício pode prejudicar o cumprimento de seu papel. Para os adolescentes, a bebida surge como um fator que pode perturbar a dedicação que o homem deve ter na família. Entre as características negativas que as mães apontaram dos homens na sua família, uma delas comenta que o marido

só conversa quando bebe. Quando as mães e os adolescentes falaram de seu desejo de que algo fosse diferente na família, tanto as mães quanto os adolescentes expressaram que gostariam que o companheiro e o pai parassem de beber (TABELA 11 e TABELA 13).

Essa preocupação é reforçada nas narrativas pelas três mães e pelos adolescentes. O alcoolismo dos maridos é mencionado nas três famílias como sendo um fator de perturbação da relação conjugal e familiar. Mabel (C) não falou muito sobre essa questão, pois, segundo ela, Paulo já havia parado de beber na época da entrevista, mas mencionou que o marido bebia em determinada época e que a relação era ruim. Já nas famílias de Plínio (A) e Pedro (B), o alcoolismo tem sido um problema presente que afeta a relação dos homens com suas mulheres e com seus filhos (os dois homens estavam alcoolizados nos dias em que foram entrevistados). Miriam (B) avalia que a bebida faz com que a relação de Pedro com os filhos fique prejudicada, pois ele fica nervoso, briga com os filhos e acaba perdendo o respeito deles. Os adolescentes das duas famílias também mencionam o fato de os pais beberem e os conflitos na relação familiar em função disso. Fernando e Flávia (B), Fábio e Fani (A) reclamam que o pai bebe frequentemente e é agressivo. Fani (A) relata que o pai já agrediu fisicamente os filhos quando chegou embriagado em casa. Ela tem uma avaliação negativa dos homens por causa da bebida. Para ela são *todos iguais*, bebem mais que as mulheres e acham que a única diversão é beber e jogar.

Em pesquisa sobre o comportamento sexual de adolescentes do sexo feminino em Vitória, Miranda, Gadelha e Szwarcwald (2005) observaram que 36,7% das adolescentes relataram que acontece situações de violência na família como problemas com alcoolismo e brigas, esse índice aumenta para 40% entre as adolescentes com renda até 1,9 salários mínimos.

Segundo Sarti (2003), o homem que não responde as expectativas não é considerado uma 'boa autoridade', não basta ser o provedor, é preciso também manter a moral na família e beber demais é um dos motivos pelo qual o homem *perde o respeito* da mulher e dos filhos.

Uma agravante para essa questão talvez seja a falta de mais espaços de lazer no bairro para as famílias. Segundo informações da Prefeitura

em pesquisa com os moradores, vários mencionaram que a falta de área de lazer é um fator que dificulta a convivência social na comunidade. Nas respostas para a questão “O que a família faz nas horas de descanso e final de semana”, a maioria das mães respondeu que a família fica em casa (77,3%, e esta é também uma das principais respostas dos pais e adolescentes (56,7% e 56,8%). Descansar, conversar, ver televisão, fazer churrasco são atividades que a família faz quando fica em casa. A outra atividade mais mencionada pelos participantes é sair e passear no shopping, na praia, no restaurante e no próprio bairro. Segundo as mães são mais os filhos que saem para passear. Ir a igreja é outra possibilidade de lazer para a família, as mães foram as que mais deram essa opção de resposta (40,9%). Visitar amigos, e principalmente parentes, também faz parte da programação da família. Alguns membros das famílias trabalham nos finais de semana, os pais foram os mais mencionados. Pais e adolescentes também jogam, pescam ou saem para beber nos finais de semana.

Embora “ir ao bar/beber” tenha sido a opção de lazer menos citada pelos participantes, faz parte do cotidiano principalmente dos homens do bairro. Os bares que existem no morro são opções mais fáceis de lazer e convivência social. É comum que algumas famílias, que têm uma garagem ou um cômodo ao lado da casa, o transformem em bar-mercearia. O alcoolismo é também uma preocupação para os profissionais de saúde que atuam no bairro e foi várias vezes mencionado pelas agentes comunitárias durante a fase de coleta de dados. Quando algumas entrevistas com os pais foram agendadas no sábado, as agentes comunitárias brincaram dizendo que corríamos o risco de não encontrar os homens sóbrios. Pelo menos quatro dos pais estavam visivelmente embriagados durante as entrevistas. Uma preocupação é que, pela falta de outros espaços, os bares se tornem também um dos poucos lugares de encontro para os jovens, especialmente os do sexo masculino, aumentando o índice de alcoolismo entre eles. A preocupação com o alcoolismo entre os jovens também é expressa pelos participantes, mostrando que eles consideram essa probabilidade: Plínio (A) acha importante o pai aconselhar os filhos principalmente a *não beber bebida alcoólica, não andar em meio ruim e estudar*. Para Fernando (B), a mãe deve ficar *do lado do filho* para

ele não *perder a cabeça*, deve aconselhá-lo a não se envolver com bebida e drogas. Miriam (B) diz que não bebe para não dar mau exemplo para os filhos.

O alcoolismo entre as mulheres também é mencionado pelos participantes e avaliado negativamente. No entanto, é diferente o julgamento que os participantes fazem da bebida para o homem e para a mulher. Enquanto o alcoolismo no homem é condenado por ser um fator que interfere negativamente na relação familiar, ao falar sobre as mulheres que bebem, a avaliação assume um caráter estético e moral. Miriam (B) avalia que *é feio* a mulher beber. Fani (A) também avalia negativamente a mulher que bebe e não concorda que seja uma forma de se divertir. Ela acha que de modo geral as mulheres bebem menos que os homens porque são mais vaidosas. Plínio (A) acha que as mães que ficam em porta de bar bebendo e negligenciam os filhos são *mães ruins*.

O uso abusivo do álcool tem sido um problema de saúde pública apontado pelas organizações e estudos em saúde, por ser um dos fatores de morbi-mortalidade masculina. Segundo a Organização Pan Americana de Saúde o uso do álcool cresceu entre 1970 e 1980 na América. A prevenção tem sido um desafio, uma vez que seu uso envolve aspectos culturais e comportamentais, nos quais estão presentes também as representações de gênero. Alguns dados sugerem que, especialmente em regiões mais pobres, o uso do álcool faz parte do dia-a-dia dos homens e é algo socialmente esperado (LAURENTI, JORGE e GOTLIEB, 2005).

De acordo com Almeida e Coutinho (1993) embora pesquisas epidemiológicas revelem que existe uma variação na prevalência do alcoolismo entre os países e até entre regiões de um mesmo país, os coeficientes mais elevados têm sido encontrados entre os homens, na faixa de idade entre 30 e 50 anos. Segundo os autores os poucos estudos feitos no Brasil com amostras gerais, até a época, não podiam ser considerados consistentes e “a diversidade geográfica, socioeconômica e cultural não permite fazer generalizações” dos resultados obtidos (ALMEIDA e COUTINHO, 1993, p. 24). No entanto os autores citam pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil que dão um breve panorama desse problema no país. Em Ribeirão Preto foi encontrada prevalência de alcoolismo crônico entre 11% dos homens e 1,5% das

mulheres. Em uma região de prostituição em Salvador os resultados mostraram prevalência de 27,7% para o sexo masculino e 20,1% para as mulheres; e em outro bairro de baixa renda, entre a população maior de 14 anos, os resultados foram de 6% de prevalência de alcoolismo crônico para homens e 0,7% para mulheres. Em outra pesquisa realizada no Rio de Janeiro, com população acima de 13 anos, Almeida e Coutinho (1993) verificaram que 52% dos 1459 indivíduos entrevistados declararam fazer uso de bebida alcoólica. Um quarto dessas pessoas começou a beber antes dos 16 anos, e metade antes dos 18 anos de idade. A prevalência de alcoolismo crônico obtida foi de 4,9% entre o sexo masculino e 1,7% entre o sexo feminino. Os resultados da pesquisa reforçaram o que mostrou a literatura em relação a predominância do alcoolismo crônico nos homens que estão na faixa etária entre 30 e 49 anos de idade. No entanto, enquanto outras pesquisas no Brasil mostraram que este quadro é maior nas classes mais baixas e com menor escolaridade, o estudo de Almeida e Coutinho mostrou maior relação entre o uso de álcool e níveis de renda e escolaridade mais altos. Os autores argumentam que seria necessária a realização de estudos planejados especialmente para responder a questão sobre a associação entre nível socioeconômico e alcoolismo no Brasil. Ponderam também que a relação entre alcoolismo e sexo não está esclarecida, mas têm-se levantado hipóteses: como a relação entre a virilidade e a capacidade de beber, o uso do álcool como ansiolítico entre os homens, e a moral que restringe e estigmatiza o uso do álcool entre as mulheres. Hipóteses estas que poderiam também explicar a representação que foi explicitada pelos nossos participantes sobre a mulher que bebe, e a reclamação em relação ao alcoolismo ser mais direcionada aos homens, e particularmente aos pais (que se encontram na faixa de idade relacionada à maior prevalência de alcoolismo, de acordo com as pesquisas).

### **Mudanças e representações alternativas**

Embora possamos considerar que, grande parte das respostas dos participantes, revela representações sociais tradicionais do que é ser homem e



ser mulher e de seus papéis na família, encontramos também algumas respostas que indicam que os participantes reconhecem valores mais alternativos principalmente em relação à mulher.

Nas questões sobre ser mulher e ser homem, os três grupos de participantes acham que a mulher deve se valorizar e ser mais valorizada e respeitada pelos outros. As mães acreditam ainda que a mulher deve fazer o que gosta. Para os adolescentes é importante buscar seus direitos e seus objetivos. Os pais consideram que a mulher tem mais poder atualmente *e deve buscar ser alguma coisa na vida*.

Algumas mães e duas adolescentes consideraram que na relação homem/mulher é importante também a mulher ser respeitada e não depender do homem.

Os pais consideram que a mulher vem assumindo uma posição de igualdade com o homem (20%). Segundo eles, atualmente o homem perdeu o *poder* e a mulher tem os mesmos direitos, devem ter o mesmo salário e pode assumir os mesmos papéis que o homem assume, dentro e fora de casa. Dois meninos também consideraram que as mulheres têm ganhado mais espaço no mercado de trabalho e assumido características e funções consideradas masculinas.

Na família, novamente com prevalência de respostas dos pais, os participantes apontam a divisão de tarefas e a compreensão de que homens e mulheres têm as mesmas responsabilidades. Eles acham que a mulher hoje em dia tem deveres e direitos iguais ao do homem, que as tarefas de casa são divididas e que não existem diferenças entre o que os dois fazem. Quando se referem à própria família eles dizem que, estando o homem presente, as responsabilidades são divididas; e quando ele está fora<sup>7</sup>, é ela quem comanda a família. Os adolescentes fizeram as mesmas considerações quando falaram da mulher na família, mas não ao falar do homem. É interessante também notar que as mães não deram nenhuma resposta nesse sentido ao se referirem à sua própria família.

Nas narrativas os participantes também relatam que percebem e desejam mudanças, principalmente na vida das mulheres. Mércia (A) julgou

---

<sup>7</sup> Alguns pais ficam semanas fora, ou porque são pescadores ou porque trabalham em outros Municípios.

que hoje os papéis de homens e mulheres são mais parecidos. No mercado de trabalho mulheres já realizam as mesmas atividades e em casa, embora ainda não seja comum, o homem adota alguns papéis que, segundo ela, são da mulher, como cozinhar e assumir sozinho a responsabilidade dos filhos, no entanto ela acrescenta que isso acontece em situações em que a mulher não está presente.

Essa mãe considerou que a vida das mulheres hoje é diferente, porque antes a família achava que uma mulher solteira dentro de casa seria *uma desgraça*, mas atualmente as meninas não têm que casar cedo, como aconteceu com ela. Exemplifica com sua filha, que ficou grávida, mas nem por isso foi obrigada a casar. Afirmou também que as mulheres deveriam ocupar mais cargos importantes no mercado de trabalho. No relacionamento, ela avaliou que os homens não aceitam a traição, mas se eles traem, merecem ser traídos também.

Mabel (C) e Mércia (B) acreditam que hoje as mulheres têm mais informações sobre relacionamentos e prevenção de doenças e gravidez, e que perder a virgindade já não é motivo suficiente para casar.

Uma das adolescentes (B) considerou que hoje a situação de dependência da mulher em relação ao homem está mudando graças ao ingresso da mulher no mercado de trabalho. Sua mãe a incentiva a continuar trabalhando mesmo depois de casar para que seja independente. Outra mãe (C) faz o mesmo com a filha, porque acha que, às vezes, o homem só quer brincar com a mulher e depois não quer saber de responsabilidade.

Outra adolescente (A) não pretende se casar e pensa em morar sozinha, trabalhar e ter sua própria casa. Ela tem uma representação negativa dos homens, porque na família o pai bebe, e sua relação com ele é conflituosa; e porque teve uma relação na qual o namorado não assumiu a responsabilidade por sua gravidez.

Nas expectativas de futuro dos adolescentes, as respostas também mostram que existem desejos de mudanças; mesmo que numa perspectiva mais idealizada; no anseio de maior diálogo com os filhos que pretendem ter, e na expectativa de um relacionamento afetivo com o futuro parceiro ou parceira.

Embora a maior parte dos pais e mães tenha considerado que é diferente educar meninos e meninas, 36,7% dos pais, 38,6% das mães disseram que não existem diferenças e justificam que a educação para o *certo* e o *errado* é a mesma, independentemente do sexo dos filhos. Esses pais e mães atribuem as diferenças que existem entre cada filho mais às características pessoais do que ao sexo destes. Eles acreditam que atualmente não existem mais diferenças e que a preocupação e o trabalho com meninos e meninas são os mesmos, portanto o tipo de orientação que é preciso dar também deve ser o mesmo. A fala de uma das mães pressupõe que as transformações sociais que deram mais liberdade às mulheres também fizeram com que as meninas hoje corram os mesmos riscos que os meninos.

*Acho que a orientação hoje é igual. Antes a gente se preocupava com meninos com drogas e meninas com prostituição. Hoje elas estão igual aos meninos... (32M)*

Embora os participantes tenham apresentado resultados que mostram identificação de mudanças sociais envolvendo os papéis de gênero, as práticas relatadas por eles, e a maior parte das representações sociais sugeridas por seus relatos, assinalam que prevalece nas famílias estudadas representações conservadoras sobre o que é ser homem e mulher e sobre os papéis que estes devem desempenhar na família. Em uma das famílias, embora a mãe incentive a filha a ser independente, há uma contradição na prática, pois sua filha adolescente tem trabalhado em casa com vendas, mas, por enquanto, têm ganhado em troca objetos como colcha e panela. É também significativo que entre as mães não tenha surgido resposta para a categoria “Igualdade”, nas questões sobre ser homem e ser mulher; e para a categoria “Mesma responsabilidade/divisão”, ao falarem do papel do homem e da mulher na própria família.

Entre os adolescentes percebemos mais continuidades que transformações nas representações de gênero presentes nas famílias, acreditamos que essa ocorrência, se deva também às poucas perspectivas que têm os adolescentes de ter uma vida que seja diferente da de seus pais e mães. Nas narrativas, constatamos que seus planos para o futuro em termos profissionais e educacionais são restritos ou inexistentes. O relato de Fernando

(B), por exemplo, demonstra a percepção de que eles são alvos de preconceito e de que seria irreal desejar investir em planos educacionais que fossem além do ensino médio. Ele disse que gostaria de ser jogador de futebol, mas como já está velho para investir nesse desejo, pretende trabalhar em qualquer coisa. Analisa que não tem condições de fazer uma faculdade porque não tem dinheiro e se sente estigmatizado por ser um garoto que mora no morro. Ele e uma das meninas já haviam parado de estudar, quando foram entrevistados pela segunda vez; antes de completar o ensino médio; ela porque ficou grávida; ele porque queria começar a trabalhar. Esse panorama já os situa em condições de vida semelhante à de seus pais e mães.

Em um contexto marcado pelas desigualdades e pela exclusão, em que as instituições públicas não fornecem serviços de apoio suficientes às famílias, aos indivíduos de forma geral, e particularmente aos jovens; o núcleo familiar adquire uma grande importância para o indivíduo de classe popular, e a vida cotidiana e a relação com o meio social urbano terminam por ser inteiramente mediados por ela. A família para os indivíduos da classe pobre “constitui a referência simbólica que estrutura sua explicação do mundo” (Sarti, 2003, p.53); é nela que ele constrói sua identidade social.

Os fatores que marcaram as transformações dos papéis sociais de homens e mulheres: o direito de competir em igualdade com o homem no mercado de trabalho; o aumento da escolarização e profissionalização das mulheres; o uso de métodos contraceptivos e a liberdade de escolhas em relação à reprodução e à sexualidade feminina; a ruptura com a condição de dominação da mulher (ARÁN, 2003; DESOUZA; BALDWIN e ROSA, 2000); não fazem ainda parte do cotidiano e da realidade das famílias de classe baixa de forma mais expressiva. São transformações que estão mais visíveis nas famílias de classes média e alta, mesmo considerando que ainda coexistem referenciais tradicionais e novos, e que há muito a fazer para que as relações sejam mais igualitárias entre homens e mulheres, sem desconsiderar as diversidades (BIASOLI-ALVES, 2000; RIDENTI, 1998; TRINDADE, 1999).

Essa diferença se produz, não só por uma maior assimilação e acesso à informação pelas classes média e alta, mas por uma questão de pouco acesso das famílias de classe baixa aos fatores transformadores. Como

pudemos verificar pelas respostas das famílias e pelas análises feitas a partir da literatura, o acesso a melhores condições de trabalho; a melhores condições escolares e ao aumento do tempo de escolaridade; a condições que permitam planejar a vida para o futuro, o que envolve também o planejamento familiar; a divisão mais igualitária de papéis dentro e fora de casa, não são condições que a sociedade proporciona às famílias e aos indivíduos de classe popular.

Duque-Arrazola (1997) analisa que a herança tradicional e a falta de alternativas, aumentam as diferenças relacionadas ao gênero nas relações das famílias pobres. A falta de alternativas econômicas, principalmente para a mulher que deseja liberdade, a sujeita à subordinação nas suas relações. A autora acrescenta que é preciso:

[...] para interferir no universo das representações sociais de gênero [...] não perder de vista que essa influência poderá frutificar apenas à condição de que as alternativas de autonomia colocadas para as mulheres sejam reais, mormente no espaço econômico. Se um primeiro passo consiste em penetrar no verdadeiro significado e papel das representações de gênero socialmente aceitas e aprovadas, este só poderá ter conseqüências práticas minimamente duradouras se estiver associado a alternativas reais de interação social, de atividade econômica, de trabalho, que tornem possíveis as novas atitudes, que embasem e sustentem um outro processo de construção de identidade, já não mais centrado apenas na domesticidade (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p.398).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que nascemos, é através da nossa interação com os outros, que nos informamos sobre o que está a nossa volta, avaliamos os elementos e as situações com os quais temos contato; criamos estratégias para lidar com o mundo ao nosso redor e resolver os problemas e contradições que este nos impõem. Esse processo é compartilhado e subjetivo ao mesmo tempo, porque nascemos em um mundo que já estava lá antes de nós, com seus objetos, seus valores, sua forma de funcionar, e é através das relações que vamos nos inserindo e compreendendo esse mundo. Ao mesmo tempo essa experiência é particular, somos nós que sentimos; que pensamos; que avaliamos; que reconstruindo o mundo interiormente a partir da imagem construída através da partilha com os outros. E é pela necessidade que temos de nos informar e ter domínio sobre o mundo à nossa volta, que criamos as representações. Nos grupos dos quais fazemos parte compartilhamos visões da realidade que nos dão suporte para lidar com ela, as representações sociais (Jodelet, 2001).

Dentro dessa perspectiva podemos entender que, através das representações sociais, compartilhamos também a avaliação que têm os grupos com os quais interagimos do que é ser mulher e ser homem. Somos envolvidos por sentimentos, informações, expectativas sobre o que se espera de nós como homens e mulheres desde antes do nosso nascimento, uma vez que o conhecimento do sexo do bebê já coloca em ação esse processo. A identidade de gênero se constrói como uma face da identidade do indivíduo a partir de experiências compartilhadas.

Na socialização segundo Berger e Luckman (2002) a transformação da realidade objetiva em realidade subjetiva na formação da identidade se dá, inicialmente através do processo de interiorização do que a criança vive com a família. O ambiente afetivo da família favorece a interiorização dos valores familiares e num segundo momento a criança abstrai essa vivência e passa a se identificar com a sociedade. Os conteúdos que são interiorizados variam em função da sociedade e do lugar que a família ocupa nela. Sem deixar de considerar que o homem também transforma a cultura; a concepção de “eu” da

cultura está presente todo o tempo e vai influenciar a forma como a família se relacionará com a criança, inclusive em relação às emoções, pois a formação da identidade está relacionada a formas de cognição, percepção, afeto e motivação, presentes nas atividades e relações cotidianas dos indivíduos. (Bonin, 2000)

Em relação às questões de gênero, percorrendo a história até a atualidade não se pode negar que houve uma série de transformações na representação social do que é ser homem e mulher e na distribuição de papéis masculinos e femininos. Sem dúvida essas modificações estão presentes na forma de se educar meninos e meninas, pois a socialização da criança envolve concepções e expectativas sócio-historicamente construídas sobre o futuro homem ou mulher.

Segundo Sarti (2003) estudos sobre as relações familiares têm demonstrado que as mudanças nos papéis resultantes das conquistas que transformaram principalmente a vida das mulheres, evidenciam um conflito da família moderna que diz respeito a conciliação entre a individualidade e as responsabilidades familiares. Nas famílias pobres a autora argumenta que esse conflito aparece menos, porque os vínculos familiares se sobrepõem aos indivíduos. Percebe-se uma dificuldade na afirmação individual dos homens, e principalmente na das mulheres que ocupam posição de maior subordinação nas relações familiares que, em geral, ainda tem um padrão tradicional e hierárquico de funcionamento. A autora analisa que essa dificuldade de afirmação individual e a forma como as famílias pobres se organizam se baseiam num código moral no qual a obrigação familiar prevalece sobre os projetos individuais. Um dos motivos pelo qual existe essa prevalência é o fato de que as instituições públicas não fornecem serviços eficazes de proteção e cuidados que dêem suporte às pessoas e suas famílias. Nesse contexto o ambiente e as relações familiares adquirem uma grande importância para o indivíduo e são sua principal referência simbólica, mediando sua representação de mundo, a vida cotidiana e sua relação com o meio social.

Neste estudo buscamos conhecer as representações sociais de gênero de famílias de um bairro de classe popular. Com esse objetivo, investigamos as representações sociais do que é ser homem e mulher e dos

papéis que estes devem desempenhar na família, entrevistando pais, mães; ou familiares que representavam esses papéis, e filhos e filhas adolescentes. Buscamos também analisar se as práticas educativas nas famílias eram orientadas por essas representações e identificar as transformações e permanências nas representações sociais de gênero dos adolescentes.

Concluimos que alguns participantes identificaram mudanças sociais envolvendo os papéis de gênero, como o fato da mulher também participar do sustento da família, a necessidade (e o desejo) de que ela seja independente economicamente do homem, a possibilidade de que o homem seja mais participativo e afetivo na família, e assuma responsabilidades antes atribuídas somente a mulher, como fazer a comida, cuidar dos filhos e da casa. No entanto, a maior parte dos relatos e das práticas que pudemos analisar, tanto entre os adultos como entre os adolescentes, sugere que as representações sociais de gênero que prevalecem são representações conservadoras, que mantêm a mulher numa posição de submissão em relação ao homem e a família, sendo a principal responsável pelas atividades domésticas e a cuidadora principal de todos. O homem permanece no papel de autoridade e principal provedor da casa, tendo mais liberdade de ir e vir e de se relacionar sexualmente, e ainda submetido a um modelo masculino no qual o enfrentamento dos conflitos se dá através da agressividade e da força.

Ao longo da história, as representações sobre o que é ser homem e mulher sofreram transformações. No entanto em vários aspectos estas ainda se mantêm ancoradas em representações que podem ser encontradas no século XIX. Considerando na Teoria das Representações Sociais a proposição do núcleo central (ABRIC, 1998), poderíamos avaliar a possibilidade de que, na estrutura das representações sociais, as modificações que ocorreram em função das transformações que resultaram na entrada da mulher no mercado de trabalho e na luta por relações mais simétricas entre homens e mulheres transformaram, em determinados contextos, apenas elementos periféricos das representações de masculinidade e feminilidade. Enquanto o núcleo central dessas representações permanece estável, mantendo presentes representações tradicionais relacionadas aos papéis masculino e feminino, como a que preconiza ser a mulher a principal responsável pelas tarefas



domésticas e pelos filhos, e o homem ter como principal tarefa na família ser o provedor.

Muitas das práticas e representações de gênero que identificamos no relato dos participantes desta pesquisa, também fazem parte das representações de homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, em outras classes sociais (FLECK e WAGNER, 2003; MACEDO e SOUZA, 1996; ROMANELI, 1998). No entanto elas são acentuadas e mais lentamente transformadas nas famílias de classe popular. Consideramos que, entre outros fatores, isso se deve à falta de alternativas de superação das dificuldades econômicas, e das poucas perspectivas de mudança desse quadro para os jovens. Faltam ainda estruturas e programas de suporte à população que favoreçam a reflexão sobre as representações sociais de gênero presentes nas famílias e que norteiam suas práticas e relações; e que contribuam para uma divisão mais igualitária de responsabilidades e para interações mais simétricas entre homens e mulheres na família.

Gostaríamos de ressaltar que não consideramos esta discussão finalizada, outras reflexões poderiam ser feitas e aprofundadas sobre os resultados que encontramos. Não temos aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de análise sobre o tema. No entanto, acreditamos que através desta pesquisa pudemos conhecer melhor, e talvez compreender um pouco mais, a respeito da vivência das famílias de classe popular, e de como elas se organizam e se relacionam a partir de suas representações sociais de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. de (Orgs) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: Editora AB, 27, p. 27-38, 1998.
- AGUIRRE, R. e GÜELL, P. *Hacerse Hombres: la construcción de la masculinidade em los adolescentes e sus riesgos*. OPS/OMS, 2002.
- ALMEIDA, L. M.; COUTINHO, E. S. F. Prevalência de consumo de bebidas alcoólicas e de alcoolismo em uma região metropolitana do Brasil. *Revista de Saúde Pública*. 27 (1), p. 23-29, 1993.
- ANDRADE, A. N. e NOVO, H. A. Eles Ficam, Nós Namoramos: Algumas Reflexões sobre a Adolescência. In: NOVO, H. A. e MENANDRO, M. C. S. (org.) *Olhares Diversos, Estudando o Desenvolvimento Humano*. Vitória: UFES. PPGP: CAPES/PROIN, p. 91-106, 2000.
- AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 19(Sup. 2), p. 377-388, 2003.
- ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 11(2), p. 399-421, julho-dezembro, 2003.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, C. e SCALON, C (org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de janeiro: Editora FGV, 2005. Cap. 1, p. 15.
- ARRUDA, A. Teoria Das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*. n. 117, novembro, p.127-147, 2002.
- ASSMAR, E. M. L.; FERREIRA, M. C.; NOVAES, H. e TOMAZ, M. Premissas histórico-socioculturais sobre a família brasileira em função de sexo e idade. *Psicologia Reflexão e Crítica*. v. 13, nº 1. p.89-96, 2000.
- ASTURIAS, L. E. *Construcción de la masculinidad y relaciones de género*. Trabalho apresentado no Fórum de Mujeres en lucha por la igualdad de derechos y la justicia social. Ciudad de Guatemala, 1:13, 5 de marzo, 1997.
- BADINTER, Elisabeth. *Um É O Outro*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- BANCHS, M. A. El papel de la emoción en la construcción de representaciones sociales: invitacion para uma reflexión teorica. *Papers on Social Representations*. 5 (2), p. 113-125, 1996.

BENINCÁ, C. R. S. e GOMES, W. B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*. 3 (2), p.177-205, 1998.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M., Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. Brasília, set/dez., v.16, n.º 3, p.233-239, 2000.

BONIN, L. F. R. (2000). Indivíduo, cultura e sociedade. In : Jaques, M. G. C.(org.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes. p. 58-72

BRAZ, M. P.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. Relações Conjugais e Parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 18 (2), p.151-161, 2005.

BULLINGTON, J.; KARLSSON, G. Introduction to Phenomenological Psychological Research. *Scandinavia Jornal of Psychology*. 25, p.51-63, 1984.

BURR, Vivien. *Gender and Social Psychology*. London and New York: Routledge. 1998

BUSSAB, V. S. R. e RIBEIRO, F. L. Biologicamente Cultural. In: Souza, L; Freitas, M. F. Q.; Rodrigues, M. M. (Org) *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes*. Casa do Psicólogo, 1998. p.175-194.

CALDANA, R. H. A Criança e Sua Educação na Família no Início do Século: autoridades, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*, 6, nº 2, p. 87-103, 1998.

CAMARANO, A. A. Jovens Brasileiros: já independentes? *Como vai? População Brasileira*. Brasília, DF. Ano V, nº 1, março, p.1-13, 2000.

CAMINO, C.; CAMINO, L.; MORAES, R. Moralidade e Socialização: Estudos Empíricos Sobre Práticas Maternas de Controle Social e o julgamento Moral. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(1), 2003. p.41-61.

CARVALHO, M. L.; PIROTTA, K.C.M. e SCHOR, N. Participação masculina na contracepção pela ótica feminina. *Revista de Saúde Pública*, 35, nº 1, São Paulo, fevereiro, p. 23-31, 2001.

DE SOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H.. A Construção Social dos Papéis Sociais Femininos. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 13 (3), p. 485-496, 2000

DESEN, M. A. e LEWIS, C. Como Estudar a “Família” e o “Pai”? *Paidéia*. FFCLRP, Rib. Preto, Fev/ Ago, p. 105-121, 1998.

DIAS, A. B.; AQUINO, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 22(7), p. 1447-1458, jul., 2006.

DIAS, A. C. G. e GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*. Natal, 4, n.1, jan./jun, p. 79-106, 1999.

DINIZ, G.; CELHO, V. A História e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC: Rio, 2005. p. 138-157.

DOMINGUES, C. M. A. S. e ALVARENGA, A. T. de. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7 (2), São Paulo, p. 32-68, 1997.

DUQUE-ARRAZOLA, L.S. O Cotidiano Sexuado de Meninos e meninas em Situação de Pobreza. In: MADEIRA, F. R. (org). *Quem Mandou Nascer Mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, p. 343-402, 1997.

DURHAM, E. R. Família e Reprodução Humana. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.13-44, 1983.

DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: As representações sociais em desenvolvimento. In: Jovchelovitch, S. e Guareschi, P. (Orgs) *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, p.261-293, 1994.

DUVEEN, G. e LLOYD, B. *Social Representations and Development of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Introduction. p. 1-9.

FLECK, A. C.; WAGNER A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 8, número especial, p. 31-38, 2003.

FONSECA, Cláudia. *Família fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. (Org) *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes*. Casa do Psicólogo, p.175-194, 1998.

GOLDANI, A. N. Famílias e Gêneros: uma proposta para avaliar (des)igualdades. In: *Anais do XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP*. Caxambu, v.1, p. 1-20, 2000. Disponível em: <[www.abep.org.br](http://www.abep.org.br)>. Acesso em: 12 de julho de 2004.

GOMES, W. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. In: GOMES, W. (org.). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p.19-43.

GONÇALVES, E. Pensando o Gênero como Categoria de Análise. *Estudos de Gênero*. Universidade Católica de Goiás. Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários e Estudantis. Programa Interdisciplinar da Mulher. Goiânia: Ed.

UCG, p. 41-60, 1998.

GOULD, S. J. *Darwin e os Grandes Enigmas da Vida*. São Paulo: Martin Fontes, 1987.

HARRIS, J. R. *Diga-me Com Quem Andas....* Rio de Janeiro: Edit. Objetiva. 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de Indicadores Sociais*. Comunicação Social de 13 de abril de 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2005.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Visor*. Nº 10, fevereiro de 1998. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/visor/v0210.pdf>>. Acesso em: 4 de agosto de 2006.

JEOLÁS, L. S. e FERRARI, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(2), p.611-620, 2003.

JODELET, D. Representações Sociais: Um domínio em Expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Tradução, Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Cap. 1, p.17-44.

LAURENTI, R.; JORGE, M. H. P M.; GOTLIEB S. L. D. Perfil Epidemiológico da Morbi-mortalidade Masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1), p. 35-46, 2005.

LAUWE, M. J. C. de; FEUERHAHN, N. A Representação Social na Infância. In: JODELET, D. (Org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 281-300, 2001.

LAVINAS, L. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, F. R. (org). *Quem Mandou Nascer Mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1997. p.11-43.

LEITE, I. C.; RODRIGUES, R. N. e FONSECA, M. C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, vol.20, no.2, p.474-481, mar./ abr., 2004.

LEVINE, R. A. e WHITE, M. I. Revolution in Parenthood. In: WOODHEAD, M.; LIGHT, P. e CARR, R. (Eds). *Growing in a Changing Society*. London: Routledge, p. 5-25, 1991.

LORDELO, E. da R.; FONSECA, A. L.; ARAÚJO, M. L. V. B. Responsividade do Ambiente de Desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 1, Porto Alegre, p. 73-80, 2000.

LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo:Educ, 1999.

MACEDO, R. M. S. E SOUZA, R. M. Adolescência e Sexualidade: Uma Proposta de Educação para a Família. In: Macedo, R. M. S. (org.) *Família e Comunidade*. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), p. 7-33, 1996.

MATOS, Janaína Valéria de. Acesso das Mulheres a Emprego e Renda. *DICAS: Idéias para a ação municipal*. Instituto Polis. 2000. DSNº 163.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sistema Nacional de Vigilância em Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Relatório de Situação*: Espírito Santo. Brasília/DF, 2005.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 1993.

MIRANDA, A. E.; GADELHA, A. M. J.; SZWARCOWALD, C. L. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2002. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 2(11), p. 207-216, 2005.

MOREIRA NETO, M. A Categoria Gênero: Considerações Acerca de Suas Variações e Validade. *Política & Trabalho* 16-Setembro, p. 137-149, 2000.

MOSCOVICI, S. Social Psychology and Developmental Psychology: Extending the Conversation. In: DUVEEN, G. e LLOYD, B. *Social Representations and Development of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 164-185, 1990.

NASCIMENTO, C. R. R.; SCARABELLI, R. S.; SCÁRDUA, M. A. S. G.; TESCHE, B. B.; TRINDADE, Z. A. Informações e interesses dos adolescentes de um bairro de classe popular sobre educação e saúde. In: Trabalho apresentado como comunicação oral e publicado no 4º ENCONTRO REGIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL: Psicologia e Saúde, desafios às políticas públicas no Brasil. *Caderno de Resumos*. ABRAPSO/ UFES. Vitória, ES, setembro de 2005.

NASCIMENTO, C. R. R.; BERTOLLO, M.; RÖLKE, R. K.; BARBOSA, V. M. M. Educação em saúde: um relato de experiência com adolescentes. In: Trabalho apresentado como comunicação oral e publicado no 4º ENCONTRO REGIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL: Psicologia e Saúde, desafios às políticas públicas no Brasil. *Caderno de Resumos*. ABRAPSO/ UFES. Vitória, ES, setembro de 2005.

NÓBREGA, Neide Pereira. O Papel da Parentalidade na Construção do Sujeito. In: NETO, M. I. D. e GARCIA, C. A.(Org.). *Mulher: Cultura e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Coletâneas da ANPEPP, vol. 1, nº 7, p.135-146, 1997.

NOLASCO, Sócrates. Um homem de Verdade. In: D. Caldas. *Homens*. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

OLIVEIRA, Z. M. R. Interações Infantis em Creches e a Construção de Representações Sociais de Gênero. In: PEDROSA, M. I. (org.) *Investigação da Criança em Interação Social*. Coletâneas da ANPEPP, 1 (4), p.69-82, 1996.

OMS/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Que ocurre com los muchachos?* Una revisión bibliográfica sobre la salud y desarrollo de los muchachos adolescentes. 2000.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE E ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Familia Y Adolescencia*: Indicadores De Salud; Manual De Aplicación De Instrumentos, 1996.

OSTERNE, M. S. F. *Família, Pobreza e Gênero*: O Lugar da Dominação Masculina. Fortaleza: EDUECES, 2001.

PALÁCIOS, F. F. Representacion Social de Masculinidad en um Grupo de Profissionais de la Salud Mental: Discusion em Torno a la Categoria de Gênero. *Papers on Social Representation*. V. 6 (2), p. 95-107, 1997.

PERISTA, H.; MAXIMIANO, S.; FREITAS, F. *Família, gênero e trajetórias de vida*: uma questão de (usos do) tempo. In: IV CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 1999, p.1-17. Disponível em: <[www.aps.pt/ivcongr-actas/Acta166.pdf](http://www.aps.pt/ivcongr-actas/Acta166.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Pesquisa Sócio-organizativa da Poligonal 5. Projeto Terra / Diagonal Urbana. Vitória, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Relatório Analítico: Pesquisa Sócio-Econômica. Projeto Terra / Diagonal urbana. Vitória, 2001.

RAMOS, J. G. B. *A Representação Social da Mulher construída na relação conjugal violenta na cidade de Manaus*. Trabalho apresentado NO II SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: Gênero e Movimentos Sociais, Identidade, Diferença e Mediações, de 8 a 11 de Abril de 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/semint/oficinas.htm>. Acesso em: agosto de 2003.

RIDENTI, S. G. U. A Desigualdade de Gênero nas Relações Parentais: O Exemplo da Custódia dos Filhos. In: ARILHA, M.; RIDENT, S. G. U.; MEDRADO, B.. (Orgs.). *Homens e Masculinidades*. Outras Palavras, p.163-183, 1998.

RODRIGUES, M. M. P. Quem tem mãe tem tudo: Os pais e o desenvolvimento de crianças e jovens. In: Novo, H. A. e Menandro, M. C. S. (Org) *Olhares Diversos: Estudando o Desenvolvimento Humano*. Vitória: UFES. PPGP: CAPES, PROIN, 2000.

ROMANELI, G. O Relacionamento Pais e Filhos em Famílias de Camadas Medias. *Paidéia*, FFCLP\_RP, Rib. Preto, Fev/Ago, p.123-136, 1998.

RUSCHEL, A. E.& Castro, O. P. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, V. 11. nº 3, p.523-539, 1998.

SÁ, C. P. de e ARRUDA, A. O Estudo das Representações Sociais no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, Edição Especial Temática, p.11-31, 2000.

SANCHES, S.; GEBRIM, V. L. M.. O Trabalho da Mulher e as Negociações Coletivas. *Estudos Avançados*. 17 (49), p. 99-116, 2003.

SANTIL, P. H. Rol de género y funcionamiento familiar. *Rev Cubana de Medicina General Integral*. v.16 n.6 Ciudad de La Habana nov-dic. 2000.

SANTOS, M. C.; CALDANA, R. H. L. e BIASOLI ALVES Z. M. M. O Papel Masculino dos Anos Quarenta aos Noventa: Transformações no Ideário. *Paidéia*, 11(20), p. 57-62, 2001.

SANTOS, M. F. S.; NOVELINO, A. M.; NASCIMENTO, A. P. O Mito da Maternidade: discurso tradicional sob roupagem modernizante? In: Moreira, A. S. P. (org.) *Representações Sociais. Teorias e Práticas*. EDU. João Pessoa, p.269-293, 2001.

SARACENO, C.; NALDINI, M.. *Sociologia da Família*. Tradução: Isabel Teresa Santos. 2ª edição actualizada. Editorial Estampa Ltda. Lisboa, 2003.

SARTI, C. A. *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez, 2003.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA URBANA. *Homicídios em 2005 e comparativo primeiro trimestre de 2006*. Dados preliminares da Gerencia de Pesquisa Estratégica e Monitoramento da Violência Urbana. Secretaria Municipal de Segurança Urbana. Apresentação para o Movimento Vitória da Paz. Vitória, 2006.

SELIGMAN, M. E. P (1995) Soltando as Peles da Infância. *O Que Você Pode e O Que Você Não Pode Mudar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Cap. 14, p. 245-265.

SETTON, M. da G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.28, n.1, jan./jun, p. 107-116, 2002.

SIQUEIRA, M. J. T. A constituição da Identidade Masculina: homens de classes populares em Florianópolis. In: Pedro, J. M.; Grossi, M. P. (orgs) *Masculino, Feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. M., 1998. p.209-227.



SIQUEIRA, M. J. T. A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão. *Psicologia USP*. São Paulo, 8, n.1, p.113-130, 1997.

SIQUEIRA, M. J. T.; MENDES, D.; FINKLER, I.; GUEDES, T. e GONÇALVES, M. D. S. Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai?. *Estudos de Psicologia*. Natal, 7, nº 1, janeiro, p. 65-72, 2002

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 10 (1), p. 59-70, 2005.

SPINK, M. J. P. Representações sociais: questionando o estado da arte. *Psicologia e Sociedade*; 8 (2), jul/dez, p. 166-186, 1996.

SPOSITO, M. P. *Um balanço preliminar de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas*. São Paulo, 2005. 35p. Disponível em: [http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/pf/nac\\_juv.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/pf/nac_juv.pdf). Acesso em: 30 de julho de 2006.

STASEVSKAS, K. O.; SCHOR, N. Uma mulher de família. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, 10 (2), p. 77-82, 2000.

STREY, Marlene N. O Gênero e a escolha da profissão. *Psico*, Porto Alegre. v.28, n.1 jan/jun, p.77-96, 1997.

SZYMANSKI, H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2002. p.23-27.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Socialização de Gênero e Adolescência. *Estudos feministas*, Florianópolis, 13(1) p. 147-172, janeiro-abril, 2005.

TRINDADE, Z. A. *As Representações Sociais da Paternidade e da Maternidade: Implicações no Processo de Aconselhamento Genético*. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental; Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1991.

TRINDADE, Z. A. Concepções Arcaicas de Maternidade e Paternidade e seus Reflexos na Prática Profissional. *INTERFACES: Revista de Psicologia*. Salvador, 1999. jan/jul. Vol 2 nº 2.

TRINDADE, Z. A. Concepções de Maternidade e Paternidade: O Convívio Atual com Fantasma do Século XVIII. In: Souza, L. de; Freita, M. de F. Q. de e Rodrigues, M. M. P. (Org.) *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.129-155, 1998.

TRINDADE, Z. A. e MENANDRO, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia*. (Natal), vol.7, nº.1, jan, p.15-23, 2002.

TRINDADE, Z. A.; ANDRADE, C. A.; SOUZA, J. Q. de. Papéis parentais e Representações da paternidade: A Perspectiva do Pai. *Psíco*. Porto Alegre. V.28 n. 1, jan/jun, p. 207-222, 1997.

TRINDADE, Z. A.; SOUZA, L.; CEOTTO, E. C. e MARTINS, P. de O. Dinheiro e Prestígio: Representação Social de Trabalho entre Adolescentes. In: NOVO, H. A. e MENANDRO, M. C. S. (org.) *Olhares Diversos, Estudando o Desenvolvimento Humano*. Vitória: UFES. PPGP: CAPES, PROIN, p.107-122, 2000.

TRINDADE, Z. e ENUMO, S. R. F. Representações sociais de infertilidade feminina entre mulheres casadas e solteiras. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (2), p.5-26, 2001.

VANNUCHI, C.; CORTEZ, C. Meninos Pais. *ISTOÉ*. 9 de agosto, 2006. Nº1920. Comportamento, p. 46-50.

WHITAKER, D. *Mulher e Homem: O Mito da Desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1988.

## APÊNDICE 1 – Roteiro da entrevista para os genitores (1ª Fase)

### DADOS PESSOAIS

(Se você concordar que seja feito novo contato, caso seja necessário complementar informações, escreva seu nome completo e telefone)

Nome:	Telefone:
Sexo: feminino ( ) masculino ( )	
Idade:	
Grau de escolaridade:	
Profissão:	Trabalho:
Bairro em que mora:	
Trabalho do esposo/esposa (companheiro/companheira):	
Estado Civil:	tempo de união:
Religião:	

**Dê pelo menos seis respostas para as questões.**

Na sua opinião

Ser mulher é:

---



---



---



---

Na sua opinião

Ser homem é:

---



---



---



---

**Quem completa este questionário?.**

- ( ) Pai  
 ( ) Mãe  
 ( ) Companheira do pai (esposa, companheira estável, namorada)  
 ( ) Companheiro da mãe (esposa, companheira estável, namorada)  
 ( ) Outro adulto: \_\_\_\_\_

**Por favor, indique qual a renda familiar mensal (aproximadamente), sabendo que um salário mínimo mensal é de 240,00 reais .**

- ( ) Igual ou menos que um salário mínimo  
 ( ) Aproximadamente dois salários mínimos  
 ( ) Aproximadamente três salários mínimos  
 ( ) Aproximadamente quatro salários mínimos  
 ( ) Igual ou mais de cinco salários mínimos

**Quantas pessoas moram com sua família incluindo você?**

- ( ) Duas (2) ( ) Quatro (4) ( ) Seis (6)  
 ( ) Três (3) ( ) Cinco (5) ( ) Mais de seis

**Quantos filhos (biológicos e adotivos) têm na sua família?**

- ( ) Um filho ( ) Tem \_\_\_\_\_ filhos

**De que sexo e idade são os filhos**

Número de filhas \_\_\_\_\_ Idades em anos \_\_\_\_\_

Número de filhos \_\_\_\_\_ Idades em anos \_\_\_\_\_

**Quem vive com sua família?**

- ☐ A mãe  
☐ O pai  
☐ A companheira do pai (esposa, companheira estável, namorada)  
☐ O companheiro da mãe (marido, companheiro estável, namorado)  
☐ Um ou mais avós  
☐ Um ou mais tios  
☐ Outro(s) adulto(s) \_\_\_\_\_  
☐ \_\_\_\_\_ filhos e \_\_\_\_\_ filhas

**Quem ajuda nos cuidados e orientação dos filhos?**

- ☐ A mãe  
☐ O pai  
☐ A companheira do pai (esposa, companheira estável, namorada)  
☐ O companheiro da mãe (marido, companheiro estável, namorado)  
☐ Um ou mais avós  
☐ Um ou mais tios  
☐ Outro(s) adulto(s) \_\_\_\_\_  
☐ Um ou mais irmãos mais velhos  
☐ Outras crianças \_\_\_\_\_  
☐ Outros adolescentes \_\_\_\_\_

**Quem faz o papel de mãe na sua família?**

- ☐ A mãe (biológica ou adotiva)  
☐ A companheira do pai  
☐ A avó  
☐ A tia  
☐ Uma irmã mais velha  
☐ Outra mulher da minha família faz o papel de mãe  
☐ Nenhuma pessoa

**Quem faz o papel de pai na sua família?**

- ☐ O pai (biológico ou adotivo)  
☐ O companheiro da mãe  
☐ O avô  
☐ O tio  
☐ Um irmão mais velho  
☐ Outro homem da minha família faz o papel de pai  
☐ Nenhuma pessoa

**Você acha que é diferente educar meninos e meninas?**

- ☐ Não, não tem diferença  
☐ Sim, é diferente. Cite pelo menos duas diferenças:

---



---

**Na minha família:**

Sobre as coisas (curiosidades, novidades, dificuldades) que acontecem na família

- ☐ Não temos o hábito de conversar

- ( ) Conversamos de vez em quando  
 ( ) conversamos sempre

Em relação aos problemas:

- ( ) Cada um resolve seus próprios problemas  
 ( ) Resolvemos os problemas juntos

As opiniões dos filhos são levadas em conta na solução dos problemas ( ) sim ( ) não

O que a família faz nas horas de descanso e final de semana? \_\_\_\_\_

No final de semana e horas de descanso:

- Ficamos juntos sempre ( )  
 Ficamos juntos as vezes ( )  
 cada um faz seus próprios programas ( )

Sobre o relacionamento da família:

- ( ) Temos um ótimo relacionamento  
 ( ) O relacionamento não é ruim mas poderia melhorar  
 ( ) Existe muito desentendimento e brigamos muito

Que nota você daria para o relacionamento que existe na sua família:

Muito ruim 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Muito bom

Estou satisfeito com a relação que tenho com meus filhos ( ) sim ( ) não

O quê gostaria que fosse diferente? \_\_\_\_\_

Estou satisfeito(a) com a relação que tenho com meu(minha) companheiro(a) ( ) sim

( ) não

O quê gostaria que fosse diferente? \_\_\_\_\_

Sobre as tarefas de casa:

- ( ) Todos dividimos as tarefas de casa  
 ( ) A mãe e o pai dividem as tarefas de casa  
 ( ) Apenas a mãe realiza as tarefas de casa  
 ( ) a mãe e as irmã(s) dividem as tarefas de casa  
 ( ) outra pessoa faz as tarefas de casa

**Na sua opinião quais são as principais responsabilidades do homem na família?**

\_\_\_\_\_

**E na sua família quais são as responsabilidades do homem?**

\_\_\_\_\_

**Na sua opinião quais são as principais responsabilidades da mulher na família?**

\_\_\_\_\_

**E na sua família quais são as responsabilidades da mulher?**

\_\_\_\_\_

**Coloque um X na alternativa que indica quem na sua família faz as atividades abaixo. Você pode indicar mais de uma alternativa para a mesma atividade e mais de uma atividade para as mesmas pessoas.**

<b>Atividade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Filhas</b>	<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>	<b>Outros</b>
trabalhar recebendo pagamento para sustentar a família					
cuidar das crianças pequenas					
lavar a louça					
corrigir o comportamento da(s) menina(s)					
arrumar as camas					
dirigir algum carro da família					
corrigir o comportamento do(s) menino(s)					
acompanhar as atividades escolares dos filhos					
fazer a comida					
pagar as contas					
levar as crianças na escola					
Varrer e limpar a casa					
castigar os filhos					
controlar as amizades da(s) menina(s)					
organizar as comemorações da família					
tomar a iniciativa de conversar sobre os problemas					
levar os filhos(as) ao médico					
controlar as amizades do(s) menino(s)					
Fazer compras em feira e supermercado					
Consertar coisas em casa					

## APÊNDICE 2 - Roteiro da entrevista para os adolescentes (1ª Fase)

### DADOS PESSOAIS

(Se você concordar que seja feito novo contato, caso seja necessário complementar informações, escreva seu nome completo e telefone)

Nome:	Telefone:
Sexo: feminino ( ) masculino ( )	
Idade:	
Grau de escolaridade:	
Profissão:	Trabalho:
Bairro em que mora:	
Trabalho do esposo/esposa (companheiro/companheira):	
Estado Civil:	tempo de união:
Religião:	

**Dê pelo menos seis respostas para as questões.**

Na sua opinião

Ser mulher é:

---



---



---



---

Na sua opinião

Ser homem é:

---



---



---

**Quantas pessoas moram com sua família incluindo você?**

- ( ) Duas (2)                      ( ) Quatro (4)                      ( ) Seis (6)  
 ( ) Três (3)                      ( ) Cinco (5)                      ( ) Mais de seis

**Quantos irmãos e irmãs você tem?**

- ( ) Sou filho(a) único(a)  
 ( ) Tenho \_\_\_\_\_ irmão(s) idade dos irmãos: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_  
 ( ) Tenho \_\_\_\_\_ irmã (s) idade das irmãs: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

**Quem vive com sua família?**

- ( ) Minha mãe  
 ( ) Meu pai  
 ( ) A companheira de meu pai (esposa, companheira estável, namorada)  
 ( ) O companheiro de minha mãe (marido, companheiro estável, namorado)  
 ( ) Um ou mais de meus avós  
 ( ) Um ou mais de meus tios  
 ( ) Outro(s) adulto(s) \_\_\_\_\_ (quantos)  
 ( ) \_\_\_\_\_ irmãos, \_\_\_\_\_ /irmãs (quantos)  
 ( ) Outras crianças além dos irmãos \_\_\_\_\_ (quantos)  
 ( ) Outros adolescentes além dos irmãos \_\_\_\_\_ (quantos)

**Que lugar você ocupa entre seus irmãos?**

- ( ) Sou o único filho na minha família, não tenho irmãos (e/ou irmãs).

( ) Sou o \_\_\_\_\_ entre meus irmãos (e/ou irmãs)

**Quem faz o papel de mãe na sua família?**

- ( ) Minha mãe (biológica ou adotiva)
- ( ) A companheira de meu pai
- ( ) Minha avó
- ( ) Minha tia
- ( ) Uma irmã mais velha
- ( ) Outra mulher da minha família faz o papel de mãe
- ( ) Nenhuma pessoa

**Quem faz o papel de pai na sua família?**

- ( ) Meu pai (biológico ou adotivo)
- ( ) O companheiro de minha mãe
- ( ) Meu avô
- ( ) Meu tio
- ( ) Um irmão mais velho
- ( ) Outro homem da minha família faz o papel de pai
- ( ) Nenhuma pessoa

**Você acha que é diferente educar meninos e meninas?**

- ( ) Não, não tem diferença
- ( ) Sim, é diferente. Cite pelo menos duas diferenças:

---

**Na minha família:**

Sobre as coisas (curiosidades, novidades, dificuldades) que acontecem na família

- ( ) Não temos o hábito de conversar
- ( ) Conversamos de vez em quando
- ( ) conversamos sempre

Em relação aos problemas:

- ( ) Cada um resolve seus próprios problemas
- ( ) Resolvemos os problemas juntos

As opiniões dos filhos são levadas em conta na solução dos problemas ( ) sim ( ) não

O que a família faz nas horas de descanso e final de semana? \_\_\_\_\_

---

No final de semana e horas de descanso:

- Ficamos juntos sempre ( )
- Ficamos juntos as vezes ( )
- cada um faz seus próprios programas ( )

Sobre o relacionamento da família:

- ( ) Temos um ótimo relacionamento
- ( ) O relacionamento não é ruim mas poderia melhorar
- ( ) Existe muito desentendimento e brigamos muito

Que nota você daria para o relacionamento que existe na sua família:

Muito ruim 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Muito bom



O quê gostaria que fosse diferente?

---

Sobre as tarefas de casa:

- ☐ Todos dividimos as tarefas de casa
- ☐ A mãe e o pai dividem as tarefas de casa
- ☐ Apenas a mãe realiza as tarefas de casa
- ☐ a mãe e as irmã(s) dividem as tarefas de casa
- ☐ outra pessoa faz as tarefas de casa

**Na sua opinião quais são as principais responsabilidades do homem na família?**

---

**E na sua família quais são as responsabilidades do homem?**

---

**Na sua opinião quais são as principais responsabilidades da mulher na família?**

---

**E na sua família quais são as responsabilidades da mulher?**

---

**Coloque um X na alternativa que indica quem na sua família faz as atividades abaixo. Você pode indicar mais de uma alternativa para a mesma atividade e mais de uma atividade para as mesmas pessoas.**

<b>Atividade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Filhas</b>	<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>	<b>Outros</b>
trabalhar recebendo pagamento para sustentar a família					
cuidar das crianças pequenas					
lavar a louça					
corrigir o comportamento da(s) menina(s)					
arrumar as camas					
dirigir algum carro da família					
corrigir o comportamento do(s) menino(s)					
acompanhar as atividades escolares dos filhos					
fazer a comida					
pagar as contas					
levar as crianças na escola					
Varrer e limpar a casa					
castigar os filhos					
controlar as amizades da(s) menina(s)					
organizar as comemorações da família					
tomar a iniciativa de conversar sobre os problemas					
levar os filhos(as) ao médico					
controlar as amizades do(s) menino(s)					
Fazer compras em feira e supermercado					
Consertar coisas em casa					

**APÊNDICE 3 - Roteiro da entrevista para o pai (2ª Fase)****Nome:** \_\_\_\_\_**Família:** \_\_\_\_\_

1. Quando você era mais jovem que o pensava que aconteceria na sua vida? (pensava em casar, ser mãe, estudar, trabalhar?)
2. Quantos anos tinha quando se uniu à sua companheira/esposa? Como se conheceram?
3. O casamento interferiu nas coisas que você pensava para sua de vida (estudos, trabalho...)?
4. Como é para você lidar com casamento e família com trabalho?
5. Como acha que as mulheres devem lidar com casamento e família com trabalho?
6. Como foi o nascimento dos filhos? Houve algum planejamento?
7. Você e sua esposa queriam menino ou menina? Por que?
8. Como você apoiava / ajudava sua companheira quando ela estava grávida?
9. O que mudou com o nascimento dos filhos? (o que mudou na sua vida, na vida do companheiro, no relacionamento do casal)
10. O que você acha que é o papel da mãe na vida dos filhos?
11. O que é ser uma boa mãe?
12. O que você acha que é o papel do pai na vida dos filhos?
13. O que é ser um bom pai?
14. Como é a relação de sua companheira com os filhos? Você gostaria que fosse diferente?
15. E como é sua participação no cuidado e atenção (criação, relacionamento) com os seus filhos? Você gostaria que fosse diferente?
16. Que tipo de recomendações você acha que devem ser dadas para os meninos. (O que costuma dizer para os filhos?) Que tipo de preocupação você tem com seus filhos homens?
17. Que tipo de recomendações você acha que devem ser dadas para as meninas? . (O que costuma dizer para as filhas?) Que tipo de preocupação você tem com suas filhas?
18. Você percebe alguma diferença na forma como foi criado/educado e na forma como
19. cria/educa seus filhos e filhas?
20. Você acha que ser um adolescente na sua época era diferente de hoje?
21. Como você espera que seja a vida de suas filhas?
22. Como você espera que seja a vida de seus filhos?
23. Quais são as coisas positivas de ser homem?
24. Quais são as coisas negativas de ser homem?
25. Quais são as coisas positivas de ser pai?
26. Quais são as coisas negativas de ser pai?
27. Quais são as coisas positivas de ser mulher?
28. Quais são as coisas negativas de ser mulher?
29. Quais são as coisas positivas de ser mãe?
30. Quais são as coisas negativas de ser mãe?

**APÊNDICE 4 - Roteiro da entrevista para a mãe (2ª Fase)****Nome:** \_\_\_\_\_**Família:** \_\_\_\_\_

1. Quando você era mais jovem que o pensava que aconteceria na sua vida? (pensava em casar, ser mãe, estudar, trabalhar?)
2. Quantos anos tinha quando se uniu ao seu companheiro/marido? Como se conheceram?
3. O casamento interferiu nas coisas que você pensava para sua de vida (estudos, trabalho...)?
4. Se você trabalha como é para você lidar casamento e família com trabalho? Se não trabalha como acha que as mulheres devem lidar com casamento e família com trabalho?
5. Como foi o nascimento dos filhos? Houve algum planejamento?
6. Você e seu marido queriam menino ou menina? Por que?
7. Como era/é seu companheiro quando você estava grávida? Ele te dava algum tipo de apoio?
8. O que mudou com o nascimento dos filhos? (o que mudou na sua vida, na vida do companheiro, no relacionamento do casal)
9. O que você acha que é o papel da mãe na vida dos filhos?
10. O que é ser uma boa mãe?
11. O que você acha que é o papel do pai na vida dos filhos?
12. O que é ser um bom pai?
13. Você acha que seu companheiro participa no cuidado e atenção com os filhos, como é essa participação? Como é a relação de seu companheiro com os filhos? Você gostaria que fosse diferente?
14. E como é sua participação no cuidado e atenção (criação, relacionamento) com os seus filhos? Você gostaria que fosse diferente?
15. Que tipo de recomendações você acha que devem ser dadas para os meninos. (O que costuma dizer para os filhos?) Que tipo de preocupação você tem com seus filhos homens?
16. Que tipo de recomendações você acha que devem ser dadas para as meninas? (O que costuma dizer para as filhas?) Que tipo de preocupação você tem com suas filhas?
17. Você percebe alguma diferença na forma como foi criada/educada e na forma como cria/educa seus filhos e filhas?
18. Você acha que ser uma adolescente na sua época era diferente de hoje?
19. Como você espera que seja a vida de suas filhas?
20. Como você espera que seja a vida de seus filhos?
21. Quais são as coisas positivas de ser mulher?
22. Quais são as coisas negativas de ser mulher?
23. Quais são as coisas positivas de ser homem?
24. Quais são as coisas negativas de ser homem?
25. Quais são as coisas positivas de ser mãe?
26. Quais são as coisas negativas de ser mãe?
27. Quais são as coisas positivas de ser pai?
28. Quais são as coisas negativas de ser pai?

**APÊNDICE 5 - Roteiro da entrevista para o menino (2ª Fase)**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Família:** \_\_\_\_\_

1. Como é vida dos homens na sua família? (o que fazem, no que são cobrados pela família, o que se espera deles)
2. E das mulheres?
3. O que você espera ou gostaria que acontecesse na sua vida?
4. Na sua vida o que você gostaria que fosse diferente da vida dos seus pais?
5. O que você e seus amigos esperam de uma garota?
6. Se tivesse filhos acha que seria diferente ter menino ou menina? Por que?
7. Que tipo de recomendações você acha que os pais devem dar para os meninos? Com o que os pais se preocupam em relação aos meninos?
8. Que tipo de recomendações você acha que os pais devem dar para as meninas? Com o que os pais se preocupam em relação as meninas?
9. Como você acha que a mulher deve lidar com casamento, família e trabalho?
10. O que você acha que é o papel da mãe na vida dos filhos?
11. O que é ser uma boa mãe?
12. O que você acha que é o papel do pai na vida dos filhos?
13. O que é ser um bom pai?
14. Como é sua relação com seu pai e sua mãe? Você gostaria que fosse diferente?
15. Em que você acha que eles te influenciam? Você se acha parecido com algum deles?
16. Se um dia tiver filhas, como você gostaria que fosse a vida de suas filhas?
17. Se um dia tiver filhos, como você gostaria que fosse a vida de seus filhos?
18. Quais são as coisas positivas de ser homem?
19. Quais são as coisas negativas de ser homem?
20. Quais são as coisas positivas de ser pai?
21. Quais são as coisas negativas de ser pai?
22. Quais são as coisas positivas de ser mulher?
23. Quais são as coisas negativas de ser mulher?
24. Quais são as coisas positivas de ser mãe?
25. Quais são as coisas negativas de ser mãe?

**APÊNDICE 6 - Roteiro da entrevista para a menina (2ª Fase)****Nome:** \_\_\_\_\_**Família:** \_\_\_\_\_

1. Como é vida das mulheres na sua família? (o que fazem, no que são cobradas pela família, o que se espera delas)
2. E dos homens?
3. O que você espera ou gostaria que acontecesse na sua vida?
4. Na sua vida o que você gostaria que fosse diferente da vida dos seus pais?
5. O que você e suas amigas esperam de um garoto?
6. Se tivesse filhos acha que seria diferente ter menino ou menina? Por que?
7. Que tipo de recomendações você acha que os pais devem dar para os meninos? Com o que os pais se preocupam em relação aos meninos?
8. Que tipo de recomendações você acha que os pais devem dar para as meninas? Com o que os pais se preocupam em relação as meninas?
9. Como você acha que a mulher deve lidar com casamento, família e trabalho?
10. O que você acha que é o papel da mãe na vida dos filhos?
11. O que é ser uma boa mãe?
12. O que você acha que é o papel do pai na vida dos filhos?
13. O que é ser um bom pai?
14. Como é sua relação com seu pai e sua mãe? Você gostaria que fosse diferente?
15. Em que você acha que eles te influenciam? Você se acha parecida com algum deles?
16. Se um dia tiver filhas, como você gostaria que fosse a vida de suas filhas?
17. Se um dia tiver filhos, como você gostaria que fosse a vida de seus filhos?
18. Quais são as coisas positivas de ser mulher?
19. Quais são as coisas negativas de ser mulher?
20. Quais são as coisas positivas de ser homem?
21. Quais são as coisas negativas de ser homem?
22. Quais são as coisas positivas de ser mãe?
23. Quais são as coisas negativas de ser mãe?
24. Quais são as coisas positivas de ser pai?
25. Quais são as coisas negativas de ser pai?

## APÊNDICE 7 – Termo de consentimento

### CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

**Concordo em participar da pesquisa discriminada abaixo, nos seguintes termos:**

**Projeto:**

Masculino e feminino no contexto da família: representação social e práticas educativas.

Responsável: Célia Regina Rangel Nascimento

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP

Colaboração: SEMUS-Vitória e Unidade de Saúde de Jesus de Nazaré

**Justificativa e objetivo da pesquisa.**

Nesse estudo pretendemos investigar na comunidade de Jesus de Nazaré como se organizam as crenças e práticas educativas relacionadas aos papéis desempenhados na família. A pesquisa será feita junto à adolescentes, seus pais e mães, ou familiares responsáveis. Para isso buscamos conhecer como a família pensa os papéis de homens e mulheres, aspectos relacionados à divisão de tarefas na família e aspectos do relacionamento e educação dos filhos.

**Descrição dos procedimentos a que o participante será submetido.**

Será realizada uma entrevista com o adolescente e os familiares responsáveis. A entrevista consta de questões relacionadas aos objetivos da pesquisa. Os dados da entrevista serão utilizados em conjunto com os de outros participantes. Os participantes não serão identificados. **Fica assegurado o anonimato.**

**Benefícios esperados**

Os resultados da pesquisa serão divulgados em forma de relatório para a Unidade de Saúde, através da participação em congressos e publicação de artigos em periódicos especializado, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimentos que se tem produzido sobre aspectos relacionados a construção dos papéis masculinos e femininos na família. Espera-se que esse estudo contribua também com as ações da Unidade de Saúde na comunidade.

Identificação dos participantes da família:

Nome: \_\_\_\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_

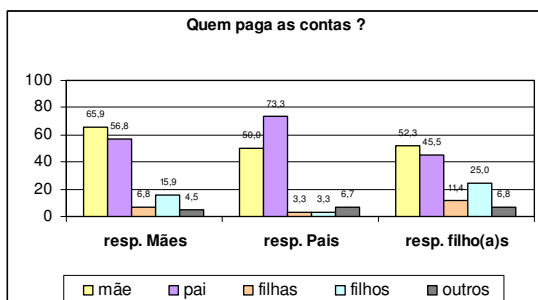
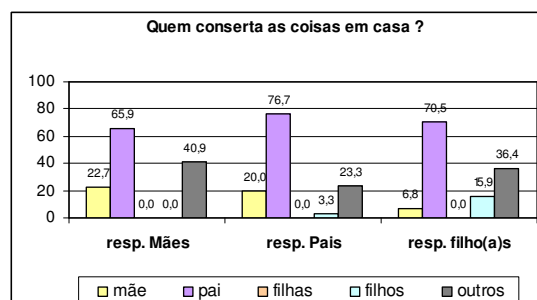
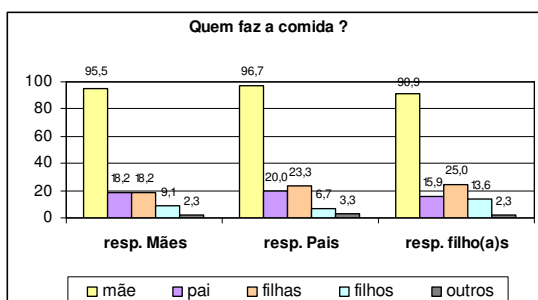
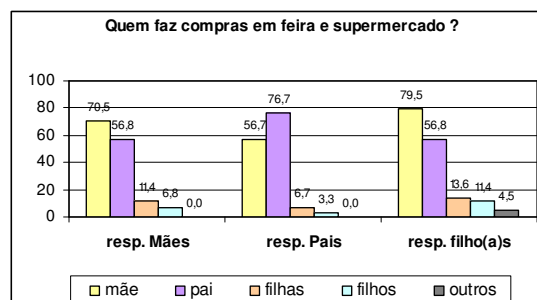
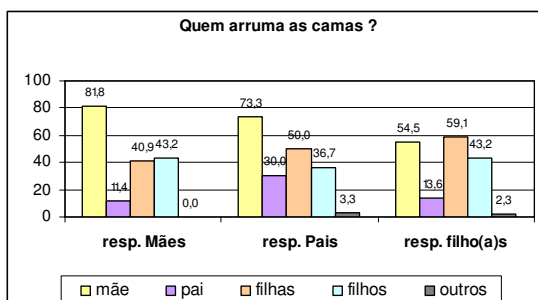
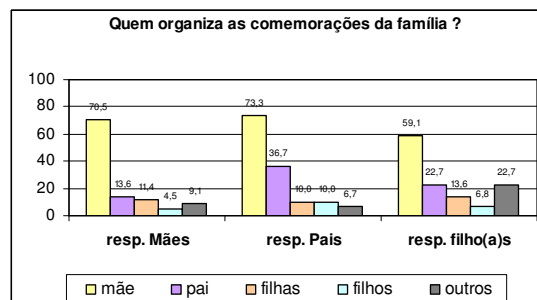
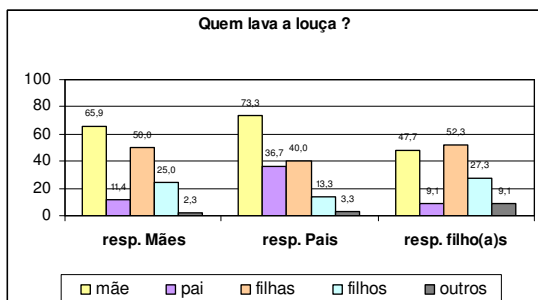
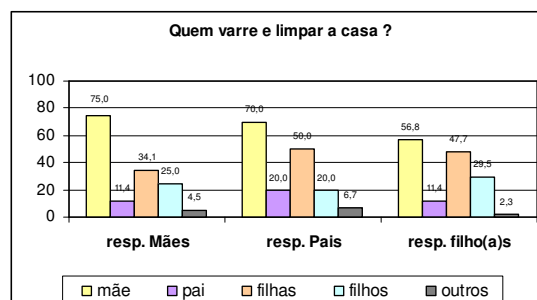
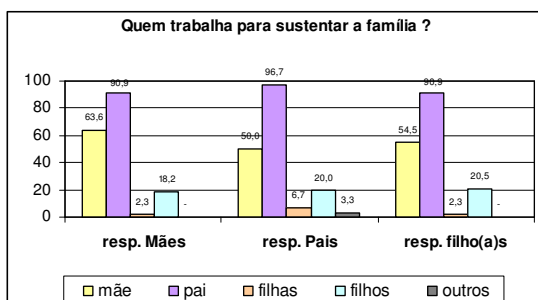
Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Célia Regina Rangel Nascimento

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

## APÊNDICE 8 – Gráficos referentes ao Quadro 2 – Atividades Domésticas





## APÊNDICE 9 – Gráficos referentes ao Quadro 2 – Atividades Educativas

